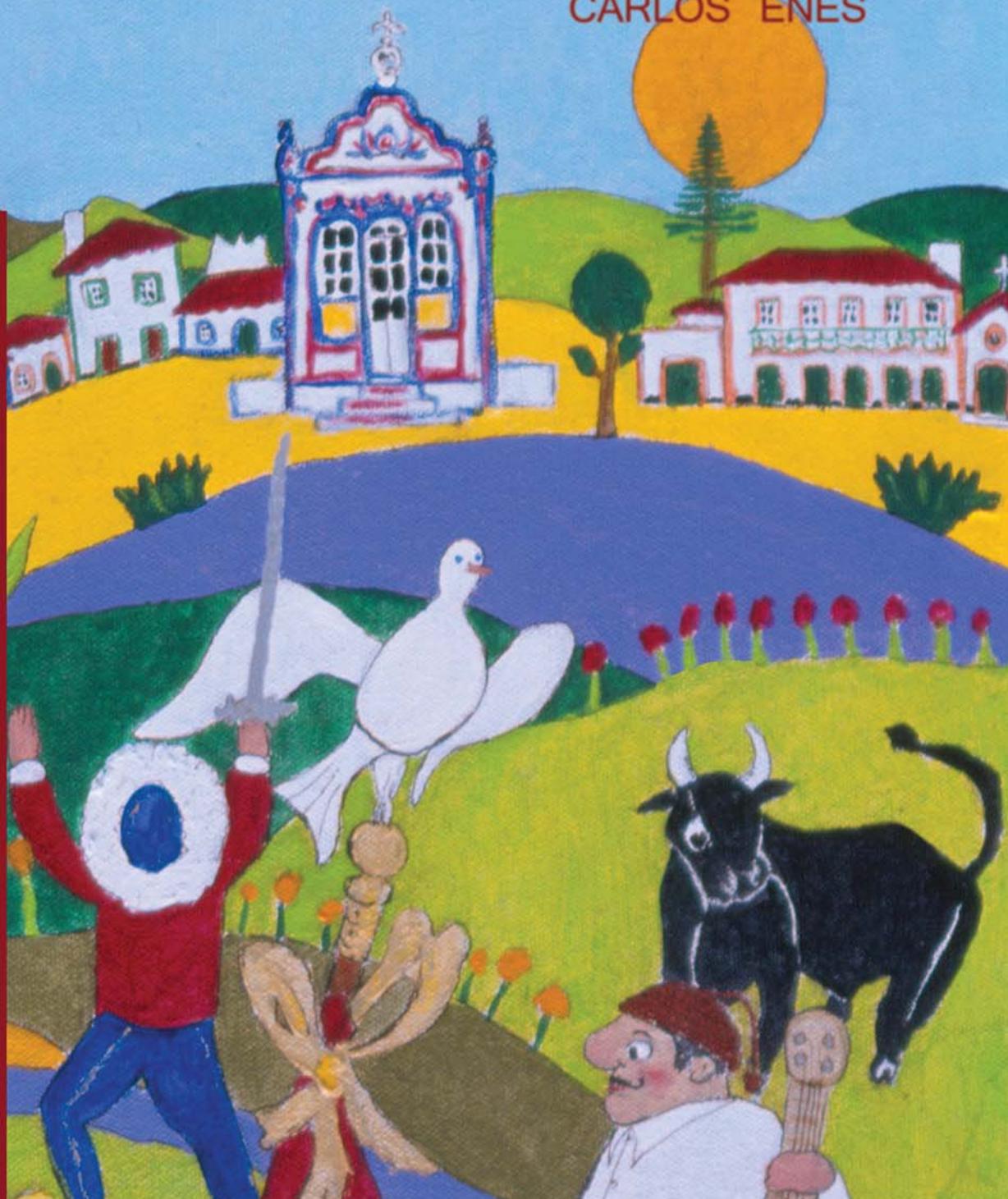


Terra do Bravo

CARLOS ENES



Terra do Bravo

CARLOS ENES

CARLOS ENES

Terra do Bravo

2005

Título
Terra do Bravo

Autor
Carlos Enes

Edição

instituto açoriano de cultura



Patrocínio



PRESIDÊNCIA DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES
DIRECÇÃO REGIONAL DA CULTURA

Capa
Sónia Matos
(sobre pintura de José Orlando Bretão, col. Mário Duarte)

Execução gráfica
SerSilito - Maia

ISBN
972-9213-57-7

Depósito legal
235043/05

Tiragem
1000 exemplares

“Normalmente, pensa-se que o eu é uma pessoa debruçada para fora dos seus próprios olhos como se estivesse no parapeito de uma janela e que observa o mundo que se estende em toda a sua vastidão, ali, diante de si. Portanto, há uma janela que dá para o mundo. Do lado de lá está o mundo; e do lado de cá? Sempre o mundo: que outra coisa queriam que estivesse?”

Italo Calvino, *Palomar*

Véspera da solene Procissão dos Passos, tempo de luto por dentro e por fora, tempo de matracas a fustigar consciências. Apesar da idade, o senhor padre Tadeu rumou veleirinho em direcção à igreja. Numa agitação impulsiva, fiscalizou a limpeza do templo, coordenou o serviço dos colegas que o ajudavam na desobriga e instruiu o sacristão para conter o burburinho das beatas. Não admitia indisciplina nos recintos sagrados e ele próprio impunha a sua autoridade, quando necessário. Ali, naquela casa, mandava ele há muitos anos.

Após uma breve oração, desceu o corredor até ao confessionário destinado aos homens. Deixou a porta entreaberta e acomodou-se, apoiando os cotovelos nos suportes laterais. Do bolso, retirou um rebuçado e chupou-o com sofreguidão, numa sequência de estalidos sincronizados. Quando atingiu a espessura de um gume, trincou-o com força para evitar golpes na língua. Na maior descontração, abriu a boca e descolou os pedaços entranhados na cova dos dentes.

Sentado na ponta dum banco, com a cabeça encostada à parede, o Morcela não controlou o ruído da ansiedade. As labaredas do fogo eterno torturavam-lhe os sentidos, o sangue gorgolejava por todo o corpo. Aqueles foram, sem dúvida, os minutos mais doridos da sua infância. Nos ossos do crânio, uma dúvida persistente a latejar: “Digo, não digo... digo, não digo.”

- Há quanto tempo te confessaste?
- O ano passado, na Quaresma.
- Disseste os teus pecados todos?
- Disse, sim senhor.

– Daí para cá, que faltas cometeste?
– Roubei ovos e socas de milho a minha mãe, para comprar jogadores da rifa.

- Não roubaste mais nada a ninguém?
- Não, senhor padre (após uma breve hesitação).
- Disseste mentiras?
- Não, senhor.

Arelado à voracidade do interrogatório, o coração disparou e a cegueira da vertigem por pouco não o atingiu. O maior desejo era livrar-se das obrigações do cristão que vomita a impureza dos seus pensamentos, a desfaçatez das suas palavras e a leviandade das suas obras.

- Faltaste à escola?
- Não, senhor.
- Pecaste contra a castidade?
- Não sei quem é.
- Estou a perguntar se fizeste coisas malcriadas?

A hora da pergunta fatal havia chegado. O momento em que a dor das cólicas coloca um homem de rastos, vergado pelo jugo do arrependimento ou da vergonha. A resposta, que decorara com afinco, emaranhou-se por completo num novelo de angústias. Um silêncio prolongado ecoou pela nave como uma súplica e experimentou o incómodo dos suores frios de que a avó tanto falava. Um silábica voláteis, balbuciadas por entre os dentes, denunciaram uma forte inibição para soletrar o abecedário das suas culpas.

– Desembuchas, ou não? – questionou o sacerdote com a dureza habitual, quando topava pensamentos recalcitrantes.

Enquanto desembrulhava mais um rebuçado, ia batendo os joelhos, um contra o outro. Nem o estômago de um audaz marinheiro seria capaz de resistir aos movimentos da batina e ao irritante frufu do celofane. Inclinou-se sobre o Morcela com ar crespo, lançando um bafo enjoativo de nicotina e caramelo. Após tantos anos de exercício, havia refinado a arte de interceptar a mais leve hesitação de qualquer paroquiano e não desarmou:

- Foi sozinho ou acompanhado? Com rapazes ou com raparigas?

Nas confissões anteriores, apenas um nervoso miudinho tomara conta dos lábios do Morcela ou um formigueiro adocicado lhe adormecera a cabeça dos dedos. Sintomas ligeiros, cujo significado atribuía ao facto de se ajoelhar perante alguém dotado de poderes excepcionais. Apesar da postura incómoda, haveria de se habituar como todos os outros. Mas, desta vez,

eram quarenta quilos a tremer de medo. Um caminho pedregoso conduziria-o até ao patíbulo, sem esperança do perdão. Na face rosada e imberbe, pressentiu a lâmina cortante do riso escarminho do padre, a chamar-lhe maricas se dissesse que tinha amochado com rapazes, ou o seu dedo inquisitório a exigir o nome da parceira com quem teria cometido o imperdoável pecado mortal. Tímido e indefeso abriu-se como uma alcachofra:

– Andei... a brincar... com uma galinha.

– O quê? Não percebi.

– Andei... a cobrir uma galinha.

– Uma galinha?!?... A tua alma está perdida! O diabo apoderou-se de ti!

Admoestações em catadupa inundaram-lhe o juízo de tal forma que ficou esturvinhado.

Nas pregas da sotaina, visionou o primeiro filme de terror da sua vida. Fitas sonoras e coloridas, como se estivesse sentado na esplanada do Clube da Bola. Num rugido ameaçador, o leão da *Metro* transfigurou-se em diabo, cuspidando labaredas sobre uma plateia de suplicantes. Duas imponentes portas de bronze abriram-se para dar acesso a uma fila de caldeirões, semelhante à dos tachos da sopa do Espírito Santo, em dia de Função. De ambos os lados, pulavam diabinhos de forquilha em punho. Seriam primos dos índios, executando danças guerreiras? Vigorosamente, carregavam no lombo dos pecadores, pelados como porcos em dia de matança. E ele, o mau da fita, ali completamente desarmado, à espera que lhe arrancassem o escalpe. Ladeado por dois mafarricos, atravessou a galeria dos caldeirões e desembocou num patamar com braseiro ao centro. Os braços converteram-se em asas de cagarro, a cabeça prolongou-se em crista arroxeadada e o corpo cobriu-se de penas multicolores.

Frango no churrasco infernal, eis o castigo que o esperava para o fim da vida.

– Livra-te se voltares a cometer semelhante pecado – uma ameaça suficientemente expressiva para todo ele se arrepiar.

Pecado, sempre o pecado. Quem o inventou, com que propósitos, perguntas difíceis a que nunca soube responder. O que sentia era um rasto colado a cada gesto, como um sapato apertado a encavalitar os dedos. E as passadas eram cada vez mais curtas e contraídas, num terreno fértil em armadilhas.

De pequenino se torce o pepino, afirmava o senhor padre. E ele crescia... crescia, torcendo-se e distorcendo-se, até encontrar o verdadeiro equilíbrio. Tal e qual um pé de couve que teima manter-se na vertical: quanto mais folhas se lhe arrancam, mais ele se agiganta em direcção ao sol, à lua ou ao nada.

Pesa-me de vos ter ofendido e, com o auxílio da vossa divina graça, proponho firmemente emendar-me e nunca mais vos tornar a ofender; peço e espero perdão das minhas culpas pela vossa infinita Misericórdia. Amen.

– Vai em paz e não tornes a pecar.

Uff!! Acabara o sofrimento e o Morcela deu graças a Deus por livrar-se das garras do algoz. Com o susto, nem se lembrou de rezar as Ave-Marias da penitência e desalvorou a caminho de casa. Havia gente que passava por ele e não a via; gente que lhe falava, “Onde é que vais com tanta pressa?”, e não ouvia. O choque de cada passada repercutia-se por todo o corpo como o eco de um trovão.

Das chaminés de mãos postas, desprendia-se um fumo enrolado e o incenso dos ramos secos da rapa espalhava-se pelos restos da tarde. No tacho de ferro fervia, apenas, um caldo de funcho para quebrar o jejum. O longo jejum da Quaresma a forrar o estômago e o espírito.

Debaixo da figueira do quintal, alagado pingando de suor, começou a recuperar o tino. Com as mãos, pressionou o peito para acalmar uma pontada aguda que lhe trespassava o coração. Embora arrependido, duvidou da sua firmeza perante novas tentações. Um enorme sufoco cortou-lhe a respiração, ao imaginar a descida vertiginosa da alma para o Inferno.

Inadvertidamente, o olhar fixou-se na capoeira. As frangas mais novas lutavam entre si pela posse de uma minhoca, desfeita em pedaços; o galo, de crista tombada pelo peso da idade, seguia o rebuliço em cima do poleiro; a poedeira dos seus sonhos, com um suave movimento do pescoço esticado por entre as grades da cancela, lançou-lhe um olhar melgueiro, como se dissesse: “Anda, aproveita! O galo está distraído.” Invejou-lhe a sorte de não se preocupar com a vida extraterrena, de não ser obrigada a prestar contas dos seus actos a quem quer que fosse. Contudo, não lhe cobicava o destino traçado nos vapores escaldantes da panela.

Em breves minutos, o sol reclinou-se sobre as ladeiras, cobrindo de negro a folhagem e os frutos. Só lhe restava o perfume da brisa marítima a refrescar-lhe o rosto abrasado. Sabia-lhe bem o relento e por ali se deixou ficar, enriçado na sua consciência.

A figueira – o seu refúgio preferido. Nos verdes anos da inocência, passara horas deitado no chão a olhar o firmamento. Naquele recanto, o mundo pertencia-lhe, dominando as brincadeiras e as fantasias a seu gosto. A flutuar no balancé da vida, os pequeninos olhos eram capazes de abraçar o infinito.

Perseguia, então, o movimento das nuvens que desenhavam figuras de animais em constante metamorfose: um touro, um cão, uma baleia... bichos simpáticos que adormeciam no seu colo. Mas, naquele momento, o céu povoava-se de monstros disformes e carrancudos.

O grito da mãe, “A comida está na mesa, anda cear!”, soou como a voz de um carcereiro. Em casa faltava-lhe ar puro e um ombro para se acoitar. Após a refeição, sentou-se num banco e deixou a ponta dos dedos deslizar sobre o dorso do *Leão*, alheado de toda a conversa. A conversa embrulhada de sempre, em torno de bezerras, vacas, a inconstância do tempo ou as desgraças alheias. Um nevoeiro espesso inundou-lhe o espírito e toda a sua existência. A vida, coberta de dor, valia tanto como a ponta de um cigarro caída no chão.

Na almofada da noite enfiou a cabeça, depois de rezar as Ave-Marias da penitência. Pensamentos contraditórios varreram-lhe a mente, à velocidade de um ciclone. Ora se sentiu atordoado num redemoinho de infelicidade, a expiar o seu pecado na aridez do deserto, ora se reconfortou a percorrer a lista dos prevaricadores conhecidos. Todos eles se embrulhavam com galinhas, cabras, ovelhas, burras e bezerras. A integração na longa fila dos condenados atenuou-lhe o ressentimento e o desespero da solidão.

Santo Anjo do Senhor / Hoje e sempre me governa / Rege, guarda e ilumina.

Uma vez mais, acabou por adormecer nos braços do companheiro assíduo nos seus sonhos. Habitualmente, o diáfano protector chegava e partia no mais profundo silêncio, com um sorriso brincalhão e gestos convidativos de quem procurava retoíço. Devia andar farto da monotonia celestial, onde só se joga à cabra-cega sob o olhar vigilante do chefe dos querubins. E, enquanto o sol não batia nas vidraças, a brincadeira infringia todas as regras.

Velhaco, um grande velhaco de acordo com a opinião da avó Zabelinha, o Morcela insuflava-lhe o *ego*. O tolinho, vaidoso como todos os anjos, caía na esparrela. Sem a perícia de um Fernão Capelo Gaivota, perdia facilmente o controlo. As asas eram curtas de mais para uma ambição desmesurada. No Céu, podia ser um verdadeiro acrobata; na Terra, não se livrava das ratoeiras que deceparam os humanos. Não tinha a noção das distâncias, a percepção do perigo ou do abismo. Para ele, tudo era infinito a espriar-se na pupila dos olhos vidrados. Por castigo, bateu certa vez com a cabeça no ferro da cama. “É bem feito para não seres convencido! Julgas que a vida é fácil, cá em baixo?” Nem um gemido sequer, uma pinga de sangue ou um hematoma. Ficou então a saber que os anjos eram ocós, esponjosos e insensíveis.

Naquela noite, porém, descera em voo picado, com ar agressivo de quem vinha ajustar contas. Um autêntico fantasma enviado pelo senhor padre Tadeu. O Morcela desdenhou da sua bondade e desvalorizou-lhe o mérito redentor. Que experiência da vida teria aquele novelo de algodão em rama, sem peso e sem idade, se nunca havia transgredido nem passado por tormentos terrestres? Que sabia ele de desejos carnis, com um rosto andrógino, encoberto por umas vestes imaculadas?

Como qualquer pecador inveterado, reagiu com desdém à mão que se lhe estendia. Mas o arcanjo já estava habituado a esse tipo de rechaço, em todas as línguas, dialectos e, até, calão. Devidamente instruído para estas eventualidades, convenceu-o a dialogar com toda a sinceridade. De mãos dadas, percorreram os caminhos do passado e o Morcela acabou por implorar um exame minucioso à sua alma.

A alma, de acordo com a opinião de tio José Carrapito, é uma espécie de pequena hóstia, muito fina e transparente, colocada junto ao coração no acto de nascença. Uma sentinela a registar-lhe todas as emoções, porque alma e coração têm sentimentos diferentes:

– O que é bom para um, quase sempre é mau para o outro. Se o coração chora de prazer, a alma ri de tristeza. O coração comanda os nossos passos, a alma limita-se a segui-los. Acreditem no que vos digo. O coração, o bicho come-o no fundo da cova; a alma eleva-se e some-se por entre as nuvens, sem nunca mais se lembrar do corpo que lhe deu guarida.

Depois de uma breve pausa, coçou o bigode num gesto meditativo e concluiu:

– Com o Baptismo, liberta-se da nódoa que o atrevimento de Eva nos deixou; ao vaguear pelo mundo sujeita-se a grandes transformações: um ponto negro assinala cada pecado mortal; um cinzento, cada pecado venial.

Assim o disse tio José, um dos homens mais velhos da freguesia. E o Morcela não duvidou das suas palavras: era a voz solene da experiência perante a dele, ainda coxa e confusa.

Aprendera na catequese que a confissão e o arrependimento lhe desencariavam a alma, com a eficácia de uma barrela. No seu íntimo, por mais que a assoalhasse, o pecado era uma marca indelével. Na hora da verdade, nada poderia escapar à balança impiedosa da justiça divina. Exalado o último suspiro, o Anjo da Guarda desprendia-a do coração, com o vigor de quem arranca a etiqueta de uma embalagem, e transportava-a para o reino celestial. Após um exame rigoroso à contraluz estelar, decidia-se a sua sorte. Se fosse

apenas matizada por uma ligeira tonalidade cinzenta, ficava depositada no Paraíso; se apresentasse um sombreado mais escuro, era enviada para o Purgatório; quando parecia que tinha sido pintada com graxa preta de sapatos, o anjinho soltava os dedos e lá vinha ela por ali abaixo aos trambolhões, em direcção às profundezas do Inferno. Agarrada por um exército de chave-lhudos eufóricos, jogavam com ela como se fosse um balão. Quando chegava ao trono do Lúcifer mor já ia toda dorida. Um ferro em brasa – com número e nome – e o registo no rol dos condenados encerravam todo o processo.

Recebeu a resposta já esperada, como um doente acomodado ao veredicto: vários pontos cinzentos e um negro retinto testemunhavam acções pouco recomendáveis. Iria ainda a tempo de se salvar? Claro que sim. Vontade, apenas força de vontade, vinte e quatro horas por dia, sem esquecer as horas da noite vagabunda e manhosa que se encharca nos sonhos.

Jurou-lhe um arrependimento sincero e prometeu confessar-se sempre que escorregasse na valeta do pecado. O mais difícil era enfrentar o interrogatório do senhor padre Tadeu. De forma persistente, começara a invadir-lhe a intimidade sem complacência. Não suportava vê-lo escarafunchar os lugares mais recônditos da mente, até encontrar o âmago das suas fraquezas.

Na peugada dos homens seguiu em direcção ao altar. Corou, cheio de medo e de vergonha, pois receava encontrar no rosto do sacerdote um ligeiro sorriso, carregado de ironia. Um gesto tão subtil, mas suficiente para o rebaixar perante os outros e o amarfanhar diante de si mesmo.

Dominado pela tensão nervosa, a hóstia colou-se no céu-da-boca como uma pasta de grude. Sem poder removê-la com o dedo, porque era pecado, esmigalhou-a com a ponta da língua. As partículas minúsculas, fixadas na garganta, provocaram-lhe vômitos secos. Lembrou-se do aviso da catequista, “Não se cospe para o chão, depois de comungar”, e aguentou o incómodo até chegar a casa. Só se libertou do embaraço após ter comido uma bucha de pão e engolido uma xícara de chá.

Naquela semana, a mãe torceu o pescoço à poedeira preta dos seus pecados. Apesar das reclamações, tia Mariana não tinha outra alternativa: o Augusto caíra de cama com uma forte gripe e só uma canja suculenta o faria arrebitar. Os amores de capoeira... esses só o tempo poderia regenerá-los.

- Quando fores grande, o que é que queres ser? – perguntou o professor.
- Chofer de carro de praça – respondeu o Morcela.

Chofer de praça era para ele a melhor profissão do mundo, que é como quem diz, da ilha. Ir e vir à cidade, ir à Praia e voltar... correr... correr... Depressa se cansou de quilometrar em vão: era muita gasolina perdida para pouco proveito. Quando viu um fato-macaco azul, com os bolsos cheios de ferramentas, decidiu mudar de rumo: electricista, para levar a luz aos confins da terra.

E assim passou dias e dias a seguir o trabalho dos homens. Primeiro, escavaram buracos nas valetas, para instalar os postes; depois, treparam e desceram por eles com uns ganchos de ferro presos nos sapatos, com uma agilidade de macaco; na fase final, esticaram os fios, cortando aqui, ataraxando acolá.

O pai foi de imediato submetido a fortes pressões familiares:

- Olha que fica feio. Queres ficar nas bocas do mundo, no mesmo rol dos pobres da freguesia?
- Eh, mulher, já viste a despesa que vai ser no fim do mês?
- Qual despesa, qual o quê! Monta-se a instalação, mas a luz só se acende quando vierem visitas. Não penses que vou arrumar os candeeiros de petróleo.

Estrear a luz eléctrica no dia da inauguração era um ponto de honra. O coro suplicante das filhas obrigou tio Jerónimo a retirar umas notas da saquinha de pano, escondida debaixo da aba do colchão. Montou uma lâmpada fluorescente na cozinha e um lustre com duas bolas douradas, no meio-da-casa; os restantes quartos ficaram com um globo de vidro branco e a loja com um simples bocal. Mesmo assim, uma fortuna, fora a conta que haveria de chegar, pontualmente, no fim de cada mês. Era o progresso a entrar-lhe pela porta e o dinheiro a voar pela janela. Jerónimo do Poço não se lamentou e, em pouco tempo, o petróleo passou à história.

Uma vez mais se cumpriu a vontade de tia Mariana. Na pia baptismal, tomara água benta e presunção em quantidade suficiente para um século de vida. Quando punha os pés na rua, mesmo para as voltinhas de pouca circunstância, enfiava o colar de ouro, erguia a cabeça e caminhava toda hirta com ar de fidalga, concentrada no eco dos seus passos.

Assumia atitudes de general a passar revista às tropas, sempre que alguém da família saía de casa. Os filhos não a deixavam fazer muita farinha: “Até logo, minha mãe!” e escapuliam-se pela porta do quintal; o marido não tinha a mesma sorte: “Muda essa camisa e esse casaco”, reparos tão mesquinhos que lhe tiravam o gosto e a vontade de sair.

Gabava-se de os trazer sempre aperaltados, com botas feitas no sapateiro, e calças sem fundilhos remendados. Ainda estava para nascer quem andasse mais asseado do que eles. E não deixava de ter alguma razão. O que mais havia era lavradores e rapazes de pé descalço, coberto de crostas tão resistentes como a sola de um sapato. O Morcela sempre lhes invejou a liberdade, mas depressa desistiu de ser como eles. No Inverno, parecia uma cabra peada, com os dedos encarapinhados e cheios de frouvas; no Verão, assemelhava-se a um chimpanzé saltando de galho para galho. Envergonhado com a triste figura, apantufou-se na condição de privilegiado.

A vaidade de tia Mariana colou-se como goma na saia rodada das suas meninas: não dispensavam vestidos modernos feitos na costureira e sapato de verniz, quando a cerimónia o exigia. As duas pareciam umas bezerrinhas da folia, caminhando lado a lado, carregadas de adereços. Por isso, eram conhecidas como a *Galanta* e a *Benfeita*. Filomena, a mais velha, continuou a merecer ao longo da vida o primeiro atributo: uma beleza quente e desconcertante para os padrões do meio, que deixava os rapazes amedrontados. Amélia, à medida que foi crescendo, perdeu a graça da infância, por causa das pernas curtas e arqueadas.

O espalhafato, exibido para o exterior, não correspondia à atitude somítica nas despesas caseiras. Da mercearia, tia Mariana só arrolava o indispensável. Quando se excediam no consumo do açúcar ou do queijo-de-peso, o sermão fervia nas orelhas. Enchia-lhes o bandulho com pratos de sopa de pão, abóbora, feijão e favas. As galinhas, o porco e os coelhos, que tio Jerónimo caçava, davam conduto para o ano inteiro. Em casa de ferreiro espeto de pau: carne de vaca... só em dias de festa.

Sob um tecto de lavradores remediados, tinha crescido e se fizera mulher, alérgica às lides do campo. Ao fim de nove meses de casada nasceu o Augusto; nos dois anos seguintes, deu à luz as duas raparigas; o Morcela só rebentou as águas quatro anos mais tarde, fruto de um descuido. Tio Jerónimo tinha caído no poço e chegara a casa encharcado, depois de uma toirada de fama do seu ganadeiro. Com os vapores do álcool, ficara mais alvoraçado e não parou de a inquietar. Filhos na cama, rodeios rasteiros enquanto ela lhe

deitava água na selha para lavar os pés. Conhecedora das manhas, arranjou serviço para se demorar na cozinha:

– Vai andando, que eu já vou lá ter.

Tio Jerónimo obedeceu como de costume, mas resistiu estoicamente à tentação de pregar o olho. Ao senti-la virar a ponta do lençol, pôs-se de joelhos à sua frente:

– Abre as pernas... coração! O bezerrinho vai guindar a cancela!

– Toma juízo... olha que os pequenos estão acordados!

Em vão. O desejo empinava-se contra todas as desculpas. Numa pose de paciência petrificada se acomodou, para evitar desacatos. Tio Jerónimo deu três guinadas e caiu para a banda, estrompado como se tivesse cavado um alqueire de terra. Nem teve hipótese de o avisar para tirar o bezerro do cerrado, antes que a baba caísse na folha do milheiro. E assim germinou um pé de milho pequenino, fora de tempo, no ventre de tia Mariana.

Com a desculpa de cuidar dos filhos, convenceu-o a libertá-la das tarefas agrícolas, pouco adequadas à sua pretensão. Das portas do quintal para dentro, trabalho não lhe faltava e não lhe virava as costas: tratar do porco e das galinhas, desencardir as bilhas do leite, esfregar o chão com escova, cozer pão uma vez por semana, lavar roupa e preparar o de comer. Conjuntamente com Amélia, assumia as tarefas mais pesadas; para Filomena, a menina fina, sobrava a passagem da roupa a ferro e pequenos trabalhos de costura nas vestes de uso diário. As raparigas ocupavam o resto do tempo a preparar o enxoval: rendas para lençóis, almofadas, toalhas e colchas de cama. Fechadas na sua torre de marfim, eram uma cópia fiel da mãe, com o nariz arrebitado a desdenhar dos pretendentes de pé descalço. Queriam por força ser ricas ou, pelo menos, parecê-lo. Quem sai aos seus... não desespera. Nas voltas da vida, há sempre alguém que cai de pé. Por tudo isso, haviam resinado os ouvidos do pobre Jerónimo para serem das primeiras a carregar no interruptor.

O enterro de tantos anos de escuridão merecia uma cerimónia de pompa, a condizer com a vaidade do presidente da Junta. Antecipadamente, recebera instruções superiores bem detalhadas. Nada era deixado ao acaso. Foi a Angra, voltou e tornou a ir. “Enche-me aquela praça de gente. Não te esqueças das bandeiras”, avisou o doutor Ávila. E o povo empenhou-se nos trabalhos preparatórios. Era o brio que estava em causa, uma vontade de exhibir a arte de bem receber, uma forma de retribuir a atenção dispensada pelos poderes públicos. No Cabouco foi levantado um arco, enfeitado com hortênsias e

pequenos galhos de verdura. No topo, ostentava as iniciais do nome do governador civil – TMP.

– Ah, Maria, onde é que vais com tanta pressa?

– Vou ver o nosso presidente dar à luz.

– Quem foi que o emprenhou?

– Quem é que havia de ser?

Gaitadas, aquilo é que eram gaitadas a ressoar do fundo da alma.

A freguesia vestiu as suas roupas domingueiras, naquela tarde de sábado, ansiosa para testemunhar a emergência do progresso. Um progresso que tardou a chegar, como os próprios governantes. Meia hora... cinquenta minutos e as viaturas oficiais sem darem sinais de vida.

– É o respeito que têm por nós. Fazem sempre o que lhes apetece – comentou o Alfredo Nica-na-Velha.

O presidente começou, então, a girar em círculo, abanando o pescoço, com um tique semelhante ao de quem anda a sacudir a mosca. O acontecimento mais importante da freguesia levaria a sua chancela, mas tudo parecia enguiçado. Até as forças da natureza reagiam com desdém a toda aquela solenidade. O céu muito nublado começara a fazer caretas e a luz do sol sumia-se por entre as árvores das ladeiras do Cruzeiro. Afrouxado o nervoso latente no nó da gravata, barafustou para o tesoureiro:

– Este tempo excomungado ainda vai estragar a festa...

Todo esse compasso de espera foi suficiente para que um sussurro se difundisse nos cochichos da multidão: “Sabes o que quer dizer TMP?” Havia olhos que se espantavam perante a resposta e outros que reluziam com a malandrice bem engendrada. E cada um calava dentro de si o gracejo que não podia ser proclamado com a maior naturalidade. As épocas não eram propícias ao bicho corrosivo do humor.

Na curva que desemboca no alto do Cerro, brilharam os cromados dum automóvel. “Olha, eles! Olha, eles!”, gritaram em unísono, como se acabassem de ver a Senhora de Fátima poisando na azinheira. O presidente respirou de alívio. Como um perfeito chefe de orquestra, mandou alinhar os músicos, afastou toda a gente para o lado, compôs o nó da gravata e alisou o cabelo. No seu posto, bem no centro do arco, posicionou-se para os receber de braços abertos.

A uns trinta metros de distância, estacionou a primeira viatura. Dela saiu apressado o doutor Ávila, natural da freguesia. Agradeceu o aplauso, observou a distribuição das massas no terreno e colocou-se à frente do presidente

da Junta. As honras da casa seriam por conta dele. Mais um percalço a estragar os sonhos do pequeno régulo local.

Logo de seguida, chegaram as autoridades, os foguetes estalaram no ar e do regaço das alunas voaram pétalas de rosas, simbolicamente colhidas em vários quintais, dos extremos até ao centro da freguesia. Os alunos limitaram-se a formar alas, agitando bandeirinhas, com um sorriso descarnado. Homem... não atira flores!

Era grande a expectativa do Morcela para conhecer um governador civil. Na freguesia só o doutor Ávila tinha direito a esse estatuto de pessoa importante. Governador civil, cúpula da hierarquia insular, deveria ostentar alguma originalidade. Enganou-se, redondamente. Todas as autoridades eram cinzentas como os próprios fatos, mais bigode, menos bigode. Parecia que carregavam o peso da burocracia aos ombros. Carrancudos uns com os outros, marionetas articuladas nos cumprimentos ao povo. Mal recebeu ordens para destroçar, colocou-se atrás da filarmónica. Com uma caninha a bater na perna, seguiu atento o ritmo da tarola do Calheca. Aquela gente era séria de mais para o seu gosto.

Vasos de flores e bandeiras verde-rubras ornaram um palanque montado no prolongamento dos degraus do Império do Espírito Santo. Nos cadeirões de pau-preto, trazidos da igreja, sentaram-se os dignitários; as cadeiras da mobília da casa de jantar do senhor Pedrinho de Menezes aconchegaram o traseiro dos oficiais menores. Ali ficaram expostos aos olhos do povo, a olhá-lo de cima, a serem vistos de baixo, desde a sola do sapato (“Aquele já está a precisar de comprar outros”), ao pedaço de perna branca (“Oh, coitado, não tem pêlos nenhuns”), às fendas dilatadas das narinas (“O pingo de ranho ainda lhe cai”).

Após ter nomeado as excelências todas, as minhas senhoras e os meus senhores, o presidente da Junta entrou a matar com o seu discurso cantadinho:

– Esta bela tarde primaveril (espanto generalizado da assistência) vai ficar marcada nos anais da nossa freguesia. A partir de hoje, abriram-se as portas da civilização, graças à política de desenvolvimento levada a cabo pelo maior governante de todos os tempos que esteve à frente dos destinos da Nação: o Professor Doutor Oliveira Salazar.

Após uma breve pausa, combinada com o tesoureiro da Junta para as palmas e vivas da praxe, prosseguiu:

– Nesta terra de nobres tradições patrióticas, reafirmadas mais do que uma vez ao longo da nossa história, não esquecemos nem esqueceremos os nossos

deveres para com a Pátria. No passado, fomos capazes de resistir e expulsar o invasor espanhol, sem olhar a sacrifícios humanos e materiais; no passado, os nossos bravos soldados desembarcaram no Mindelo e derramaram o sangue sobre as campinas verdejantes pela causa legítima de El-Rei D. Pedro IV; no presente, não regatearemos esforços para defender as nossas Províncias Ultramarinas que começam a ser cobiçadas pelos inimigos da Fé Cristã.

Nova pausa, para os aplausos.

– Povo da Ribeira de Fogo ... povo da Ribeira ...

A presbiopia do presidente agravara-se com o lusco-fusco e os gatafunhos do discurso manuscrito saltitavam na folha de papel azul de vinte e cinco linhas. Por mais que se esforçasse, não conseguia emparelhar vogais e consoantes, como mandam as regras da gramática, e viu a vida a andar para trás. Tanto trabalho para escrever o discurso com a ajuda do senhor professor; tanto suplício a ensaiá-lo, frente ao espelho do guarda-fato; tanta fé depositada numa intervenção que deixasse os patrícios boquiabertos. Se fraquejasse, lá se iam as esperanças de um postozinho mais elevado nas cadeirinhas da Câmara da Praia.

Maldito sol que brilha só para alguns. Mas que raio... um homem é um homem. Coração à larga, toca a falar de improviso:

– A partir de hoje vocês hão-de ver quando chegarem a casa: é só carregar no interruptor e a luz sai logo pela lâmpada fora, clarinha como a lua cheia. Já não é preciso andar com o candeeiro nas mãos, a limpar as mangas de vidro e a gastar petróleo. Daqui a bocadinho, já podem passear às claras como se estivessem na cidade, sem dar topadas nas pedras e botar os pés em cima da... em cima da ... da porcaria que vocês sabem o que é.

Todas as tentativas foram infrutíferas para conter o delírio da multidão. Palmas, gaitadas e assobios impossíveis de abafar, mas também algum nervosismo, quando caíram em si. Era a imagem da freguesia posta em causa perante um escasso daquele tamanho.

– Atenção... atenção! Peço a todos muita atenção, porque o senhor governador civil vai falar. Viva a nossa freguesia! Viva a luz eléctrica! Viva o senhor governador! Viva Salazar! – e sentou-se no cadeirão, trombudo como um repolho.

O senhor padre Tadeu aproveitou o momento propício à alfinetada, por não lhe ter solicitado ajuda na elaboração do discurso:

– Borraste o pé todo na bosta da promoção e o cheiro vai ficar entranhado por muito tempo...

Mas tudo acalmou, com a arrebatadora e erudita prelecção do Chefe do Distrito. Um homem culto a passear-se pelas metáforas nacionalistas, um actor habituado a enfrentar plateias desejosas da palavra certa que desperta arrepios.

Estoirado o foguete, o electricista, metido na cabina, recebeu o sinal. Carregou no botão e fez-se luz. O estrondoso AAAHHH!!! dos presentes empalideceu, ao verem as lâmpadas carregadas de icterícia.

– Tanto espalhafato, só para isto?!? O *petromax* do botequim dá mais clareza que elas todas juntas – voltou a comentar o Alfredo Nica-na-Velha. Era uma luz insuficiente para lhe iluminar os passos e, muito menos, o espírito. À sua volta, a noite persistia em ser noite.

Pouco a pouco, o povo foi dispersando. No rosto de muitos, o desânimo de quem regressa de uma festa que ficara aquém das expectativas. E voltou a pisar bosta de rês, a dar topadas nas pedras ou a adormecer com o cheiro da torcida do candeeiro. Luz eléctrica... privilégio só para alguns.

Dois cal´zinhos de anis foram suficientes para o presidente retemperar os nervos e não deixar que o seu crédito caísse em mãos alheias. Dentro do Império, abeirou-se do governador para lhe dar uma palavrinha:

– Saiba que a nossa intenção, ao colocar as letras no arco, era para louvar o trabalho de V. Excelência. Não sei se já lhe contaram, mas os nossos inimigos começaram a espalhar que TMP queria dizer: Temos Mas Pagamos. Esta semana hei-de descobrir o autor da desfeita e vou mandar-lhe o nome para que se faça justiça.

Justiça. Marmeleiro no lombo. Cego de raiva, nem foi capaz de captar o sorriso do governador, perante a piada. E logo ele que se consolava com uma farpa venenosa. Bem muitas havia atirado nos seus tempos de revolucionário na universidade, fora as que continuava a enviar contra os adversários internos da União Nacional. Mas isso era jogada que o presidente da Junta ainda desconhecia.

Estrear um par de calças compridas era o maior desejo do Morcela. Só o conseguiu depois de uma luta prolongada com a mãe. Queria por força que ele fosse um rapaz fino como os netos do senhor professor: janotas de canela esguia, pele sedosa e sem arranhões nas pernas. O oposto das dele: gordas,

cheias de nódoas negras ou de manchas avermelhadas, quando o frio apertava. Umhas pernas apetitosas para levarem uns beliscões (e muitos levou).

– Mas eles são meninos da cidade. Eu já tenho onze anos e não quero andar com as pernas à mostra. Ainda vão dizer que minha mãe não tem dinheiro para comprar mais meio metro de fazenda.

Tocou no ponto fraco de tia Mariana. Rendida ao argumento, evitou, contudo, despesas extras. Agarrou umas calças que já não serviam ao Augusto, virou-as do avesso e cortou-as à medida. Nas suas mãos, nada se perdia, tudo se transformava. Fazia-o por princípio, um princípio antigo de quem sabe o que a vida custa. Do nada se faz pouco, dizia, mas nunca chegou ao muito com que sempre sonhara.

– Estão como novas e servem a desbancar para andares na brincadeira.

E a brincadeira, naquela tarde de domingo, era de grande responsabilidade: fora escolhido, pela primeira vez, para ser corrido numa tourada, no lote dos rapazes mais crescidos.

O rés-do-chão da Casa Velha serviu de touril e o Fernando Carroça, dono da corda e da marradeira¹, assumiu o papel de ganadeiro. Ele próprio orientou a corrida, em conjunto com os pastores, para que tudo se desenrolasse de acordo com as regras.

Aos poucos, o arraial compôs-se, ganhou animação e colorido. As varandas e os muros encheram-se de raparigas, airosas e frescas como folhas de alface. Menos elegante, era a voracidade dos maxilares bem lubrificadas trincando tremoços curtidos, favas e milho torrados. Na canada, os rapazes de crista erguida e manga bem arregaçada exibiam a musculatura do Tarzan dos *holifantes*. Quando topavam alguma Jane mais espigadota, com os marmelos a desabrochar por entre as rendas da combinação, encostavam o pé à parede e faziam-lhe frente:

– Eh, pequena, queres-me querer ou estás querida? Minha mãe anda doida para arranjar uma nora.

Embrulhada no eco de uma gaitada, a resposta chegava veloz e contundente:

– E meu pai quer um genro sem dentes podres na boca. Eh, pequeno... vai catar bicharvão²!

¹ Dois cornos embolados e encaixados num toro de madeira

² Lagarta que cresce nas folhas da batateira-doce

E por ali andavam a galar a tarde inteira, bicando aqui, esgravatando acolá. Gente miúda vestida de gente grande, como se estivesse no ensaio geral para o espectáculo da vida.

Às três horas em ponto, o Carroça deu o sinal para o início da festa, imitando um foguete: “Fchim, puuum, saia o toiro!”

Puxado pela corda dos pastores, o Chico Maroiço saiu a porta do touril às arrecuas. Um touro lento, mas matreiro. Na primeira investida, assustou os capinhas de meia-tigela que enchiam a canada para tomar o pulso ao bezerro. Espetou a ponta do galho na algibeira das calças do Bogango, descoseu-lhe a perneira até ao tornozelo e o toureiro ficou em apuros com as ceroulas ao léu. Entusiasmado com a proeza, lançou-se contra um muro repleto de raparigas. Pregou-lhes um grande susto e regalou os olhos nas pernas grossas e alvas que se destaparam na fuga precipitada do salve-se quem puder.

Por uma questão táctica, o touro mais fraco corre sempre em segundo lugar, mas ninguém imaginou que o Pedro Zarolho fosse tão desajeitado. Cruzou o arraial de ponta a ponta, sem fazer mal a uma mosca. “Ai, tal melão! Pega à unha, pega à unha!”, gritou a turba insatisfeita. Um bando de malfeitores agarrou o Zarolho pelo pescoço, esfregou-lhe as ventas com urtigas e beliscou-lhe o corpo. O resultado foi nulo: o sangue continuou adormecido.

A tourada corria o risco de acabar num completo fiasco e o Fernando Carroça foi obrigado a rever a estratégia. Decidiu ele próprio ir tourear, combinando com o Doninha uma saída airosa:

– Investes para o guarda-sol, viras de maneira a eu dar cinco passes e, depois, arrancas à falsa fé para apanhares os mais distraídos.

Fchim, puum, saia o toiro! O Doninha rapou o pé no chão, espumou pelo canto da boca e ajeitou a marradeira nas mãos. Ergueu a cabeça e desatou a limpar paredes a eito. Virou para trás e enfrentou o guarda-sol. Eh toiro! Um passe, dois passes, oléé... oléé... e o Fernando Carroça a inchar ao som de palmas oriundas do sector feminino. Quando parou para tomar fôlego, o Doninha bispou o ar desapontado de Madalena. “Que se lixe o dono dos toiros!” Berrou a plenos pulmões, enfiou o galho no guarda-sol e escavacou-o contra a parede. Só então os olhos de Madalena voltaram a brilhar de contentamento. O seu gueixo tinha sido o melhor da tarde.

Um cão cheio de esgana, assim parecia o Carroça. O seu feitio emproado não suportou semelhante afronta. Chegou ao touril e acabou com a festa: enrolou a corda na marradeira, meteu-a debaixo do braço e fugiu para casa a toda a pressa, amuado. “Onde é que já se viu um toiro pegar no dono?!?” O

Doninha violara uma das regras básicas da brincadeira que torna imunes os pastores e o ganadeiro à ira do animal.

E num canto da Casa Velha ficou o Morcela a protestar, furioso por lhe terem fechado a porta de entrada no grupo dos adolescentes. Logo no dia em que debutava a sua virilidade, enfiado numas calças compridas! Um dia registado a vermelho vivo na sua barra cronológica, semelhante ao das raparigas quando estreiam o *soutien*.

A maior preocupação era enfrentar Gabriela que havia assistido à tourada. Pouco tempo antes, concretizara o namoro à saída da catequese, com uma tímida pergunta à boca-pequena: “Queres-me namorar?” Ela limitou-se a acenar o pescoço e o compromisso ficara selado com um simples sorriso. Quando o viu abandonar o touril, lançou-lhe um olhar de garça a sobrevoar o cardume. Perante um controlo tão cerrado, o Morcela não tinha escapatória possível. Aproximou-se da parede, encheu-se de coragem e dirigiu-lhe a palavra:

– Gostaste da toirada?

– Nem por isso. Estava aqui à espera de te ver correr... – e estendeu a mão cheia de favas torradas.

– O toleirão do Carroça ficou amuado e não deixou que eu mostrasse a minha bravura.

A sua bravura. A bravura dum homem empossado dos poderes sobrenaturais que se escondem na pele de um touro. Com uma marradeira nas mãos, recuperava a animalidade que lhe corria nas veias, possuído por uma força bruta e descontrolada, capaz das maiores proezas. Eram momentos de grande glória, momentos de medir forças consigo próprio. Quando fosse preciso, já estaria treinado para espetar os cornos nos flancos da vida.

Com os olhos baixos, recolheu algumas favas e sorveu a fragrância que exalava do braço. Uns dias antes, tinha-lhe oferecido um sabonete roubado numa saca de encomendas da América.

– Para a semana, vamos fazer aqui uma toirada de mandar peso.

– E tu... vais ser corrido?

– Claro que vou. Vê se arranjas um muro mais alto, senão ainda levas uma marradinha.

– Não tinhas coragem para isso! – e arrebitou a ponta do nariz, num trejeito desafiador.

O olhar malicioso de Gabriela deu-lhe novo alento. Desde a morte da sua galinácea, andava anojado das sensações amorosas que lhe percorriam as entranhas. Ao aspirar o cheiro delicado da alfazema, decidiu que todos os

sabonetes provenientes da América teriam destinatário certo. O seu amor não podia desabrochar com os cáusticos odores do sabão azul.

– Não te esqueças de vir cá no domingo – e dirigiu-se para a praça, onde os colegas se entretinham aos chutos na bola.

4

Naquela tarde, tio Jerónimo chegou a casa bastante cansado e só lhe apetecia remanso. Um bezerro havia esboralhado a parede e perdera-se nos atalhos dispersos pela Serra do Cume. Enquanto o Augusto recolocava as pedras, levou horas e horas, calcorreando grotas e vales até o encontrar no meio de um silvado.

Inexplicavelmente, deparou com um ambiente relaxado e cheio de sorrisos por toda a cozinha. Quebrou a rotina nocturna e lavou os pés antes de cear. “Quero a água bem quente e com umas pedrinhas de sal”, disse para a mulher. Amélia esmerou-se a pôr-lhe a mesa e colocou-lhe à frente uma cabeça de garoupa cozida, acabadinha de apanhar nas águas límpidas do porto, por tio Sardinha Velho. Descascou-a num minuto e sentou-se no estrado com as pernas estendidas. “Hoje não me apetece sair.”

Aproveitando esse momento de descontração, Filomena serviu de porta-voz dos desejos da família:

– Sabes o que é que falta agora cá em casa, meu pai? Um rádio, para a gente se consolar a ouvir música!

A doçura das palavras de Filomena deu para perceber que todo aquele ambiente harmonioso havia sido cozinhado entre elas. Através dum sorriso descaído no canto da boca desmascarou a cumplicidade, mas não perdeu o ensejo:

– É uma bela ideia. Se estão todos de acordo... um dia destes estará a tocar em cima do aparador.

Solicitude tão espontânea deixou tia Mariana estupefacta. Se bem o conhecia, havia qualquer motivo escondido para desapertar, sem resmungo, os atilhos da saquinha. E foi em casa dela que acabou por entrar o primeiro rádio a electricidade, na freguesia. Até então, só existiam quatro, todos eles a funcionar com bateria: o do senhor Pedrinho de Menezes, um proprietário absentista, descendente directo do primeiro capitão do donatário, num cruzamento tão emaranhado que só ele entendia; o do senhor major, heróico

combatente na batalha de La Lys; o de um continental, que ali se fixara por ter arranjado emprego na Base das Lajes, e o do Clube da Bola.

Dlão, dlão, dlão – assim se estreou o vistoso *Philips*, anunciando a toda a vizinhança a sua existência. Eram as badaladas da gravação do relógio da Sé, a indicar o início da emissão no Rádio Clube de Angra. O móvel estremeceu, os copos tilintaram e o *Leão* saiu porta fora, a ganhar, indo esconder-se na casota ao fundo do quintal. Nessa noite, a sobremesa de ruídos e cantigas ia provocando uma indigestão colectiva. Especados em frente do aparelho, rodavam o botão duma ponta à outra, com os olhos fixos na luz verde do travessão indicador da sintonia das emissoras. “Eh, devagarinho para não estragar”, recomendou o Morcela, adorando o objecto como quem venera o Menino Jesus nas palhinhas deitado.

Aquela estranha caixa de música a falar sozinha, sem ninguém lá dentro, parecia obra do diabo. As amigas admiravam-na à distância, com desconfiança e receio do progresso tecnológico: a qualquer momento, o locutor podia estender o braço e agarrá-las. “Eu cá não dormia descansada com isto em casa”, disse-lhe a vizinha. Tia Mariana riu-se, mas, no primeiro confronto, reagira da mesma forma. E continuava a reagir. Um som mais estridente... e o coração desatava aos pulos. Para o proteger do pó e do mau-olhado, Amélia alinhavou uma coberta de folhos, em chita enramada.

– Onde é que vais, a esta hora?

– Vou lá fora, à retrete.

– Não precisas ir à retrete, porque ainda apanhas frio. Tens o penico na borralheira.

Eram movimentações nocturnas a mais para quem se queixava do intestino preso e tio Jerónimo acabou por ser apanhado como uma criança com a boca no açucareiro.

– Que fraco juízo passares a noite encostado a esse rádio! Andas a tirar algum curso?

– Gosto de ouvir as notícias. Há algum mal nisso?

– Não tem mal nenhum, mas tens que te levantar cedo...

– Não te preocupes. As vacas nunca ficaram por ordenhar.

Desconfiou daquele interesse repentino por conhecer mundo, quando toda a sua vida (cuidava ela) se tinha portado como um homem bisonho e desligado das emoções do quotidiano. “Julgas que me enganas?!?”, desabafou consigo própria enquanto voltava para a cama.

A noite nunca mais foi o que era para tio Jerónimo. Apesar do seu ar opaco, vivia em permanente conflito interno. Do outro lado da máscara, pulsavam emoções que a astúcia de tia Mariana não descortinava. As suas preocupações políticas eram, apenas, um assunto partilhado com o amigo Cardoso. Uma aprendizagem cimentada na base de emoções que levaram anos a amadurecer.

Na memória, estavam bem frescos vários episódios das lutas liberais. Um testemunho transmitido de geração em geração, como um bem precioso de família. Tudo começara com o tetravô, um dos bravos soldados do Mindelo, distinguido na luta contra as hostes absolutistas. A história tantas vezes fora repisada que tio Jerónimo acabou por interiorizar esse espírito liberal e o orgulho de lhe correr nas veias o sangue de um valente expedicionário. Como um estafeta, depositou-o no regaço dos filhos, com uma recomendação bem precisa: “Não se esqueçam que nasceram na Terra do Bravo.”

Mais empolgantes haviam sido as peripécias contadas pelo pai e por tio José Carrapito, quando andaram metidos nas escaramuças da *Justiça da Noite*. Por alturas da I República, encarapuçados e armados de varapau, derrubavam os tapumes colocados por particulares em terrenos até então baldios e usufruídos pelo povo, desde o povoamento. Sempre que se erguia uma parede, mãos anónimas e calejadas derrubavam-na pedra a pedra; sempre que plantavam uma árvore, a lâmina afiada do alvião secava-lhe as raízes. Apesar do secretismo das acções, muitos deles haviam sido levados à barra do tribunal e condenados a pesadas penas. Tio Jerónimo, com toda a sua bondade, colocou-se do lado dos mais fracos. Não era justo que ficassem privados de um meio fundamental à sua subsistência.

No tempo da tropa, a prova de fogo à cozedura de um homem, um novo mundo se lhe abriu. Aguentou o coice da espingarda e dos superiores, o rancho rançoso e muitas outras coisas de que nunca falou. Nos turnos de plantão, contactou com os presos políticos, no Castelo, que chegavam ali às remessas por participarem em revoltas contra o regime de Salazar. Com o seu espírito curioso, começou por ouvir as discussões entre eles. Aos poucos, foi metendo conversa, sempre às escondidas para não ser apanhado pelos oficiais.

Por detrás das paredes dos calabouços, convicções tão díspares de anarquistas, comunistas e socialistas deixavam-no completamente baralhado. A defesa da liberdade de expressão e a necessidade de derrubar o regime eram os únicos pontos de convergência. E essa lição compreendeu-a sem grande esforço. Por solidariedade, dispôs-se a levar recados e correspondência para

um fulano da cidade que os encaminhava ao destinatário, no Continente. Inconsciente, ou não, teve sorte porque teria passado de carcereiro a enclausurado, ao mais pequeno descuido.

Desses contactos, acabou por estabelecer amizade com o senhor Cardoso. No final dos anos Trinta, cometera a ousadia de hastear uma bandeira vermelha no mastro de um edifício público, no aniversário da revolução bolchevique. O escândalo alastrou por toda a cidade e o autor foi detido no Castelo, após uma denúncia. Tio Jerónimo travou conhecimento com ele, quando fazia ronda à caserna, e nunca mais se separaram.

A prisão do jovem Cardoso causou um certo mal-estar nas fileiras locais da União Nacional. O comandante do *Depósito de Presos* era um verdugo militarista que maltratava as centenas de reclusos oriundos do Continente. Uns cumpriam ali a pena e outros seguiam, depois, a caminho do Tarrafal. Pela porta de armas começaram a chegar à cidade os gemidos da repressão. A apregoada benevolência cristã do regime desmascarava-se perante a evidência dos factos. E os murmúrios cresceram com a clausura de um rapaz da ilha. A brincadeira, embora atrevida, não merecia castigo tão severo. A partir de então, mais e mais olhos se viraram para o Castelo e muitos deles viram lágrimas a escorrer pelas frechas da muralha. E os olhos que as viram, nunca mais foram os mesmos. Mudos e quedos, é certo, mas atentos.

Depois de sair do cárcere, o senhor Cardoso andou permanentemente vigiado. Pantufas invisíveis seguiam-lhe o rasto e anotavam todos os gestos. Acompanhou pela rádio a evolução da política nacional e internacional, conversou de fugida com outros elementos da oposição democrática, deu a cara e o voto nos actos eleitorais de protesto. “Faz-se o que é possível nesta ilha amordaçada”, dizia com um certo ar de desolação.

Tio Jerónimo visitava-o quando ia à cidade e a conversa era sempre a mesma: ouvi-lo desancar no governo e pouco mais do que isso. Se um não pretendia seguir as ideias avançadas do amigo, o outro nem tentava catequizá-lo: mais valia um antifascista convicto do que um comunista indeciso. Acima da política permanecia a amizade.

As razões da rebelião interior de tio Jerónimo haviam começado com os maus-tratos infligidos aos presos. Não suportava violências exageradas sobre pessoas indefesas, pelo facto de criticarem o caminho traçado por Salazar. Jamais esqueceu a incumbência superior de escoltar o amigo até à *poterna*, um buraco subterrâneo e húmido onde permaneceu vários dias sozinho e embrulhado no cheiro nauseabundo das próprias fezes; também não esqueceu a mis-

são de mandar embora a mãe dele, na altura do Natal, porque o comandante não permitia a visita aos prisioneiros.

Estes e outros episódios magoaram-no profundamente e alimentaram a sua revolta. Na freguesia nunca discutiu política, porque ninguém discutia política. A única voz autorizada era a do presidente da Junta e de mais dois ou três acólitos salazaristas ferrenhos. Tio Jerónimo evitava encontrá-lo, para viver no seu sossego.

Mal saiu da tropa, casou-se e começou a organizar a vida, trabalhando uns cerrados de renda e outros herdados. Com a venda do leite, para as modernas fábricas instaladas na cidade, e dos excedentes da produção de milho e de trigo, amealhou uns patacos e comprou mais alguns alqueires de terra. O aumento do consumo de carne na ilha, provocado pela presença dos americanos e pela procura no mercado continental, levou-o também a criar gado de engorda. Trabalhando de sol a sol, com o recurso frequente a trabalhadores assalariados, conseguia levar uma vida relativamente desafogada.

Depois da ceia, nas noites amenas, a cavaqueira desenrolava-se nos degraus da ermida da Misericórdia; nas outras, decorria dentro da sua loja, onde instalou uns bancos de madeira e uma mesa. Detestava os botequins, o cheiro entranhado a aguardente, a conversa enrolada e a zaragata em torno das cartas ou do dominó. Preferia o jogo concentrado da sueca, no silêncio do seu retiro. Todos os anos, reservava um barril da produção caseira para matarem o bicho em ocasiões especiais.

A tertúlia de tio Jerónimo transformou-se num bicho-de-sete-cabeças para o presidente da Junta. Utilizou todas as artimanhas para saber o que lá se discutia, mas de pouco lhe serviu. As conversas eram tão corriqueiras como as que se desenrolavam noutros sítios. Era um falar por falar, um debitar palavras mais que gastas para enganar o tempo. Um tempo húmido, ronceiro, propício à incrustação de camadas de bolor nas ideias. Tio Jerónimo desejou espanejá-las, mas optou por remoer o seu descontentamento em silêncio. Às vezes, arrendia-se de ter tomado amizade com o senhor Cardoso. A sua vida não andaria tão infernizada se arrastasse consigo a inconsciência que dá aos homens um olhar de boi petrificado. Outras vezes, apetecia-lhe dar um salto para a aventura, para se sentir bem consigo e, de certo modo, ganhar a admiração do “camarada”.

Foi essa tentação que o levou a desencadear pequenos gestos, à sua maneira. No dia da inauguração da luz eléctrica, resolvera dar um ar da sua graça, lançando sorrateiramente a descodificação da sigla. Teve sorte, porque

o presidente nunca conseguiu apresentar provas contra o “comunista perigoso”, autor da desfeita do *Temos Mas Pagamos*. No acto eleitoral que se seguiu, já não pôde passar despercebido e ileso.

– Quem seria o velhaco que riscou na lista o nome do senhor engenheiro – vociferou a suprema autoridade.

Com mais uma batata quente entre mãos, passeou-se pelo salão da escola, a esbracejar. Maldita freguesia que só lhe causava problemas. Lembrou-se do que havia acontecido com Humberto Delgado nas eleições e seguiu o exemplo. Por unanimidade, os elementos da mesa decidiram contar o voto ao senhor deputado, não fosse Sua Excelência ficar de maus humores com a freguesia.

Todos os correligionários, convictos de estarem a prestar um alto serviço à Nação, se empenharam a estudar cálculo de probabilidades. Por exclusão de partes, desconfiaram do Jerónimo.

– Nunca esperei que fizesses uma coisa daquelas – exclamou o presidente, limpando com a ponta da língua o pingo de saliva densa no canto da boca.

Tio Jerónimo enfrentou-o com toda a serenidade. Aquela feição de verme descorado causou-lhe um asco enorme. Como era possível uma migalha de gente, que não aguentava meio tabefe, arvorar-se em dono da razão? Valendo-se da sua estatura, mirou-o de cima, na menina do olho. O presidente enervou-se e a estreita fila de pêlos, a circundar o lábio, eriçou-se como uma piaçaba. Com a maior das ingenuidades, respondeu-lhe:

– Eh, homem, eu até devo favores a esse engenheiro...

Pois claro, tio Jerónimo era incapaz de riscar o nome do candidato só porque ele lhe aumentara a renda de umas terras. Mas favores com favores se pagam e o senhor deputado fez o favor de cancelar o contrato.

– Afinal, o que andavas a aprender no rádio era um curso de política. Achas bem o que fizeste? – interpelou a mulher.

– Qual política, qual o quê. Eles tinham que pegar com alguém e lembraram-se de mim. Não te esqueças que o presidente não me pode ver.

Ciúmes antigos, do tempo de solteiros, permaneciam atravessados na garganta do pequeno soba, que nunca fora capaz de digerir um namoro passageiro entre a mulher e tio Jerónimo. Engasgado numa dúvida corrosiva, imaginava-o na intimidade, mondando searas que julgava só suas. Tia Mariana, embora conhecesse o caso, não acreditou na desculpa esfarrapada do marido e continuou de olho aberto à procura doutros sinais. Detestava que lhe fizessem o ninho atrás da orelha.

Daí por diante, ficou com o carimbo de russo, comunista e do contra. Provas... não as havia, nem eram necessárias. Bastava a palavra do presidente que bem se esforçou para o isolar do convívio dos amigos e vizinhos, frequentadores assíduos da casa para ouvir o relato do futebol:

– Cuidadinho, porque o bicho da política é pior que a sarna. Depois não digam que não os avisei.

Conhecedor das intrigas, Jerónimo do Poço arranjou maneira de desinquietar o rebanho. No domingo seguinte, só os filhos e tio José Carrapito lhe fizeram companhia. Sentou-se refastelado na sua cadeirinha, botou um canjirão de vinho em cima da mesa, abriu a porta e deu corda às goelas do locutor.

Ouvintes da Emissora Nacional. A lotação do estádio José de Alvalade está completamente esgotada. As equipas acabam de entrar em campo e a partida vai ter início dentro de momentos.

Lançada a isca, baixou bruscamente o volume. Aos dezoito minutos, o locutor encheu os pulmões, numa voz pujante: goooloo, goooloo. O som aumentou e voltou a diminuir. Os indecisos, rondando a casa, não identificaram os pés do artilheiro de serviço e a impaciência redobrou. Passados dezassete minutos, a cena repetiu-se. Uns atrás dos outros começaram a bater à porta: “Dá licença? Quem é que está a ganhar?” Em pouco tempo, a sala vibrava tanto como o estádio José de Alvalade e, nessa tarde, o presidente da Junta engoliu dois sapos.

Porém, a tenacidade soez acabou por dar alguns resultados. Ameaças individuais, baseadas em hipotéticas suspeitas, deixaram amedrontados os mais timoratos:

– Consta que em casa do Jerónimo se anda a discutir política e a notícia já chegou à cidade. Gostava de te avisar para estares prevenido antes que aconteça alguma desgraça – rugia ele em bicos de pés e com a boca franzida, que mais parecia a cloaca de uma galinha.

Comunista. O pior labéu lançado contra uma pessoa. Tão grave como a excomunhão, tão aviltante como a desonra. Dum momento para o outro, houve gente que deixou de lhe falar, gente que o olhava com estranheza. Era um mal que já vinha de família, dizia o presidente aos mais cépticos: “Vocês não se lembram de ele ter levado uma vez, para a escola, a medalha do tetravó para mostrar ao senhor professor?... Foi aí que tudo começou!”

A medalha... a célebre medalha que tio Jerónimo herdara e guardava com todo o carinho na gaveta da cómoda. Naquela saquinha de retalhos, feita não

se sabe por quem, se encerravam os maiores momentos de glória da sua ilha. O sobrenome de Heroísmo atribuído à cidade de Angra e o de Vitória à vila da Praia. Acima de tudo, o amor à Liberdade. Como consegui-la... não sabia. Naquela terra de gente acomodada, de gente feita de paciência, quase ninguém se preocupava com liberdade. Só quem vive necessita dela e quase todos eles vegetavam, presos a insignificâncias, atados pela mesquinhez. Era certo que andavam descontentes, mas a insatisfação raramente se convertia em palavras e muito menos em gestos. "Sempre foi assim..." e estava tudo dito.

Da porta para dentro, as suspeitas que recaíam sobre ele eram tabu. Muita mágoa empastelada na boca, pouca coragem para a dissecar. No disfarce encontravam meio caminho andado para o esquecimento. De todos eles, o Morcela era o que mais sofria. Um pai comunista, sinónimo de criminoso, reles e antipatriota. Mas nunca proferiu uma palavra de rancor, como as que às vezes ouvia ao Augusto, nem um gesto mais arisco semelhante ao da mãe. Para ele, o "Deus te abençoe, meu filho!", que recebia todas as noites, era a única certeza de que a razão estaria do lado de tio Jerónimo. Afligia-se por não compreender as causas da injúria, mas haveria de lá chegar, prometeu a si próprio.

Tio José Carrapito também se enervava com o sofrimento do amigo. Não se conteve e decidiu conversar com o presidente:

– Explica-me lá o que é um comunista.

– Um comunista é um inimigo da religião. Eles na Rússia não acreditam em Deus, Nosso Senhor, queimaram as igrejas todas e mataram os padres. O que eles querem é dar cabo do nosso governo para fazerem o mesmo em Portugal.

– E achas que o Jerónimo era capaz de fazer isso?

– Eu não sei se ele é capaz, mas é o que eles têm feito por esse mundo fora. Na Rússia tiraram as terras e as fábricas a toda a gente e passou tudo para as mãos do governo.

– E para que é que os do governo querem isso tudo?

– Para que é que eles querem? Para andarem com os bolsos cheios e o povo a sofrer na miséria. E quem levantou a voz a protestar foi preso ou foi fuzilado. Não têm respeito por ninguém.

– Então, a diferença...

– A diferença, o quê?

– Nada, não é nada.

Tio José abafou o raciocínio. Entre os de lá e os de cá, o diabo que escolhesse. Por mais que magicasse, não descortinava quaisquer razões para que o

amigo fosse comunista e apoiasse os disparates relatados pelo presidente. Se é que ele falava verdade...

Amparado no bordão, dirigiu-se para a loja de tio Jerónimo. Encontrou-o com os olhos postos no tirante, a flagelar-se: "Um dia hei-de arranjar genica para enfrentar aquele videirinho." Examinara o percurso das suas relações e acabara por concluir que não tinha muitos amigos. Na verdade, eram apenas meros conhecidos com quem conversava sobre trivialidades, sem intimidade para desabafar uma mágoa mais profunda. Com muita determinação, escorçou os oportunistas e invejosos: "Vão escarrar para a venda do presidente. Aqui não põem mais os pés."

Tio José, como sempre, sentou-se no seu banco. Olhou-o nos olhos e percebeu que andara a ouvir a turbulenta sinfonia da sua consciência.

– Bota aí um copo de vinho. Estou a precisar de refrescar as goelas -, mas controlou a sede para não vomitar as angústias com os efeitos do álcool. Não valia a pena inquietar, ainda mais, o juízo do amigo. "Dá tempo ao tempo, José."

5

Depois de um bom jogo de futebol, só uma pançada de fruta ajudava a retemperar energias. O Morcela bem podia repartir a que o pai tinha com abundância no quintal... mas não. O prazer de pisar o risco provocava um forte estremecimento que o impelia a trincar o fruto proibido.

Laranjas doces como açúcar, só as do tio Serafim da Mula, um velho rico e avarento, incapaz de dar uma laranja a um pobre. Preferia vê-las caídas no chão, a apodrecer. Todas as madrugadas, estacionava à porta do mercado de Angra, com um alforge carregado no lombo da burra. O preço era regateado até ao último centavo. Com os trocos embrulhados num lenço, prendia-o no atilho das ceroulas, descaído sobre o saco dos pendentos. No maior segredo, escondia o dinheiro numa caçoila de barro, num buraco junto à chaminé. Com o tempo mais soalheiro, estendia as notas bolorentas numa peneira. Vinte, cem, duzentos... um conto de réis, e o prazer em amealhar sorria-lhe por entre os dedos engelhados de ganância. Por vontade dele, teria levado a caçoila para a cova. Não teve tempo para tal e a sua alma deve andar aos saltos, onde quer que se encontre. Poucas horas depois de ser enterrado, um gatuno arrombou a porta e descobriu o tesouro. Durante largos meses, a cigarra can-

tou o fado pelos botequins, pelas meninas da Praia e pelo jogo nocturno, até se rebentarem as cordas.

Naquele pomar cheiroso, os rapazes chuparam, durante muito anos, a vitamina suficiente para combater o escorbuto. Tio Serafim acabou por se defender, injectando um líquido nas laranjas mais à beira da canada. O intruso, que trincasse a casca, transformava-se num tomate de estufa. No dia seguinte, tio Serafim batia à porta da escola e, na presença do professor, apontava um a um os violadores da propriedade privada.

O Morcela chegou a levar alguns sopapos, pouco persuasivos, tal como o pai levava do avô, o avô do bisavô e assim por diante. Roubar fruta nunca fora crime nem pecado. A canalha apanhara sarampo nas orelhas... tio Serafim que tivesse paciência.

O senhor padre era outra das vítimas costumeiras. Certo dia, o jogo ficou suspenso, a transpirar silêncio. Uma batina empinada, um guarda-sol pendurado no braço e um sobrolho carregado tomaram conta da praça. A correria parou para lhe beijarem a mão papuda e bafienta, como era hábito. Recusou o beija-mão e começou logo a atazanar o juízo à rapaziada, agitando o guarda-sol:

– Esta semana, as ameixas levaram um grande sumiço. Se apanharem mais alguma fruta das árvores, vão ter que se haver comigo.

Todos os santinhos foram invocados naquele juramento solene:

– A gente não foi, senhor padre! – mas ficasse descansado: ninguém passaria as manámulas pelos frutos que derrubavam os ramos.

Se o boi se afirma pelo corno, o homem impõe-se pela palavra. Palavra leve como uma pluma... Bastaram dois dias de calmaria, para obrigar a uma subtil interpretação do acordo estabelecido: nada impedia que se comesse a fruta caída no chão. “Aguentem aí”, ordenou o Morcela com voz de sargento. Arregaçou as mangas e enfrentou o toiro de caras. Saltou a parede, abraçou o tronco da árvore e sacudiu-o com quanta força tinha.

Maldita diarreia de esguicho. A fronha tão amarela como as ameixas testemunhou a ressaca do ciclone que havia varrido o quintal do senhor padre. Quem foi, quem não foi, e o confessor separou o trigo do joio. Apesar das juras, levou um grande puxão de orelhas e dois terços de penitência.

Se o primeiro esticão lhe magoara a alma, este deixou-lhe marcas profundas no lóbulo esquerdo. A unha retorcida do prior cravou-se-lhe na carne como um agulhão na memória. Por detrás daqueles olhos baços e doentios, encovados entre as maçãs salientes do rosto, escondiam-se desgostos amargos

como vinagre. Os desejos ardentes da vocação nunca o haviam bafejado e vivera constantemente constrangido pelas obrigações da tonsura. Sempre que pisara o risco, e não foram poucas as vezes, carregava uma dupla pena. Inconformado, despejava a sua ira sobre os rapazes, com uma ponta de inveja a roer-lhe a frustração.

De nada servia apresentar queixa a tio Jerónimo, porque andavam de relações cortadas. O primeiro confronto ocorrera quando, um dia, se dirigiu à sacristia, depois da missa, para comprar a Bula.

– A gente lá em casa é uma raridade comer carne...

– Só compra quem quer.

– Lá isso é verdade, mas se eu der meio escudo só fico com metade dos pecados perdoados.

O senhor padre não gostou da piada nem do riso malicioso dos restantes paroquianos. Todos eles eram conhecedores dos seus lautos banquetes, na véspera da procissão do Senhor dos Passos, na companhia dos colegas. Segundo informações da governanta, as refeições eram fartas, bem regadas e não constava que estivessem munidos do milagroso salvo-conduto.

Com um longo traquejo, deixou-os relaxar à vontade. Meteu a mão no bolso, tirou um cigarro e acendeu-o. Plantou um sorriso malandro no rosto de cada um e tio Jerónimo conseguiu ler-lhe nas pupilas dilatadas um aviso subliminar: “Não te armes em esperto... sei muito a teu respeito.” Ao de cima, vieram logo todas as incertezas que o atormentavam, quando a mulher se ajoelhava no confessionário. Por mais que a avisasse, temia sempre uma escorregadela nas perguntas enebadas do pároco. Bastava vê-la regressar de semblante sombrio para perceber que havia andado a espanejar o pó. E sempre que isso acontecia, tio Jerónimo saía porta fora, amuado, com vontade de estrafegar os dois. Naquele confronto repentino, sentiu-se inferiorizado, a jogar com menos trunfos. E era nessa dúvida misteriosa que residia o poder do senhor padre.

O caso agravou-se, posteriormente, quando tio Jerónimo desencordia o balseiro, como costumava gracejar. Era uma confissão rápida e objectiva, sem dar hipóteses ao inquiridor de entrar nas questões mais cabeludas. “O macaco gosta de bananas, mas daqui não leva nada.” O senhor padre, embora contrariado, não insistia. Conhecia-lhe a vida como a palma das mãos, através de várias fontes (nem sempre limpas, verdade seja dita).

Estava ele concentrado a desbobinar as rabugices do costume, quando foi interrompido de repente:

– Oh, que maçada, acabaram-se os rebuçados. Como é que vai ser, agora? Com esta gente toda à espera, não posso abandonar o confessional. Se não te importasses, passavas pela venda do André, pedias-lhe para ele me mandar uma mancheia de rebuçados, que depois eu pago-lhe. Reza cinco Ave-Marias, vai em paz e não tornes a pecar.

Jerónimo do Poço ficou de olhos em brasa, com os pecados veniais atravessados na garganta. Sem jeito para moço de recados, zarpou pela igreja completamente desvairado.

Dias depois, cruzaram-se no caminho.

– Quem pretende ensinar burros, perde tempo e saliva.

E a resposta não se fez esperar:

– O padre e o cão passam a vida a olhar para a mão.

O caldo entornou-se, por completo. Daí em diante, decidiu confessar-se só aos padres de fora da freguesia, quando bem lhe apetecesse. A sua fé não se compadecia com a obtusidade do seu pastor. E uma fé que se alimenta por si própria acaba por sucumbir.

6

– Levanta-te, o senhor professor acabou de passar!

O Morcela virou-se para o outro lado, enroscando os braços no travesseiro. De repente, lembrou-se do castigo aplicado aos alunos atrasados, numa pose estática na janela virada para o caminho. Deu um pulo da cama, enfiou a roupa apressadamente, engoliu uma caneca de café, agarrou a sacola e ala ligeiro como uma roqueira .

Um sol arregalado batia na cal branca das paredes, o mar embrulhava-se num rebanho de carneirinhos e o porto ali tão perto, a chamá-lo... a seduzi-lo. Um mau pressentimento acompanhou-o durante todo o percurso.

Chegou no preciso momento em que o professor se preparava para fechar a porta carcomida pelo tempo e empenada pela humidade. Subiu o lance de escadas e deixou-se cair ofegante sobre a carteira. Pela primeira vez, associou-se ao sofrimento de meia centena de almas penadas, umas vivas, outras moribundas, enclausuradas num enorme salão com cheiro a bafio. Um salão parado no tempo, com apenas uma mudança: a substituição das fotografias dos presidentes da República. A do Chefe do Governo fora lá colocada na cerimónia da inauguração da escola e, pelos vistos, viera para ficar.

Na parte superior da parede frontal, bem ao centro, um Cristo crucificado difundia sobre os presentes o Esplendor da Luz Perpétua. A ladeá-lo, os retratos de Salazar e Américo Tomás emoldurados num caixilho carunchoso, em perfeito contraste com o ar austero dos superiores magistrados da Nação.

Do lado direito, o tenebroso canto dos suadouros. Um quadro, oleoso e ondulado, testemunhava o massacre de gerações perdidas nas casas da tabuada:

– 5 X 4, quantos são?

– 22!

– Ah, cabecinha cheia de farelo que nunca mais atina! – e a mãozinha meiga do professor cravava-se na nuca. Três pancadas violentas contra a ardósia, ou quatro se fosse preciso, para que o sangue oxigenasse as curvas do cérebro empedernido ou vocacionado para outros saberes.

Ao lado do quadro, ficava o mapa de Portugal desfeito em pequenas tiras de linho. Enroladas para dentro, eram a perfeita imagem de um país fechado no seu umbigo.

No canto esquerdo sobre o estrado, a imponente secretária com uma cartolina verde, de mata-borrão, e um suporte para canetas e tinteiro. Na gaveta do fundo, a bandeira nacional, desbotada pelo sol e roída pela traça. Aos domingos e feriados, era hasteada com um gesto rotineiro. Inclinando-se ou destapando a cabeça, o pacato cidadão exprimia um sinal de respeito pelo símbolo de uma Nação multissecular que acolhia no seu seio povos de diferentes raças, credos e opções desportivas. Sobre o tampo do pesado cadeirão de mogno, uma almofada de veludo cor de vinho. Com o formato de uma rosquilha, servia de protecção ao frenético hemorroidal do professor. Atrás da secretária, o maldito relógio de moldura castanha, com o seu tique-taque monótono. Um preguiçoso que levava uma infinidade de tempo a subir a rampa das cinco horas da tarde. Como utensílios didácticos, a palmatória e a vara de caniço, rija, cheia de nós, empinada na esquina da parede, em estado de alerta permanente.

O professor, ora sentado ora de pé, tentou cercar todo o rebanho. Com uma longa experiência, distribuiu as tarefas adequadas a cada uma das classes: abecedário, números, cópia, tabuada, ditado, redacção e problemas. Ao mais leve atropelo, a vara de caniço pulava de cabeça em cabeça – “Que grande matulo!” – ou zurzia a ponta da orelha do bicho-carpinteiro mais alvo-raçado.

– Meninos! Quietos! Calados!

Quieto e calado na primeira fila da frente, o Morcela olhou a sala a todo o comprido. E voltou a ver-se lá no fundo entre os caloiros da primeira classe. Na roupa bem vincada com o ferro de brasas e na cara desencascada com sabão azul reflectia-se a alegria das mães. Eram os caminhos do saber que se abriam para o futuro. Um futuro que acabava logo ali, para muitos deles. Lágrimas gordas de tristeza recolhiam-se no coração, um pingo envergonhado fungava na ponta do nariz: “Coitado do meu rico filho... nasceu para penar como os outros.”

Nas coisas mais banais o Morcela identificou o estatuto de cada um. De entre todos eles, sobressaía o neto do senhor Pedrinho de Menezes, pela roupa que exhibia, pelos cadernos de cartolina com alamar e, principalmente, pela caneta de tinta permanente. E isso causou-lhe alguma perplexidade. Qualquer coisa de errado norteava a vida humana para haver desigualdades tão notórias. Os mais pobres contentavam-se com o livro forrado a papel de embrulho arranjado na mercearia; alguns, nem forra tinham e só dois, ou três, haviam comprado uma folha lustrosa que custava os olhos da cara. Da sacola de serapilheira ou da mala de cartão, tiravam com todo o cuidado a pedra de escrever e o respectivo lápis. Alegres como passarinhos e sequiosos de aprender, sorviam com avidez os conhecimentos ministrados a conta-gotas.

– Manuel! Vai de castigo para a janela!

Logo a seguir, sentavam-se os da segunda classe, muitos deles já hesitantes na caminhada. À sua frente a estrada era tão comprida como a recta da Achada. Comprida e irregular, com paralelepípedos de pedra basáltica escorregadia. Parte dessa estrada já ele havia percorrido e transposto o corredor que separava os veteranos da terceira e quarta classes. “Aqui, à mão de semear, é que ficam bem!” Renitentes ou apáticos, estavam fartos de corrigir a prova dos nove com o punho e a saliva morna, a fazer bolhas. O pensamento fugia para além das quatro paredes daquela prisão, onde a infância tinha outra alegria, outros prazeres.

Nessa manhã, o mestre-escola excedeu-se e partiu a vara ao meio, ao bater com ela na esquina de uma carteira. Instintivamente, explodiu uma salva de palmas que o enfureceu ainda mais. O Morcela, numa atitude franca, ofereceu-se para arranjar outra:

– Vou à ribeira, apanho uma cana-da-índia e aparo-lhe os nós com a navalha. À tarde, já lha trago.

Bem se arrependeu. Para além dos sopapos dos colegas, estreou logo a vara por ter errado uma conta no quadro. O verdugo, marcado nas pernas, era a recompensa pelo seu gesto diligente.

– É bem feito! Sempre foste um grande mamão! – atçou o Linguíça.

Fornecer armas ao próprio inimigo... nunca mais. Uma lição que aprendeu para o resto da vida. O que mais o incomodou foi a injustiça do castigo tão severo. Nos anos anteriores, nunca havia sido molestado e isso constituía motivo de orgulho. Aluno aplicado, preparava cuidadosamente as lições com a ajuda de Filomena e só então saía para a brincadeira. A partir daquele momento, começou a sentir um profundo desencanto pela escola. A tudo isso, se juntou a idade avançada do mestre. Já à beira da reforma, os humores tornavam-se cada vez mais instáveis e tão opressivos como o estado do tempo. Uma nuvem carregada de electricidade anunciando trovoada... e da grossa, daquela que põe a alma enrolada no colo do destino.

O velho professor Noronha, bem ou mal-amado, deixara vestígios na freguesia: várias cabeças aturdidas, pois claro, mas também espíritos desenvoltos que lhe ficaram reconhecidos.

Quando se diplomou, na época da I República, revelou-se um mestre dotado e cheio de energia. Ligado a um sector progressista, acreditava na educação como base fundamental para o progresso e libertação da Humanidade. Com a mudança do regime, adaptou-se à nova ideologia, pela força das circunstâncias. Liberto estava o país da pecha liberal, da bagunça do *revirinho* e atento às investidas do comunismo, disseram-lhe um dia. A salvação havia saído de Braga e passado por Coimbra para desaguar cheia de certezas na capital. Nada mais havia para libertar. Ele que se contentasse com um bê-á-bá rasteirinho, sem grandes ondas. Não lhe pagavam para ensinar outros a pensar além do estritamente necessário.

Com atenção, ouviu as novas directrizes, sem ripostar. Torceu o nariz e resmungou para dentro: “Sou professor, não sou papagaio”. Durante vários anos, ainda teve coragem para esgrimir contra a corrente. Quando o tempo estava de feição, uma gana interior revolvía-lhe os intestinos e passava alguns minutos a conversar sobre coisas simples da vida. Um momento de comunhão em que o sonho se derramava como leite a ferver. Mas esses impulsos tornaram-se cada vez mais raros. Nas suas costas, o olhar afiado dos fantasmas, pendurados na parede, pesava como um punhal. Descontrolado dos nervos, rangia os dentes e tudo voltava a entrar na ordem... ou na desordem. E assim andara toda a vida envolvido em contradições que lhe deixavam o coração amarrotado.

Longe iam os tempos das discussões fervorosas com o reverendo, quando os dois haviam chegado à Ribeira de Fogo, no crepúsculo da era republicana.

O pomo da discórdia residia no atraso a que Portugal havia estado submetido, por influência dos Jesuítas. Eivado de um espírito liberal bastante radicalizado, o professor zurzia, então, nos seguidores de Santo Inácio de Loyola, “adeptos do absolutismo e do mais cruel obscurantismo”. Mas isso eram segredos entre ambos e o pacto de silêncio fora sempre respeitado.

Enquanto as pernas o permitiram, frequentou a missa para evitar dissabores políticos e sociais, apesar da sua fé vacilante. D. Carolina, pelo contrário, era uma mulher muito crente e caridosa, com as mãos abertas aos pobres que lhe rodeavam a porta. Por motivos de saúde, também deixara de assistir à missa, compensando a falta com preces diárias, antes das refeições. À noite, ajoelhada diante de um oratório, compelia o marido a rezar o terço. De pé e encostado à parede, deglutia a sequência monótona das Ave-Marias, ora de braços cruzados ora descaídos. E a seguir vinham as ladainhas, “Livrai-nos, Senhor, da fome, da peste e da guerra”, a que se juntava um Pai-Nosso pelos que andavam sobre as águas, pelos órfãos e pelos leprosos. Um mundo de súplicas sem que as dele fossem atendidas.

Na vida política nunca se esforçara para alcançar um lugar de destaque. Cumpriu, apenas, os deveres de cidadão, sem exagerar na militância como arauto da nova ideologia. Pelas habilitações académicas, integrara durante muitos anos o colectivo da Junta, na qualidade de secretário, e presidira à mesa das eleições. Deixara de comemorar com os alunos a Festa da Árvore, passando a promover cerimónias no 1º de Dezembro. No seu estilo barroco, exaltava o patriotismo dos antepassados e a grande epopeia dos portugueses. Por força das circunstâncias, concluía o discurso com uma nota de fé vibrante num país ressuscitado pelas mãos sábias de Salazar.

O peso da idade era notório na curva saliente da coluna. Mais dois anos e entraria na reforma. Dominado pelo cansaço e pelo excessivo número de alunos, havia negligenciado a relação pedagógica. Já não se preocupava em alcançar um determinado número de aprovações no exame, sob pena de prejudicar a sua carreira; de igual modo, deixara de fazer horas extraordinárias com os mais fracos, sem qualquer compensação monetária, obrigando-os a decorar as lições na ponta da língua.

Tal como um caracol, andara ele com a casa às costas até arranjar um lugar efectivo. Esteve um ano nas Manadas, em São Jorge, onde nasceu o filho mais velho, e outro ano na Graciosa. Só então, regressou à Terceira. Tempos difíceis, sem vencimento no período de férias e com despesas suplementares a depenarem o orçamento familiar. Sobreviveu com muito sacri-

fício e foi obrigado a alienar alguns bens de família, para dar estudo aos dois filhos.

Numa madrugada de Setembro, plantaram-no ali por acaso e por lá se foi deixando ficar, agarrado à consolação do mal menor. Uma semente lançada numa terra com muita junça difícil de mondar. Angra, a sua querida Angra, ficava-lhe tão longe e tão perto. Uma distância insignificante e de fáceis acessos: bastava ter dobrado a espinha e teria chegado a inspector escolar. Não soube, ou não quis, pouco importa para o caso.

De manhã, vestia o seu fato escuro, já coçado pelos anos, colocava a gravata e embrulhava-se na velha gabardina. Partia em direcção à escola, passo lento e cuidadoso, procurando o equilíbrio no piso irregular da estrada de macadame. Pelo caminho, todos o cumprimentavam com respeito. Retribuía com um leve balanceado do pescoço e um ligeiro movimento da mão a tocar a ponta do chapéu. À hora do almoço, depois de uma refeição ligeira, relia trechos dos poucos livros colocados meticulosamente numa pequena estante. Ao sair da escola, parava na venda do André. Era das poucas pessoas com quem conversava. O assunto cingia-se, quase sempre, aos enredos que o André escrevia para as danças de Carnaval.

- Então... já escolheste o tema para o próximo ano?
- Já está escolhido e quase feito...vai ser sobre a descoberta dos Açores.
- Muito bem. Não te esqueças de dar força ao Infante D. Henrique.
- E para os próximos vou fazer uma dança sobre a Brianda Pereira, a enfrentar os espanhóis, e outra sobre as lutas entre liberais e absolutistas.
- Ora aí está uma boa maneira de ensinares a nossa história a este povo.
- Pois é... Mas vou precisar da sua ajuda. Gostava que me emprestasse aquele livro que lá tem.
- A ti... até sou capaz de o emprestar.

No meio da conversa lá ia bebendo um ou dois copinhos de vinho, um analgésico indispensável para um quotidiano a rolar sem qualquer emoção. Chegado a casa, despia a gabardina e sentava-se à janela, a fumar. Ao fim da noite, já havia queimado um maço inteiro. O desterro esvaía-se em cada inalação dos cigarros Santa Justa, sem filtro.

A monotonia da vida só era quebrada quando recebia a visita dos filhos e dos netos ou alguém lhe batia à porta a pedir um favor: ler uma carta vinda da América ou responder ao remetente. Recebia toda a gente com muita cordialidade, sentado na secretária, mas não dava azo a grandes aproximações. Utilizava o distanciamento como arma de defesa para que o respeito se man-

tivesse. Mesmo quando as conversas se relacionavam com a escola, limitava-se ao indispensável. E da parte dos interlocutores recebia sempre a mesma permissão: “Quando for preciso dar uns sopapos valentes, o senhor professor descasque-lhe nas orelhas. Só assim o rapaz aprende a ter juízo.”

Nesse aspecto, o professor deixara de fazer cerimónias. Paulatinamente, havia transformado a sala de aula num quartel de paisanos, preparados para obedecer sem ripostar. A impotência para manter um ritmo equilibrado degenerara numa repressão moldada ao espírito da época. Um berro mais forte e uma verdascada sobre a mesa eram suficientes para acaçapar os alunos mais novos. Os da quarta classe, rezingões, nem ao silvo do chicote se calavam. De venta arreganhada, divertiam-se a medir forças com o professor.

Entre eles, sentado na primeira fila, o Morcela distinguia-se pelo traseiro redondo como um pão de massa sovada. Como uma desgraça nunca vem só, entupiui naquela fatídica tarde perante uma pergunta de Gramática:

– Para que servem os acentos?

– Para a gente se assentar – respondeu com toda a convicção.

Ficou embatucado com a gargalhada geral e o raspanete do mestre. Com mais este desaire, assentou-se no assento, sem vontade de tugir nem mugir. A partir de então, as pernas tornaram-se curtas para subir o último degrau da sua cátedra. Na História, confundia os nomes dos reis da Bem Ditosa Pátria. A D. Afonso Henriques, chamava-lhe mestre da dança, de espada em punho a rachar cabeças à moirama. A D. Dinis, o cognome de pastor caía-lhe que nem uma luva, imaginando-o de bordão encontreiro a guardar ovelhas no pinhal de Leiria ou a escorraçar os pobres que desfolhavam as rosas da Rainha Santa. Na Geografia, era-lhe indiferente os rios desaguarem no Entroncamento ou as linhas-férricas cruzarem-se nos ancoradouros da Serra da Estrela.

A rispidez do professor e outras circunstâncias da vida abalaram-lhe os nervos e lançaram-no numa existência dolorosa e sem alegria.

Na mão trémula do professor, o ponteiro deslizou sobre o leito dos rios, da nascente até à foz. Há anos que navegava por todos eles, saltando afluentes da margem esquerda para a direita, citando os nomes das cidades que banhavam, a profundidade das águas e os portos. Um poço de ciência decorada, sem nunca ter visto um rio.

De olhos pregados no mapa, o Morcela observou o rendilhado de riscos azuis, ora mais grossos ora mais finos, como se fosse um corpo cheio de artérias e de vasos capilares. “Estas águas abundantes são o sangue de Portugal. Um país sem rios é um país morto”, afirmou o mestre.

A afirmação deixou-o um pouco confuso. Mesmo sem rios, a chuva que caía era suficiente para dar vida aos pastos e às vacas da ilha. Era verdade que, no Verão, a água escasseava por estar mal canalizada, mas, nesses períodos de seca, tio Jerónimo abria a cancela de par em par. Uma festa, uma romaria até altas horas da madrugada. E para Gabriela, o Morcela reservava a água mais fresca, fazendo deslizar a corda na roldana até ao fundo do poço.

Andava ele absorto nestas divagações, quando as vísceras da terra se remexeram. As paredes da escola abanaram, os tirantes chiaram e a calíça caiu sobre as cabeças como flocos de neve. O crucifixo e os chefes da Nação baloiçaram no prego enferrujado e o professor encalhou nos afluentes do rio Tejo. Os alunos, num silêncio suspenso, escutaram a mãe natureza a estrebuchar com as agonias do parto.

O grito atemorizado do Morcela, “É um abalo de terra!”, soou como a voz de um general a ordenar a debandada. No meio de gemidos e berraceira, “Ai minha mãe que eu morro!”, a escola ficou deserta e revirada de pernas para o ar, num abrir e fechar de olhos. Beiços a escorrer sangue, dedos torcidos e muitas, muitas tripas relaxadas despejaram no fundo das cuecas o torresmo da agonia. No meio da praça, os mais fracos das canelas, brancos como a cal das paredes, amassaram-se com flatos. Só voltaram ao reino dos vivos com um balde de água fria no toutiço ou uma bofetada na cara.

Semanas a oito, não se falou noutra coisa, em todas as casas, na tenda do sapateiro, nos botequins e nas vendas. De forma insensível, o medo começou a fazer ninho no peito, mesmo dos mais destemidos.

A avó do Morcela era uma mulher sufocada, com angústias ancestrais coladas na garganta. Apavorada com o sismo, dormiu várias noites em casa dele. Das entranhas adormecidas, desenterrou todas as desgraças num exercício de catarse pouco eficaz: atrás dos medos vinham medos, atrás dos sustos outros sustos.

Sentada no estrado da cozinha, cobriu as pernas com o xaile e afrouxou o lenço para que lhe caísse sobre o ombro. No seu estilo dramático, relatou com pormenor a queda da vila da Praia, em tempos antigos. Descreveu, com a voz trémula, a violência do maremoto que devorara as casas dos pescadores junto

ao areal; imitou, com um ronco abafado, o ruído das casas a esboralharem-se como peças de dominó e lamentou a triste sina dos praianos a fugirem para a serra, só com a roupa que levavam no corpo. Concluiu a narrativa com a lágrima no canto do olho, como se tivesse presenciado a cena:

– Era uma dor de alma andar pelas ruas, no meio daquelas pedras e ver toda a intimidade exposta aos olhos do mundo.

Uma verdadeira atriz, sem nunca ter pisado um palco. Com a mesma facilidade com que vertera uma lágrima e transfigurara o rosto num foco de compaixão, mudou de semblante e aliviou a carga telúrica:

– Eh, pequena, não fiques assim. Nunca mais aconteceu um abalo igual àquele. Ó Mariana... não tens aí uma pinga de chá?

– Não tenho chá, mas o café de cevada ainda está quentinho.

– Vem mesmo a calhar. Filomena... vai buscar uns biscoitos... daqueles que tua mãe esconde ali na lata.

Com uma perna cruzada e outra estendida, limpou a ramela no canto do olho e recostou-se. Enquanto molhava o biscoito no café, “Estes dentes já não ajudam nada”, outras histórias se sucederam, qual delas a mais arrepiante. Talvez a da remota erupção, na Ribeira de Fogo. Essa, sim, punha qualquer ser humano a rezar o Acto de Contrição.

O Outono corria calmo quando a boca enorme de um vulcão lançou no ar bolas de fumo e jactos de lava incandescente. De imediato, um mar de brasas despenhou-se pelas encostas, soterrando casas, destruindo matos e terrenos de cultura. Desesperados com a situação, os primeiros habitantes da localidade decidiram enfrentar a catástrofe. Orando em procissão atrás da bandeira do Divino Espírito Santo, conseguiram obter o milagre desejado: a solidificação das lavas e a extinção dos incêndios, à medida que iam sendo cobertos pela bandeira de Paracleto. Só a ribeira se manteve alheia às forças poderosas do Além: durante meses, continuou a escorrer pelo seu leito uma massa avermelhada que se fundiu na memória de todos.

– Estás a ver como fiquei toda arrepiada? Vai buscar mais um biscoito... Queres matar tua avó com fome...?!?

Até então, o Morcela considerara o lar uma fortaleza inexpugnável. Uma volta na fechadura, janelas trancadas e ali se sentia protegido de todos os males. A última coisa que poderia imaginar era ficar soterrado debaixo dos tirantes que haviam presenciado o seu nascimento. Mas todas essas certezas se desmoronaram, repentinamente. As promessas ao Espírito Santo e os terços rezados, com o coração nas mãos, eram a única forma de refrear o medo.

Maio, mês de Maria e das novenas nocturnas, acabara de se iniciar. E o senhor padre Tadeu, sempre bem informado dos insondáveis desígnios de Deus, aproveitou para fazer a sua prédica, de acordo com as circunstâncias:

– Este aviso, meus irmãos, prova que a paciência Divina tem os seus limites. Deus não é vingativo, mas de vez em quando envia-nos pequenos sinais para reflectirmos sobre o nosso comportamento.

No varandim do púlpito, inclinou-se sobre o rebanho com ar sisudo e dedo ameaçador em riste. Dos seus lábios brotaram preceitos revigorantes como óleo de fígado de bacalhau:

– É preciso rezar o terço, todos os dias, à Virgem Santíssima, para que interceda por nós. É preciso viver nas leis da Santa Madre Igreja, para que sejam atendidas as nossas preces. É preciso honrar pai e mãe e os nossos legítimos superiores, para que Deus se compadeça de nós e nos livre das garras do comunismo. *Per omnia saecula, saeculorum. Amen.*

Perante tanta insegurança, a vida da escola dificilmente entrava nos eixos. Qualquer barulho invulgar era suficiente para uma fuga em alvoroço. Certa vez, foi por causa dum estrondo ensurdecedor proveniente de um avião americano em exercícios militares na pacatez dos céus insulares; doutra vez, bastou o Chico, empregado na mercearia instalada na loja do rés-do-chão, cravar uns pregos nos barrotes do sobrado, para se repetir a debandada do costume.

Tremeliques nas pernas e intestinos revoltados eram sintomas bem reveladores da insegurança que minava o Morcela. Com relativa frequência, de mãos fincadas na barriga e todo curvado, pedia ao professor para ir à retrete, dar de corpo.

O espaço do pátio da escola não seria o local mais adequado naquelas circunstâncias: correspondia ao terreno do antigo cemitério da freguesia e tinha ligação à ermida da Misericórdia através da porta da sacristia, colocada ao lado da latrina. Era uma área pequena, cercada por muros altos, com dois plátanos frondosos a sombreá-la. Por ali, já os antigos o diziam, circulavam espíritos e almas penadas.

Numa manhã, entrou a gritar pela porta do pátio, “Ai Jesus, ai Jesus”, e desapareceu pelas escadas em direcção à rua. Instintivamente, todos correram atrás dele num gesto de solidariedade. No meio da praça, cada um botou a sua sentença, exorcizando os fantasmas que lhe moíam o juízo:

- Foi uma feiticeira que lhe chupou o pescoço!
- Foi um lambisão que lhe deu umas palmadas!

– Foi apoquentado por uma alma do outro mundo!

Deitado nos degraus do Império, deslindou o sucedido, depois de ter engolido meio quartilho de água:

– Eu vinha a sair da retrete, de fazer a minha vida, e fui lavar a cara na torneira. Quando levantei a cabeça, olhei para a porta da sacristia e vi o diabo vestido de vermelho, a fumar um cigarro.

No dia seguinte, veio a saber que o diabo era, afinal, o senhor padre Tadeu, paramentado, aguardando a hora de uma cerimónia religiosa. Mas ninguém o convenceu. Se era verdade existirem padres tão santos como os mais puros que povoavam o Céu, outros seriam o diabo em pessoa. Não o vira em toda a dimensão, mas aquela mão sobre o ventre, segurando um cigarro Insular, com filtro, era a mão do diabo. O resto imaginou-o ele: uns pés assentes em dois cascos grossos como os da mula do tio Serafim, um focinho de carneiro com dentes pontiagudos, uns olhos esbugalhados e uns cornos retorcidos a descaírem sobre os ombros.

– Eh, pequeno, não digas semelhante coisa que é pecado – advertiu a avó. Ver o diabo era levá-lo para casa, sentá-lo à mesa com todos. – Temos que benzer este rapaz!

Mais de um mês sem ir à escola, andou ele carregando visões tenebrosas. Circulava pelos quartos sempre de costas viradas para a parede, com receio de ser apunhalado por um fantasma. Um vulto disforme, com os olhos raiados de sangue e um nariz rubicundo afiado como uma choupa de aço, perseguia-o por todo o lado. Procurava aliviar a tensão, falando em voz alta, sozinho. Quando chegava a hora de se deitar, acendia as luzes todas. No corredor, desviava-se da porta do quarto dos pais e das irmãs, entrava na sala e virava à esquerda para entrar no dele. Espreitava debaixo das duas camas e trancava as portadas da janela virada para o caminho. Embora alta, a agilidade do fantasma superava a do Tarzan. O Augusto chegava sempre mais tarde, mas nem a companhia dele o sossegava. No meio de todas estas complicações, reprovou a quarta classe pela primeira vez. O juízo parecia um parafuso a rodar nas bordas de uma rosca comida, numa luta constante com o invisível inimigo.

Nas festas de Agosto, cumprindo um voto familiar, levou um andor na procissão, de parceria com os amigos mais chegados. Botou o seu fatinho novo com calça comprida, ensopou o cabelo de brilhantina e engoliu três colheres de brio másculo. Trajando uma opa vermelha, desfilou sobre tapetes de pétalas de flores e de farelo pintado, passo curto em sintonia com o bombo do mestre Luís Barrote.

Mas a felicidade é como barra de manteiga em focinho de cão. À boca da Canada do Musgo, tia Emília Batatinha atirava um foguete por cada andor que lhe passava em frente da porta. O desastre aconteceu no preciso momento em que o andor do Morcela, enfeitado com lindos ramos de sécias, cruzou a linha de fogo. Saltou uma faísca da brasa para cima do molho poisado na varanda e as roqueiras rastejaram como cobras pelo meio da procissão.

Os rapazes, com o fogo ateadado às canelas, safaram-se como puderam. O Morcela, quando deu por si, estava entre a banda, caído de bruços sobre a tarola do Linguíça, depois de ter marrado no clarinete do tio Manuel Peixe-Rei (cravando-lhe a palheta no céu da boca). Os outros fugiram cada um para o seu canto, escondendo-se atrás das faias que enfeitavam o caminho. O santo, ao tombar no terreiro, ficou com o rosto desfigurado para o resto da eternidade. “Antes ele do que eu”, desabafou com a fala presa, ainda mal recomposto do susto.

Como sempre acontece, formaram-se logo dois partidos. Para uns, a culpa era da canalha, umas flores de estufa que não aguentavam o sopro da mais leve aragem. “Havia de ser comigo... De cima destes braços o santo não caía!”, blasonou o Augusto. Para outros, a culpa era da velha tonta, incapaz de avaliar o perigo dos seus actos. O sacerdote perfilhou esta opinião e, por isso, não importunou os rapazes.

Nos restantes dias da festa, a cena continuou a provocar folgança. No bodo de leite e nas touradas, os remoques do povinho, “Seu malandro, que deixaste cair o andor”, destrambelharam-lhe os nervos por completo. À noite, só sonhava com o santo prometendo vingança: “Hás-de pagá-las, seu safado sem vergonha!”

De dia para dia, foi ficando mais sarongo, com os braços moles como papas. O vulto negro da morte, sem rosto e sem membros, poisava sobre a cama procurando envolvê-lo. Da almofada fez uma espada e lutou com todas as forças. A noite deixara de ser sua amante e transformara-se numa madrastra das mais ingratas, povoada de ratos a correrem por entre os tabiques. E, ainda por cima, a rirem-se dele, das suas fraquezas.

Eram longas as horas de vigília, de ouvido atento a todos os movimentos na rua: o ladrar do cão, respondendo aos insultos dos bêbedos; a passagem da camioneta da Base das Lajes com os empregados saídos do turno ou o ruído das carroças dos lavradores em direcção aos pastos, a partir das quatro horas. Pelo trote do cavalo, reconhecia-os a todos. “O tio Chico já vai atrasado.” Só o reconfortante aconchego da roupa, feito pela mãe quando se levantava, o fazia adormecer na cova do colchão de folha de milho.

A satisfação de ver o despontar da aurora ou o gozo de sentir o ar fresco da manhã, a roçar-lhe o buço, sumiram-se do seu quotidiano. O pior de tudo era não compreender a razão do padecimento que o impedia de ser afoito como os outros. Uma doença estranha, sem dores, febre ou sinais exteriores palpáveis.

Tia Mariana, levada pela sua crença, bateu à porta das divindades mais próximas: rezou uma novena a Nossa Senhora da Conceição e ofereceu um boneco de alfenim a Nossa Senhora das Pêras. Tudo em vão. Cansada de tanto prometer e pagar, sem receber recompensa, optou por outra alternativa.

– Só me resta ir à benzedeira – lamentou-se às comadres, para apalpar o terreno.

– Experimenta. Se não lhe fizer bem, também mal não lhe faz.

8

Medo / Fita imaginária com laços de fogo na ponta / Tatuagem invisível colada ao limbo do desespero – escrevera o André, nos seus delírios poéticos. Para o Morcela, medo era simplesmente medo, despido de qualquer metáfora. Medo de tudo, de todos e até da própria sombra.

Durante o dia, entretinha-se no quintal ou, quando muito, brincava junto ao portão. O resto do tempo passava-o fechado em casa. Construída numa pequena elevação, tinha uma vista desafogada. Sentado no peitoril da janela do quarto-de-despejo, podia ver o movimento nas canadas, distender os olhos sobre os cerrados até se fixar no mar. Ali sentia-se seguro, no meio de objectos e de cheiros familiares. Deixava aberta a porta que fazia ligação à cozinha, para se ligar ao sussurro das vozes. Durante horas, consumia livros de fábulas ou outras histórias que o André lhe emprestava. Mas, às vezes, as páginas tornavam-se negras, tão negras como a sua vida. Lá fora, os colegas divertiam-se com a mesma alegria de sempre. Se algum deles lhe batia à porta, a infelicidade aumentava. Sentia-se vexado perante o ar sadio dos companheiros e o à-vontade com que percorriam os caminhos que ele conhecia de cor. Só acalmava quando o *Leão*, regressado dos pastos, lhe fazia companhia. A uma lambidela no rosto, correspondia com um forte abraço e por ali ficavam numa luta amigável, até à hora da ceia.

– Vem a minha casa que eu faço-te umas sopas fritas com canela e açúcar – assediava-o a avó, com um gesto carinhoso. Nem as guloseimas nem os mimos o retiravam do seu casulo.

Tio Jerónimo, com o intuito de o espevitar, um dia mandou-o vigiar melros na vinha, paredes-meias com o cemitério. Não lhe poderia ter dado maior castigo, pois fugia daquele sítio como o diabo da cruz. O cão parecia entender a aflição do dono e abriu-lhe o caminho a ladrar para todos os cantos. Mal entrou a cancela, afugentou os espíritos com uns urros descontrolados, deu umas pancadas na lata de folha e escapou-se num passo estugado, sem olhar para trás. Os melros que comessem as uvas todas, porque ele lá não voltaria.

Com o toque das Trindades, trancava-se em casa. A noite era um mistério que só podia ser desvendado pelos mais crescidos e corajosos. A cada esquina espreitavam sombras e sons indecifráveis. Histórias tenebrosas passadas com familiares, “Juro pela minha rica salvação que é verdade”, aturdiam-no ainda mais. Andar de noite pela rua, mesmo na companhia dos mais velhos, era um penar. Agarrado ao braço da mãe, fechava os olhos quando sentia algum movimento estranho. “O que foi?” “Não é nada... é o vento a bater nas árvores”. Nunca fiando. O perigo podia vir encarnado num lobisomem, numa feiticeira ou numa alma do outro mundo.

O Velho da Lepra era um dos papões mais temidos. De acordo com o relato da avó, vivia escondido na ribeira, numa gruta profunda, donde saía à noite com uma saca de lona às costas, percorrendo as canadas à procura de crianças. As que encontrasse sozinhas, vagueando pelo escuro, eram metidas dentro do saco e levadas para as profundezas do covil. O sangue e a carne infantis robusteciam-lhe o corpo apumado como uma araucária. Com a força de um gigante, derrubava árvores nas escarpas da ribeira, juntava montinhos de achas e dispunha-as em carreiro para iluminar os banquetes nocturnos. Desde tempos imemoriais, só um homem tentara aproximar-se do seu reduto e enfrentá-lo. Mas pagara bem caro o atrevimento.

– Ele cortou-lhe os pés para mostrar que não devemos andar por caminhos que não nos pertencem; arrancou-lhe os olhos para servir de exemplo aos curiosos – conclusão sabiamente expressa pela avó Zabelinha.

A lenda transformou-se em realidade e o pesadelo acompanhou-o, com frequência, nos sonhos agitados.

Um dia, ao entardecer, apareceu um ancião no cimo do Cruzeiro. Quando o viu, lá longe, fechou-se de imediato na cozinha. Pelo sim, pelo não, era melhor prevenir-se. Presumiu ser o Velho da Lepra, saído mais cedo do esconderijo.

Na manhã seguinte, confirmou tratar-se de uma pobre criatura que percorria a ilha a pedir esmola. Ficou vexado com a fraqueza do juízo e ralhou

consigo próprio por não conseguir vencer medos tão pueris. Não havia figura mais triste do que ver no espelho o reflexo da sua impotência. Aquele não era o rosto do rapaz que antes conhecera, o malabarista que fazia da vida um brinquedo. E Gabriela? O que iria pensar da sua covardia?

Na volta seguinte, já não estranhou a presença do velho, de nome João e oriundo de São Mateus. Se numas freguesias havia quem lhe disponibilizasse uma enxerga, noutras descansava os rins num palheiro, embrulhado numa manta.

Era pequeno e franzino, com um olhar esgazeado e suspenso sobre as rugas. Pelo traje, parecia um palhaço pobre do circo: calças de cotim remendadas a várias cores, boné engravado até às orelhas, uma enorme saca de retalhos ao ombro e um bordão encontreiro. O colete preto e a corrente de prata a segurar um relógio de bolso destoavam do resto da indumentária.

Batia à porta com a ponta do bordão, “Senhora Mariquinhas, dá guarida a este servo?”, e entrava direitinho para a cozinha. O primeiro gesto era para as crianças, quando as havia, oferecendo rebuçados ou chocolates, completamente esmigalhados. Depois, atirava para cima da mesa as suas vidualhas: uma latinha com folhas de chá preto, biscoitos, marmelada e um pedaço de queijo-de-peso. Não exigia mais do que água quente para o chá. Se lhe ofereciam uma sopinha ou um bocado de conduto, redobrava os agradecimentos.

Antes das refeições, cumpria um ritual de pé e com os braços erguidos: um Pai-Nosso pelas vítimas do avião que caíra na serra de Santa Bárbara, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria pelos defuntos da casa e outro tanto pelas crianças, para que fossem felizes. Comia apressado, de cabeça no ar, a olhar os tirantes da cozinha, ausente do mundo e de si próprio. No fim, metia tudo na saca, “Seja pelas alminhas do Purgatório”, e continuava o seu caminho.

Por vezes, solicitava serviços extraordinários com uma candura de gestos que inibiam qualquer recusa:

– Passa-me isto por água fresca, minha santa, que eu levanto na próxima volta (camisas, ceroulas ou lenços de mão).

Uma tarde, apareceu em casa do Morcela com as calças esgaçadas e os miolos revirados do avesso. Nesses momentos transfigurava-se por completo. Parecia que tinha o diabo no corpo, dizia a avó Zabelinha. Desapertou a braguilha, afrouxou o cinto de espadana e virou-se para tia Mariana:

– Vais-me coser estas calças num instante. Já estou um bocado atrasado.

A pobre, assustada com o desaforo, insistiu que as cosia no corpo.

– Só se cose roupa no corpo dos defuntos. Eu estou vivo e bem vivo.

Respondeu-lhe que faria a reza adequada, “Eu te coso vivo e não morto”, mas ele não foi em cantigas: despiu as calças e passeou-se desbragado, em ceroulas, rezando pelas almas. E ela não teve outro remédio senão atamancar-lhe o serviço, ansiosa para que não entrasse alguma vizinha e visse o homem naqueles preparos. As raparigas coraram de vergonha e fecharam-se no quarto, a rir.

A relação de simpatia entre o Morcela e o Velho João foi imediata. O seu coração condoeu-se quando o viu jogar o pião, sozinho, no quintal. Do bolso da jaqueta larga, retirou um bonito exemplar em madeira de buxo e fez-lhe companhia. “Parecem dois pequenos da mesma idade”, estranhou tia Mariana, sem se aperceber da função terapêutica daquele convívio. Graças ao Velho João, o Morcela começou a reconquistar a rua: do quintal saltaram para a canada e desta para a praça. Esses foram os primeiros passos, embora tímidos, para vencer a maleita. Voltou a sentir o prazer de ser admirado, exibindo todo vaidoso as habilidades que o amigo lhe ensinara. Enrolava a fieira no pião, atirava-o ao ar, aparava-o na palma da mão e encostava-o ao ouvido dos colegas para captarem o zunido fininho.

No meio da praça, o Velho João fazia-lhes companhia, mas batia o pé e amuava sempre que um bico certo atingia o casqueleto do seu pião. Um verdadeiro camarada para uns, um empecilho para outros. O Carroça, no meio duma desavença, atirou-lhe à cara uma frase que deve ter feito desabrochar algum trauma escondido: “Casa-te, que ainda és novo!” Sempre que repetiam o insulto, o velho perdia as estribeiras. Corria atrás deles com o bordão no ar, proferindo frases desconexas. A expressão galgou as fronteiras da freguesia e aquela alma de Deus ficou enraivecida como um touro asseidiado. Acabaram por interná-lo em São Rafael e ali permaneceu o resto dos seus dias, na companhia do pião da sua infância.

Pela mesma altura, apareceu outro velho, natural das Cinco Ribeiras. De estatura alta e bem entroncado, usava uma barba grisalha, de poucos dias, a despontar no rosto bronzeado. Cobria as longas cãs com um boné, tipo inglês, e aquecia-se num largo sobretudo, entre o castanho e o sujo. Nos pés, umas botas pretas, bicudas, com longos atacadores desapertados. Parava com frequência para respirar fundo, ajeitando a saca pendurada no ombro. Apoiado no bordão, erguia a cabeça e os olhos azuis perdiam-se no firmamento. Uma imitação perfeita de um profeta saído das páginas da Bíblia. Tal como o Velho João, percorria todas as estações da mesma via-sacra em redor da ilha.

O grupo do Morcela tinha por ele uma grande estima, que era retribuída com a mesma medida. Mal despontava a silhueta em cima do Cruzeiro, “Lá vem o Velho das Cinco!”, corriam para ele como quem recebe um avô velhinho. Um sorriso perdigueiro nos lábios, um afago na cabeça de todos e o rosto carregado de tristeza remoçava uma dezena de anos. Há muito que não saboreava o calor de um abraço ou a frescura de uma pele sedosa. Restavam-lhe, apenas, memórias de um passado doloroso, amenizado nos pequenos gestos com que repartia a ternura pelos netos perfilhados em toda a ilha.

À sombra das caneiras na beira da estrada, entre uma dentada de pão e um golo de água, as histórias sucediam-se repletas de aventuras e desventuras. Foi com ele que o Morcela aprendeu a topografia da ilha, riscando no areúscio das valetas a sequência das freguesias com informações complementares: igrejas, ermidas, escolas e casas de gente rica. Incluía outros pormenores na narrativa como, por exemplo, os cães mais ruins que topava pelo caminho, os bois mais possantes ou as árvores de maior envergadura. Se o Velho das Cinco fosse professor, há muito que o Morcela teria obtido o diploma. Os ensinamentos escorriam como azeite, sem o molesto da menina-de-cinco-olhos.

– O senhor não tem família?

Não há mágoa mais profunda do que recordar, na miséria, os momentos felizes de outrora. Só foi possível reconstituir-lhe a vida, ligando pequenas frases soltas e murmúrios. Passara uma infância feliz no seio duma família remediada até ao casamento, altura em que o azar lhe rondou a porta. A doença ruim da mulher obrigara-o a gastar o que tinha e o que não tinha, nas farmácias, nos médicos e nos curandeiros, sem conseguir matar o bicho que a minava. Quando enviuvou, restava-lhe apenas a casa em que vivia. Desfez-se dela, para pagar as dívidas, e entregou-se à caridade alheia. Apesar de todas as contrariedades, que o impediram de concretizar os sonhos, encarava com optimismo os dias que lhe sobravam.

O seu estilo de vida, nómada e solitário, causava muitas angústias aos rapazes. Como era possível um velho indefeso andar sozinho pela noite dentro? Quando lhe falaram em feiticeiras, riu-se e perguntou:

– Quantas já viste?

– Não vi nenhuma, mas sei que elas andam de noite por esses caminhos. Juntam-se em grupos, cantam, dançam e fazem mal às pessoas. Já ouvi dizer que elas até chupam o pescoço às crianças – respondeu o Linguíça.

– Olha... toda a vida andei de noite e nunca tropecei em semelhantes criaturas. Isso é crença dos antigos. Fica ciente duma coisa: se não tiveres medo, nunca serás incomodado.

– Mas meu pai – confidenciou o Morcela – já foi apoquentado por um lambisção que estava metido dentro de um bezerro. Numa noite quando ia para casa, o animal começou a correr atrás dele, com os pés a fazerem faíscas de lume, e nunca mais o largou. O bezerro ficou da banda de fora da porta a rapar com os pés no chão, como se fosse uma pessoa a pedir ajuda. Minha avó bem queria que meu pai o sangrasse, para acabar com o padecimento do lambisção, mas ele meteu-se foi na cama, assustado.

O velho sorriu com a história, semelhante a dezenas de outras. Cogitou que o mais certo era Jerónimo do Poço, entorpecido pelos vapores da carraspana, ter visto um lobisomem num simples vitelo tresmalhado.

– Eu não vou dizer que é mentira, porque debes acreditar nas palavras de teu pai. Daqui a uns anos, hás-de perceber que nem tudo se passou como eles dizem. A nossa imaginação é muito forte e as coisas parecem acontecer quando temos medo.

“As coisas parecem acontecer” – uma filosofia que ultrapassava os limites da compreensão mais imediata. Naquela idade, entre o preto e o branco não havia lugar para o cinzento. Todavia, a calma e a persuasão das suas palavras transmitiam uma profunda confiança. Era a única pessoa que não atormentava o Morcela com histórias de arrepiar os cabelos. O sentido da frase, “O medo só existe na cabeça das pessoas”, foi aos poucos sendo assimilado.

Na hora da despedida, a tristeza e a saudade invadiam o coração até à volta seguinte. Que vontade de seguir viagem com ele e conhecer o resto da ilha. No peito do Morcela cresceu uma enorme certeza: quando fosse grande, haveria de ser como ele – livre, livre, livre – e iria encontrar forças para enfrentar todas as feiticeiras e todos os Velhos da Lepra deste mundo.

Para reforçar a sua determinação, nunca esqueceu os conselhos do Alfredo: “Não faças caso da conversa de tua avó. As pernas fizeram-se para andar, mesmo por caminhos que não nos pertencem; os olhos fizeram-se para ver, principalmente aquilo que os outros não querem.”

Um rádio é para ser ouvido... e quanto mais alto melhor. Com as janelas abertas, o som espalhava-se pela canada, repartindo a felicidade de Filomena e Amélia. Passada a primeira fase do exibicionismo, acabou por ser colocado na cozinha, o único espaço vivido na casa.

Não levou muito tempo para Amélia se convencer que era fadista. Com uma voz de cana rachada, abria as goelas logo pela manhã, enquanto esfregava a roupa na pia. O programa de fados da artista Maria Pereira, de propaganda às tintas *Robbialac*, era o seu preferido. *Quem canta, seus males espanta* e ela enfeitava-os com a música do anúncio publicitário:

Pinta, pinta, com a tinta Robbialac
É a tinta que mais pinta, que mais dura.
Quem não pinta com a tinta Robbialac
Pinta, pinta, p'ra borrar sempre a pintura.

“Credo, pequena, controla-te! A gritar dessa maneira ainda não-de pensar que morreu alguém cá em casa”, barafustava a mãe. Mas ela não se continha e despejava toda a alegria como um canário nos primeiros trinos.

A meio da tarde, a melancolia tomava conta dela. Tudo por culpa de Amália Rodrigues. As letras carregadas de sentimento trágico tocavam-lhe fundo no coração, bem como as de um amor ardente que nunca lhe batera à porta. Dois profundos suspiros... e a lágrima pendurava-se no canto do olho.

Filomena era completamente diferente. Apreciadora de todo o tipo de música, inclusive a estrangeira, prestava muita atenção aos noticiários e ouvia todos os programas formativos. Aproveitou para corrigir a sua pronúncia, repetindo as palavras com a tonalidade cidadina.

O interesse do Augusto não ia além do futebol, mas qualquer análise era passada pelo crivo da sua crítica, reduzindo a opinião alheia a um monte de baboseiras. Saíra à banda da mãe, nos traços físicos e psicológicos. A tez bastante escura e os cabelos quase encarapinhados denunciavam mistura de sangue negro, uma herança genética que o marcou toda a vida. Explodia quando lhe chamavam farrusco, descendente de um escravo da Guiné. Compensava este e outros desgostos exibindo um ar de mandão, senhor da última palavra e da verdade absoluta. Mantinha com os amigos uma relação muito competitiva, sobrevalorizando as suas habilidades: ninguém ordenhava vacas melhor do que ele, nem abria regos de milho com tanta ciência. “Comeu muito queijo de cabra em pequenino”, dizia o irmão. Por isso ficara com aquele ar de bode, insolente, sempre pronto a enfiar o corno no parceiro que lhe atravancasse o caminho.

Tio Jerónimo e o Morcela faziam parceria com Filomena no gosto pelas notícias. Nas conversas nocturnas depois da ceia, era ela quem dava o mote para a longa cavaqueira. Bem arrependido ficara por não ter seguido o con-

selho do amigo Cardoso: “Não se amarra as pernas a quem gosta de andar”. Venceram as resistências ancestrais: mais valia comprar um alqueire de terra do que gastar dinheiro nos estudos. Paciência!... Uma burrice a juntar a tantas outras.

De forma insensível, tia Mariana foi perdendo o estatuto de figura central dos serões familiares, reproduzindo longas histórias de um património cultural e afectivo. As ondas hertzianas haviam furado o bloqueio e criado alguma instabilidade: pela sua cozinha começaram a passear outras personagens, com seus usos e costumes, desejos e opiniões díspares. Por esse motivo, criara alguma rejeição ao aparelho. “Só gosto das modas regionais. O resto... não me interessa. Já tenho coisas que cheguem para me consumir.”

Dum momento para o outro, quebrou-se o monopólio da informação. O presidente da Junta deixou de ser o mensageiro das novidades que, de vez em quando, sacudiam o marasmo local. Quando recebia o diário da manhã, trazido pela camioneta das nove, já o Morcela havia espalhado o conteúdo dos grandes títulos. O anúncio do assalto ao *Santa Maria* foi dado por ele, em primeira-mão, na tenda do sapateiro.

– Mas o que é o *Santa Maria*?

– Pelo que ouvi no rádio, é um vapor, o maior que Portugal tem e um dos maiores do mundo.

– Mas porque será que assaltaram, sem mais nem menos, um vapor desses? – voltou a questionar mestre Manuel.

Antes que se explicasse, tio José Carrapito antecipou-se, espantado com tanta ignorância:

– Porque é que o assaltaram? Eh, homem, que pergunta tola. Já viste o que é um barco daquele tamanho carregadinho de gente cheia de dólares, cordões de ouro, pulseiras, brincos e relógios de pulso? Esses ladrões devem ser como os piratas de antigamente. Meia dúzia de homens bem armados toma conta do barco sem custar nada: um intromete-se no camarote do comandante e prende-o para ele não falar para banda nenhuma, outro toma conta do leme e os restantes enchem as sacas como quem anda a pedir para o Bodo. Depois, aproximam o barco da costa, botam uma lancha ao mar e ala bote para terra. Com o produto dividido em quinhões, cada um trata de si e não precisam de trabalhar mais.

Estupefacto com a imaginação delirante de tio José Carrapito, o Morcela nem teve hipótese de resumir a notícia captada na emissão radiofónica. Essa

tarefa coube ao presidente. Entrou pela tenda todo esbaforido, com o jornal na mão, a espumar de raiva:

– O assalto ao *Santa Maria* é obra dos comunistas, para fazer pouco de Salazar. Prestem atenção que já vão ver.

Afastou bruscamente um rapaz sentado no banco da máquina de coser e puxou as calças para não forçar as joelheiras puidinhas. Desdobrou o jornal e ajustou os malfadados óculos, uma aquisição a que se vira obrigado, após o desaire do seu discurso na inauguração da luz eléctrica. Mas o nariz de papagaio não permitia um encaixe equilibrado, de tal forma que os óculos lhe subiam até ao meio da testa. A figura ridícula não escapou à malícia do Alfredo: “Ele usa os óculos daquela maneira para as lentes lhe aumentarem as ideias.”

Com a ponta do dedo correu as letras do editorial:

O assalto ao paquete Santa Maria, levado a efeito por um grupo de terroristas chefiados por Henrique Galvão, provocou na população de Angra uma verdadeira onda de protesto.

Bandidos! – é o termo que aflora à boca de todos. Indivíduos que perderam tudo quanto pode enobrecer o homem, chefiados por um português de nascimento, mas renegado de alma e coração, a quem o ápodo de traidor é muito benévolo para o classificar.

Henrique Galvão! Este nome passará à história como o tipo de pirata da pior espécie.

– Eu não disse que eram piratas? Eles querem é dinheirinho... – interrompeu tio José todo satisfeito, ao ver corroborada a sua tese.

– Não se intrometa. Ainda não acabei.

Tio José não conseguiu disfarçar a afronta. Aquela amostra de presidente, com ar de galinho da Madeira, estava a precisar que lhe preparassem a panela para uma bela canja, conjecturou para consigo.

A indignação internacional é manifesta. Basta ouvir os comentários de diversas emissoras estrangeiras. Mas não nos admiremos. A escola de Cuba frutifica e todos os da laia de Galvão se julgam com força suficiente para enfrentar possíveis inimigos, já que Fidel de Castro saqueou, confiscou e matou sem que os grandes deste mundo lhe dessem imediato correctivo.

– Está aqui tudo claro como água.

Uma água um pouco turva para mentes acomodadas na sua indolência. Para quê tanto desassossego, tanta politiquice, só por causa dum barco assaltado?

– O que é que esse Fidel tem a ver com isso? – interpelou tio José.

– O Fidel é o chefe dos comunistas em todo o mundo. Sem sair do seu palácio, pega no telefone e dá ordens para toda a banda. E aí daquele que não cumpra.

– Isso é uma salganhada doida. Eu cá não percebi nada – desabafou mestre Manuel.

– Não é preciso perceber tudo para se acreditar.

– A gente acredita é na doutrina da Igreja.

– Da Igreja e da política, porque os nossos governantes são homens sérios.

– São capazes de ser, mas eu nunca os vi mais gordos.

– Tu também és desses? Pois fica sabendo que isto é obra dos comunistas.

Querem botar Salazar fora do Governo, mas não-de morrer todos afogados num poço – e saiu com jeito de quem ia continuar a cruzada.

– Este homem leva tudo muito a peito. Qualquer dia dá-lhe um abafão – atalhou tio José, enquanto picava tabaco para o cigarro de folha de milho.

– Com este empenho, Salazar ainda o vai chamar para chefe dos cantoneiros, lá em Lisboa – acrescentou mestre Manuel, com ar zombeteiro.

– Estás a brincar, mas ele uma vez disse-me que havia de subir as escadas da Câmara.

– Só se for para moço de recados.

A gargalhada geral assustou tio José: – O melhor é parar com a conversa, porque as paredes têm ouvidos.

O presidente da Junta exercia muito a sério o seu apostolado. A ambição levava-o a exorbitar o zelo controlador da consciência de cada um. Filho de gente humilde, passara algumas dificuldades na infância, numa família onde o conduto nem sempre abundava. Quando botou corpo para o trabalho, andou a ganhar o dia a cavar terra alheia, com uma revolta interior a ferver no cabo da enxada. Esgratou pela vida, dando bicadas no parceiro para sair da base da pirâmide social onde aterrara. Como o pai era amigo do doutor Ávila, este arranjou-lhe um lugar de cantoneiro, a que se seguiu uma promoção imediata ao posto de chefe. E lá se foi o pobre do tio Dames para casa com as divisas de cabo, no bolso. “ Ó ti’ Dames/Comes papas ou inhames?” Nem uma coisa nem outra. Morreu seco como um peixe escalado, com o desgosto atravessado na garganta.

Chefe dos cantoneiros não era emprego de prestígio, mas pelo menos tinha salário certo. A subserviência em relação aos superiores e a arrogância

face aos subordinados facilitaram a ascensão. Era uma carreira adequada ao seu temperamento de manda-chuva. Passava o tempo a ralar com eles por não terem limpo as valetas a preceito ou conversarem na hora do trabalho.

Através do casamento, conseguiu voar além do ninho. Com dinheiro do sogro, montou uma mercearia na loja da casa. Durante vários dias, deu ordens a um dos cantoneiros para abandonar mais cedo o serviço e dar-lhe uma ajuda a montar as prateleiras, até altas horas da noite, sem qualquer recompensa.

A mulher, bastante desembaraçada, passou a gerir o negócio, mas ele desconfiava do seu coração mole. Quando os fiados transpunham os limites considerados razoáveis, intervinha de forma drástica: “A partir de agora, não levas mais nada enquanto não pagares o que deves. Se não tens dinheiro para o conduto, come pão seco que eu também comi muito.”

Havia comido, mas já esquecera o tormento de quem trinca uma côdea ao cheiro da morcela frita no prato do vizinho. Com a sua intransigência, vários fregueses procuraram noutras mercearias a solidariedade nas horas difíceis. Uma atitude que o Alfredo não deixou passar em branco: “Vai à missa bater com a mão no peito, mas não é capaz de matar a fome a um desgraçado. Só mata a sede porque a água é de graça.” Mas ele pouco se ralou com as críticas. Se a caridade se expusesse à porta da venda, as prateleiras estavam vazias e dinheiro... por um canudo. Ninguém descia à campa rasa com a barriga encostada às costas, mas a miséria encoberta reflectia-se nalguns corpos escanzelados que se arrastavam pelas ruas como almas penadas.

O assalto ao *Santa Maria* surgiu como um bom pretexto para exhibir o peso da sua autoridade. Correu todas as capelinhas a espalhar a notícia, assustadora como uma nuvem negra. Nessa tarde, um vapor proveniente das bandas do Norte aproximou-se lentamente da costa. Só podia ser o *Santa Maria*. “De certeza que foram os americanos que o obrigaram a vir para aqui. Se não fossem eles, os comunistas já tinham virado isto tudo do avesso”, sentenciou.

Em cima da rocha, dezenas de rostos estarecidos acompanharam o monstro a rasgar as ondas, em direcção à Praia. Mal o barco dobrou a ponta da Caldeira, regressaram a casa apressados, com o nervoso miudinho a picar os calcanhares. As mães cercaram os filhos e trancaram as portas, não fosse algum pirata escapar-se. Durante a noite, gastaram os dedos nas contas do rosário, pedindo à Virgem que os livrasse das garras do comunismo.

Tio Jerónimo, almariado com o acontecimento, adormeceu exausto sobre os folhos da coberta do rádio. Na manhã seguinte, deu ordens ao Augusto

para ordenhar as vacas sozinho e partiu para a cidade. Enquanto aguardava a camioneta das nove, um pouco afastado do pequeno grupo que rodeava o presidente, ouviu as últimas:

O facto de se encontrarem comunistas espanhóis a bordo do Santa Maria, não constitui surpresa para os leitores e para a opinião pública internacional que dela tomou conhecimento. Na farsa patética que construiu, Galvão enganou-se em tudo, menos nos companheiros que escolheu. Com efeito, não podia ter arregimentado melhores mercenários do que os comunistas porque só eles se prestavam a receber como salário o direito de matar tripulações indefesas.

– Eu por mim não tenho dúvidas: eles são capazes de tudo. Andam por aí alguns a bater palmas pela calada, mas não-de morrer afogados no fundo dum poço – e projectou um olhar de viés a tio Jerónimo.

O velho Carrapito, irritado com o espanto do presidente, lançou-lhe uma casca de banana:

– Explica lá por palavras nossas isso tudo que acabaste de ler.

– Ah... vocês não perceberam?... Cambada de ignorantes! Com gente assim como é que este país há-de avançar!?!

Tio José abriu a beija num sorriso vencedor e prosseguiu o seu caminho: “Somos tanto ignorantes como tu, que não percebes nada do que diz o jornal. O que te vale é teres as costas bem protegidas”, protestou entre dentes.

E tinha. Nessa mesma semana, o doutor Ávila achou por bem dar mais dignidade ao representante do cargo e colocou-o na Câmara, como funcionário dos serviços das águas.

Mal Jerónimo do Poço pôs os pés na camioneta, o presidente da Junta entrou no posto público. Telefonou para Angra e houve quem ouvisse parte da conversa: “A encomenda seguiu agora para baixo.” E o doutor Ávila solicitou a intervenção de um funcionário da PIDE para lhe controlar os passos.

No quatinho do fundo da loja do amigo Cardoso, imaginaram mil e um cenários. Mas a ditadura parecia uma fortaleza de cimento armado, resistindo a todos os bombardeamentos. O garrote apertava cada vez mais, um sufoco bem pior que os cem por cento de humidade marcados no higrómetro.

O peso dessa pressão atmosférica e psicológica era notório no rosto de tio Jerónimo. Com finura de espírito, o senhor Cardoso deu-lhe a volta, contando a história do seu cão, um rafeiro pequenino e escanzelado, encontrado na rua.

– Tive pena do animal, levei-o comigo para casa, mas o malandro era

sorrateiro e mordia nas canelas pela calada. Lembrei-me do Salazar e baptizei-o, logo. Quando saí da prisão, o tenente veio ter comigo, disse-me para ter juízo, se não quisesse voltar para a choldra, e avisou-me: *A primeira coisa que deves fazer é mudar o nome ao cão ou livrares-te dele.* Ao entrar em casa, o bicho atirou-se a mim e fez-me tantas festas como se fosse uma pessoa de família. Fiquei a olhar para ele e decidi que não o abandonava.

Por essa altura, o senhor Cardoso tinha também um gato que penava os olhos da cara com o perro. Mal punha as patas no quintal, era logo escorraçado. “Estás mesmo com azar.” Daí em diante, o cão passou a chamar-se *Sal* e o gato *Azar*.

– O pobre do animal começou a olhar para mim muito triste, sem perceber o que acontecera. A identidade dele e a nossa estão reduzidas a metade, mas isto não vai durar muito.

A ideia de lhes pôr aqueles nomes surgiu na sequência de umas brincadeiras levadas a cabo ainda antes de ser preso. Entretinha-se a reproduzir pequenos panfletos e distribuía-os pelas caixas do correio, a altas horas da noite. O primeiro, “Sabonetes fascistas não lavam a cabeça ao povo”, foi recebido com indiferença; o segundo já causou algum incómodo:

Agência funerária SAL & AZAR, L.da
Faça já a sua reserva. A vida está por um fio.

– Tive sorte em nunca me apanharem nestas maluqueiras.

Tio Jerónimo escarolou-se a rir com as peripécias do amigo e regressou a casa mais aliviado. Por mero acaso, ou talvez não, o presidente estava de sentinela.

– Então...esse tempo lá por baixo? Foi um tal trovejar toda a tarde...

– Nem por isso... Na Praça Velha, fazia sol de rachar; no Alto das Covas, chovia a potes.

– Não brinques comigo! Conheço bem a tua falta de patriotismo.

Com a praça deserta, Jerónimo do Poço teve um arrepio. Que bem lhe sabia apertar o pescoço ao bufo ou puxar-lhe as orelhas de abanico que sobresaiam na cabeça pequenina. Limitou-se a descarregar a indignação com a ironia habitual:

– Pois fica sabendo que não há ninguém mais patriota do que eu: coração verde, alma vermelha e esta cara amarela a morrer de susto. O que aqui vês, à tua frente, é a bandeira nacional.

O presidente agarrou no telefone e completou o relatório com minúcia. O zelo excessivo mereceu um comentário do doutor Ávila:

– Não precisas dar tanto nas vistas. Descansa que o fogo não pega nessa ribeira. Ouves, informas e calas-te.

Tia Mariana andara todo o dia intrigada com a visita repentina à cidade. Não acreditou na resposta de que tinha ido tratar da venda de uns bezerros e atacou de forma mordaz:

– Vais vendê-los para a Rússia?

Sem paciência para sofrer “o raio da mulher estuporada”, meteu-se na loja a rezingar. Sempre que penteava a memória, os olhos de Inês, uma paixão da juventude, caíam-lhe no colo. Desprovida de bens materiais, era, contudo, bem mais meiga e compreensiva. Estava farto de arrogância e azedume. Idealizara uma vida harmoniosa, numa relação em que a presença paterna não fosse subalternizada, mas o destino não o consentiu.

A amargura aumentou quando percebeu que os filhos haviam descoberto o seu ponto fraco. Não lhe faltavam ao respeito nem lhe desobedeciam, apenas constataram que o pai não era o galo da capoeira. Disfarçava a débil autoridade pela distância ou pelo silêncio. Homem de poucas palavras, os olhos eram o espelho da sua alma, ora brilhantes ora embaciados. Um diálogo a que os filhos se foram habituando, sem grandes gestos de violência ou de carinho. O gelo só se derretia num abraço ou num beijo molhado, quando bebia além da conta. Mas nessa altura todos se riam dos seus sentimentos.

Sem temperamento para alterar o rumo da embarcação, abafou as mágoas sentado na loja, emborcando copos de vinho. Assumiu, então, o seu domínio, falando sozinho e inventando diálogos. Despejou toda a raiva que lhe circulava nas veias, dando ordens e murros contra a parede. Aliviada a tensão, enfiou-se na cama e dormiu o sono dos justos. Em pouco tempo, os pingos de lava voltariam a encher o vulcão.

10

Era *Dia de São Vapor*, na linguagem dos angrenses, porque este santo não fazia parte do calendário da Ribeira de Fogo. Só os olhos do Morcela o perseguiram a rasgar as ondas e na sua imaginação o visitava.

– Como é que aquela gente toda se acomoda ali dentro? – perguntou a tio José Carrapito.

– Eles dormem em quatinhos pequeninos, em que uma pessoa mal se pode mexer. E as camas são como aquelas dos presos da cadeia, em cima umas das outras.

E foi numa jaula flutuante que João Caracol, Conceição e a filha, Lucy, regressaram à ilha. E foi com falta de ar e o estômago caldeado da viagem que se debruçaram na amurada. João levou alguns minutos a apreciar o Monte Brasil, sentinela da cidade. Apresentava-se mais soberbo, coberto de uma verdura luxuriante. À primeira vista, a cidade pouco crescera e a Memória lá estava suspensa como um farol. Nela – “A nossa Estátua da Liberdade”, como dizia o professor Noronha – deixara o coração ancorado, na partida.

Mal pôs os pés na lancha, colou os olhos na multidão apinhada no cais da alfândega. Por uns momentos, ainda pensou que a freguesia estava ali em peso, à sua espera. Pura ilusão. A maior parte daquela gente não esperava ninguém ou esperava-se a si própria. Ali acorria, para se ligar ao mundo, para se irmanar na alegria dos que chegavam de cabeça arejada. Com a força do hábito, acabava por viajar, repetindo comentários ouvidos: “A Torre de Belém é a coisa mais linda do nosso país. O Estádio da Luz mete o de Alvalade numa algibeira.”

Nesse dia, o Morcela voltou a ver o governador civil. Desembarcou na primeira lancha, na companhia de pessoas engravatadas. Muito aplaudido, muito cumprimentado por um batalhão de funcionários públicos, dispensados do serviço para o receberem sob a liderança do doutor Ávila. Era o amor e o respeito pelos nossos governantes a esbanjar-se a rodos pelo cais. Havia ido a Lisboa tratar de assuntos decisivos para o desenvolvimento da terra. Na pasta levava uma série de projectos; nos ouvidos trazia uma série de promessas, como tantas outras esquecidas nas gavetas ministeriais. Mas não desistia de pedinchar uma migalha que fosse. Uma ilha teimosa que se achava com direito a ter um hospital, um Palácio da Justiça, um liceu novo, luz e água canalizada. E assim andava ele, cá e lá, com o mesmo fatinho a roçar-se no portaló do *Carvalho Araújo*. O mesmo fato com que o vira na Ribeira de Fogo, mas outro sorriso: o sorriso de quem acabara de levar um banho de civilização.

– Ah, meu rico filho! Pensava que nunca mais te via!

Os gritos ecoaram pela rocha do Cantagalo e as lágrimas diluíram-se nas ondas da baía. Uma baía habituada a ver partir os filhos da terra, com sonhos e esperanças a pulsar no peito constrangido. Em breves instantes, refizeram os laços desatados pelo infortúnio e afogaram as saudades num beijo profundo que enche a alma inconformada.

Apinhados de malas, os carros de praça partiram ronceiros pela estrada do mato. João Caracol, apegado à mãe no banco de trás, deixou a vista espriar-se. Terrenos, outrora baldios, haviam sido revirados até ao cimo dos cabeços pela força dos tractores e transformados em pastagens viçosas. Pastos, cada vez mais pastos e vacas. Que era feito das terras de sementeira?

No alto do Cerro, o carro parou por uns instantes. Apeou-se, agarrou um punhado de terra e acariciou-a entre as mãos como se fosse uma relíquia sagrada. Aos seus pés, estendia-se a encosta das ladeiras, com as sebes dos pomares alinhadas, o casario, o campanário e as canadas a convergir na praça. Com a lágrima a rolar pela cara, desabafou:

– Daqui ninguém me tira.

Tio Jerónimo prosseguiu viagem. Fazia questão de chegar primeiro, para lançar os foguetes encomendados por João Caracol.

Compra-me uns foguetes de lágrimas para atirar no dia em que eu chegar que é para me lembrar das que chorei estes anos todos que estive aqui na América.

Cumpriu a promessa e entregou-lhe, à entrada do portão, a chave do seu novo lar, cujas obras havia dirigido.

– Nosso Senhor te dê saúde para o gozares por muitos anos.

Um enorme rebuliço espalhou-se por toda a Ribeira. Nas primeiras semanas, a família de João Caracol andou num lufa-lufa com as arrumações e os cumprimentos dos vizinhos. Uns por amizade sincera, outros apenas por interesse, entraram com embrulhos de papel fino; à saída, carregavam saquinhos de papel pardo, a cheirar a outro mundo da banda de lá do mar. Todos receberam uma lembrancinha, de acordo com os sentimentos ou a retribuição de favores.

– Estás a ver a consideração que ele tem por mim? Gastei massame de dinheiro, a comprar um quilo de açúcar e uma garrafa de vinho abafado, para receber em troca estas peúgas e estas meias de vidro. É bem feito! Quem me manda ser tola?

A família do Morcela, por amizade do berço, mereceu toda a consideração. Os dois rapazes fizeram sucesso com umas camisas vermelhas bordadas a fio prateado, um cinto de *cáboia* e um canivete com uma corrente para pendurar na alheta das calças. Tio Jerónimo foi obsequiado com uns *alvarozes*³

³ Overalls – calças de ganga com peitilho

confortáveis para andar nos pastos, um boné, uma *suera*⁴ de lã e uma miniatura da Estátua da Liberdade. As raparigas ficaram prezadas com uns vestidos enramados, “coisa de luxo, própria de meninas da cidade”, uma mala e um par de óculos escuros, com brilhantes nas cangalhas. Tia Mariana recebeu uma camisa de dormir (em *nylon* cor-de-rosa, com rendas e folhos) e umas jardas de tecido *polyester*. “Que rica fazenda! Hei-de amanhar uns vestidos para as festas.” A camisa nunca a usou. Não estava habituada nem queria sentir o corpo acariciado por uma onda tão macia. Com toda a certeza, iria passar as noites sem pregar olho.

A afluência de visitantes não deu hipóteses a Conceição de desemalar toda a bagagem. A curiosidade fervia na ponta das unhas, quando punham o pé da banda de dentro da porta.

– Ah, mô, parece que trouxeste a América contigo!

– Oh, agora cá, isto é só os precisos para estes dias. Na próxima semana, vou levantar o resto na alfândega.

– E vais precisar de muita coisa. Vocês fizeram aqui um palácio que é um luxo. Ninguém diz que é a casinha onde João nasceu.

Claro que não. Do velho casebre sobrava apenas a fachada. Antes de regressar, João Caracol desenhara a planta da casa e pedira a tio Jerónimo que contratasse os pedreiros. Com os tabiques deitados abaixo, fez uma sala de estar, um quarto de jantar, ampliou a cozinha e acrescentou três quartos de cama; no lugar do cu do forno, construiu uma casa de banho e, no fundo do quintal, levantou uma caixa de água, de cimento. Não estava disposto a acarretar baldes às costas e a perder noites nos períodos de seca, como antigamente.

Trouxe consigo uma boa parte da mobília, colchões, tapetes, cortinados, lençóis e muitos utensílios de cozinha – coisas usadas, mas de boa qualidade e modernas, como afirmavam bastas vezes as vizinhas. Ao fazerem comparações com as casas mais ricas da freguesia, o colorido da de João Caracol levava-lhes a palma: sofá de veludo alaranjado, cortinados e sanefas enramados, um lustre como o da igreja (cheio de vidrinhos e muitas lâmpadas), umas carpetes coloridas e *bibelots* pintados de dourado.

A incompatibilidade entre as duas correntes eléctricas ia estragando a alegria de Conceição. Foi obrigada a comprar um transformador que lhe permi-

⁴ Sweater – camisola grossa

tiu ligar algumas peças adquiridas: o frigorífico (um dos primeiros nas redondezas), o aspirador (objecto até então desconhecido) e um móvel-bar com gira-discos incorporado. Um autêntico prodígio a reproduzir música com uma agulha a lavar os carreirinhos de um disco preto. Todo o santo dia, Amália Rodrigues e Fernando Farinha quase enrouqueciam a cantar “Uma Casa Portuguesa” e “Amor de Mãe”.

A frescura da casa de banho deixou toda a gente boquiaberta: uma tijoleira com losangos verdes, uns azulejos brancos a cobrirem metade da altura das paredes e umas torneiras cromadas a brilharem como espelhos. Tia Mariana não vislumbrou de imediato a utilidade do bidé. A explicação da dona da casa, segredada ao ouvido, arrancou-lhe um sorriso contrafeito e uma onda de calor no rosto.

– Oh, e aquela banheira é para a gente tomar banho geral.

– E tu tens coragem de te lavar em coiro? – interrogou aflita, ao imaginar-se toda despida, pois só estava habituada a lavar-se por partes: a cabeça e os sovacos, uma vez por outra; a zona genital, diariamente, mas sempre composta. Nos seus tempos de rapariga nova, nunca se despira para o seu Jerónimo, nem ele o exigira. Fora educado a estabelecer a diferença entre uma esposa e uma mulher da vida. Quando a solicitava à noite, fazia-o dentro das regras da decência. Causava-lhe espanto que Conceição, uma mulher séria, tivesse o descaramento de se pôr nua, como veio ao mundo, para tirar o suor do corpo.

– *Yá!* Qual é o problema? Ninguém me vê.

Para tia Mariana não era tanto o problema dos outros a verem, porque havia de trancar a porta com o ferrolho, mas o de ela se ver a si própria. Só de pensar no assunto, ficou afrontada.

As outras vizinhas, mais descaradas, riam e galhofavam com Conceição:

– É como no cinema. Ah, quem tivesse nascido numa terra de abundância como aquela.

– Olha-me este colchão que não faz covas! Se me apanhasse lá, nunca mais me lembrava disto aqui. Fraco gosto, virem-se embora.

– *Oh! Yá!* Viemo-nos embora nanja por estarmos mal, mas João perdeu o gosto pela América, por causa de Luciano.

Acesas e emocionadas discussões marcaram a história da relação dramática entre os dois. O Morcela ouviu-a vezes sem conta, reinventada em todos os rebecos ou contada por João, na loja de tio Jerónimo. Foi ali que,

durante muitos serões, deslindou toda a sua aventura de emigrante, gravada minuto a minuto na memória.

Na versão do pai, Luciano era um doidivanas rendido ao cheiro das raparigas. Quando começou a trabalhar, ninguém o segurava em casa aos fins-de-semana enquanto o dinheiro tilintasse no bolso. Ia para o cinema com os amigos (“Lá, o cinema não é como aqui: as pessoas vêem as fitas sentadas no carro”) e acabou por andar no restolho com umas americanas muito liberais. Entrava a porta a altas horas, com uma pinga a mais de bebida, e os desatinos sucederam-se até ao dia em que a paciência do pai se esgotou. Deixou-se de cortesias, despreendeu o cinto e descascou à moda da sua terra. O rapaz, com o corpo cheio de vergões, faltou ao emprego. Submetido ao interrogatório do chefe, relatou-lhe o sucedido. Num encontro fortuito com o capataz, João recebeu uma ameaça que o deixou aparvoado e a pensar consigo: “Mas que raio de terra é esta, em que um pai já não pode dar educação à sua maneira?”

Não suportou ver Luciano amigado com uma americana, divorciada e com duas crianças. Num acto de desespero, botou-o fora de casa. As habilidades de Conceição não foram suficientes para que reconsiderasse a atitude despropositada. “Não criei um filho para andar a sustentar os filhos dos outros” e não recuou.

Passados uns tempos, recebeu a notícia de que o rapaz se havia mudado para o Canadá. Através de emigrantes conhecidos, soube que se encontrava bem, mas não estava disposto a reatar relações. O sentimento de culpa deu-lhe cabo dos nervos e começou a andar quezilento no serviço. Confrontado com a obrigação de usar capacete nas obras, respondeu de forma desassombrada: “Se acontecer alguma coisa, o problema é meu!” Não foram em cantigas: ou cumpria as regras de segurança, por causa do seguro, ou era despedido. Teimoso que nem um jumento, virou-lhes as costas e foi à procura de outro emprego.

– *Yá*, aquilo é uma terra – esclareceu João Caracol – de gente amedrontada com o seguro. Se não limpas o *snó*⁵ à frente da tua casa, tu é que és responsável se alguém escorregar e partir uma perna. Quem não tiver seguro, arrota com o dinheiro todo para as despesas. *You see?* Aqui é que estou bem e sossegadinho da minha vida.

O eco da última frase pesou-lhe na consciência. Depois de uma breve pausa, achou por bem remediar:

⁵ Snow – neve

– Tenho pena de lá ter deixado o meu filho, mas ainda não perdi a esperança de o abraçar.

Nos primeiros dias, João Caracol andava eufórico. “Até parece meio aloicado”, comentou tia Luísa. Correu as canadas todas, guindou paredes dos cerrados para sentir o cheiro da bosta de rês e do marrôlho, encheu o peito de ar em cima da rocha, abraçou os respingos da maresia, comeu lapas com pão de milho, bebeu vinho de cheiro e leite fresco das vacas. Depois de matar as saudades, voltou a ficar impaciente. Era um estar e não estar, sem solução à vista.

O regresso ao berço materno, se não foi uma decepção completa, não correspondeu todavia ao devaneio arquitectado. Consciente ou inconscientemente, desejava que o mundo tivesse parado no tempo. Havia guardado uma imagem cristalizada da freguesia e nela imaginara a sua integração. Sonhara com uma recepção calorosa e com uma posição de destaque, com direito a tratamento especial. O seu desafogo económico colocá-lo-ia ao lado dos homens socialmente bem instalados, a quem se pediam opiniões sobre os assuntos mais importantes da vida em comunidade.

Sonhos e sonhos que se esvaziaram pelo fundo da ribeira. O vestuário excêntrico não apagou a figura de um João Caracol roto e de pé descalço, antes de abalar. Apesar de bem recebido e acarinhado, entre um misto de inveja e admiração, dificilmente ultrapassou os estigmas da infância ou aceitou as mudanças ocorridas em pouco mais de vinte anos.

– Afinal, estou a ver que isto aqui está quase como na América. O respeito já não é como antigamente e até já vi por aí uns cabeludos. *You see?*

Uma cabeça desajustada na cova do travesseiro. Uns dias, botava discurso a colocar a América nos píncaros da lua; noutros, para se convencer, vincava bem o descontentamento perante uma sociedade tão estranha.

– *Xôa*⁶, ganha-se dinheiro, mas perde-se coiro e cabelo. Nem dão tempo para respirar. Aquilo é gente diferente da nossa, com outra maneira de pensar, que só vê dólares e cêntimos à frente do nariz. Tinha a *frisa*⁷ cheia de tudo o que era preciso, tinha *talaveja*⁸, uma casa (alugada), com tudo do bom e do melhor, e um carro (em segunda mão), mas o meu coração rebentava, morto de saudades.

⁶ Sure – claro, certamente

⁷ Freezer – congelador, frigorífico

⁸ Television – televisão

Nas farmácias não havia analgésico que lhe amainasse as dores da distância. Após a saída do rapaz, só aguentou mais um ano. Carregado de remorsos e dominado pela neurose, implicava com toda a gente. Com medo de perder a filha, passou a assumir um controlo obsessivo. A sua mentalidade, forjada num meio pequeno, não se adequava ao comportamento da rapariga, nada e criada numa terra repleta de solicitações. Antes que se desencaminhasse, aproveitou a altura mais favorável e decidiu voltar, com a esperança de lhe arranjar um namoro à moda da terra.

Para o mundo, exibiu as posses com algumas extravagâncias pouco habituais; pelo seu interior, vagueava como uma mosca tonta, perdido nos meandros da infelicidade. Tio Jerónimo, para o animar, sugeriu que comprasse uns cerradinhos e criasse uns bezerros. A ideia agradou-lhe e falou com a mulher.

– Ó João, toma juízo nessa cabeça. Essa gente ainda vai pensar que viemos com uma mão atrás e a outra à frente.

Os outros, sempre os outros, fantasmas omnipresentes, vigilantes e vigiados. “O mal desta gente, o mal desta terra...”, dizia tio José Carrapito. Só a sua astúcia foi capaz de dar a volta aos preconceitos de Conceição:

– Quem fez uma casa como a de vocês e leva a vida que vocês levam, já deu muito que falar. Mas se João comprar umas terrinhas... nem queiras saber a inveja que vai correr por essas canadas. Hoje em dia, quem não tem terra não vale nada. Ele não vai trabalhar por necessidade, é só para matar o tempo.

Passados uns meses, lá andava João atrás dos bezerros a dar-lhes corda e a acartar água para beberem. O Morcela acompanhou-o com frequência, puxando-lhe pela língua. E João nutria por ele um carinho especial, por lhe lembrar o Luciano. Falava-lhe de coração aberto, como nunca falara com o filho. Miudinho nos relatos, perspicaz nas conclusões, e a América tornou-se para o Morcela um fascínio. Ali, sim, valia a pena ser chofer de praça.

– Tanta bazófia quando chegou, para andar agora a criar bezerros. Pelos vistos, o dinheirinho ardeu depressa como um fósforo – voltou a morder tia Luísa.

João Caracol pouco se importou com as opiniões alheias. Sentava-se na parede do cerrado a ver os animais crescerem e a falar sozinho, horas seguidas. Mas nunca verteu uma lágrima. O pior que lhe podia acontecer era sentir que o alívio lhe escorria pela face como quem expulsa o demónio do corpo. Esse demónio ou essa cruz haveria de carregá-los pela vida fora para resgatar a sua culpa.

“Vai-te embora, desampara-me a porta”, uma imagem que Conceição jamais esmoeu. Embora continuasse com a alma dorida, deu mais facilmente a volta por cima ao desgosto. Se Luciano tivesse decidido sair de casa por vontade própria, com a vida encarreirada, o caso mudava de figura. Para isso, estava ela preparada como qualquer mãe. Mas não. Fora pontapeado como quem bota um cachorro na rua. Procurava enganar o sofrimento, entretendo-se com as lides da casa e saboreando todos os momentos de convívio com as amigas. Conversas que acabavam em chacota por causa das suas interjeições. Sempre que debitava um *Xôa*, lá vinha a censura: “Ah, mulher, pára de enxotar galinhas.”

Sem dar o braço a torcer, tia Mariana foi cozinhando uma inveja bolorenta, em relação à vida faustosa de Conceição. Não se conformava que uma pindérica regressasse com um pecúlio folgado e sinais exteriores de riqueza bem evidentes. Havia de ter uma casa moderna como a dela e começou por substituir os móveis da sala. Um homem da cidade, com lábia de cigano expedito, conseguiu endrominá-la em meia dúzia de adjectivos sonantes. Levou a mobília do meio-da-casa (canapé, mesa e quatro cadeiras de palhinha) e dois pratos antigos, da avó. Em troca, recebeu um sofá, duas poltronas e um candeeiro de pé alto, em latão reluzente, com um *abat-jour* num tecido adamascado, cheio de franjas e lacinhos. Tudo em segunda mão, “mas estão como novos”, afirmava para conter a revolta do marido.

“Esta mobília está a pedir outras cortinas...” E a seguir às cortinas, vinham os tapetes, o frigorífico ou a casa de banho. Um delírio, encasquetado no juízo, que não foi além da imaginação. Depois de somar as parcelas todas, acaçapou-se para não fazer figura de tola. Lá no íntimo, zurzia nas orelhas do homem por não ter plantado a árvore das patacas. E ele ria-se, que nem um perdido, com tanta presunção balofa: “A fidalga quer uma casa de banho!... O traseiro já não lhe cabe na retrete!...”

A casinha era pobre, bastante pobre, situada ao fundo de uma canada que mais parecia um caminho de cabras. Longe do povoado, nela vivia tio Armando, o coveiro. Uma figura esotérica com uns suspensórios que lhe puxavam as calças de cotim para cima das canelas, um cachimbo artesanal constantemente aceso e uma boina preta esburacada pela traça. Na freguesia,

ninguém lhe dava importância e todos o olhavam de soslaio – quem convive com os mortos não é bem aceite no reino dos vivos. Tio Armando carregou esse estigma durante toda a existência, como um animal escorraçado.

Passava uma boa parte do seu tempo, sentado num banco à porta de casa, tal e qual um bombeiro em estado de alerta. Uma imobilidade opressiva que o conduzia a pensamentos pouco sensatos. Não o fazia por maldade, apenas para dar algum sentido à sua vida, à sua profissão:

– Pode ser que esta semana morra alguém. Já estou farto de estar aqui parado. Ou morrem eles ou morro eu.

Assim foi. Num acto de desespero, cansado de esperar e de sofrer, resolveu enforcar-se. E para ali esteve a baloiçar o corpo no tirante, como um porco pendurado.

Por mero acaso, foi encontrado pelo Alfredo Nica-na-Velha. De manhã, quando ia para o cerrado, estranhou não o ver sentado na cadeira; à tardinha, deparou com o mesmo silêncio. Empurrou a porta semiaberta e encontrou-o com a língua de fora, roxo como o Senhor dos Passos. Apanhou um grande susto, “Mau fogo te pegue, seu estupor”, mas não recuou. Tirou a navalha do bolso, cortou-lhe a corda e arrastou-o até à cama.

Com os miolos a ferver, voou como um melro-preto a espalhar a novidade, “O tio Armando enforcou-se... o tio Armando enforcou-se”, e foi à procura do sacristão. De seguida, bateram à porta do reverendo. Ao ser notificado, coçou a coroa com o dedo mindinho e descartou-se:

– Quem se enforca não tem direito a funeral religioso. Resolve tu o assunto.

– Mas quem é que lhe abre a cova?

– Oh, diacho, boa pergunta! – e arregalou os olhos na direcção de Francisquinho Felicoques.

– Não conte comigo. Sou apenas sacristão.

Pobre do tio Armando. Passara a vida a revirar terra para que os corpos dos outros descansassem em paz e não tinha quem lhe retribuísse o favor, abrindo uma simples vala.

– Não o podem enterrar na área sagrada. Fica nas sobras, junto à parede.

Perante tamanho desprezo, Alfredo pediu a chave do cemitério, agarrou na pá e na picareta e abriu-lhe a sepultura. “Se fosse rico, queria ver se dizia o mesmo.”

Acabado o serviço, dirigiu-se a casa do marceneiro. Encontrou tio Jacinto no meio da tenda às voltas com uma cómoda, a praguejar, porque o raio da

gaveta não deslizava a seu gosto. Ninguém botaria defeito a uma obra que lhe saísse das mãos, mas pagava caro a encomenda. Era surdo que nem uma porta, pegado da fala, quando se irritava, e um sovina de primeira apanha.

– Ó tio Jacinto, não tens por aí umas tábuas para fazer um caixão? – gritou Alfredo ao ouvido.

– Estás com pressa pra...pra...pra morrer.

– Foi o tio Armando que se enforcou.

– Quem?

– O coveiro.

– Ah coi...coitado. Te...te...tenho ali umas tábuas, mas cus...custaram muito dinheiro – e apontou para um molho de costaneiras.

Alfredo recusou a proposta e escolheu umas tábuas lisas. Após várias negociações, chegaram a um acordo favorável a tio Jacinto: recebeu em troca uma arca antiga, um tacho de ferro, um talhão de barro e um lavatório.

– São as únicas coisas de valor que ele lá tem.

Alfredo ajudou-o a cortar as tábuas e a pregar os pregos, um serviço mal atamancado que deixou o artífice descontente. Pelo preço que foi “também não se po...pode exigir melhor”; para o fim que levava, não valia a pena muito esforço: “O bicho come-o num instante.”

Em casa do coveiro, já lá estavam o presidente da Junta e o sacristão a confirmar o óbito. Não restavam dúvidas de que tio Armando se havia enforcado e era urgente proceder-se ao funeral. Alfredo empinou o caixão contra a parede e retirou da arca uma roupa mais decente. Aproximou-se do defunto e com toda a solenidade passou-lhe a mão sobre os olhos. O direito cedeu à pressão dos dedos, mas o esquerdo encapelou-se.

Todos deram um passo atrás. Um morto que se recusava a despegar a vista do mundo. Credo! Esconjuro! Felicoques, num pulo, foi parar ao meio da canada. Debruçou-se sobre a parede e fez o Sinal da Cruz: “Vai-te para bem longe, espírito maligno!” Foi então que se lembrou de uma conversa muito antiga, contada pela mãe. Tio Armando, ainda rapaz novo, fugira clandestinamente para a América e por lá permanecera dois ou três anos. Trabalhava numa serraria mecânica quando a ponta de uma tábua lhe furou a vista.

– Esse olho não se pode fechar.. É de vidro – gritou da banda de fora da porta.

– Ainda bem. Assim, vai de olho aberto para continuar a ver o que se vai passando cá em baixo – afirmou Alfredo, mirando o presidente.

– Ó toleirão, não vês que ele é cego desse olho – respondeu Francisquinho.

– Era cego enquanto foi vivo. Lá no Céu, Nosso Senhor não quer ninguém defeituoso e volta a dar-lhe a vista.

As gargalhadas controladas descomprimiram a tensão nervosa, apesar de Felicoques continuar de pernas bambas, a roer a unha e o sabugo.

Alfredo vestiu-o e embrulhou-o num lençol. Com mais três amigos, carregaram tio Armando para o cemitério, com um olho aberto e o outro fechado. Depois de rezarem umas Ave-Marias pela alma dele, Alfredo alisou a campa e improvisou uma cruz com dois bocados de pau:

– Não tens direito ao chão sagrado, mas não és nenhum cachorro. Não foste menos cristão que os outros.

Durante vários dias, a morte do coveiro foi tema central de todas as conversas. Tia Mariana passou a admirar-lhe a bonomia e a coragem. Da última vez que estivera em casa dela, na altura do peditório, desabafou que estava farto da vida. Ela até lhe disse na brincadeira: “Abre primeiro a cova que é para não dares muito trabalho”, mas tio Armando respondeu prontamente: “Não vos dou esse prazer. Que ao menos na morte alguém faça qualquer coisa por mim.” Foi preciso a desgraça acontecer para que tia Mariana percebesse o alcance da resposta. Mas mais do que isso: desse valor à profissão.

O desaparecimento da peça mais insignificante da engrenagem que encerra o ciclo da vida tornou-se um caso obsessivo. Parecia que o mundo descarrilara dos eixos e não voltaria a encontrar a órbita.

– Ninguém gosta de morrer, mas numa situação destas ainda é pior – comentou tia Mariana.

– Sossega-me esse juízo. Se quiseres, vou já abrir-te a cova – respondeu-lhe o marido.

– Cala-me essa boca, estupor, que ainda trazes azar.

Na corda do enforcado ficou suspensa a freguesia, durante uns tempos. Semanas de ansiedade sem que alguém se oferecesse para o substituir. As diligências de Francisquinho e do presidente da Junta eram completamente infrutíferas. Ofício tão desclassificado não atraía candidatos.

– Só nos resta o Alfredo – adiantou o presidente.

– Pelos vistos, não temos outro remédio. Sem coveiro é que não podemos ficar. O povo já anda meio assustado – anuiu Francisquinho satisfeito.

Por um lado, era um prazer sentir de perto o cheiro do Alfredo; por outro, borrava-se todo perante a hipótese de alguém se esquecer de respirar e o senhor padre o obrigasse a pegar na enxada. Não nascera para cavar sepulturas, mexer em ossos, caveiras e vermes. Jamais a mãe consentiria que

o seu rico filhinho, dotado de uma fina inteligência, se atolasse na lama dos defuntos.

Perante a proposta, Alfredo pediu uns dias para pensar. A tarefa não dava direito a ordenado, mas sim a um peditério pela freguesia, como era tradição. Um soco de milho e uns trocados sempre compensariam as falhas de trabalho, como assalariado.

– Não me importo de fazer o serviço, mas não faço o peditério. Não quero ficar a dever favores a ninguém, minha mãe.

– Olha que não arranjas melhor emprego que este. Todos te vão pagar adiantado e ninguém vai querer que trabalhes para eles.

A perspicácia da mãe não alterou a sua posição e optou pelo pronto pagamento. No dia do funeral, recebia o que os familiares entendessem dar-lhe e o assunto ficava arrumado. E quando algum defensor da tradição protestava, Alfredo metia-lhe a enxada na mão.

Numa das idas para o cemitério, Alfredo encontrou o Morcela ao portão de casa, com ar tristonho.

– Anda daí, vem dar-me uma ajudinha.

– Deus me livre. Nem morto.

– Dessa não te safas. Ali, vais entrar com toda a certeza.

– Prefiro morrer no mar e ser comido pelos peixes.

– Não sejas tolo. Só perdes esse medo se o enfrentares. Estou melhor no meio deles do que no meio dessa cambada que por aí anda.

De nada lhe serviu o esforço. O medo bem podia ser uma fita imaginária, como escrevera o André; o facto é que tolhia os movimentos do Morcela.

Nas mãos do Alfredo, o cemitério transformou-se num jardim. Na época apropriada, enchia de flores as campas das pessoas que mais admirara e pouco se importava com as outras. A atitude mereceu alguns reparos públicos e uma reprimenda do senhor padre Tadeu:

– Não podes fazer isso, Alfredo. Os mortos são todos iguais... todos merecem respeito.

– Eu não lhes falto ao respeito, mas não sou obrigado a incensar os ossos de quem não me ligou nenhuma enquanto foi vivo. Se não gostar do meu serviço, arranje outro.

Alfredo sempre fora assim. O senhor padre conhecia-o bem e não valia a pena insistir. Desde pequeno, era atacado por uns rompantes cuja origem os entendidos da freguesia nunca foram capazes de descobrir. À excepção de tia Luísa, claro! No seu tom depreciativo, contava que ele sofria da doença do

parto da cadeirinha. Na época em que nascera, era prática corrente as parturientes darem à luz, sentadas de pernas abertas numa cadeira sem tampo, colocada sobre um estrado ou uma mesa. Nesta posição, o pimpolho deslizava sem grandes dificuldades para as mãos da parteira. Acontece que a mãe do Alfredo não dominou as contracções, retorceu-se com dores e o rapaz bateu com a moleirinha no varão. “Foi essa pancada que lhe afectou o juízo!”, sentenciava tia Luísa.

Não equacionou, contudo, a hipótese de a dureza da vida lhe ter deixado sequelas bem mais profundas. Órfão de pai, não teve quem o protegesse do desprezo descarregado sobre os mais pobres e desamparados. Crescera ao deus-dará, fugindo da escola, da catequese e dos homens. Uma luz baça impedia-o de ver o futuro com nitidez, mas não desalentou. O que não tinha era feitiço para se mascarar de lagartixa, escondida nos buracos da parede, à espreita de uma nesga de sol. A força de um homem – afirmava – mede-se quando enfrenta a borrasca.

Apesar de o cercarem, raramente se deixou prender pela arreata do “fica feio”. Era, por isso, a imagem que o Morcela e tantos outros gostariam de ver reflectida no espelho. A sua irreverência causava inveja a muitas formigas incapazes de criar o seu próprio carreiro. Erguiam esporadicamente a cabeça, ensaiavam uns tímidos passos de libertação, mas não rompiam a malha das convenções sociais.

Ao longo da vida, Alfredo foi censurado por actos menos conformes com os costumes da terra. Era cortês e prestimoso para quem o tratasse bem, mas patrão velhaco e explorador pagava as favas na primeira oportunidade. Uma vez, a senhora Mariquinhas, dona de vários alqueires de terra, apalavrou-o para plantar cebolinho – vinte e dois escudos, a seco, dezasseis, com comida. Alfredo optou pela refeição em casa da velha, imaginando um abundante guisado a fumegar na mesa. Quando ela lhe apresentou meio quartilho de leite desnatado com umas migalhas de pão de milho, jurou vingança. Voltou ao cerrado e deixou o cebolinho com as raízes ao cimo da terra.

– Então, Alfredo... que serviço é esse?

– Não se preocupe, senhora Mariquinhas. Este mundo está quase a dar uma volta e nessa altura a terra há-de cobrir as raízes. – Virou-se para o lado e resmungou entre dentes: – Mamar... é na moagem! – esboçando um gesto semelhante ao de quem espreme a teta de uma vaca, com o punho fechado junto ao canto da boca.

Tinha resposta para todos, sempre na ponta da língua. Quando comia feijão, a barriga inchava como um tambor. Por cada passada no caminho, uma carreira de foguetes explodia.

– Ó Alfredo, encosta aqui o cu para encher a câmara-de-ar da bicicleta!

De tanto lhe moerem o juízo, um dia descartou-se:

– Tenho muita pena, mas a bomba está vazia. Acabei agora de encher tua irmã.

A brincadeira acabou em sopapos e caneladas. Alfredo chegou a casa com um olho negro e o parceiro viu-se aflito para estancar o sangue do nariz.

– Isto não é nada, minha mãe. O Camões ficou zarolho e não morreu por causa disso.

12

Pouco a pouco, a enfermidade misteriosa fora derretendo as banhas que cobriam as carnes do Morcela e eram o orgulho de tia Mariana. Nem as papas de *Farinha 33* recompuseram a formosura, nem as colheres de *Iodorsolo*, saboroso como vinho do Porto, lhe abriram o apetite. O rosto esquelético e as olheiras maceradas denunciavam mau presságio. Todos se afligiam, excepto o Augusto:

– O que ele precisa é de trabalho. Se meu pai o puser a ordenhar as vacas, passa-lhe logo a cagufa. Anda estragado com muitos mimos.

O regresso à escola e a brincadeira na praça não foram suficientes para que recuperasse a alegria de viver. A mãe permanecia preocupada e só ela desvendava, nos seus olhos mortiços, os receios marchetados no coração. No meio do maior segredo, bateu à porta da benzedeira.

Tia Rosa Corcunda, com uma genealogia recheada de vários antepassados bruxos e curandeiros, desempenhava o serviço com discrição. Herdou a arte do avô, que se notabilizara com um atestado passado a um rapaz recenseado para se apresentar à inspecção militar:

Attesto e juro por todos os santos que assistindo desde pequenino a todas as doenças do rapaz que vai ser analisado para serviço militar que sempre o tenho tratado de escorofulas e almorroidas de que tem o sangue cheio desde o piscoço até o ânus de baixo e nestas partes lhe tem arreventado vários caroços. Também teve um entorço numa perna por cima das virilhas, tem varizes e por isso não presta para soldado do rei neste país.

O facto é que o mancebo ficou livre da tropa. A partir de então, o velho alcançou prestígio e os descendentes transformaram a casa num santuário.

Nos seus tempos de mulher nova, tia Rosa ainda acalmou os furores de alguns maridos enganados, mas com a idade tornou-se motivo de caçoada, com os rapazes a moerem-lhe a paciência:

– Ai, tia Rosa, benze-me que estou cheio de cobranto – e desatavam logo a torcer o canto da boca e a espernear.

– Ó coitadinho, chega-te aqui que já te benzo.

Para grandes males, grandes remédios: um varapau a frigir o lombo do provocador e uma reza a condizer:

*Eu te benzo minha cabra malhada
Com o olho da minha enxada
Com três peidos meus
E três de Maria Brás
Vai-te bardamerda
Que bem benzido estás.*

Apesar do estado senil de tia Rosa, o Morcela e a mãe entraram-lhe pela porta da cozinha. Cheio de ansiedade, sentou-se num banco de madeira, com os cotovelos apoiados sobre a mesa. Tia Rosa encheu um copo com água no talhão, foi ao quintal buscar umas folhinhas verdes e repetiu três vezes a oração do quebranto. O rapaz nem pestanejou. Sentindo o fracasso da acção, desculpou-se:

– Ele está cheio de cobranto, mas há aqui uma pessoa que não tem fé, por isso não posso fazer nada – e olhou para tia Mariana que estava rezando o terço à Virgem Santíssima, no rosário escondido debaixo do xaile.

A noite, a antecâmara do seu desespero, voltou a estar presente. Dois holofotes percorriam os cantos da casa, como olhos de coruja desorbitados. Convenceu-se que eram os dele que se recusavam a habitar um corpo amaldiçoado. E não havia nada mais doloroso do que ver-se fulminado pela luz dos próprios olhos. Por onde andaria o seu Anjo da Guarda? As suas culpas seriam assim tão repugnantes para merecer semelhante castigo? Quão difícil era crescer no meio de tantos tormentos.

Na sexta-feira seguinte, a mãe decidiu ir a Angra, mas instruiu-o:

– Se te perguntarem alguma coisa, dizes que fomos às compras. Ninguém precisa saber da nossa vida.

Uma figura estranha – alta, magra, com umas sobranceiras farfalhudas e um olhar penetrante – abriu-lhes a porta. Tia Mariana assustou-se com aquele

perfil de belzebu. Recuar já não podia e entrou para a sala escurecida, com os nervos em franja.

O paciente alinhou-se à frente do curandeiro, com a mãe a servir-lhe de guarda-costas (desta vez sem o rosário entre as mãos). Uma bonita reza, bem mais bonita que a da tia Rosa, foi repetida cinco vezes. Por cada uma, um novo raminho verde, molhado no copo para o salpicar com umas gotas. Sempre que era pronunciada a palavra inveja, o benzedor empalidecia e inclinava a cabeça para trás. O Morcela reagiu com contorções do corpo, abanado por uma força misteriosa que parecia arrancar-lhe os miolos.

*E todo o mal que tu tens
Venha encarnar nestes cinco ramos verdes e nesta água fria
Assim como Jesus encarnou nas puríssimas entranhas da Virgem Maria.*

O poder da palavra sobre o espírito actuou de imediato e o corpo tornou-se mais leve e solto. A mão quente de tia Mariana agarrou-se à dele e, em silêncio, aguardaram o acto da purificação.

Uma prateleira cheia de frascos rotulados ocupava metade da parede. Ao lado, uma pequena estante com duas imagens de santos desconhecidos e vários livros. De óculos na ponta do nariz percorreu todos os frascos, com ar de cientista. Numa vasilha grande de barro, cheia de brasas, lançou um conjunto de cinco peças, de cada uma das seguintes espécies: pedras de incenso, palhas de alho manso, aipo, folhas de palma (benta no Domingo de Ramos), arruda, alecrim e louro (colhido na noite de São João).

Devagarinho, o Morcela passeou-se cinco vezes sobre o defumadoiro com o pé direito adiante, na ida, e o esquerdo, na volta, repetindo a prece:

*Eu quero tanta saúde no meu corpo
Como Jesus teve no horto
E tanta nas minhas veias
Como Jesus teve à ceia.
A Virgem Nossa Senhora tinha seu filho doente
E eu passei por este fumo e fiquei curado, salvo, rijo e valente.*

E enquanto o fumo anilado penetrava nos pulmões, o benzedor repetiu três vezes o Credo, fazendo o sinal da cruz com a mão direita aberta sobre o peito.

Quinze dias de purga... e ficaria rijo como um pêro, garantiu. Receitou-lhe chá de laranjeira-azedada e de erva-limão para tomar de manhã e à noite e

mandou-o lavar a cara com água benta, recolhida em cinco igrejas cujos padroeiros fossem do sexo masculino. A tia Mariana pediu-lhe que borrifasse as barras das portas e das janelas com a mesma água, ao longo de cinco sextas-feiras.

– O rapaz está cheio de cobranto, mas não vale a pena dizer quem foi para não arranjar encrencas.

Num passe de magia, o mundo parecia ter mudado inexplicavelmente. Intervenção divina, arte de feitiçaria ou, talvez, até o próprio ar cidadão... tudo causas prováveis que o Morcela nunca chegou a compreender. O facto é que o céu ficara limpo dos tais fantasmas carrancudos que antes o perseguiram, o olhar das outras pessoas não incomodava o seu passo determinado. Ao pisar o chão, sentiu uma onda de vitalidade trepar pelas pernas e inundar-lhe o corpo como um tónico poderoso.

Um cheirinho a incenso trespassava a porta principal da igreja de Nossa Senhora da Conceição: “Vamos agradecer-Lhe o milagre concedido.” A mãe hesitou, pois nunca havia entrado numa igreja da cidade. Arrastada pela insistência, ultrapassou a porta muito a custo e ficou extasiada com tanto luxo. Molhou a ponta dos dedos na pia da água benta e ajoelhou-se logo no primeiro banco. Os olhos, embaçados, percorreram as capelas lavradas a ouro, os lustres caídos do tecto, as feições perfeitas dos santos e a passadeira vermelha que cobria o corredor até ao altar-mor. Não foi capaz de se concentrar para rezar uma Ave-Maria.

Embrulhada no xaile da humildade, percebeu que o seu mundo não era daquele reino. Aquela Senhora da Conceição, habituada às preces dos cidadãos, dificilmente entenderia as suas rudes palavras. Convenceu-se que o Céu, tal como a Terra, não seria igual para todos, embora o senhor padre Tadeu dissesse o contrário. Até o sacristão tinha um ar distinto. Um perfeito janota, todo engravatado e com uma testa alta, reveladora de ser profundo conhecedor das declinações do latim. Nada que se comparasse ao da freguesia, ensabado, com as calças roçadas e os colarinhos puídos.

Para quem acabara de expelir medos e receios profundos, a igreja era um brinquedo a explorar. O Morcela percorreu-a duma ponta à outra, bisbilhotou a sacristia e divertiu-se com o pretinho das Missões, balanceando a cabeça por cada moeda entrada na ranhura da caixa. Indiferente aos preconceitos da mãe, ajoelhou-se e agradeceu a cura dos seus padecimentos: “Obrigado, Virgem Santíssima, por me teres livrado daquela doença ruim que me dava cabo dos nervos. Se não fosses Tu, ficava desgraçado para o resto da vida.”

Foi então que se abriu um enorme apetite, coisa rara nos últimos tempos. Pediu para comer um bife com batatas fritas, o seu manjar predilecto. Na Casa de Pasto do Gaspar, ensopou o pão no molho gorduroso e lambeu as pontas dos dedos. A mãe, com a ajuda de um pirolito, empurrou pelas goelas uns biscoitos que tinha levado consigo. Sentada na ponta do banco, deixou escapar um sorriso regado com lágrimas de contentamento: “Come para baixo, meu rico filho. Seja tudo em louvor do Divino Esp’rito Santo. Bem empregado dinheirinho.”

Pouco passava das duas da tarde, um tempo imenso a percorrer até à hora do regresso. Tia Mariana começou a transpirar com os calores e as palpitações da ansiedade. Toda a altivez, exibida na freguesia, se esborralhava num ambiente desconhecido. Alvitrou que fossem andando para o largo da paragem das camionetas. Ali, sempre podia encontrar alguém das suas relações, com quem pudesse conversar. Mas, numa cidade tão grande, todos se fechavam na sua concha. O melhor era ir para o Jardim e lá ficou enquanto o filho foi espreitar o movimento na Praça Velha.

Como era seu hábito, apoiou as nádegas na pontinha do banco, toda contraída. Num breve relance controlou o movimento à sua volta: uma criança, acompanhada por um idoso, deitava miolos de pão aos peixes no tanque (“Deve ser o avô que veio passear com ela”); noutra banco mais distante, duas mulheres do “monte” conversavam enquanto comiam uma bucha de pão (“Estão como eu à espera da hora da camioneta. Não as conheço... o melhor é ficar sossegada”); no seu lado esquerdo, dois homens discutiam futebol, com a voz e os sentimentos fora de jogo (“Se começam a brigar, ainda sobeja para mim”).

De olhos postos no portão, viu entrar um casal de estudantes. De mãos dadas e sorridentes, sentaram-se à sombra de um plátano. Cobriram o colo com a capa e as mãos sumiram-se num ápice. Seguiu-lhes atentamente os gestos e os pensamentos. Quando as bocas se colaram, a tensão nervosa disparou. “Que rica escola esta! E o tolo de Jerónimo ainda queria que Filomena viesse estudar.” Baixou os olhos e rezou para que o filho aparecesse.

Encostado ao canto da Caixa, o Morcela fariscou o bulício da cidade, cheia de gente endomingada. Tudo era estranho, mas tudo o atraía: os gestos articulados do polícia sinaleiro, o movimento dos automóveis, a azáfama da entrada e saída das lojas. De todos os lados surgiam bandos de estudantes, em direcção ao liceu. Idealizou-se logo de capa e batina, a responder com desembaraço às perguntas dos professores, a discursar sobre temas de história de Portugal ou a

resolver problemas complicados de matemática. Quando fosse grande poderia, inclusive, vir a ser um prestigiado advogado como o doutor Ávila.

Pela máquina dos sonhos se deixou levar, na máquina dos sonhos naufragou, ao lembrar-se do professor Noronha. A realidade voltava a cair-lhe nos ombros. O medo dos outros espectros tinha-se evaporado sem perceber o motivo, mas este, de carne e osso, continuava atravessado no seu caminho. Perdeu a vontade de conquistar a cidade, de lhe saborear os cheiros ou de captar os tiques dos urbanos. Regressou ao Jardim e descansou a cabeça no ombro da mãe, que o envolveu nos braços.

– Credo! Estava a ver que nunca mais chegavas...

Na viagem de regresso, removeu a sua tristeza com uma finura no estômago, sem ânimo para enfrentar o suplício dos bancos da escola. Ao seu lado, tia Mariana cheirava uma casca de laranja. De olhos fechados, tentava repelir a náusea provocada pelo afogo e pelos solavancos.

Um outro Morcela pisou o chão da sua praça, mas eram os mesmos olhos que se colavam nas vidraças de Gabriela: “Anda, vem ver-me. Já não tens motivos para ficar envergonhada.”

A família criou todas as condições para que ele espevitasse e não voltasse a cair naquela modorra doentia. E, verdade seja dita, tudo correu pelo melhor, excepto o desempenho escolar: voltou a reprovar no exame. O professor considerava-o um caso perdido e não valia a pena puxar por ele. Como já fizera com outros, dispensava-o uma manhã por semana, para prestar pequenos serviços à mulher: limpar as ervas do quintal, semear uns canteiros de nabos, rachar achas e fazer as compras na mercearia. Concluída a tarefa, D. Carolina oferecia-lhe umas fatias de pão da venda, brandinho, com queijo e manteiga. Abençoada senhora que o tratou tão bem, pois nunca mais esqueceu o sabor dessas refeições.

O Morcela sempre foi o ai-jesus das vizinhas e uma criança apaparicada pelas raparigas. Cirandava de colo em colo, levando apertos nas pernas cheias de refegos, abraços e beijos com sofreguidão. “Ah, minha coisa de prata! Ah, minha coisa fofa!”

O tempo correu calmamente e chegou o tempo de lhe ensinarem malandrices. E ele não se fazia rogado: as mãos perdiam-se nos corpetes e nos seios,

os olhos espreitavam por debaixo das saias. “Eh, pequeno, não seas atrevido! Olha que eu mordo-te!” Por cada dentada no pescoço, o corpo estremecia de emoção. Como um cabrito despeado, o pensamento guindava ribanceiras numa corrida desenfreada, sem qualquer sentido. Só mais tarde viria a compreender o jogo dos preliminares, o prazer do desfrute, sem pressa de descascar o olhinho da laranja de umbigo.

“Eh, pequeno, não seas atrevido!” e não deixou de o ser. Habitado ao calor das saias, continuou as pesquisas sorrateiras. As amigas das irmãs, um pouco mais velhas do que ele, eram a sua perdição. Depois dos amores de capoeira, andava obstinado em saborear uma franga com carnes mais apetitosas.

Na palha do restolho, nos cerrados das redondezas, ensaiou as primeiras investidas. A caça ao gafanhoto era um pretexto para apalpar as gafanhotas dalgumas raparigas mais endiabradas. Numa tarde escaldante, rebolou inebriado pelo cheiro intenso da terra cozida pelo mormaço. Por cima das calcinhas, acariciou tufo de musgo, levou algumas taponas, mas foi compensado com olhares meigos e risinhos cúmplices.

*Lá no cimo daquela serra
Há um poço de água choca
Para as raparigas solteiras
Lavarem a gafanhota.*

A quadra popular, contada entre os rapazes, era uma caixinha de mistérios. Que bicho será esse? Tem asas? Dá dentadas?

As brincadeiras no palheiro proporcionaram-lhe melhores oportunidades, na qualidade de marido austero ou de médico a desvendar segredos de anatomia. Alice, a mais atiradiça, escolhia-o sempre para seu companheiro. Um dia, quando estavam a fazer as divisões da casa com fardos de palha, a mãe chamou-o para ir à venda. “Vão vocês ... ele fica aqui a ajudar-me”, sugeriu Alice às outras raparigas.

Tê-lo-ia feito de propósito? Nunca o soube, nem quis saber. Ouviu a voz do diabo soprar-lhe na orelha e tentou a sorte. Há momentos na vida em que um homem não pode hesitar. Farto de temores e de vacilações andava ele. Calçou a porta do palheiro com uma tinota, aproximou-se e abraçou-a por detrás. Um arrepio fê-la encolher os ombros e inclinar o pescoço, sem oferecer resistência. Um pouco atrapalhado, acariciou-lhe os seios soltos na combinação, torneando os mamilos com a ponta dos dedos. Pareciam dois caroci-

nhos de azeitona, daquela preta e miúda que crescia para as bandas do Porto Martins.

Tomado por um misto de prazer e de curiosidade, mergulhou nos folhos da saia de chita. As mãos deslizaram na pele fina das pernas grossas e resvalaram nas margens da gafanhota. Ruborizou, ao comparar a sua penugem com aquele raminho de gipsofila sedosa.

Alice ora o apertava ora o sacudia, numa luta terrível entre o querer e o não querer. Em breves instantes, a cabeça rodopiou e cedeu aos apelos da tentação. As pernas foram-se afastando, induzidas pelo esgravatar das mãos no prado virgem. As calcinhas largas permitiam ao Morcela explorar o terreno com facilidade e nem lhe ocorreu livrar-se delas. O dedo malandro roçou intuitivamente a fenda húmida, a latejar de emoção.

O desejo e a angústia cresceram como a ribeira de Inverno, arrastando tudo à sua frente. Tudo, até se despenhar nesse mar imenso que absorve a fúria de todas as ribeiras. Soltou o gafanhoto entumecido e começou às guinadas como os coelhos, em bicos de pés. Suou as estopinhas em busca das sensações que havia idealizado ou ouvira contar: um formigueiro a enrolar-se na pele, em ondas concêntricas, até à explosão final. Compenetrou-se de olhos fechados (como vira no cinema), mas o corpo ainda estava verde para reagir aos estímulos.

Alice segurou-o pela cintura, rebolou as ancas, num movimento de peneira a joeirar feijão, e fixou o olhar no tecto do palheiro. Por entre os buracos das telhas, um raio de sol e um céu infinito como o prazer acabado de descobrir. Depois de um profundo suspiro, deixou-se escorregar sobre o fardo de palha. “Ah, minha Nossa Senhora... deve-lhe ter dado um flato...” Que mal teria feito para que ela se amassasse daquela maneira? Não a beijara na boca, não lhe mordera o pescoço e do sangue que todos falavam...nem um pingo. Ficou então a saber que a mulher era um bicho bem mais complicado que a galinha. Com um sorriso nos lábios, Alice ergueu-se, ajeitou a saia e regou o canto do palheiro com uma mijinha abundante.

Nessa longa noite, o Morcela reviveu todas as imagens do seu enlace. Acariciou o corpo, com o sangue em alvoroço e o desespero na mão direita: a sua maturidade continuava sem se manifestar.

No meio de um sonho devasso, o senhor padre Tadeu entrou impetuosamente. Encostando-o à porta do confessional, apertava-lhe o gorgomilo: “Ou me dizes o nome da rapariga ou esgano-te!”. Afastado o sufoco, recompôs-se e jurou não passar por outro vexame: “Era o que faltava! O senhor padre não precisa saber da minha vida.”

O terror do confessorário deixara de lhe provocar tanta ansiedade. Habitado a transgredir por pensamentos, palavras e algumas obras, fora criando as suas defesas. A noção de culpa começara a ser questionada: “Se eu e ela gostámos e não fizemos mal a ninguém...”. Na sua mente, os campos assumiam contornos definidos: todos os actos, que prejudicassem terceiros, eram pecados de confissão obrigatória; os de prazer pessoal (sozinho ou acompanhado com raparigas, rapazes e até mesmo galinhas) não deixavam de ser repreensíveis, mas não eram da conta do senhor prior. Nas conversas com Deus, implorava-Lhe auxílio nas tentações, mas decidira manter a privacidade.

Um herói só é reconhecido quando os seus actos remexem com os sentimentos dos outros e lhes causam inveja. Sem revelar o nome da companheira, esmerou-se em pormenores que deixaram os amigos arrelampados com tamanho desembaraço.

– E tu... não te vieste?

– Eu?... Eu vim-me que nem um boi da Junta!⁹

– E ela?

– Ela o quê?

– Ela não se veio?

Depois de uma breve pausa para tentar perceber o alcance da pergunta, respondeu da forma mais óbvia, esfregando as mãos:

– Veio-se... e de que maneira: pôs-se de cócoras e fez uma mijeira que nunca mais acabava.

Esporadicamente, voltaram a aproximar-se, mas Alice controlou a tentação. Por cada abordagem mal sucedida, a revolta fervia numa chaleira com pouca água. Tinha provado a fruta doce como mel, conhecia-lhe o cheiro e os contornos pelo tacto, mas não a tinha comido com os olhos. E para ele, era fundamental ver e gravar na retina a imagem da estrela que lhe punha a cabeça num rodopio. Por muitos e bons anos, o mistério da gafanhota continuou por desvendar, na sua plenitude.

Tempos depois, sofreu um grande baque no coração, ao ver Alice ajoelhada no ralo lateral do confessorário. De rosto tapado com a ponta do véu, para ali ficou horas infindas a bichanar.

⁹ Boi reprodutor, dos serviços pecuários da Junta Geral do Distrito

Mateiro como uma raposa, o senhor padre contornou o embaraço, arqui-tectando ele próprio cenários pecaminosos. Falinhas mansas e pequenas deixas conduziram a água ao seu moinho. A confirmação da penitente abria caminho a perguntas mais detalhadas e Alice deixou-se levar na enxurrada. Numa atitude condescendente, o reverendo reconfortou-lhe o sentimento de culpa. A fragilidade feminina merecia a compaixão divina e a severa carga do castigo diluiu-se em conselhos afáveis. De alma lavada, regressou a casa, leve como uma andorinha.

Envolto num silêncio húmido, o Morcela apreciara atentamente os gestos do reverendo, remexendo-se no banco e coçando a nuca, todo deliciado. Imaginou-a a descrever os pormenores do seu fraco desempenho, para gáudio do confessor e decidiu escapar-se: “Se me ajoelhar à frente dele, vou ser espremido como um limão”. Não estava disposto a ensacar mais um puxão de orelhas. Quando muito, poderia confessar o seu pecado, noutra ocasião, a um padre que não o conhecesse. Tal pai, tal filho.

14

Eram tristes os dias de chuva, na Ribeira de Fogo. Um céu cinzento despejava sobre os ombros carradas de melancolia, o corpo amassava-se como se tivesse nascido pregado ao tampo da cadeira, as conversas morriam de braços cruzados, por entre bocejos e lamentos: “Credo... tanta chuva! Parece castigo do Céu.”

Não havia dias mais enfadonhos do que esses para o Morcela. Sempre que apanhava uma estiada, saía de casa a toda a pressa, à procura de gente que se recusasse a morrer calada, de gente capaz de reinventar o presente.

Como era seu hábito, farejou a porta de tia Luísa Faneca. Pelo bater dos pés no chão, reconhecia-o à distância. “Lá vem o cachorrinho à procura de aconchego.”

– Tia Luísa... posso entrar?

– Entra cá para dentro, minha cara perfeita.

Sentada no estrado, passava ali o santo dia agarrada aos bordados, apesar da vista cansada. Penava os olhos da cara para ganhar uns vinténs que mal chegavam para comprar o açúcar, o petróleo e o chá preto.

– Mas a vida é assim desde o princípio do mundo. Temos que nos conformar com o nosso destino. Se não fosse uns dinheirinhos que meus irmãos me mandam da América, estava desgraçada.

Recostado no canto da janela, o Morcela deixou-se embalar pela verbosidade de tia Luísa. Ansiosa por destravar a língua, nem lhe deu hipóteses de se atravessar na conversa. Olho na faca, olho na lapa, que é como quem diz, olho no bordado, olho no movimento do caminho, e as histórias fluíram frescas como talhadas de melancia.

– Olha... lá vai a Maria do Salsinha. Já é a terceira vez que aquela mulher passa aqui hoje. De manhã, foi para a venda e ficou por lá até o Chico vir d'areia¹⁰; depois, foi levar o jantar ao homem, que está a trabalhar no cerrado da Grotta, e esteve massame de tempo de conversa à boca da canada. Que volta levará ela agora? Com aquela garrafa embrulhada em papel fino, vai fazer visita com certeza. Ah... já sei... deve ir a casa do João Caracol que foi padrinho do Crisma do filho. Olha a safada! Se pensa que ele lhe vai dar roupa nova para as festas... está bem enganada. Aquele conica não dá nada a ninguém. Sabes que o salta-pocinhas me pregou uma desfeita, logo que chegou da América?!? Pois foi...Estava eu aqui sentada no meu sossego, quando ele passou por aí fora inchado que nem um peru, com o seu chapéu de *cáboia* e uns *alvarozes* novinhos em folha... Cumprimentei o homem, dei-lhe os parabéns por estar de volta à sua terra e desejei-lhe muita saúde para gozar a sua casinha nova. Conversa puxa conversa... e perguntei-lhe o que é que ele fazia lá por fora. Mas foi com a melhor das intenções, porque eu cá não sou mulher para me importar com a vida dos outros. *Eu só trabalhava nos dias de vento*, respondeu-me com ar meio trocista. Fiquei embaçada a olhar para ele. Mas que negócio é que este homem arranjou aí para fora?, pensei cá comigo. *Trabalhavas só nos dias de vento? Yé, xôa. Na América faz muitos ciclones e eu andava a segurar as saias às mulheres. Ó rapaz, senti as tripas a revirarem-se, subiram-me cá uns calores pela cara arriba e atirei-lhe logo às ventas: É um bonito serviço! E nos outros dias puxavas para baixo as calças aos homens!* O folhinha-de-rosa ficou bravo como lume, mas não podia passar que não lhe dissesse. Cuidava que fazia pouco de mim, mas sou grossa de mais para palhito. Aquele zabelinha, atrevido, se pensava que me embatucava, ficou sabendo que os dólares não encobrem os defeitos de ninguém. Mas o dinheiro também não deve ser muito. Segundo consta, andou lá por fora poderes de tempo às malhetas, sem conseguir cheta para pagar as dívidas que tinha levado daqui. E a mulher dele?... Uma pata-choca que não valia um seicento¹¹

¹⁰ Chico vir d'areia – expressão que significa demorar-se muito

¹¹ Dez centavos

furado a arrastar galocha antes de embarcar, anda-me por aí a apregoar à boca cheia que o seu Jó lhe deu um perfume, que cada esguicho que ela despeja no corpo custa mais de vinte escudos. Oh, passa fora! Eu dava-lhe um esguicho perfumado mas é duma coisa que eu cá sei. Por fora são tudo rendas, mas por dentro, se calhar, nem fralda tem. Anda-me muito algravidada daquele juízo. Pelo bater da asa, galinha que cacareja daquela maneira anda necessitada de galo. Mas deixemos a vida dos outros e falemos cá das nossas. Outro dia vi-te todo prezado com tua mãe à espera da camioneta. Aquela camisa que levavas era muito bonita.

– Foi a tia Conceição que trouxe da América.

– Eu vi logo que aquilo não era roupa das nossas lojas. E gostaste do teu passeio?

– Ah... assim, assim.

A resposta evasiva não afastou tia Luísa das suas intenções. Deduzira que não tinham ido às compras, porque vira-os regressar de mãos vazias, e andava intrigada com a viagem misteriosa.

– Já não vou lá há uns anos, mas consolo-me a passear naquelas ruas. Então de noite, aquilo parece um céu estrelado com as luzes todas acesas. A última vez que fui à cidade, foi por causa dum problema de saúde da pequena do Manuel Bizarro, mas não contes isto a ninguém. Ela andava muito doentinha e fomos a casa dum benzedor que mora ao pé ... Ah, meu Deus, como é que se chama aquela igreja?

– É a igreja da Conceição.

– É isso mesmo. Fui acompanhar a mãe da pequena e ela ficou curada num instante.

Tia Luísa encaminhou facilmente o murganho para a ratoeira. Sabia da doença dele, da visita clandestina a casa da tia Rosa Corcunda e a viagem repentina trazia água no bico. Com a resposta pronta, confirmou as suspeitas e mudou de assunto.

– Importas-te de me dar aquela meada, para ver se acabo de bordar este ramo?

Enquanto enfiava a linha, espreitou pela janela e viu passar o carro do doutor Ávila.

– Eu bem me parecia que ele já tinha chegado para passar as férias. Se calhar ainda vem cá hoje. Deixa-me dar um jeitinho neste meio-da-casa e limpar aquela cadeira para ele se assentar. Sempre que aquele carro passa por aqui, lembro-me do primeiro automóvel que vi na minha vida, quando era

rapariga mais nova que tu. Era um carro preto, luzidio, dum doutor da Praia que livrou muita gente das agonias da morte (e fez, instintivamente, o sinal da cruz). Vinha eu pelo caminho fora, descansadinha da vida com a lata de leite desnatado na mão, quando vejo uma coisa preta a correr, a andar sozinha, sem rezes nem cavalos a puxá-la. Perdi logo o tino. Atirei-me para a valeta e subi a parede num pulo, sem nunca mais me lembrar do leite. Mal passou por mim a roncar, sumiu-se logo na volta do Cruzeiro. A canalha desenfiou-se toda para as travessas, como se tivesse visto coisa do outro mundo. Estás-te a rir, mas andei três dias sem botar os pés no caminho.

À medida que deslindava a história, ia passando a vassoura pelo chão de terra batida e sacudindo o pó da arca. A casa bem merecia uma sacudidela mais profunda, que limpasse o rendilhado das teias de aranha e a poeira das fotografias de família, penduradas na parede. Ampliadas e retocadas por um fotógrafo americano, a expensas do irmão, eram o único livro da sua vida folheado com mãos ciosas. Traçou para o Morcela a biografia de cada personagem, cruzou diálogos e episódios entre eles, e pô-los a circular pela casa, como fantasmas que jamais tivessem abandonado aquele pardieiro. Eles eram o muro das suas lamentações, quando se encontrava sozinha, aflita com as dores do desamparo.

– Ah, minha Nossa Senhora! Estas minhas costas são uma desgraça. Sempre que faço um esforçozinho, fico derreada da suã que nem me posso mexer. Já pensei em ir ao doutor, mas minha sobrinha Margarida anda a tratar-se com ele e é a mesma coisa que nada. Da última vez que lá foi, o toleirão receitou-lhe uns comprimidos tanto miudinhos que mais pareciam um grão de trigo. Gastar uma nota preta na farmácia, só para tomar uma coisinha daquelas à noite... era o que faltava, disse-me ela toda descorçoada. Resolveu tomar três de cada vez, mas o resultado foi o mesmo. Não tenho fé nenhuma naquele homem. Mas, olha, não estou para me preocupar. Só se morre (e voltou a benzer-se) quando Deus Nosso Senhor quiser.

O desabafo conformado de tia Luísa não correspondia à verdade. Todas as noites, cumpria a obrigação do terço, pedindo saúde a Nossa Senhora. Invariavelmente, adormecia encostada à barra da cama sem concluir a tarefa. Ao acordar estremunhada, os dedos percorriam as contas do rosário com muito pragmatismo e a grande velocidade: “Esta é igual à outra, esta é igual à outra...”.

Possuída por um terrível pavor da morte, benzia-se sempre que a palavra era pronunciada. No início, ainda conseguiu afastar pensamentos mórbidos, mas acabou por ser dominada pela obsessão.

Certa noite, sonhou com o seu velório e não gostou do procedimento das amigas. Ficou toda afrontada quando se viu deitada no esquife com uma saia velha de cotim, uma blusa de manga curta, um lenço na cabeça e uns sapatos de trazer por casa. “Sou pobrezinha, mas isto não é roupa para uma pessoa se apresentar a Nosso Senhor. O que é que Ele vai pensar de mim?” Bem esperneou no caixão, mas ninguém acudiu ao chamamento.

Liberta do incubo, decidi preparar-se convenientemente. Com uns pesos¹² que o irmão lhe mandara da América, comprou um tecido cinzento-escuro e mandou fazer um vestido comprido, na costureira. Guardou a mortalha num canto da caixa, embrulhada num lençol de linho. De vez em quando, resolvia arejá-la. Certo dia, enquanto a experimentava, rezou um Pai-Nosso para que a Providência lhe adiasse a visita da carreta funerária. No meio do delírio, acabou a resmungar sozinha: “Não devia ter comprado esta fazenda tanto grossa. Se morrer no Verão não vou conseguir aguentar o abafado deste colarinho.” Depois de uma breve pausa, tentou consolar-se: “Mas se morrer no Inverno... sempre vou mais bem aconchegadinha. Aquele cemitério é gelado como o diabo.”

Apesar do medo, organizara o seu passamento com mais rigor e precaução do que gerira a vida. Combinou com a sobrinha todos os pormenores da cerimónia e do testamento: doava-lhe o seu quinhão da casa, o minguado recheio e o dinheiro que sobrasse da compra do féretro e das missas do sétimo e do trigésimo dias.

Agarrada ao cabo da vassoura, parou no meio da salinha, olhou os cantos a confirmar o asseio e virou-se para o Morcela:

– Se o senhor doutor ainda hoje cá passar, está tudo limpinho, não vá ele pensar que sou uma desmazelada como aquela vizinha de São Miguel. Já viste a casinha deles? É uma tristeza!... Não têm móveis nenhuns, dormem no chão em cima de papelões, embrulhados nuns panos, e comem açorda com as mãos. Os nossos pobres não são miseráveis daquela maneira. Os filhos mais pequenos arrastam-se por esses caminhos, rotos e ranhosos a pedir uma esmolinha que mais parecem uns famintos. Se não fosse o senhor padre a arranjar umas roipinhas para eles, morriam de frio no Inverno. O que não lhes falta é força para gabar São Miguel e botar a nossa ilha para baixo. O homem e os dois rapazes mais velhos, quando é preciso, vão trabalhar a casa de minha cunhada, casada com meu irmão António. Há tempos, estava lá a

¹² Designação dada antigamente aos dólares americanos

ajudá-la e um deles, que é mais falazão, começou a dizer que a sua terra era muito desenvolvida e que havia marqueses podres de ricos. Eram donos de propriedades do tamanho da nossa freguesia, passeavam-se nos seus carros antigos e viviam em palácios com grandes lagos e jardins cheios de árvores. Algumas delas tinham troncos tanto grandes que dois homens juntos não os abraçavam. Notei no rapaz um certo ar de trocista e dei-lhe logo a resposta: *Olha, também temos por cá muitos marqueses, mas coitados já perderam o brasão.* Fui à borralheira, peguei no penico de duas asas e mostrei-lhe: *Estás a ver? Estes é que são os nossos marqueses.* Perdeu o pio e nunca mais disse nada, o raio do corisco mal amanhado. Mas eu cá não me calei: *A terra de vocês é muito rica, mas então porque é que vêm tantos desgraçados para cá a morrer à fome? A gente aqui não somos ricos, mas somos amigos de fazer bem.* Pega-me os bofes sempre que oiço aquela gente a querer falar mal da nossa ilha. Até parece que são doutra nação. Aquilo é uma raça excomungada, mas, diga-se a verdade, são uns ricos homens de trabalho. Tomara os nossos serem como eles.

De tanto dar à língua, ficou com a boca seca. Foi à cozinha, arrumou a vassoura num canto e bebeu uma xícara de chá frio, sem açúcar. Fechou o reposteiro da borralheira, desapertou os atilhos das cuecas de pano, afastou as pernas e aliviou a bexiga no balde das lavagens do porco. Mal acabou de se sentar no estrado, bateram à porta.

– Não me digas que já é o senhor doutor Ávila?

O Morcela esboçou um gesto de saída, travado com uma palmada no ombro:

– Não te vás embora, toleirão. Fica aqui para falares com aquele homem...

Nunca se sabe se vais precisar dele.

Uma voz de soprano acompanhou o bater dos dedos:

– Ó Luisinha... já cá estou.

– Entre cá para dentro, senhor doutor, que esta casa é sempre sua.

O senhor doutor Ávila era um advogado muito influente em toda a ilha e temido na barra do tribunal, por entalar facilmente os outros causídicos. Habilidade na política caseira, conseguira navegar sobre as ondas agitadas da República e rabear nas convulsões da Ditadura. Quando percebeu que o Estado Novo viera para ficar, colou-se como uma lapa. Com cargos de relevo na administração distrital, manobrava os cordelinhos, fazendo e desfazendo enredos à sua vontade. Movia influências, em Lisboa, para promover ou despromover autoridades locais, criando laços de dependência utilizados a

seu bel-prazer. A sua sede de poder assemelhava-se à de um alcoólatra: começara, por brincadeira, com um copo de vinho e acabara a empinar um garrafão de zurrapa.

Adorava a freguesia natal, visitando-a com regularidade para ser padrinho de baptismos, crismas e casamentos ou para participar em Funções do Espírito Santo. Com excepção dos passeios que fizera à capital, ou a São Miguel para ver o filho e os netos, as férias eram passadas na casa onde havia nascido. Apreciador das Danças de Entrudo, todas elas se exibiam à frente da sua porta. Uma vez por outra, combinava com o presidente da Junta uma recepção mais estrondosa. Banda de música, uns foguetes e uns vivas eram ingredientes indispensáveis para ficar satisfeito com a manifestação espontânea dos patrícios.

No dia seguinte ao da sua chegada para a vilegiatura de Verão, brindava os miúdos com presentes comprados na loja do Pedrinho Amiguinho. Para quem passara a infância a receber um chocolate Regina (que o Menino Jesus remetia pelo seu carteiro de serviço, o São Nicolau), aquele gesto magnânimo gerou uma grande admiração. Alegria semelhante só fora sentida quando os americanos se lembraram de correr as freguesias da ilha a distribuir umas caixinhas ofertadas pelo programa *People to People*. Eram berlindes, piões, piorras, lápis de cera, caderninhos, canetas, enfeites para o cabelo, bolas pequenas de borracha... um mundo de surpresas que deixava todos encantados.

Aos primeiros laivos da manhã, abria a portada da loja e ficava do lado de dentro de uma grade a distribuí-los. Os que eram conhecidos recebiam os melhores brinquedos; para os outros também tinha uma lembrança, precedida da fatal pergunta: "Tu de quem és?" E com aquele procedimento mantinha-se sempre actualizado.

O resto das férias entretinha-se no escritório cheio de livros e de jornais antigos, a ler e a escrever. Ou, então, no jardim, numa cadeira de palhinha, rodeado de cardeais, roseiras-do-Japão, hortênsias, um loureiro e uma grande amoreira que alimentava os bichos-da-seda das redondezas. De vez em quando, o olhar fixava-se no balancé artesanal, onde os netos haviam brincado. Há anos que não os via e as saudades apertavam. Recusava-se a andar de avião e as viagens de barco até São Miguel já eram penosas. A situação agravou-se quando o filho deixou de o visitar, porque o sangue azul da mulher só se excitava com os ares lisboetas. As ilhas – expressão que ela usava com desdém quando se referia às outras – não possuíam *glamour* nem salões a condizer com o seu *pedigree*.

Para desanuviar o espírito, percorria as canadas da sua meninice, presentando as velhinhas com meio quilo de açúcar e visitando algumas pessoas mais chegadas. Tia Luísa era sempre a primeira, não só pela afeição mas também pela preciosidade das suas informações. Após longas horas de conversa, ficava a par de tudo o que se passara na freguesia, evitando ser apanhado em falso. Dominar a informação, para jogar os trunfos certos nas vasas certas, era o segredo do seu sucesso.

Depois de um prolongado abraço, lançou-lhe um galanteio:

– Continuas sempre nova e bem rosadinha.

– Nem por isso, senhor doutor. A casa caiada por fora não quer dizer que os barrotes estejam sem caruncho.

– E este rapazola de quem é? – perguntou depois de um rápido exame às feições, pois não se lembrava de o ter visto na distribuição das prendas.

– É filho do Jerónimo da Mariana – afirmou num sotaque de voz cúmplice.

O doutor compreendeu e mandou recado:

– Muito bem!... Espero que venhas a ser mais ajuizado que teu pai. Já acabaste a escola?

Tia Luísa, notando o acanhamento, esclareceu:

– Anda na quarta classe. Nestes últimos tempos estive aborrecido, mas já está mais pairado. Quem me dera que as minhas doenças fossem como as dele.

E começou logo a desfolhar o catálogo das mazelas. Com as lamúrias e em troca de boas informações, o doutor acabava sempre por meter a mão no bolso do colete e compensá-la com uma moeda grande. Queixou-se de palpitações e de pontadas abertas no peito que lhe dificultavam a respiração; de um zunido e de tonturas na cabeça que lhe punham o chão a dançar debaixo dos pés; das dores na espinha que não a deixavam bordar e do reumatismo que piorava, quando o tempo virava para a banda dos Biscoitos.

Reduzido à sua insignificância, o Morcela seguiu atentamente a coscuvilhice. Tia Luísa começou por descrever minuciosamente as brigas familiares na freguesia, por causa das partilhas. Informações muito úteis ao senhor doutor, na qualidade de advogado, que as aproveitava muito bem lançando mais veneno. Saltou, depois, para as histórias em torno do senhor padre Tadeu: as amizades daquela, as visitas da outra, as críticas deste e assim por diante. Mais divertidas, só as descrições das cenas dos namoricos. Explodiram

em risinhos acriançados e segredaram piadas ao ouvido um do outro. Os olhos de ambos brilharam de júbilo, recordando momentos íntimos na adolescência.

Segundo as más-línguas, o menino treinara devidamente a retórica com ela, muito antes de se formar em Leis. Ao partir para Coimbra, colocou uma grande pedra de cantaria sobre o caso; após o regresso e já casado, não resistiu às carnes viçosas de tia Luísa. Mas foram, apenas, dois ou três encontros esporádicos, na poltrona do seu escritório, em Angra. Dedicado à política de alma e coração, a fogsidade adormeceu como uma criança. Tia Luísa é que nunca abandonou o sonho. Amarrada à ficção que construía, recusou uma carta de chamada da América e nunca mais pôs os olhos noutra homem. O seu único consolo eram aquelas conversas que se mantiveram pela vida fora. Esmerava-se no agrado, bufando tudo o que sabia. E não haja dúvidas: sabia de tudo e de todos. Naquele dia, porém, omitiu algumas informações relacionadas com o pai do Morcela.

Quando se deu por satisfeito, o doutor ofereceu-lhe uma esmolinha, no seu estilo muito peculiar: deixava a moeda na palma da mão para que os outros se vergassem à sua altivez caritativa.

– Guarda este escudo para te lembrares sempre de mim – disse também para o Morcela, que denunciou um pequeno gesto de indecisão. Tia Luísa antecipou-se, tirou a moeda e deu-lha.

– Havemos de falar outro dia, pois precisamos de acabar a nossa conversa – frisou o doutor, na despedida.

– Traga uma saca grande, que as novidades são muitas.

Mal fechou a porta, tia Luísa largou-lhe um raspanete:

– Ias fazendo uma desfeita ao senhor doutor.

– Ele disse que meu pai não tinha juízo e eu ia aceitar o dinheiro dele?

– Não faças caso. Não vale a pena meteres-te nisso, porque não tens culpa de nada.

O Morcela andou uns dias a cismar naquela conversa. Tudo o que diziam acerca do pai parecia ter algum fundamento. Os meandros da política escapavam-lhe por completo, mas duma coisa ficou ciente: ao lado do doutor Ávila nunca se colocaria. Para o pai ser do contra, qualquer coisa de grave se estaria passando. A partir de então, refreou as visitas a tia Luísa e decidiu esclarecer o assunto. Um dia... quando encontrasse forças para vencer os bloqueios que, inexplicavelmente, impediam que os corações de ambos se abrissem um para o outro. E esse seria, com toda a certeza, o dia mais feliz da sua vida.

Rogério Pilheca era uma jóia de rapaz, mas pouco habituado a fazer contas à vida. Só depois de construir e mobilar a casa se apercebeu que o sonho voara para além das algibeiras. Que remédio senão ir morar com o sogro, durante uns tempos, alugando a casa à professora.

No dia em que chegou numa furgoneta carregada com vários utensílios, a miudagem espalhou, rapidamente, a novidade. As vizinhas apressaram-se a oferecer os seus préstimos e iniciaram o cerco. Em escassos minutos, fizeram-lhe a radiografia do passado e do futuro.

– É muito verde para segurar aquela canalha!

– Tem ar de cabecinha de vento. Oxalá não venha para aí desassossegar os filhos de cada um.

Perante as opções na distribuição do serviço, a professora aliviou o calvário do mestre-escola, agarrando a solução mais justa: trabalhar com os alunos da segunda e da quarta classes.

Tia Mariana bateu-lhe de imediato à porta, na disposição de encetar uma conversa séria. Para o seu feitio petulante, era uma vergonha o seu rico filho não conseguir fazer o exame: “O rapaz é esperto, mas o professor não puxa nada por ele.” Contou-lhe, com toda a minúcia, os problemas que o haviam atormentado e tomaram uma decisão: uma ajuda extra-escolar, uma vez por semana, até ele encarrear sozinho.

– Mas esteja à sua vontade. Se não se portar bem, dê-lhe umas bolachas na cara!

Filomena acompanhou-a cheia de curiosidade, pois sonhara ser professora, desde pequena. Exercera a sua vocação com as bonecas de pano, colocadas no estrado, ou com o irmão, e ali passara horas seguidas a ler-lhes trechos dos livros da escola. Graças a ela, o Morcela aprendera facilmente o alfabeto e a folhear livros como quem trata uma flor. Terminada a quarta classe, com distinção, a mestra bem tentou demover a teimosia de tia Mariana para que Filomena prosseguisse os estudos. A decisão era irrevogável: “Raparigas é em casa!” E o destino da filha ficou traçado: fechada a fazer renda e a sonhar com histórias de amor, descritas em fotonovelas. “Qualquer dia, ficas pegadinha do juízo”, barafustava a mãe, preocupada com a cegueira de ler todos os dias, antes de dormir. De pouco serviram as reprimendas. Aqueles momentos de evasão eram sagrados. Tão sagrados como as orações nocturnas, de mãos postas e olhos semicerrados.

Conhecer a nova professora, era uma boa oportunidade para se relacionar com alguém que lhe revelasse facetas de um mundo diferente. Apesar da mútua simpatia, não criaram uma amizade profunda. Tudo por culpa de tia Mariana, um autêntico cão de guarda a cada visita que a professora lhes fazia. A recomendação de leituras mais apropriadas ou o empréstimo de um livro mereciam logo um comentário: “A senhora professora desculpe a minha ignorância, mas Filomena ainda é nova para ler essas coisas.” O riso da professora não a deixava sossegada. Um riso que tia Mariana nunca soube decodificar. Nem o riso nem os gestos, carregados de poderes demoníacos. Comparava-a com a lavadeira que apaga o rasto dos seus passos com a cauda, e a desconfiança instalou-se.

Livros em casa eram uma fonte de insegurança. Bastava ler o título, *A Morgadinha dos Canaviais*, e o pensamento retorcia-se: “Canavial... sítio isolado... morgada... cheira-me a esturro.” Aquelas letras miudinhas fugiam ao seu controlo, porque podiam ser lidas, relidas e mastigadas. Um perigo bem mais nefasto que o rádio. As palavras do locutor voavam com o vento e ela tinha sempre hipótese de dar a volta.

Às quartas-feiras, o Morcela saía da escola, comia e abalava para a explicação, na companhia do Raimundo Borges, aluno distinto a preparar-se para a admissão ao liceu. Esmerou-se no estudo, revelando qualidades que em nada coincidiam com o seu recente passado académico. O segredo desse empenho só o Raimundo o conhecia: a paixão assolapada que fora nutrindo pela mestra.

A professora Leonor era uma jovem acabada de se diplomar, oriunda das Ilhas de Baixo. Um braçado de mulher, de cara redonda, olhos azuis e cabelo louro ondulado. Apesar de não usar roupas justas, a perfeição das linhas corporais sobressaía. “Pelo andar da carruagem, ainda não foi trincada.” Era uma pessoa alegre, muito dada, o que lhe trouxe alguns dissabores. Falava com todos sem qualquer maldade, fitando olhos nos olhos o interlocutor. Os rapazes cobiçavam-na à distância e com ela dormiam na alfofa dos seus sonhos. “Uma mulher tão linda e a viver sozinha... Ai, quem fosse mosca!”

O Alfredo Nica-na-Velha nunca mais deixou em paz o Morcela. Queria, por força, saber como era a casa dela, o que fazia e em que quarto dormia. Na sua cabeça, congeminou um esquema de ataque e pô-lo em prática: pela calada da noite, foi rondando a porta e estudou o terreno, no caso de ser importunado pelos vizinhos. Traçou os planos para uma fuga precipitada e resolveu começar a espreitá-la, na fase da lua nova. Saltava pelas traseiras do

quintal e encostava-se às janelas da cozinha e do quarto de cama. Primeiro, apreciava-a deitada a ler um livro, ainda vestida, ou na cozinha a aquecer água na chaleira. De regresso à janela do quarto, assistia à queda de cada uma das peças da roupa, colocadas depois no guarda-fato e nas gavetas. Corria novamente para a janela da cozinha e os olhos colavam-se no fio de água a escorrer para uma bacia de esmalte. Quando a professora tirava a cueca e o *soutien*, o Alfredo já estava a gemer, com os olhos revirados e as ceroulas todas ensopadas.

Passou várias noites empolgado com o maná caído do céu. Sempre que ouvia os outros cobiçarem a formosura da professora, sentia uma enorme vontade de lhes revelar a pureza das formas, a brancura dos seios e, principalmente, a mancha negra semicircular esculpida na nádega esquerda. Com muito sacrifício, conteve a tentação de revelar o segredo, até que um dia foi apanhado. Nas deslocações rápidas entre as janelas, tropeçou inadvertidamente num balde de folha. Com a cambrela, o ruído ecoou no silêncio da noite, assustando a professora e acordando os vizinhos. Fugiu pelo quintal, assediado pelos cães das redondezas, e torceu um pé ao saltar para a canada.

Valeu-lhe o amparo de Francisquinho Felicoques que regressava a casa das suas misteriosas rondas nocturnas. Ficou assustado ao ver um vulto tombado contra a parede, “Quem será aquele bêbado atrapalhado com a busana?”, e aproximou-se com cautela, até reconhecer o rosto lívido do paciente.

Era a última pessoa por quem Alfredo gostaria de ser socorrido. Poucos dias antes, chamara-lhe *naião*¹³, na sequência de uma abordagem menos conforme à sua ética. Francisquinho não engoliu o ultraje e passou a olhá-lo de esguelha. Num primeiro momento, intentou vingar-se e deixá-lo para ali sozinho a sofrer, pagando pelo vitupério lançado. Mas àquela hora da noite não havia lugar para remoer afrontas.

– Então, o que foi que aconteceu?

– Torci um pé naquela poça e não consigo andar.

Julgando o assunto arrumado com a resposta plausível, aceitou a ajuda e abalaram em direcção a casa.

Francisquinho nunca alcançara tanta felicidade na vida. Finalmente, conseguia abraçar aquele peito de homem a sério, todo musculado e a cheirar a sémen que tresandava. Alfredo suou com dores e com raiva. Não suportava

¹³ Homossexual

que o pescante¹⁴ o tivesse abocanhado da forma mais traiçoeira. Com um gesto maternal, Francisquinho enxugou-lhe as gotas de suor escorrendo pela testa, mas sempre desconfiado – a qualquer instante, o Alfredo podia reagir e pregar-lhe um murro nos queixos. Porém, as dores eram fortes de mais para tais ímpetos e entregou-se, por completo, nos braços da ama protectora.

– O que foi que se passou ontem à noite no seu quintal?... Parece que andou alguém embrulhado nas latas! – inquiriram as vizinhas.

– Devem ter sido os cães a saltar à doida por aí.

A professora Leonor sabia perfeitamente que o estriloço não fora obra de caninos e a resposta não convenceu os curiosos. Nos dias seguintes, correram de boca em boca profundas versões: a mais benigna correspondia à verdade, embora desconhecessem o malandro atrevido; a mais malévola, divulgada por tia Luísa, atirou-lhe para cima uma dúzia de amantes. O barulho das latas teria sido o resultado de um encontro inesperado entre dois deles, a disputarem a presa como leões.

A partir daquela noite, a professora passou a ser mais cuidadosa. Trancou todas as portas e portadas das janelas, como se estivesse iminente um ataque de índios à fortaleza. Revoltada com a suspeita, esmoreceu-se a candura que lhe iluminava o rosto.

Francisquinho, reconhecendo o logro, resolveu fazer uma visita ao Alfredo.

– A mentira tem pé curto.

Recebeu como resposta meia verdade:

– Só lá fui naquela noite e estou disposto a pedir-lhe perdão.

Ansioso por ter alguma intimidade com a professora, ofereceu-se como mediador. Perante a recusa, o sacristão não deixou de espalhar a boa nova, repicando a língua comprida e tão sonora como o badalo de um sino. Pequenos detalhes, grandes suspiros, revelavam o sacrifício, mais físico do que espiritual, para conseguir arrastá-lo até a casa. Como era de esperar, Alfredo reagiu mal, muito mal, à intimidade divulgada. Rangeu os dentes e prometeu vingança quando botasse os pés no caminho.

– Entre cá para dentro, senhora professora. A casinha é de gente pobre, mas honrada. Tem que dar um desconto ao meu filho, porque ele não tem os alqueires bem medidos.

¹⁴ Homossexual

Debulhou-se em lágrimas a pedir desculpas por uma acção muito feia que não merecia perdão e, num tom de lamúria, contou-lhe os sacrifícios que penava para controlar aquele corpo irrequieto:

– Sempre foi assim desde pequenino. Já lhe disse que ainda vai parar à cadeia, mas ele não se emenda.

A professora sossegou-lhe o espírito. Não tinha intenção de encalacrar a vida ao filho, mas era necessário que ele assumisse responsabilidades.

– Achas bem aquilo que fizeste?

Com um rodilhão na garganta, Alfredo limitou-se a abanar ligeiramente a cabeça. Estirado na cama, com os olhos vermelhos e inchados, pôs as mãos implorando perdão pelo atrevimento. A ameaça foi convincente: levaria o caso à justiça se o acto se repetisse, com ele ou qualquer outro. O aviso serviu de emenda e ninguém mais a incomodou.

O compromisso morreu com ele, num juramento selado com o lacre e o sinete da honra. Nem o senhor padre Tadeu teve o privilégio de conhecer os contornos das suas deambulações por quintais alheios.

– Já sei os pormenores todos, mas só posso dar-te o perdão se os ouvir da tua boca.

Manha, muita manha tão velha como a Salve-Rainha. Alfredo, calejado, aguentou a estocada com a bravura de um touro que não se deixa embolar. Não estavam em causa princípios de fé, mas um confronto entre homens de carne e osso a demarcarem o seu território. A confissão transformou-se, assim, num jogo escorregadio. O peso na consciência criou-lhe algumas angústias, mas o sabor da vitória reconfortou-lhe o espírito. Com a língua seca como a cavala que lhe servia de conduto à açorda de pão de milho, limitou-se a responder:

– Só lá fui naquela noite, não vi nada e estou arrependido.

Arrependido... da boca para fora. O peito continuava a tremer, ao perseguir o rasto da borboleta loira esvoaçando pela rua. Todas as noites, acariciava-lhe o sinal preto da nádega. Deitado na cama, via-a entrar pela porta do quarto, com toda a leveza. Completamente nu, erguia-se e caminhava em direcção a ela, segurando-lhe a cabeça entre as mãos. Absorvia em silêncio o perfume dos olhos brilhantes e desapertava com delicadeza os botões da camisa. Nas várias noites em que a espreitara, aprendera todas as técnicas que deixam um principiante em apuros perante um *soutien*. Como quem prepara o terreno para a sementeira, cobria de beijos os ombros e os seios desnudados. De seguida, puxava o fecho da saia. De joelhos, desenhava

pequenos círculos com a ponta do nariz à volta do umbigo, enquanto as mãos rugosas lhe apertavam as coxas. Com os polegares, descia lentamente as calcinhas e toda ela ciciava de prazer. Só então lhe pegava ao colo e a deitava na cama. Percorria-lhe o corpo inteiro com dois dedos, fazendo cócegas: “Bicho vai, bicho vem, come o pai, come a mãe e a menina também.” E ela respondia com toda a ternura: “Tu é bicho, tu é bichinho, tu é mesmo um cócói, tem pelinhos no rabinho e corninhos como o boi.” Por entre suspiros e abraços, passavam horas e horas enrolados, sem que o acto se consumasse. Inconscientemente, guardava esse prazer sublime para o dia seguinte e acabava por se aliviar com os olhos postos no tirante.

Às voltas na sua gaiola como um canário sem alpista, a professora também não ficou indiferente à ousadia do Alfredo. O mocetão do campo, forte e espadaúdo, contracenou com ela nalguns devaneios. Experimentou um enorme prazer ao imaginar-se vigiada nos momentos mais íntimos. Nas noites de Lua Cheia, mesmo depois de ter abalado para as bandas da cidade, deixava a portada da janela semiaberta. Vá lá saber-se porquê.

16

Num rodopio estuante, as peças do enxoval cresciam em perfeição, nas mãos de Filomena e Amélia, perante a perplexidade de Lucy. Para quê tanta ansiedade se nem namorados tinham. Mas haveriam de ter, respondiam elas. Com essa miragem, dia após dia, ano após ano, teciam afectos para se entregarem firmes e devotas até que a morte os separasse. Pressionada pela mãe, tentou seguir-lhes o exemplo. Um desastre total: o fio e as laçadas escapuliam-se pela ponta dos dedos a grande velocidade.

Com a franqueza de quem nada tem a esconder, Lucy falava com desembaraço, num ligeiro sotaque estrangeirado, defendendo os seus pontos de vista sobre qualquer assunto. Uma determinação que deixava tia Mariana inquieta. Rapidamente, desistiu da ideia de a acasalar com o Augusto. Lucy exibia hábitos esquisitos e modernices inaceitáveis: banho diário em coiro (na *shaua*¹⁵), cara besuntada com cremes, beijos pintados, calças apertadas, saias muito curtas (pelo joelho), perfume nas orelhas e dentes escovados todas as manhãs. “Que vício! Qualquer dia, ainda lhe caem!”

¹⁵ Shower – duche

Os sentimentos amorosos preenchiam uma boa parte da conversa com Filomena e Amélia, quando tia Mariana não estava presente. Andavam inquietas por conhecer-lhe o passado, mas Lucy só podia revelar-lhes os prazeres da camaradagem: as corridas de bicicleta no parque, a euforia das claques nos jogos de basquetebol, os passeios em grupo pelo bosque ou as festas do tempo do liceu. A imagem do rapaz ideal, incutida pela mãe desde o berço, não se reflectia nos colegas de diferentes origens e religiões. Todos eles carregavam defeitos atávicos e Conceição não lhe dera asas para voar. A vontade de a ver casada “com um pequeno dos Açores”, levou a filha a conceber um modelo difícil de descobrir nos meios em que circulava.

No primeiro ano de permanência na Terceira, Lucy desforrou-se das apearções a que tinha sido submetida na América. Enquanto frequentou a escola, gozou de relativa liberdade, aproveitando a ocupação dos pais com o horário de trabalho normal e com as horas extraordinárias. Pouco dada a leituras, não concluiu a escola alta¹⁶, expressão usada pela mãe, optando por arranjar emprego. O ritmo monótono do quotidiano – trabalho, televisão e cama – não era compensado com as saídas ao fim-de-semana. O “não bebas, não fumes, vai devagar para não bateres com o carro, cuidado com as companhias!” revivavam-lhe os nervos de tal forma que preferia, mil vezes, ficar sossegada em casa a comer pipocas e a ver televisão.

Após a partida do irmão para o Canadá, o pai parecia uma lapa presa à pedra, sem a deixar respirar. Para cúmulo da desgraça, foi assaltada de forma violenta por um bando de rapazes. Desde então, perdeu o gosto pela América. Por tudo isso, aceitara de bom grado acompanhar os pais no regresso à ilha. Apesar de continuar controlada, conquistou uma nova liberdade, sem receios de qualquer espécie.

Inconscientemente, havia acondicionado nas malas do porão a esperança de encontrar o seu Romeu. Um olhar vivo, malicioso, uma covinha no queixo e uns dentes alvos de neve davam-lhe uma expressão radiosa; as abundantes calorias acumuladas nas ancas e no peito enchiam o olho dos muitos candidatos. “Lá está a americana” e o cerco apertava. A conta bancária de João Caracol era um bem tão apetecível como a filha. Lucy deu troco a muitos deles, mas era tudo superficial e sem aquela emoção que provoca desejos efervescentes. Pretendia, acima de tudo, realizar-se como mulher, ter vida própria e independente.

¹⁶ High School – Liceu

Em acabando as festas, chega o Inverno carcereiro. A tristeza e a depressão começaram a bater-lhe à porta. Nos dias chuvosos e húmidos, sentava-se na cama a ver as gotas escorrerem pela vidraça. Submersa em pensamentos flácidos, isolou-se do mundo e de todos, como se estivesse a cumprir pena de degredo. Nesses momentos, um fio de nostalgia caía-lhe no colo. Na América, ao menos, tinha televisão para se entreter.

Pouco depois de chegar à ilha, acalentou a esperança de trabalhar na Base Americana. Por intermédio das primas da professora Leonor, a hipótese tornou-se realidade. A mãe começou por desviar-lhe as intenções, embora admitisse que pudesse arranjar alguma ocupação. Nessa época, o representante da máquina de costura *Husqvarna* percorria as freguesias promovendo cursos, com o objectivo de angariar compradores para a mercadoria. Conceição aproveitou a ideia e sugeriu:

– *Yá*, podes aprender costura e trabalhar em casa como modista.

Ao vê-la franzir o sobrolho de espanto, lançou outra alternativa:

– Ou, então, montas uma mercearia moderna como aquela do *Mister Smith* e safavas-te a desbançar.

– Isso era bom para mamãe que anda por aí sem fazer nada.

– Eu... trabalhar aqui?... Estás fraco do juízo!

O pai reagiu de forma mais violenta e descontrolada. Afirmou ter dinheiro suficiente para o seu sustento e que ficava muito feio uma rapariga trabalhar na Base, no meio de homens.

– *Yá*, mas eu na América andei no meio deles.

– *Xôa*, lá era diferente. Não vês nenhuma mulher da freguesia, empregada na Base.

– Quantas raparigas, aqui, falam inglês? Nenhuma!

Farta de tudo e de todos, encolheu os ombros, abriu a porta e saiu. Tal como a mãe fizera em pequenina, correu as canadas com uma cegueira atravessada nos olhos. Desembocou no cimo da rocha e sentou-se. Aos seus pés, um barco de pesca rumava em direcção ao porto: “Ei, leva-me contigo para bem longe. Não aguento mais esta gente.” Uma chuva passageira, trazida pelo vento Norte, encharcou-a até ao tutano. Descarregou a fúria atirando pedrinhas para o mar e, em cada uma delas, era um pedaço da alma que se afundava. Ali ficou até ao entardecer, deitada sobre um tufo de pasto, aspirando o cheiro da maresia. Por cima da cabeça, as gaiotas dançavam por entre farrapos de bruma. Esticou o braço e arrancou a ponta de um ramo do salgueiro raquítico, vergado pela força do vento e da ressalga. No canto da

boca, pendurou o raminho, debruçou os olhos sobre o futuro e tomou uma atitude firme. Não imaginava passar o resto dos dias enfiada na chaminé, a engomar as camisas do marido ou as fraldas das crianças que, porventura, surgissem.

O que mais a revoltou foi a mudança do comportamento dos pais. Na América, andavam espevitados a correr de um lado para o outro, atrás do cheiro da folhinha verde que lhes satisfazia a natural ambição; na ilha, vangloriavam-se do esforço e dos sacrifícios passados, exibiam com satisfação o fruto do seu trabalho, mas deixaram-se arrastar pela indolência. E Lucy não se conformava com aquela mentalidade obsoleta.

As vozes alvoroçadas em casa de João Caracol atraíram tia Mariana à parede do quintal. As frases soltas, que captou, não foram suficientes para se aperceber de toda a dimensão do conflito. Nunca ousou abordar o assunto com Conceição, nem esta desfiou o rosário das suas contas. O que se passa de portas adentro não é para andar nas bocas do mundo. Mas as cautelas não impediram que tia Mariana se intrometesse. Com o engenho de uma aranha, enrolou a presa, fio a fio, sem hipótese de fuga.

– Eh, pequena, andas muito esmorecida. Devias arranjar qualquer coisa para te entreteres.

– Bem queria, mas não é fácil.

– Se fosses homem, arranjavas um belo emprego na Base.

– Tia Mariana é tal e qual os meus pais.

– Porquê?

– Eles também acham que fica feio uma rapariga ir trabalhar para a Base.

– E não te deixam ir?

– Até já andaram a brigar comigo.

– Bocas santas, nunca fizeram coisa tão acertada.

Lucy nem respondeu. As duas, todas as mulheres da ilha, pareciam feitas da mesma massa, uma massa que não leveda com medo de se esparramar. Mas se, porventura, o desejo se espreguiçasse, afogavam-no num balde de água, como faziam aos gatos acabados de nascer.

A conversa chegou aos ouvidos de Conceição, que reprovou de imediato a abelhudice. Não tanto pela opinião da vizinha, mas pelo atrevimento.

– Trata das tuas filhas. Na minha, mando eu.

– Ah, mulher, não foi por mal.

– Não foi por mal, mas não metas o bico onde não és chamada.

Resultado: andaram uns tempos de candeias às avessas, ciosas duma autoridade que não consente ser repartida com o cônjuge, quanto mais com estranhos.

O apoio de Filomena à determinação de Lucy azedou ainda mais o caldo.

– Se estivesse no lugar dela, também fazia o mesmo.

– Bem me parecia que ela andava a meter coisas no juízo de vocês.

– A mim, não! Deus me livre de andar a trabalhar no meio de homens – retorquiu Amélia, com olhos de censura para a irmã.

Filomena, depois de um breve silêncio, voltou à carga:

– Ah, minha mãe!... Nos dias da vindima, ou quando se apanha milho, as mulheres não andam no meio dos homens?

– Pois estão, mas é gente conhecida e os pais andam por perto. Na Base, ela não tem ninguém que a controle.

– Mas ela já é crescida. Não precisa de um polícia às canelas.

– Uma mulher sozinha é uma mulher desamparada. O demónio nunca a larga. Mas não vale a pena falar mais no assunto.

À falta de argumentos, ou quando a conversa não lhe interessava, tia Mariana puxava logo dos galões: “Alto e paira o baile. Assunto encerrado.”

Encerrado em casa dela. Na da vizinha, os bofes continuavam revirados. João Caracol refugiou-se no cerrado com os bezerros, espetou a estaca da teimosia no chão e por ali andava às voltas como um burro na atafona. A mulher consumia as energias esfregando a roupa na pia. Ensaboou todos os cenários possíveis, pesando prós e contras. E foi assim que, depois de muita hesitação, acabou por condescender num diálogo a sós com o marido:

– *Yá*, eu cá por mim não me importo. O emprego parece bom e ela fica com o seu futuro garantido.

Nem a égua do tio Inácio era capaz de lhe dar um coice tão forte e colou as mãos aos ouvidos, num gesto de incredulidade.

– Já pensaste no que essa gente vai dizer?

– Pensei nisso e também pensei que ela ainda desapega e nunca mais lhe põe a vista em cima.

Aí, João Caracol empalideceu. As mágoas do passado voltaram a subir-lhe pelo esófago, num refluxo amargo que lhe queimou a garganta. A imagem de Luciano prostrou-se-lhe aos pés, como um anjo a indicar-lhe o caminho. Tudo, menos perder a filha por mais uma casmurrice.

Vencido, mas não convencido, preparou-se para enfrentar a tempestade. O falatório começou logo no primeiro dia em que ela se apresentou na praça,

na paragem do autocarro dos empregados da Base. Acompanhada pelo pai, esperaram um pouco distantes, visivelmente embaraçados. Os homens, com toda a delicadeza, deram-lhe prioridade na subida e ficou com banco reservado na primeira fila. Só se sentavam ao seu lado quando não havia mais lugares vagos.

Apesar de nunca ter sido molestada, Lucy não se sentia à vontade. A presença dela era suficiente para controlarem as brejeirices e as brincadeiras menos apropriadas. Dado o bom dia, o silêncio sonolento da madrugada tomava conta da camioneta. Decidiu, por isso, propor ao pai a compra de um carro americano, em segunda mão:

– Meu pai avança com o dinheiro, mas todos os meses pago-lhe uma quantia.

“Uma desgraça nunca vem só”, pensou. E pensou bem, porque a procissão ainda ia no adro. “Quantos andores terei que carregar? Esta rapariga dá cabo de mim...”

Lucy tinha carta de condução tirada na América e nunca se atrapalhara com o carro dele. Era, até, das poucas portuguesas a *draivar*¹⁷ pelas ruas da sua pequena cidade. João sempre lhe gabara a perícia, mas o problema voltava à mesma estaca: não havia na freguesia nenhuma mulher a conduzir.

Valeu-lhe o espírito interesseiro da mãe:

– Acho uma ideia boa. Não precisas de andar misturada com os homens na camioneta e a gente aproveita para dar uns passeios. Teu pai avança o dinheiro, tu vais pagando conforme puderes e botas gasolina por tua conta.

Numa cajadada certa matou o coelho que perseguia desde a sua chegada. Por entre meia dúzia de carros existentes na Ribeira de Fogo, lá estaria o dela. E haveria de ser olhada com a mesma inveja e reverência com que eram tratados os mais ricos. Passaria a ir à missa de cu tremido, às compras à cidade, às festas e ao cabo do mundo. Mesmo que o cabo do mundo ficasse no dobrar da terceira esquina.

17

Francisquinho Felicoques, com o passo miúdo na ponta do pé, era o espelho de uma mulata sambista. “Virge Santíssima!”, exclamava tia Luísa,

¹⁷ Do verbo to drive – conduzir

benzendo-se com a mão canhota. Era muito samba numa nota só, muito gingado a desperdiçar-se pelas canadas.

Do corpo pequenino e anafado como um batoque, sobressaía uma enorme cabeça, em formato de bidé. Disfarçava a calvície, esticando os cabelos em círculo, a partir da risca descaída sobre a orelha esquerda. Uma forte camada de fixador (produto caseiro) acachapava-os de tal forma que nem um ciclone os sacudia.

Vivia na companhia da mãe, à custa das rendas de umas terras, do dinheiro da madeira cortada nuns matos antigos do avô e da horta que cultivava num grande cerrado ao pé de casa. Solteiro por temperamento, dedicava o seu tempo livre à igreja e a Deus.

Nas vésperas da procissão, esmerava-se vários dias a preparar os santos. Conhecia-lhes os defeitos e as mazelas corporais, mas também as virtudes que os tinham levado ao reino celestial. Em cima do altar, sacudia-lhes o pó com uma intimidade pouco convencional: “O artista que Te fez não tinha jeito nenhum! Se eu tivesse dinheiro, já tinha arranjado outro para o Teu lugar”, exprobrou uma vez ao Sagrado Coração de Jesus. O bolor entranhado nos poros e a humidade fizeram saltar pequenas lascas de tinta que lhe davam um ar de pedinte. Suava as estopinhas a limpar-lhe meticulosamente as pregas do manto, as chagas do coração e o cabelo ondulado, com o jeito maternal que o caracterizava.

Em frente de Nossa Senhora de Fátima, insistia sempre no mesmo pedido: “É hoje que me revelas o terceiro segredo? Não confias em mim?” – e cruzava os braços a aguardar algum sinal. “És mesmo teimosa. Podias, ao menos, aparecer na laranjeira do meu quintal. Olha que não Te arrependias. Erguia-Te uma capela bem mais bonita do que aquela que lá tens na Cova d’ Iria.” No fim, acabava por lhe fazer uma festa carinhosa no rosto e limpava-a com muito esmero para que desfilasse toda airosa sobre o andor. Era essa a sua alegria, a razão do seu esforço, para ouvir elogios e comparações: “Nas freguesias aqui à volta não há andores mais lindos que os nossos.”

O senhor padre encarregou-o também de tomar conta do Passal, um espaço aberto ao convívio dos jovens, com uma mesa de pingue-pongue e outra para jogar às cartas.

Nas horas em que andava torcido, Francisquinho moía o juízo aos rapazes com perguntas do catecismo antigo da avó:

- Que coisa é a religião?
- É o culto devido a Deus.

– Quem é Deus?
– Deus é o Ente Eterno, criador, conservador e Supremo Árbitro do Universo.

– Como se confirma a sua existência?
– A sua existência confirma-se pelas suas criaturas. Os céus narram a sua glória, o firmamento anuncia as obras das suas mãos.

E assim por diante. O mais atinado recebia como recompensa um rebuçado e um santinho para pregar à cabeceira da cama; os outros chupavam no dedo o sabor amargo da burrice.

Nos dias em que andava bem disposto, brincava às escondidas e divertia-se imenso ao jogo das cebolas. Um jogo em que todos se abraçavam, sentados no chão, para evitar que os puxões do comprador de cebolas desfizessem a réstia. No meio do alvoroço, o olhinho flatulento de Felicoques reluzia como um farol.

A moda das palestras chegou à Ribeira de Fogo por intermédio dos serviços agro-pecuários. Uma iniciativa que procurava combater práticas entranhadas na relha do arado, uma tarefa espinhosa que só deu alguns frutos perante muita persistência. A desconfiança em relação às inovações, aos próprios técnicos e aos organismos do Estado eram entraves difíceis de ultrapassar.

Espécimes, como o Augusto, era o que mais havia. Só assistiu à primeira conferência e chegou para lhes tirar a pinta: “Essa gente nunca pegou numa enxada e nem sequer sabe ordenhar uma vaca!”

Francisquinho, não. Sentado na primeira fila do Passal, bebeu as palavras do engenheiro e interrompeu-o com uma conclusão bem apropriada:

– Ó *sô* engenheiro, se o adubo está para a terra como o leite para o bezerro, o melhor é botar a batata de semente em cima dum montinho de adubo para ela crescer mais depressa.

Assim mesmo, sem tirar nem pôr. E o desgraçado do engenheiro lá ficou com a batata na mão, doido para lhe enfiar a cabeça num saco de adubo. Quem sabe, talvez lhe espigassem as ideias e o cabelo.

Como não era homem só para bater palmas, resolveu um dia abalançar-se na aventura de conferencista:

– Vamos lá acabar o jogo depressa, porque eu hoje tenho um caso muito sério para vos contar.

Dominava um vasto repertório em todas as áreas da hagiografia e procurava transmitir aos jovens as virtudes dos santos e santas que venerava. A

história da freira, que se entregou a Deus e alcançou a vida eterna, foi o princípio e o fim da sua carreira de orador.

Há muitos séculos, uma moça forte e trigueira resolveu empreender uma vida singular, depois da morte do marido: fez voto de perpétua castidade, cortou o cabelo e entrou no convento, com pouco mais de vinte anos. Adoptou o nome de Maria dos Anjos para que em tudo a sua vida fosse angélica. Os primeiros tempos de profissão foram um tanto ou quanto atribulados, mas o Criador iluminou-a com tanta força que foi conduzida à bem-aventurança. Experimentou os gozos da glória, sem revelar esse segredo a quem quer que fosse, por ordem do confessor.

Na sua vida de clausura, Satanás tentou-a com péssimas sugestões. Uma vez, apresentou-lhe um negro pecando com uma mulher branca. Por mais que fechasse os olhos, não deixou de os ver naqueles males. Doutra vez, estava sozinha de noite no refeitório, quando o demónio lhe apareceu numa janela. Lançou-se sobre ela, deixando-a inerte no chão, com o vestido rasgado e feridas no corpo.

No meio de todos aqueles tormentos, só tinha alívio quando falava com o seu confessor, um homem dotado de singular graça para estes casos.

A fim de afastar as horríveis tentações, tomou tão ásperas disciplinas que mais parecia um verdugo da própria vida. A cama era uma simples manta de ourelas, cheia de nós e muito áspera, na qual dormia com um pau à cabeceira; os joelhos assemelhavam-se a uns trambolhos, com grossos calos, de tanto orar sobre eles; à raiz da carne trazia cruces com pontas de ferro, coroas de espinho e um cilício inteiro; tinha também mordanças e outros instrumentos com que afligia o corpo, tratando-o como seu cruel inimigo.

Cumpriu ainda outros grandes propósitos com todo o rigor: não se ver ao espelho, não lavar o rosto com as mãos, mas com um pano grosso, e lavar os pés só na Quinta-feira de Endoenças. A abstinência era perpétua: domava os apetites e provava ao de leve as coisas que mais apreciava, a fim de mortificar o próprio gosto. Orava com tanto calor de espírito que toda ela se cobria com bagas de suor. Quando lhe perguntavam por que comungava tantas vezes, respondia: "Amor me leva ali, com amor ali vou e dali trago amor."

Fazia vigílias semanais na cela e até ao romper da manhã só se lhe ouviam estas palavras: "Ó meu senhor!", e depois de um breve intervalo: "É todo meu!" Passado um instante, novo suspiro e exclamação: "Tarde vos amei, formosura tão grande!" Pela madrugada, rompia em queixas: "Ó luz do dia que já me vens privar do meu divino Sol."

Aos quarenta e três anos de idade, caiu às portas da morte. Apesar da febre e da fraqueza do corpo, pegou num crucifixo e beijou as chagas de Cristo: “Meu Deus e meu Senhor, se é vossa intenção que vá para o Inferno, esse mal quero eu padecer.” E assim morreu resignada na vontade do Esposo Divino, dando o último suspiro nos braços do seu confessor.

A plateia, de queixo caído, seguiu-lhe os gestos exuberantes. Com um pouco mais de treino e o senhor doutor Ávila que se acautelasse. Já aprendera, como ele, a variar o timbre da voz e a fazer as pausas necessárias para receber os aplausos. Radiante com a fluência das suas palavras, concluiu:

– Aqui tendes, meus amigos, um belo exemplo a seguir na vida: amar a Deus sobre todas as coisas e renunciar a todos os prazeres para alcançarmos a Vida Eterna.

Se era essa a lição de moral pretendida, o orador não convenceu a assistência. Um silêncio tumular espalhou-se por toda a sala.

Alfredo escutou atentamente a história, sentado numa cadeira ao fundo da sala. Remexeu-se e todos os olhos se fixaram nos dedos cambados do pé direito. Retesou-se como a cauda de um cão a medir o terreno e as forças com o inimigo. “Vai haver canelada”, pensou o Morcela. Se bem o conhecia, Alfredo não era homem para engolir lições de moral a contragosto.

– Se aquela era santa, eu sou um anjinho. Ela estava mas era amigada com o padre.

A assistência escangalhou-se a rir com o desabafo do Alfredo, que lhe tirou as palavras da boca. Todo o corpo de Francisquinho estremeceu, perante blasfémia tão grande.

– Tu és é um grande diabo. Tens uns galhos maiores que o toiro Mulato – contra-atacou, furioso.

– Já te disse que sou um anjinho. Nunca carreguei o pecado original, porque fui baptizado antes de nascer.

Era o primeiro confronto directo a que o Morcela assistia entre os dois. À força de braço, Alfredo arrumava-o no bolso; na agilidade da língua, a de Francisquinho era viperina e habituada a lamber muitas páginas de missal.

– Eu baptizei-me em Junho e só estou registado, na Praia, em Agosto.

E era verdade. Naquela época, havia um colaborador do Registo Civil a quem as pessoas davam o nome, a filiação e a data do nascimento das crianças. Como só ia à Praia quando calhava, os recém-nascidos já tinham sido

baptizados nesse entretanto. Por esse facto, Alfredo podia apregoar aos quatro ventos ter vindo oficialmente ao mundo sem a mácula do pecado original.

– É pena eles não terem lá os registos dos outros pecados. Dois livros não chegavam.

– Olha, quem fala. Bem podes papar hóstias todos os dias, que não enganas o Pai do Céu. Pensas que não te conheço?

O combate por aqui se ficou. Antes que se estatelasse no chão e Alfredo soprasse no trombone, Francisquinho mandou toda a gente embora:

– Não vale a pena deitar pérolas a porcos. Para casa. Todos para casa.

O senhor padre Tadeu, ao tomar conhecimento do caso, proibiu Felicoques de continuar a palestrar.

– Se querias pregar sermões, tivesses ido para o seminário.

– Não fui porque minha mãe não me deixou.

– Eu bem me parecia que eras um menino da mamã.

– Ao menos tenho quem me dê carinho.

E por ali andaram na quezília, enrolados numa relação de amor-ódio que durava há mais de vinte anos. Francisquinho, quando lhe dava na bolha, punha o sacerdote em apuros: não lhe arrumava convenientemente as vestes talares ou, então, enchia-lhe as galletas de vinho meio azedo. Depois ria-se, para dentro, perante as caretas que o ministro de Deus fazia no altar.

Em relação ao Alfredo, ameaçou retirar-lhe o serviço de cozeiro.

– Não preciso daquele trabalho para matar a fome. Pode arranjar outro para o meu lugar.

O que não estava era disposto a deixar-se vencer por Francisquinho e ele que se preparasse para novas investidas.

No enorme salão, entretanto dividido ao meio, coabitavam dois estilos de ensino inconfundíveis. Muito compreensiva, a professora Leonor cativou de imediato as atenções, canalizando as energias para a emulação. Exercia a docência com verdadeiro zelo, atenta a todos os problemas que os afligissem. Embora acreditasse na sinceridade dos governantes e na justeza do modelo corporativo, não se imiscuía em questões políticas. O que não descurou foi a formação religiosa dos educandos, fazendo questão de os acompanhar à catequese. Saíam da escola organizados aos pares, entoando cânticos pelo cami-

nho. Uma festa para os mais pequenos, uma afronta para os mais crescidos. Com o professor, haviam feito figura de parvos, de castigo à janela; com as modernices da professora exibiam-se pela rua como palhaços do circo.

A atitude mereceu um louvor do reverendo: finalmente, havia chegado uma educadora que se preocupava com a salvação das almas. O presidente da Junta, pelo contrário, não encarou com bons olhos a nova aquisição: rapazes educados por mulheres saíam frouxos ou maricas. Preferia, mil vezes, um ensino musculado que gerasse patriotas aguerridos.

Dum momento para o outro, a escola transformou-se num jogo ou num campo de batalha entre os alunos da quarta classe. Divididos em dois grupos, a professora declarava vencedor aquele que obtivesse a pontuação mais elevada no fim de cada período. Para tal, era necessário responder certo às perguntas, resolver correctamente os problemas e não dar erros no ditado. O chefe de cada grupo tinha por missão espicaçar os colegas para os embates. E todos eles se envolveram no despique. Uma pedagogia menos violenta para o corpo, mas mais traiçoeira para o espírito. O vexame da derrota deixava marcas tão profundas como a descarga duma água-viva. Por sorte, esse verdugo não atingiu o Morcela. Com muito empenho, recuperou o brio e preparou-se para o exame.

Traumatizado com os temas dos anos anteriores, morria de susto perante uma redacção. O seu raciocínio não fora treinado para grandes divagações. As coisas eram o que eram, o que os olhos viam. Embora bem abertos, não iam muito além da biqueira do sapato. As cerejas só amadurecem quando há sol e na sua terra havia quem procurasse escondê-lo.

Na primeira candidatura a exame, pediram-lhe que dissertasse sobre a Pátria, uma entidade abstracta, difícil de compreender no seu todo. Em termos afectivos, a Pátria resumia-se à freguesia onde nascera, às canadas e à praça por onde corria e brincava. A praça representava o coração, sempre a palpitar, com os seus símbolos sagrados esculpidos na memória: a Misericórdia, o Império e a Despensa do Espírito Santo. Para lá convergiam todos os momentos de glória ou de sofrimento dos antepassados, na luta pela sobrevivência e pela dignidade.

A outra parte da ilha completava a estrutura desse corpo repleto de vasos capilares que lhe devolviam emoções muito superficiais. Quando o destino se cruzava, irmanavam-se nas palpitações, nos sobressaltos e sabiam que a solidariedade não era uma palavra vã. Contudo, cada localidade vivia presa às raízes caseiras da sua pequena pátria.

Tudo o resto – Ilhas, Continente, Ultramar – correspondia a um espaço longínquo, captado de forma difusa e envolto numa neblina espessa. Compraziam-lhe os sentimentos de pertença a um povo heróico que dera “novos mundos ao mundo”, mas não lhe conhecia as feições, a cor dos olhos ou a palma das mãos.

O coração dessa grande Pátria, sempre o imaginou situado em Lisboa, junto dos palácios dos reis e dos governantes, iluminado por milhares de velas acesas na procissão que se iniciara na caverna de Viriato. Uma espécie de igreja monumental, com um altar-mor, onde se erguia a estátua do fundador. À sua volta, capelas mais pequenas estariam repletas de heróis, navegadores, santos e estadistas. Ou seja, todos aqueles “que por obras valorosas se vão da lei da Morte libertando”, viria a saber por intermédio do André.

Mas, naquela altura, era tudo tão vago e tão distante para uma criança que nem conhecia metade da ilha onde nascera. Por mais voltas que desse ao miolo, achou por bem reproduzir os ensinamentos martelados ao longo do ano lectivo:

A minha querida Pátria é pequena mas grande no amor de nós. Os deveres para com a Pátria são: amá-la e defendê-la dos seus inimigos, respeitar as autoridades e obedecer às leis.

Palavras nobres, acertadas, mas insuficientes – considerou o júri, tendo em conta o fraco desempenho nas outras provas.

Na segunda tentativa, a rifa saiu-lhe completamente em branco:

*Bom provérbio, bom ditado
Aquele de Salomão.
Antes pobre, mas honrado
Do que rico, sendo ladrão.*

“Que coisa sem ter ponta por onde lhe pegar!” Levou todo o tempo da prova a tocar tarola com a caneta na ponta dos dedos, conformado com a sua sina: pobre, honrado e sem diploma.

Não se livrou destes pesadelos na terceira candidatura ao exame, embora tivesse preparado alguns temas sugeridos pela professora.

Uma vez mais, na véspera de tão importante acontecimento, cumpriu a tradição do banho geral. No meio do quartinho de despejo, entre sacos de feijão, prateleiras de batatas, réstias de cebola, joieiras, rasoiras, peneiras e muita outra massagada, desencardiu-se numa banheira de folha de zinco. Sentado

num banco de madeira, cruzou as pernas e descalçou as botas cheias de terra, enquanto a mãe, de joelhos, destemperava a água.

– Vai-te despindo, para te lavar as costas e esfregar bem essa cabeça.

– Não é preciso, minha mãe. Não sou bebé, sei lavar-me sozinho – respondeu com ar ensarilhado. A época da mudança de fralda já se tinha evaporado com as mijeiras da meninice.

Tia Mariana arreganhou a venta, com aquele seu jeito de desdém pela arrogância do fedelho. Saiu do quartinho, deixando a porta encostada, e ficou da outra banda, de ouvido à escuta. Quando o sentiu a espanejar-se entre as bolhas de sabão azul, entrou de rompante com o ar mais ingénuo deste mundo:

– Esqueci-me da toalha para te limpaes.

Desarmado entre as margens da banheira, encolheu-se como uma lapa. Não teve outro remédio senão deixar esfregar as costas e catar o piolho nos carreirinhos do corte de cabelo a caixeiro. Por mais que tapasse as partes pudendas, não pôde evitar a oblíqua curiosidade que se revela nestas ocasiões.

No dia seguinte, de lancheira a tiracolo, partiu em direcção à Praia no charabã do senhor Marcelino. Uma viagem incómoda, só compensada pela exorbitância do preço do bilhete da camioneta da carreira. Sentados nos bancos cobertos por um toldo enramado, os candidatos roíam a unha, batiam o queixo e galhofavam num frenesim descontrolado. O Morcela acomodou-se no banco da frente, ladeado pelo condutor e pela professora. Encafuado nos chumaços do fatinho da Comunhão, levava consigo uma imagem do Senhor Padre Cruz, no bolso, e uma medalha da Senhora dos Milagres, ao peito.

Por volta das nove horas, as mulas estacionaram no Largo da Luz. O senhor Marcelino, sempre impecável nas cerimónias protocolares, deu a mão à professora para facilitar a descida. Fixou os olhos no horizonte, não fosse ela pensar que a ocasião faz o custódio¹⁸, e rodou a taramela da portinha detrás. Os galos saíram da capoeira com as pernas entorpecidas, enjoados e de crista murcha. A professora distanciou-se para compor a saia e ajeitar a *mise* feita em casa com rolos de papelão. Com um sorriso brilhante nos dentes de ouro trazidos do Brasil, o senhor Marcelino avisou a malta:

– A senhora professora vai para casa na camioneta da carreira, mas às quatro horas estou aqui à vossa espera. Boa sorte para todos.

¹⁸ Homem que cobiça descaradamente as mulheres

Desta vez, O Morcela safou-se impecavelmente na prova escrita. Apesar duns erros lamentáveis, a redacção deixou o júri satisfeito. Naquele ano, saíra um tema discreto e acessível ao comum dos mortais. Assim tivesse ele tempo para contar tudo o que sabia.

REDACÇÃO OS ANIMAIS DOMÉSTICOS

Eu conheço vários animais domésticos: o cão, a vaca, a galinha e o gato.

O cão é um dos melhores amigos do homem. O nosso Leão, chama-se assim nanja por ser muito grande mas porque meu pai é do Sporting, vai para as vacas com a gente e quando alguma mais teimosa se quer tresmalhar ele morde-lhe as canelas e ferra-lhe as orelhas. A gente não lhe cortou o rabo como fazem outros lavradores, meu pai diz que ele fala com os olhos mas o rabo é o espelho da sua alma. O nosso Leão também é muito bom para caçar coelhos, mete-se no meio do mato e nunca volta sem nada nos dentes. De noite fica de vija no quintal por causa do pilha galinhas. É um grande amigo fiel ao seu dono, mas nem todos os cães são desta marca. Há cães que não prestam para nada, como esses das amaricanas que só servem para andar ao colo, vestidos com roipinhas de gente. Louvado seja Deus!

A vaca é um dos animais mais úteis ao homem, mas dá muito trabalho. De manhã cedinho, é preciso ordenhá-la e não é qualquer um que sabe tocar aquela viola. Já vi gente de estudo a expremar, a expremar, e o leite sem pingar. A vaca também dá carne para alcatras e bifes, o coiro serve para meias solas de sapatos, os galhos para fazer cabos de facas e garfos e marradeiras para brincar às touradas. Da bosta faz-se extrume que é um dos melhores adubos. A vaca também serve para lavrar a terra e há ainda as vacas-mestras que ajudam a cercar os toiros do mato para o toiril.

As galinhas dão ovos que são bons para comer, estralados ou então fritos com açúcar por cima. Quando se está fraco bebe-se jemadas com vinho, mas a melhor maneira de comer ovos é crus, faz-se dois furinhos na casca e ele escorre pelas guelas que é um regalo. Os ovos também servem para ir à venda mercar as necessidades de casa. As galinhas matam-se nos dias de festa, para guisar com batatas ou para fazer canja quando alguém está doente. As galinhas são os animais domésticos que mais gosto. Tinha lá uma preta na capoeira que até me vinha comer à mão. Para ver se uma galinha tem ovo, mete-se o dedo ...

Um arrepio esquisito desnor-teou-lhe o sistema nervoso. Com uma dormência a percorrer o corpo, deixou-se embalar num sonho afectuoso, completamente paralisado. Reviveu emocionantes engates clandestinos de capoeira, com o suor a escorrer pela espinha.

As provas orais eram um osso bem difícil de roer. Ou respondia depressa como uma máquina de pipocas a despejar palavras, ou gaguejava e batia válvula como um carro com as velas entupidas. Durante várias semanas, treinara um método respiratório eficaz e passara a falar pausadamente. A ligeira atrapalhação e as respostas menos correctas a algumas questões não puseram em causa a globalidade das provas.

Iria, finalmente, entrar na praça e em casa com o diploma. Deixaria de ser o burro da família, a vergonha que a mãe escondia a todo o custo. A partir de então, passaria a olhar os outros de frente e ficaria em pé de igualdade com Gabriela.

Por sua conta e risco, os alunos partiram da Praia na companhia do senhor Marcelino. Pareciam cavalos bravos à solta pelos baldios. No primeiro botequim, tomaram um pirolito caldeado com vinho-de-cheiro. Nestas ocasiões, o taberneiro arrumava os editais proibitivos na gaveta, fazendo questão de contribuir com o seu gesto para aquele dia memorável. “O dia que fiz exame”, “O dia que fui às sortes”, “O dia que me casei”, dias que constituem o baixo-relevo da vida de um homem quando se debruça sobre o passado. Bons, ou maus, pouco importa. São dias que duram uma eternidade.

Com o bucho mais reconfortado, nem saltaram para o charabã. As mulas agradeceram o alívio e o pessoal, cantando e rindo, metia-se com tudo e com todos. Soldados vitoriosos que acabavam de conquistar o mundo, não pela força das carabinas, mas pela força da pena, uma arma tão eficaz como os mais potentes canhões.

As americanas, sentadas nas varandas apanhando sol, nunca haviam recebido declarações de amor tão sentidas:

– Ah, cara perfeita, quem te lambesse essas orelhinhas!

– Ah, Mary do meu coração, deves ter cá uma biscoita¹⁹ doce que nem um figo passado.

As mais carrancudas deram meia volta e fecharam a porta. Pareciam farras de viver no meio de gente que não entendiam e que as olhava como bichos

¹⁹ Designação popular de vagina

exóticos. Outras participaram alegremente na folia e retribuíram a atenção com um sorriso rasgado do tamanho da ilha. As negras eram mais comunicativas e descontraídas. Uma delas saudou-os com um gingado acrobático ao ritmo do *rock* e ofereceu um saco de *candins*²⁰ ao Morcela.

Antes de chegar à canada que desvia para as Fontinhas, passaram junto a uma casa de raparigas da vida. Fez-se um silêncio sepulcral. Pelas janelas abertas vibravam acordes de uma música romântica, misturados com risos e suspiros lascivos. Sentada nos degraus, uma das meninas exibia os seus predicados e cumprimentou efusivamente o senhor Marcelino. O charabã cruzava-lhe a porta todos os dias e, de vez em quando, um freguês apeava-se nas redondezas para acalmar o espírito. O senhor Marcelino, antes que ela dirigisse palavra, pôs os pontos nos ii:

– Esta madeira ainda está verde para serrar. Quando forem às sortes, havemos de passar por cá.

A magana deu uma gargalhada atrevida e começou a mandar beijos para todos. O Morcela pegou em dois *candins* e ofereceu-lhos. Recebeu uma carícia e ficou paralisado frente a uns olhos revoltos como o mar da Ponta da Forcada. Talvez um dia lhe chupasse os ossinhos todos, como quem devora uma cabeça de peixe cozido.

No largo da praça, os heróis foram recebidos em grande euforia pelos familiares. O professor também lá estava, de olhos marejados, carregado de tristeza. A sua missão de educador havia chegado ao fim, sem ter recebido sequer um louvor por tantos anos de dedicação. Cumprimentou todos os alunos e deu um abraço muito especial ao Morcela, um procedimento raro para o seu feitio encolhido.

Aquele gesto de afeição deixou-o estupefacto. Ao cair nos seus braços, recordou num breve relance os primeiros três anos da escola, tempos felizes em que haviam partilhado os caminhos do saber sem sobressaltos. Os outros dois eram para esquecer, limpá-los definitivamente da sua barra cronológica. Mas, agora que havia dobrado o cabo das tormentas, a imagem do carrasco tornara-se mais humana. Apesar de tudo, o balanço não deixava de ser positivo: pelo menos, absorvera alguns valores que lhe podiam ser úteis no futuro.

²⁰ Candy – rebuçado

“Umás chibatadas e trabalhos forçados são suficientes para voltarem a entrar na linha”, sentenciou o presidente quando ouviu as primeiras notícias sobre os conflitos em Luanda. No início, parecia coisa de somenos importância, circunscrita a um ataque à cadeia. Os ventos acabaram por soprar noutra direcção e o cenário de guerra ganhara contornos definidos.

Até então, tio Jerónimo nunca havia posto em causa a legitimidade da posse das Províncias Ultramarinas. Se foram os portugueses que desenvolveram e civilizaram os povos africanos, não havia motivos para abandonar territórios tão ricos. No seu pensamento, a Pátria, do Minho a Timor, estava para além do regime ou da quezília que tinha a Salazar e aos seus comparsas.

Os primeiros anos de guerra e as notícias captadas nas emissoras clandestinas introduziram um pauzinho na engrenagem. Se as colónias dominadas por outros países da Europa já tinham conseguido a independência, as de Portugal não poderiam escapar a esse destino. Com alguma dificuldade, interiorizou outros valores: todos os povos tinham direito à liberdade de decidir o futuro e a explorar as suas riquezas como bem entendessem.

O que o levou a chegar ao cerne da questão foi o cotejo com uma realidade bem perto da porta. Um dia, por mero acaso, quando andava envolvido nas suas cogitações, lembrou-se: “E se os americanos, em vez de ocuparem só a Base das Lajes, decidissem tomar conta de toda a ilha?”

A partir de então, começou a entender melhor a atitude dos africanos que desejavam a carta de alforria. Não gostou nada da ideia de se ver governado por eles, a ditarem leis, a comprarem o leite pelo preço que lhes apetecesse. Pior ainda: a ocuparem as terras que amanhava com tanto suor. Apesar do seu espírito pacifista, vestiu a farda de guerrilheiro. “Que venham eles!” Nos sonhos, apenas nos sonhos, defendeu à bordoadada, como nos velhos tempos da *Justiça da Noite*, o que era seu e dos seus progenitores.

Às vezes, apetezia-lhe discutir estas questões nas conversas nocturnas na sua loja, mas receava que alguém mal intencionado bufasse tudo nas orelhas do presidente. Não valia a pena arranjar mais sarna para se coçar.

Atento à conjuntura, o doutor Ávila decidiu fazer uma sessão na freguesia. Escreveu uma carta a Francisquinho Felicoques a pedir-lhe que ornamentasse o Passal. Pretendia projectar um filme e fazer uma palestra para os mancebos. Francisquinho não estranhou a incumbência, pois conhecia as

desavenças que o doutor tivera com o reverendo. Uns anos antes haviam cortado relações por causa da irmandade do Espírito Santo. Influenciado pelo bispo, o reverendo pretendia interferir na autonomia da irmandade e controlar as receitas.

– A festa do Espírito Santo sempre foi do povo. O senhor que se entretinha com os santos, porque a coroa do Divino não lhe pertence – dissera-lhe em privado.

Felicoques, ao receber a carta, entendeu a provocação e leu-a ao senhor padre. Adorava envolver-se em mexericos e vê-los à bulha. Desta vez, o caso ficou-se por um desabafo:

– Vá para o diabo que o carregue. Faça as palestras que lhe apetecer, mas eu não ponho lá os pés.

Dias depois, a resposta bateu-lhe à porta, embrulhada num bonito laço: três toalhas de renda para os altares. E o pobre vigário foi obrigado a engolir um elefante. Com o fogo nos olhos, agradeceu em público a dádiva do senhor doutor, “uma alma caridosa que não se esquece dos pobres nem da Igreja.” Bem lhe apeteceu prolongar o discurso, dizendo que o doutor havia sido um ferrenho pedreiro-livre, mas conteve-se.

Para além dos rapazes, marcaram presença na conferência o presidente da Junta, o professor Noronha e a professora Leonor.

– Folgo muito em vê-lo.

– Igualmente – retribuiu o professor.

– Se fosse há uns anos não era eu que estava aqui, mas não tive coragem para o incomodar. Sabe bem que a função de pedagogo não se limita à sala de aula.

A professora percebeu o recado indirecto. Empalideceu, baixando os olhos, sem ousadia para enfrentar a eminência parda.

– O senhor prior também devia cá estar – acentuou, com ar provocante. – A Igreja não se pode alhear dum problema tão sério.

– O senhor padre está com as enxaquecas do costume – esclareceu Felicoques.

O sorriso irónico do professor e do advogado foi suficientemente elucidativo da conclusão que lhes passou pelo espírito: “padres sabem-na toda”.

Em pensamentos subliminares, o espírito anticlerical e reviralista de ambos renasceu por uns segundos. Mas o doutor Ávila, um oceano de ratice, soubera domá-lo com facilidade. A sobrevivência política a isso o obrigara e mostrou serviço, arrebanhando uma dúzia de assinaturas nos primeiros

impressos da União Nacional que chegaram à ilha. Entre elas, lá estava a do professor Noronha. Contrariado, mas inscrito. Uma nódoa que nunca conseguiu apagar. Com o intuito de o amarrar ainda mais, arranjou-lhe emprego para os dois filhos, no Governo Civil e na Junta Geral. Mas “o lesma do professor” sempre fora muito escorregadio. Ele e muitos outros. O doutor Ávila conhecia-lhes o perfil e sabia perfeitamente como lidar com gente coberta de ronha. Pelo menos, manteve-o controlado e a sua presença, ali, provava uma completa submissão. Isso era suficiente para a sua mentalidade de senhor feudal e ai daquele que quebrasse os vínculos ou lhe faltasse ao respeito.

Que o diga tio José Carrapito. Por causa dumas questões de serventia em que estava coberto de razão, perdera uma causa em tribunal a favor do cliente do doutor Ávila. Tio José, que o conhecera ainda de cueiros, atirou-lhe à cara a verdade das suas pantominices. Pagou caro o atrevimento: o doutor Ávila nunca autorizou que fosse passado um passaporte ao filho para poder emigrar.

– Se fosse no tempo do Manuel de Arriaga – lamentou-se tio José – eu tinha-lhe escrito uma carta a contar tudo o que se passa nesta terra. Esse é que era um presidente como é dado.

A conferência sobre História de Portugal teve direito a notícia na imprensa, escrita pelo próprio, a louvar a iniciativa. Apresentou o filme histórico *Chaimite* e presenteou a assistência com um pequeno lanche: rodas de massa sovada e pirolitos, à descrição.

Todas as grandes figuras da predilecção salazarista desfilaram pela sala: o Infante D. Henrique, fundador da Escola de Sagres e promotor da descoberta das ilhas; Nuno Álvares Pereira, o intrépido guerreiro que desbaratou as hostes castelhanas, em Aljubarrota; Mouzinho de Albuquerque, o herói das campanhas de África, notabilizado pela prisão de Gungunhana. Como não podia deixar de ser, dedicou uma parte substancial da sua dissertação à figura de Salazar. Encarnando as virtudes de todos os outros, o salvador da Pátria impunha-se como um grande chefe, sério e impoluto.

Perante a eminência de uma Pátria a dismantelar-se, escolheu as palavras certas para motivar os presentes: “As nossas Províncias Ultramarinas são a obra mais sagrada que o nosso povo edificou. Consentir que no-las roubem é um crime de alta traição.” Uma frase em latim – *Dulce et decorum est pro patria mori*²¹ – e o Hino Nacional encerraram a sessão em perfeita apoteose.

²¹ É doce e honroso morrer pela Pátria

Através das imagens do filme, todos se reviram na figura de Mouzinho de Albuquerque. Os heróis do passado iluminavam o caminho aos soldados do presente. Com o corpo arrepiado, os nervos adolescentes retesaram-se contra o inimigo estrangeiro que cobiçava as riquezas de Portugal. Alfredo foi o único a não se emocionar com o rito.

– De que é que me serve a riqueza de Angola? No meu bolso não pinga um centavo! Ainda bem que fiquei livre da tropa para amparo de mãe.

O presidente da Junta, quando tomou conhecimento do impropério, não deixou o desaforo alastrar:

– Ficaste livre da tropa, mas não estás livre de ir parar à cadeia. Estão lá muitos bem mais discretos que tu. Cuidadinho com a língua.

Alfredo não se assustou com as ameaças. Sempre que bebia uns copinhos a mais, desancava no presidente:

– Ele que vá defender as Províncias mais os filhos. Eu cá sou um pirata como o Henrique Galvão. Qualquer dia começo a abrir-lhe a cova.

Ninguém levava a sério as atoardas do Alfredo, mas no íntimo de alguns acendia-se uma pequena faúlha. Assim houvesse alguém com coragem para assoprar.

20

Era ainda noite e o Morcela já estava a pé, atrelando o cavalo para partir em direcção aos pastos. Iniciava a sua profissão a partir do zero, dependente dos ensinamentos do pai e da prosápia do irmão. Para trás ficara o fantasioso chofer de praça e o enérgico electricista; para o futuro, uma mão cheia de aspirações.

Pelo caminho, cruzavam-se com os rapazes que seguiam em direcção ao Clube de Golfe. De madrugada, carregavam a cevadeira e dirigiam-se para o trabalho numa alegre galhofa. Tinham como tarefa transportar as malas com os tacos e apanhar as bolas extraviadas. No fim do dia, arrecadavam uns trocos em moeda americana, uma ajuda preciosa para equilibrar as contas caseiras. Para além disso, a aprendizagem da língua inglesa abria-lhes as portas a um emprego na Base, quando atingissem a idade adulta.

Com os pés descalços, cheios de topadas, ou as mãos gretadas pelo frio, corriam uns atrás dos outros como se a praça se prolongasse por aqueles caminhos. Apesar das canseiras do trabalho e da viagem, não haviam perdido o fulgor da infância redescoberta nas tropelias de cada madrugada.

Esse sabor da vida, fresco como o suco da erva-azeda, começava a fugir ao Morcela. À medida que a carroça se distanciava, ia ficando para trás um bafo de melancolia.

– Gostavas de ir trabalhar no Golfe, não gostavas? – perguntou o pai.

Encolheu os ombros, com ar de quem não desdenhava experimentar uma nova forma de vida, quem sabe, bem mais proveitosa no futuro.

– Já falaste nisso a tua mãe?

– Não lhe disse nada, porque eu sei que ela não vai querer.

– Trabalhar no Golfe, só se for para apanhar vícios de malandragem – interveio o Augusto cortando-lhe as expectativas.

No gesto facial do pai, o Morcela conseguiu descortinar um ligeiro rasgo de condescendência. Tio Jerónimo apreciava a companhia, mas já tinha perdido a veleidade de se impor aos filhos. Com as cambalhotas da vida, aprendera algumas lições. A felicidade é um bem que cada um deve conquistar à sua maneira. Como a maioria dos lavradores, ambicionava um futuro diferente para o rapaz e a passagem pelo Golfe era meio caminho andado para um trabalho na Base. Ter emprego num sítio abrigado, com horário e salário certos, sem andar com a espinha dobrada, era um luxo que não passava pelo estreito de qualquer um.

À noite, já deitado na cama, abordou o assunto com muita cautela.

– O nosso rapaz trabalhar para o Golfe? Tu andas a precisar de ir à bruxa!

– Que mal é que faz, mulher?

– Ele não tem precisão. Só vai para lá quem não tem onde cair morto.

– Mas ele tem vontade de aprender americano.

– Para que é que ele precisa disso? Para falar com as alimárias?

– É para poder arranjar um emprego na Base. Os bezerros dão dinheiro hoje, mas amanhã ninguém sabe.

Tia Mariana não se conformou com a ideia de ver o filho a servir de criado aos americanos. “Era o que faltava, andar a carregar os sacos daqueles toleirões!” Ser lavrador era uma profissão honrosa e estava decidida a amarrar-lhe a corda pelo pé.

A cara ensarilhada da mãe, com dois vincos bem salientes entre as sobrancelhas, denunciou a decisão tomada na noite anterior. Antes que o pai avançasse com uma desculpa esfarrapada, aliviou-lhe a consciência:

– O melhor é esquecer o Golfe. Depois se verá.

Tio Jerónimo percebeu a mensagem e enfiou a impotência na manga do casaco.

Sentado na carroça, conjecturou outros cenários no mais profundo silêncio. Se o diploma da quarta classe de pouco lhe servia em termos práticos, o gosto por aprender acompanhava-o desde que se conhecia, apesar da crise que o envolvera. “Um homem sem instrução é como um cego”, dissera um dia o professor. Uma frase deixada cair com displicência que jamais esqueceu. O saber adquire-se em qualquer altura e ele não pretendia levar o resto da vida a depender da bengala dos outros.

Nos seus treze anos já espigados, pulsavam anseios de se tornar homem. Tinha chegado a hora de desbravar novos caminhos, de mostrar ao mundo que não era um menino da mamã, empoleirado no estrado da cozinha. Agarrou-se ao cabo da enxada e às tetas da vaca que lhe enrijeceram o músculo; com a idade tornara-se mais esguio e as gorduras da infância haviam secado. Enfrentou com denodo os resquícios do medo e decidiu tocar na banda de música.

Dada a permissão, passou a sair de noite para o ensaio. Foi-se habituando a lidar com as trevas, vencendo paulatinamente os receios. A iluminação pública ajudava a repelir os fantasmas, mas tia Mariana não conseguia controlar os seus afãs: “Arranja companhia para casa e anda sempre pelo meio do caminho.”

No início teve dificuldade em ler a pauta. Como não distinguiu bemóis e semifusas... que remédio senão tocar tarola. E assim se estreou, a marchar na última fila, vaidoso com a prestação. Os amigos é que não o deixavam em paz, pregando partidas constantes: ora prendiam o braço para impedir o rufe, ora traçavam a perna para desacertar o passo. Com vontade de progredir, aplicou-se no estudo e acabou a tocar trompa. Ainda fantasiou chegar ao topo da hierarquia dos instrumentos musicais, o trompete, mas não teve fôlego nem envergadura para tanta ciência.

O primeiro objectivo havia sido alcançado. Envergando uma calça branca, deixava de ser mais um entre tantos outros. Exibia o seu orgulho, passeando-se com o boné na cabeça ou entalado entre o braço que enfiava no bolso. “Aquele é da música” – uma promoção social, um privilégio para alguns eleitos.

Na altura do Carnaval – festa da vida e de excessos, onde a sátira ocupa um lugar de relevo – o delírio apossava-se de tio Jerónimo. Sentia-se como peixe na água, entusiasmado a assistir às danças ou a galhofar com os mascarados. Época de subversão do quotidiano, época de soltar a imaginação. Quando era mais novo, adorava mascarar-se de fotógrafo, com uma máquina

feita de papelão, assente num tripé. Desenhava rostos de animais e percorria os caminhos tirando retratos *à-la-minute*.

Um dia, pregou uma partida ao adolescente macambúzio que viria a sentar-se na cadeira de presidente da Junta. Tirou-lhe o retrato e apresentou perante a assistência o focinho de um carneiro, com os galhos bem retorcidos. Mal sabia ele que haveria de ser perseguido pela cabeça do animal que marra com os olhos fechados.

Entrara também nas danças e ainda sabia de cor os enredos. Como recordação, guardava uns galões, um boné e uma máscara de rede. Numa noite, ao serão, resolveu dar um ar da sua graça: vestiu a indumentária e pôs-se a declamar versos como se estivesse no meio do terreiro. Ao colocar a máscara, a vida converteu-se em jogo e o jogo transformou-se em vida. A mulher ficou atónita a seguir-lhe os gestos, com olhos de censura. “Este homem anda com o casco avariado!” Quando percebeu que estava a representar para ela, recordando o ano e o momento em que haviam começado o namoro, virou-lhe as costas e meteu-se na borrarreira a soprar o lume.

– Agora chegou a tua vez. Bem me apetecia, mas já não tenho pernas para andar aos pulos – e passou o testemunho, enfiando o boné na cabeça do Morcela.

E ele não rejeitou a oportunidade. A amizade com o André, autor e ensaiador de danças, abriu-lhe novos horizontes. Uns dez anos mais velho do que o Morcela, era um rapaz irrequieto e cheio de iniciativas. Leitor compulsivo, escrevia dramas, enredos para danças e outras paródias próprias do Carnaval. Nos espaços mortos entre o aviamento aos fregueses, passava o tempo sentado na secretária, embrenhado nos volumes requisitados na biblioteca itinerante. A imaginação brotava no meio dos cheiros activos do queijo-de-peso, das especiarias ou do petróleo. Principalmente do petróleo que pingava de uma torneira ferrugenta, embutida no fundo do bidão. Quando lhe faziam algum reparo, chacoteava: “Isto é um desinfectante. Este cheirinho afasta os caloteiros e dá-me inspiração.”

Numa das visitas frequentes à mercearia, o Morcela encontrou-o a estudar um cartapácio com as folhas amarelecidas e marcadas pela traça. Como tinha sido bom aluno, o professor abria uma excepção e emprestara-lhe o livro (*Memória sobre a Ilha Terceira*), com uma advertência muito clara: “Tem cuidado com ele, porque é uma preciosidade. Está aí toda a nossa história.”

Para o Morcela, aquele livro transformou-se num objecto sagrado. Com muita prudência, virava as folhas e lia atentamente as passagens que mais lhe interessavam. Sentiu um enorme prazer em desvendar a vida dos antepassa-

dos, as lutas políticas, os usos e os costumes. Levado pelo entusiasmo, copiou as páginas do capítulo dedicado à freguesia. Afinal, o diploma não era assim tão desprezível. O pouco saber adquirido podia transformar-se numa ferramenta útil. Começou a habituar-se a ela, a descobrir-lhe as potencialidades, a dar-lhe novas aplicações.

Aumentou o seu prestígio com esta iniciativa, tornando-se um fiel depositário dessa memória que nem sempre coincidia com as versões contadas por tio José Carrapito, na tenda do sapateiro. Fora educado para não contrariar os mais velhos, mas às vezes não se continha. E tio José espicaçava-o, pois adorava que lhe dessem luta. “Este rapaz tem genica. Nunca deixes de pensar pela tua cabeça.”

À medida que o André compunha os versos da dança de Carnaval, lia-os com muita atenção e achou-se no direito de mandar palpites. Uns mais acertados, outros disparatados, mas o facto é que descobriu a faceta de verzejador.

No primeiro ano, representou um papel secundário, com apenas duas declamações. Mas o importante era ter participado e, uma vez mais, poder ser apontado a dedo: “Aquele é dançarino!” Mesmo que não o dissessem em voz alta, sabia ler-lhes o pensamento, principalmente o das raparigas.

No ano seguinte, o André escolheu um tema histórico – as lutas entre liberais e absolutistas -, um tema melindroso, sujeito aos usuais cortes da censura. Palavras como liberdade e revolução foram pura e simplesmente banidas do texto. Bem tentou convencer o senhor coronel de que se limitara a reproduzir fielmente os acontecimentos vividos no século XIX. Malhou em ferro frio e recebeu uma forte ameaça:

– Se continuares a meter o nariz em política ficas proibido de fazer mais danças.

– Mas isto é a nossa história...

– Pois é, mas foi por causa dos liberais que o país chegou ao que chegou.

André percebeu perfeitamente o recado. A reconversão do texto iria ficar sensaborona de mais para o seu gosto, mas a dança não se amassaria. O Morcela acompanhou-o nesse exercício castrador de limar as arestas para não ferir as orelhas do fiscal. E isso foi suficiente para começar a desfiar lentamente o novelo. Todas as pontas, até então desgarradas, começaram a fazer algum sentido. Saltou do passado para o presente e uma luzinha acendeu-se no seu espírito. Os do governo eram, afinal, uma cópia chapada dos absolutistas. Mais descansado ficou quando o André lhe esclareceu que a Pátria era o povo, com a sua língua, os seus costumes e crenças.

– E o governo?

Depois de uma breve hesitação, disse-lhe em voz baixa:

– O governo é a comandita que rapa o tacho.

– É por isso que meu pai é do contra?

– Não sei se é ou não... Mas não faças caso das conversas do presidente da Junta.

Após uns minutos de silêncio para arrumar as ideias, negociou com o André um papel a seu gosto: o do herói terceirense, Teotónio Bruges, líder dos liberais. O homem que organizara a resistência, que privara com D. Pedro IV, que se despojara de bens para financiar a luta e por El-Rey havia sido agraciado. O outro lado da barricada foi assumido pelo irmão. Um perfeito capitão-de-fragata com uma voz cavernosa a comandar as hostes que se afogaram nas águas serenas do areal da Praia.

Só na quarta-feira de cinzas, cansado de tantas exibições, teve coragem para se dirigir ao pai:

– O papel deste ano foi melhor que o do ano passado. Desta vez aprendi muita coisa.

– Safaste-te muito bem.

E a conversa por aqui se ficou. Ou talvez não, porque o diálogo prosseguiu em silêncio, com um ligeiro sorriso pendente nos olhos. E entenderam-se perfeitamente. De tal forma que tio Jerónimo ficou assustado: “Este rapaz ainda se vai meter em sarilhos.”

Mais do que aprender, foi o sentir que o marcou. O prazer de se introduzir na pele de um homem predestinado para grandes feitos ficou-lhe colado no corpo. Mesmo depois de ter arrumado a fatiota na arca, junto com as do pai, voltou a vesti-la em sonhos. E pela ilha se passeava a gritar em cima de um cavalo branco: “Viva a liberdade! Viva a liberdade!”

Pouco depois, vieram as Comédias, uma iniciativa que tinha por objectivo criar um meio de diversão e de convivência, promover o gosto pelo teatro, mas também angariar fundos para a construção de uma sala de espectáculos. A freguesia, com tão nobres tradições e algum desafio económico, não podia continuar dependente de uma velha esplanada coberta com chapas de zinco.

O senhor Alberto Borges assumiu o papel de timoneiro. Escolheu as peças para o drama e para a comédia e escreveu algumas letras para o Acto de Variedades. Um homem de ideias arejadas, voltado para o futuro. Um potencial candidato à Junta de Freguesia, não fossem as intrigas do presidente: “Por

detrás daquilo tudo tem que haver política. E não é da nossa, com toda a certeza”, disse ao doutor Ávila.

Se eram essas as intenções do senhor Alberto, ninguém as descobriu. Cultura era simplesmente cultura. A escola ensina-nos a ler, o teatro leva-nos a pensar. Se o mundo passava a ser visto com outros olhos, a culpa não era dele.

O Morcela acompanhou o Augusto e desafiou as irmãs, num acto meramente provocador. Já sabia que a mãe recusaria tamanha promiscuidade. “Raparigas é em casa!”

Iniciou a carreira de artista com leituras colectivas, em voz alta. O exercício permitia a familiarização com o texto, o retoque na pronúncia e a aprendizagem da colocação da voz. Aquele palheiro húmido e frio, com o vento a zunir pelas frechas, era uma autêntica universidade, pensava ele. Devia ser daquele modo que se formavam os doutores, a interpretar textos e a entrarem no pensamento dos autores. Se fosse só para decorar livros e despejá-los como quem vomita a tabuada, não valeria a pena. E assim foi perdendo o medo de se expor. À recomendação da mãe, “Não se discute que fica feio”, sobrepôs-se a do senhor Alberto que os entusiasmava ao confronto de opiniões. Aprendeu rapidamente que uma discussão não necessitaria de acabar em briga e, muito menos, ficar mal com o interlocutor. Ser amigo não implicava ser carneiro.

Atento a todos os pormenores, o ensaiador seleccionou os actores para cada um dos papéis. Duas ou três deserções não puseram em risco a unidade do grupo. Como era de esperar, o Augusto incluiu-se nesse lote. Candidato a cabeça de cartaz, não aceitou um papel secundário: “Não nasci para menino do coro. Arranjem outro... Isto aqui não se aprende nada.”

Francisquinho Felicoques deu o seu contributo precioso, servindo de ponto. Tão exigente como o senhor Alberto, lá estava ele todas as noites no ensaio a sugerir marcações e a controlar a vivacidade do diálogo.

– Tenho aqui uma personagem feita à tua medida, mas não sei se vais gostar – disse-lhe o senhor Alberto.

– Por que é que não hei-de gostar?

– Porque ele é tolo.

– Ele pode ser tolo, mas eu não sou.

O Morcela sentiu-se honrado com o convite e agarrou-se com unhas e dentes ao papel de maior relevo na comédia: um rapaz aparvalhado, com uma

larga fortuna, que recebia em casa várias candidatas ao enlace matrimonial. Sentado numa cadeira de braços sobre um pequeno estrado, exhibia uma pose de imperador romano a debicar bagos de uva numa taça. Tirava uma chucha do bolso, molhava-a na boca e, de seguida, num frasco com mel. Sob o olhar controlador do pai, dava-a a provar a cada uma das pretendentes. Todas elas se sentiam enojadas e recusavam tal procedimento, excepto uma que se lambuzou com a guloseima. Casaram-se e ela foi muito feliz, com uma vida folgada a saracotear-se por outras colmeias.

A disponibilidade de tempo permitia-lhe dedicar algumas horas ao grupo das Comédias. Colaborou na construção e na pintura dos cenários e ajudou o senhor Alberto a fazer cópias, à mão, dos papéis das diversas personagens. O guarda-roupa ficou por conta das mulheres. Uma boa parte era proveniente da América, em sacas de encomendas enviadas por familiares. Em tempo útil, tinham sido endereçadas cartas com indicações precisas do tipo de tecidos, das vestimentas necessárias e dos adereços – lantejoulas, sapatos, chapéus e tudo o mais que se possa imaginar.

Tio Jerónimo ficou satisfeito com a atitude do rapaz perante a vida. Em vez de andar a jogar às cartas no Clube ou na conversa à porta do botequim, até ser atraído pelo cheiro da pinga, empregava o tempo em coisas úteis. A mãe é que não achou muita graça ao rumo tomado. Em casa, por tudo e por nada, começara a botar a sua opinião, expressando ideias muito extravagantes para o gosto dela: “Eh, pequeno, tu não eras assim. A leitura põe-te a cabeça areada. Já não me bastava tua irmã...” Habituada a impor as regras na capoeira, as asas tornavam-se curtas para cobrir toda a ninhada. As suas verdades deixavam de ser eternas, o seu mundo parara no tempo com medo de se escarolar. O do filho crescia com a fogosidade da juventude e isso era penoso para tia Mariana.

No grupo das Comédias, encontrou mais uma chave que lhe abria o entendimento das coisas. Esta é que era a sua verdadeira escola, uma escola de entreaajuda, liberta de dogmas carunchosos. Por cada espectáculo apresentado noutras freguesias, novos horizontes se rasgavam. O poder mágico da viagem desanuviava-lhe o espírito e afastava para bem longe as angústias do passado.

Chegados ao local de destino, Alfredo encarregava-se de coordenar o serviço para que nada falhasse na actuação da noite. Cumpridas as tarefas, os mais velhos ficavam a conversar nas redondezas do Salão, enquanto os mais novos se passeavam em grupos mistos, com ar de actores saídos das telas de Hollywood. Uma sã camaradagem, livre da mesquinhez do dia-a-dia, consoli-

dou-se pouco a pouco. Nem pareciam os mesmos. Inclusive as próprias mães afrouxavam a guarda da sentinela. Acabou por descobrir, ao redor da ilha, novos hábitos, outros costumes e até pronúncias diferentes. O seu pequeno e fechado mundo rural alcançara uma nova dimensão. Deixou de ser um rapaz amedrontado e ganhou confiança para a vida. Até à ida do irmão para a guerra, gozou os melhores tempos da juventude.

Quando Gabriela entrava em palco a exhibir os dotes de bailarina no Acto de Variedades, não lhe tirava os olhos de cima. Era a fase do deslumbramento, de apreciar os jeitos, penetrar nos cheiros, adivinhar os segredos. Uma troca de olhares e dois dedos de conversa mantinham a chama a tremeluzir. Foi então que o seu amor amadureceu e deixou de pensar no singular.

As relações entre Francisquinho Felicoques e Alfredo tornaram-se mais cordiais no convívio das Comédias. Francisquinho ajudava-o na montagem dos cenários e seguia-lhe o rasto todo babadinho. Alfredo conhecia-lhe as intenções e atiçava-lhe o fogo. No momento exacto, cortava o rastilho.

Num dos seus estádios de euforia, Alfredo voltou ao ataque. No último espectáculo daquele ano, meteu-se debaixo do palco e aguardou pacientemente a ponta final da peça. Antes que o pano caísse, soltou a tampa de um frasco donde voaram algumas baratas. Num ápice, treparam pelas pernas e pelo corpo de Francisquinho. Entalado na caixa do ponto, começou aos gritos e a estrebuchar: “Tirem-me daqui! Estou a ser comido por baratas. Tirem-me daqui! Baratas! Baratas!” Os actores desmancharam-se a rir e o público correspondeu com uma grande ovação. “Uma cena que só visto”, comentou o senhor Alberto Borges, deliciado com as comédias da vida.

21

Independência financeira e liberdade de movimentos, duas condições fundamentais para Lucy arrumar a depressão na gaveta. A América estava ali a seus pés, com os cheiros da infância e a vantagem de não ter que enfrentar tanta insegurança. De manhã, abalava no Chevrolet automático, sintonizada na emissora americana; quinze minutos eram suficientes para chegar ao emprego sem qualquer contratempo. Mulher livre, senhora do seu destino, a causar inveja e incómodos: “Lá vem a doida... Parece um marau, sozinha nesses caminhos”, comentava tia Luísa, quando a via.

O almoço na cantina, frequentada pelos funcionários portugueses com menores recursos, sabia a rancho da tropa. Lucy detestava aquele paladar e juntou-se ao sector elitista, no Clube de Sargentos Americanos. Um ambiente mais liberal, na companhia de outras raparigas de Angra. A ousadia foi suficiente para que os dislates corresse de boca em boca. A maledicência colou-se ao corpo como uma carraça. Enquanto houvesse sangue fresco para chupar não a deixariam em paz. Levou algum tempo a habituar-se à inveja dos linguarudos, mas sacudiu a baba peganhenta. Dissemos o que dissemos, nada lhe pesava na consciência.

O problema agravou-se quando Lucy começou a frequentar os bailes no Clube, ao fim-de-semana. A primeira saída ocorreu para festejar o aniversário de um colega. Prevendo resistências caseiras, convenceu a professora Leonor a acompanhá-la.

– O ambiente não é o mais indicado para uma senhora com a sua posição – atalhou o reverendo, após a segunda noitada da mestra.

– Mas não houve nada de mal.

– Não duvido... – e amaciou a voz para aliviar o tom acusatório. – A sua imagem é que fica manchada por andar metida no meio de americanos protestantes – concluiu num tom paternal.

Lucy não cedeu às pressões e passou a ir aos bailes, sozinha. Chegava a casa pelas duas da manhã, a transpirar felicidade. Apaixonara-se por um colega da Base e não havia arreata que a segurasse.

No dia seguinte, tia Luísa não perdia o ensejo de divulgar as horas a que tinha ouvido passar o carro na canada. “A semana passada chegou era uma e meia; esta... já eram duas e para a próxima há-de ser às três.” Um rapaz da freguesia, empregado de mesa no Clube, encarregava-se de actualizar as informações e as suspeitas. Garantia que não fazia nada de mal enquanto dançava com o namorado, mas depois de sair com ele...

Nas pias do chafariz da praça, juntava-se o mulherio. “E quando se junta – dizia o velho Carrapito – é pior que um abalo de terra.” Enquanto desencarriam as nódoas da própria roupa, não se cansavam de manchar a dos outros:

– Aquilo, na Base, é uma pouca-vergonha. Aos sábados, elas saem sozinhas e os toleirões dos maridos ficam em casa, a tomar conta dos filhos.

– Algumas só chegam de madrugada, porque se foram deitar com outros. E a Lucy qualquer dia faz o mesmo.

– Ah, pois faz! Ainda não tem porco no curral e já anda a comer chouriço.

Conceição não suportou a dor do riso traiçoeiro. Ao bombardeamento cerrado do diz-se que diz, respondeu sem pejo às atoardas. Conhecia bem o

sabor da liberdade e o prazer do convívio, enquanto trabalhara na América, sem nunca ter permitido que lhe faltassem ao respeito. Só vacilara em pensamentos... mas quem não vacila?

O marido não teve a mesma atitude. Sem coragem para enfrentar os amigos, refugiou-se em casa, embezzerrado e apreensivo com a imagem de frouxo, o pior rótulo colado na testa de um homem. “Aquele é um frouxo!” Pior, muito pior que maricas. Maricas, tolera-se; frouxo, despreza-se.

O Morcela bem lhe topou as rugas do desânimo, quando o ajudava a lavar o carro, aos domingos. E lia-lhe os pensamentos: “Andar a limpar a porcaria que os outros fizeram.” O que não percebia era a obstinação de o farejar por dentro, encostando o nariz nos assentos para, de seguida, resmungar umas frases em inglês.

Maldita hora em que deixara a América. Lá, ao menos, ninguém se metia na vida dos outros. Na sua imaginação, os bailes do Clube deviam ser um regabofe, com raparigas a dançar o *Can-Can*, como nos *saloons* dos filmes de *cowboys*. Sem coragem para a repreender directamente, procurou que a mulher cercasse a ovelha para o redil.

O silêncio dos serões pesava no estômago como um prato de lapas com pão de milho. Lucy, incomodada com tanta insensatez, decidiu seguir os princípios de S. Tomé:

– Na próxima semana, vocês vão comigo ao bingo. Vou apresentar-vos o meu namorado.

Todos os pesadelos se desvaneceram quando puseram os pés no Clube. Aquilo era gente séria que por ali andava, tomara os da freguesia serem como eles, concluiu João Caracol. Só mentes pequenas e manhosas, prenhes de inveja, podiam descrevê-lo como um antro de prostituição. É certo que tropeçou nalguns americanos bêbedos, mas tarraços como eles era o que mais havia. E serviu a sua vingança numa bandeja. De mão no ar, estalava o dedo e chamava pelos empregados conhecidos: “Bota bebida nesta mesa que a noite é por minha conta!” Sabia perfeitamente que todos os seus gestos iriam ser comentados na Ribeira de Fogo.

Conceição controlou a verve e preferiu jogar na retranca. Apreciou os diálogos e a compostura, atenta à troca de olhares e ao riso. Pelo riso, definia o carácter de uma pessoa e o Martins era um homem de riso dócil. Passou a viagem de regresso a tecer elogios ao futuro genro, pelo seu comportamento educado:

– Reparaste na maneira como ele cortava a carne aos bocadinhos?

– Ó mulher, eu tinha lá cabeça para me preocupar com essas coisas – respondeu João. O principal motivo que o levava ali era o de acertar a data do casamento. Não suportava os boatos que denegriam a vida da rapariga, sem qualquer fundamento.

Nessa noite, um sono calmo e profundo reteve-o na cama até altas horas. O sossego voltara a entrar-lhe pela porta. A Conceição deu-lhe a espertina. De manhã, já podia apresentar-se de cabeça erguida e decidiu quebrar o jejum dos seus amuos com a vizinha. Chamou-a à parede do quintal e contou-lhe as novidades.

– Olha que sorte! Ele donde é?

– Oh, só sei que é da Praia, tem estudos e um emprego de escritório.

– E as famílias? Quem são?

– Yá, não conheço, mas o pai trabalha no Tribunal.

– E quando é que vai ser o casamento?

– Yá, eles querem primeiro juntar dinheiro para a casa e só depois se verá.

– Mas vocês podiam dar uma ajuda.

– Xôa, mas eles são muito senhores do seu nariz.

A úlcera invejosa de tia Mariana revirou-se no estômago. Conceição topou-lhe os movimentos e esfregulhou ainda mais: falou-lhe do ambiente luxuoso, com alcatifas por todo o lado, das paredes decoradas com quadros e fotografias, das luzes embutidas nos tectos de madeira, dos empregados vestidos a rigor e da orquestra acompanhada por um pianista.

– Consolei-me! Comi uma *cheeseburger*, pernas de galinha e um gelado. Tal e qual como na América.

Guloseimas e luxos que não impressionaram tia Mariana. Mais preocupada estava ela com o futuro incerto das filhas. Filomena recusava todas as abordagens dos rapazes da freguesia, por nenhum deles preencher os requisitos do seu estranho gosto. Amélia, pelo contrário, tornava-se cada vez menos exigente. Lucy já estava arrematada e ainda bem. Podia ser que lhe desamparasse a porta e deixasse de exercer tanta influência sobre Filomena.

Os dias corriam felizes nos caminhos de Lucy: um namorado que lhe dava carinho e uma terra em que deixara de se sentir estrangeira. Acima de tudo, estava radiante com uma carta enviada pelo irmão. Por intermédio duns emigrantes haviam começado a trocar correspondência e Luciano, esquecendo afrontas do passado, prometia estar presente no dia do seu casamento. Por tudo isso, decidiu dar a volta à ilha, para poder abraçá-la contra o peito.

Deste modo, se concretizou o grande sonho do Morcela. Apesar de ser o mais viajado, conhecia apenas algumas freguesias nas suas digressões com as Comédias. O resto da família não fazia ideia da verdadeira dimensão daquele pedaço de terra ao qual o destino os amarrara como barco varado no cais.

Todos aceitaram a proposta, excepto o Augusto. Depois de ordenhar as vacas, preferia passar a tarde de domingo junto da sua paixão, a Angelina.

– As outras freguesias são como a nossa. A miséria é a mesma. Se me convidassem para ir ao Continente ou à América ... Aí é que um homem se pode estender...

Por motivos também passionais, Martins recusou-se a acompanhá-los: um decisivo jogo de futebol entre o Lusitânia e o seu clube, o Praiense, iria decidir o campeonato.

Toda a freguesia se espantou perante uma excursão tão arrojada. Os vizinhos assistiram à partida, com longos acenos, como se abalasses para o fim do mundo. Tia Zabelinha quase lhe dava um fanico ao imaginá-los um dia inteiro fora de casa, por caminhos desconhecidos e perigos incontroláveis. “Ó mulher, acalma-te. Nunca deixei ninguém na estrada”, disse-lhe o Vitalino, chofer do carro de praça alugado pelo genro. Nunca fiando. “Lucy, vai sempre atrás dele para não te perderes!” e passou a tarde toda a espreitar pela janela, a chocar num estado febril.

Na piscina natural dos Biscoitos, nunca se vira até então mergulhador tão arrojado. Era o Morcela lançando-se do alto dos calhaus para as profundezas do abismo. De braços abertos, imitava o já esquecido Anjo da Guarda, desafiando a força da gravidade. Batia de chapão na água, voltava a subir aos calhaus e voltava a mergulhar. Se houvesse pedras mais altas, todas elas teria escarpado. Pouco lhe interessava o estilo. Os rapazes da cidade, que ali veraneavam, não levariam a palma. Riam-se do desatino, mas era ele quem os olhava das alturas. Uns anões tremendo de cobardia.

– Credo, minha Nossa Senhora. Aquele rapaz ainda se mata – gritou a mãe, toda nervosa. O seu menino, a quem toda a vida controlara e adivinhara os gestos, já não lhe dava ouvidos. Um osso cada vez mais duro de roer. O Augusto, apesar da casmurrice, era bem mais fácil de domar.

Lucy também não resistiu à tentação de se refrescar, apesar da luta travada em casa.

– *Yá*, levas uns calções e uma *t-shirt*. Escusas de andar a mostrar as pernas!

– Ó *mammy*, por amor de Deus! Nos Biscoitos há poderes de raparigas da cidade e eu não vou fazer figura de tola.

João Caracol viveu momentos de aflição quando deu por si a apreciar os contornos de Lucy, como qualquer outro homem. O corpo que havia imaginado apresentava-se exuberante e apelativo na sua plenitude juvenil. Incomodado com os impulsos libidinosos, pegou no braço de tio Jerónimo e foram visitar o porto. Por mais que se controlasse, toda a magia da relação entre ambos se alterou. Nunca imaginara que dentro dele se escondiam instintos tão perversos.

Filomena e Amélia, sentadas na borda do muro de cimento, limitaram-se a molhar os pés. Já se tinham banhado umas poucas de vezes na apanha das lapas, todas vestidas dos pés à cabeça, ainda recordavam a sensação de frescura sempre que alguma onda as envolvera, mas não estavam mentalizadas para uma exibição pública do corpo. Filomena, noutra ambiente, talvez o fizesse; Amélia ... nem morta.

O pior desapontamento sofreu-o tia Mariana. Era um cenário embaraçoso ver mães e filhas no meio de homens, com a maior desfaçatez, a tocarem-se uns nos outros, pele com pele e olhos de cobiça. Um pouco afastada, abriu a sombrinha para se proteger do sol e das poucas-vergonhas. Como é que Nosso Senhor não havia de mandar tantos castigos...

O calor do fim da manhã começava a esquentar. Só a frescura da Mata da Serreta – um lugar de lazer onde o corpo se enrosca à sombra do arvoredor – poderia recompô-los.

Mal chegaram à Mata, Jerónimo do Poço agarrou uns cavacos e acendeu um dos churrascos. A comida abundante, tirada das cestas, cobriu a mesa de cimento: massa sovada, alcatra, pernas de coelho fritas e uma roda de carne assada, com batatas. Bolos, fruta e muitas bebidas, algumas delas trazidas da Base por Lucy, completavam a ementa, preparada com uma semana de antecedência.

Relatos pormenorizados de factos adormecidos no fundo da memória serviram de digestivo. Aquecidos em lume brando, com o tempero adequado às circunstâncias, voltaram a recuperar todo o sabor. O sabor dos velhos tempos em que mergulham as certezas que dão paz e sossego ao espírito.

Num instante, a festa tomou conta da mata. A chegada de outros grupos, acompanhados por banda de música, animou a tarde com um bailarico improvisado. Conceição matou as saudades dançando a Sapateia nos braços do seu João. De tanto rodopiar, ficou atordoado com a pinga e com o cheiro dos pinheiros. Coube ao Morcela e ao pai satisfazer o prazer da dança às rapari-

gas. Nos braços de Lucy, sentiu o calor daquele peito macio e espetou os olhos no precipício em que fermentavam os seus desejos. Tia Mariana, mais recatada, inventou uma dor de cabeça e permaneceu imóvel. Era alegria a mais para o seu feito e não se conteve:

– Estava agora a pensar que se Luciano estivesse aqui com a gente...

– Morrias engasgada se não viesses com essa conversa. Não precisas de me lembrar que eu não me esqueci dele. Cala-te bem caladinha e não estragues a festa dos outros.

Tia Mariana levantou-se e começou a arrumar a mesa. Enquanto acondicionava as cestas, remoía a dor da incompreensão. Cada vez mais lhe apetecia isolar-se do mundo para conviver à vontade com os seus fantasmas. Uma paranóia que se agravara com a idade e se transformara em doença, mas nunca o admitiu em toda a sua vida. Depravados e doentes eram os outros.

– Ah, vocês, já está a ficar quase de noite e ainda temos muito caminho para andar – exclamou, acossada pelas ânsias. – Lembrem-se que quero parar na igreja de Nossa Senhora dos Milagres para pagar uma promessa.

– Acalma-te, mulher. São só três horas da tarde... – respondeu o marido.

Até João Caracol, sempre controlado nos seus gestos, se arrepelou contra ela:

– Tens a vida inteira para pagar promessas. A santa não foge e a noite não mete medo a ninguém.

– Mas este tempo está a ficar enfarruscado. Não é bom sinal.

O tempo, esse ditador que lhe abalava a saúde, os receios e os humores. Chuva, sol, vento, trovões, humidade... um desassossego presente em todas as conversas. Vivia atormentada perante as forças da natureza, sempre à espera de desgraças. Se caía uma malha de água mais forte: “Credo, minha Nossa Senhora, o céu vai desabar”; se o calor do sol e a humidade abafavam: “Vamos ter tremores de terra”; se o vento batia nas vidraças: “Aqui d’el rei, um ciclone”; se o céu escurecia e um trovão abanava o telhado: “Ainda me cai um raio em cima, valha-me Santa Bárbara”. Embora se sentisse uma poalha no meio do universo, a sua mente funcionava como um pára-raios que atraía a fatalidade dos mistérios cósmicos.

Fartos de a ouvir, acabaram por fazer-lhe a vontade e a viagem continuou pelo resto da ilha, com o Morcela a recordar muitas das lições do Velho das Cinco. Ao passar na freguesia onde ele nascera, o corpo arrepiou-se. Que saudades dos bons momentos de convívio à sombra das caneiras.

Na linha do horizonte, o recorte da Graciosa e de São Jorge prendeu-lhes a atenção. Ali, naqueles calhaus, viviam os vizinhos mais próximos e ao

mesmo tempo tão distantes. Ao Morcela apeteceu-lhe estender os braços sobre o oceano ou dizer-lhes, simplesmente, adeus. E por que não convidá-los para as festas: “Tragam a vossa amizade, porque nós temos pão, vinho e alcatra. O que dá para dois há-de chegar para três...”

O estrondo de um pneu a rebentar por pouco não paralisou o coração de tia Mariana. “Ah, Minha Nossa Senhora... como é que a gente vai sair daqui?”. Com o sol a reclinar-se, o descampado da Feteira transformara-se num fantasma que parecia engoli-la. E Vitalino carregou ainda mais na tecla. Era, ali, no ventre daquele pico que se escondiam dois pobres desgraçados – Pateira e Pechita – que haviam assaltado umas mercearias para dar de comer aos filhos. Fugidos da cadeia, deixaram a ilha em polvorosa, trancada no seu próprio medo. Ora se contavam terríveis histórias de violações e de vandalismos impróprios de cristãos, ora se espalhavam outras decalcadas no mítico Zé do Telhado. E os dois infelizes pagaram com os costados em Elvas, pelo que fizeram e pelo que outros roubaram em seu nome.

Ao cair da noite, entraram em casa extenuados por terem percorrido cerca de oitenta quilómetros. Durante dias, a aventura abriu o noticiário da bisbitice local. Tia Mariana não se cansou de gabar a beleza e o asseio de toda a ilha. O que mais a impressionou foi a dimensão. Habituada a viver num círculo reduzido, nunca imaginara que houvesse tanto espaço a calcorrear.

– Metade desta distância fazia-a eu todos os dias, para ir e vir do trabalho. Aqui morre-se afogada com este mar sempre à nossa volta – comentou Conceição.

Tia Mariana desdenhou da mania das grandezas, deu-lhe um certo desconto, mas não se calou:

– As outras terras podem ser grandes, mas não são melhores que a nossa.
– Têm coisas melhores e piores, mas uma pessoa pode espriar-se à vontade.

– Pode espriar-se... mas tu quantas vezes saíste da cidade onde moravas?

Conceição embatucou. Na realidade, conhecia pouco mais do que o percurso da viagem de casa para o trabalho. Não fora umas visitas a uma prima e a uns conhecidos numas cidades próximas, pouco teria para contar do Novo Mundo. Contudo, sentia-se aliviada por saber que não existiam barreiras físicas a impedir-lhe o caminho.

– Este mar é uma prisão.

– Eu cá não acho. Na América andavas de carro, aqui podes andar de barco se te apetecer. – Virou-lhe a costas e ficou a falar sozinha: “O mar é uma

prisão. Tolices de gente que vem de fora ou dos senhores da cidade que não têm nada com que se entreter!”

O mundo de tia Mariana girava de costas para o mar. Ele estava ali todos os dias, ora manso ora bravo, mas nunca lhe limitara os passos. Só lhe dava importância quando escasseava o peixe de caldo, a cavala ou o chicharrinho. A poesia da sua vida não era feita de maresia, ressalga ou golfinhos, mas de vacas, pastos, faias, conteiras e touros bravos. As suas raízes haviam crescido num pedaço de terra que lhe dava o sustento, a alegria ou o sofrimento que Deus destinara. E era nesse pedaço de chão que os seus olhos se reviam.

22

Na véspera da festa da Agualva, Filomena e Amélia entravam em bulício. O vestido para a procissão, a saia e a blusa para o bodo de leite, outro tanto para as touradas, sapatos, casacos... horas e horas a encher duas malas, para uma semana em casa das primas. Noites de folia, em colchões estendidos na falsa, revelando inconfidências até altas horas da madrugada. Quando eram mais novas, o pai sentava-as na carroça, juntamente com a bagagem. Uma almofada a proteger o traseiro aliviava o tormento da caminhada. À medida que foram crescendo, acharam indigno do seu estatuto utilizar um meio de transporte tão desclassificado. Metiam-se na camioneta e o Morcela, umas vezes sozinho outras na companhia do Linguiça, ia levar-lhes a trouxa.

Das duas, Filomena sempre foi a mais resplandecente. Herdou da mãe a soberba, mas também a beleza. O cabelo, preto e curto, assentava-lhe bem num rosto trigueiro, delgado, onde brilhavam dois olhos de azeviche. Uns lábios carnudos e um corpo esguio, a menear a anca, prendiam a atenção de quem a mirasse. Vaidosa com a sua formosura, tornou-se uma rapariga alegre, atiradiça, tendo em conta as limitações estabelecidas. Sonhava com uma vida diferente, num meio urbanizado, ao lado de um homem com profissão de mãos limpas. O sonho transformou-se, desde cedo, em convicção, assumindo uma postura de menina da cidade, com trejeitos delicados e um falar pretensioso.

Amélia, com o decorrer dos anos, fora perdendo as peneiras. Mais baixa, pernas arqueadas, um rosto sombrio e uma timidez doentia relegaram-na para um plano secundário. A mãe projectou toda a sua personalidade exibicionista na filha mais velha e destinou para Amélia o papel de governanta do lar. E era aí que se sentia bem. Triste por não poder competir com a irmã, con-

centrava as energias na lida da casa e só depois se sentava a fazer renda. Menos solicitada, desleixara-se no aprumo: passava o pente de raspão pela permanente e não perdia tempo em frente do espelho.

“Se não espevitares, ainda ficas para tia”, dizia-lhe Lucy em tom provocador. Mas ela preferia aguardar que as coisas acontecessem. Os parâmetros que havia definido – um marido trabalhador, sério e, acima de tudo, que não pretendesse viver noutra freguesia – iam encolhendo com o tempo.

– Se abrisses os olhos já o tinhas encontrado – disse-lhe a mãe.

– Quem...?

– Ainda não reparaste que o Valdemar se ri todo quando te vê?

A isca estava lançada. Atrás da isca, o boato encarregar-se-ia de fazer com que os olhos de ambos se encontrassem.

As festas da Agualva eram sempre um momento propício à aventura. Com um pouco mais de liberdade, deliciavam-se a escabichar os rapazes que circulavam pelo arraial. Para Filomena, havia um pormenor determinante na sua escolha: os sapatos bem engraxados. No seu modo de pensar, quem se apresentasse com o sapato a luzir, mesmo que estivesse gasto, era sinal de homem aseado. Não lhe era indiferente o aspecto físico, mas não condescendia naquela particularidade. Uma tolice como outra qualquer.

No dia da tourada, três cabos especialistas da Base Aérea Portuguesa atravessaram o arraial aprumadíssimos. Como todos os outros, estavam dispostos a aproveitar, ao máximo, a comissão de serviço. Os seus olhos coruscantes não conseguiam abarcar todas as caras sorridentes. Estariam apanhadinhas por eles, pela beleza da farda ou pela condição de forasteiros? Eis uma dúvida que dificilmente poderá ser esclarecida. O facto é que muitos desencantos se revelaram por toda a ilha. O produto nem sempre condizia com a embalagem ou o rótulo fora falsificado.

Após uma primeira ronda para reconhecer o terreno, iniciaram uma pesquisa detalhada, seleccionando os alvos mais apetecíveis. A excitação tornou-se notória, quando voltaram a aproximar-se da varanda de Filomena. As raparigas soltaram risinhos infantis, mal disfarçados ao encobrirem a boca com a mão, e retorceram-se no banco como se fossem mordidas por um bando de pulgas. Filomena assumiu uma atitude mais senhoril. Abriu a mala, tirou o espelho, acertou a franja, compôs a gola da blusa e pediu o *bâton* a Lucy. O seu encanto não escapou, desta vez, ao olhar de lince de Ricardo Seabra. Ao fixá-la na varanda, Filomena procurou evitar o cruzamento fatal.

– Aquela morena não me vai escapar! – apostou com os amigos.

Um sorriso, quase imperceptível, foi suficiente para o cabo miliciano se lançar em voos mais altos. O sinal do foguete, a indicar a saída do touro, conduziu os três camaradas para o muro contíguo à varanda. Apenas uma fiada de blocos evitava que os ombros de ambos se tocassem.

– Você acha que estou seguro, aqui? O touro não vai saltar, pois não?

Filomena ficou atrapalhada com a forma de tratamento utilizado. “Parece um actor de cinema”. Considerou não lhe dar resposta, convicta de que a sua linguagem não se adequava àquele modo fino de dialogar. Contudo, a curiosidade falou mais alto do que a compostura exigida a uma rapariga perante um intruso.

– O muro é muito alto e o touro não consegue chegar aqui – respondeu, sem se virar para ele.

– Sabe, é a primeira vez que assisto a uma tourada à corda. Em Lisboa, só temos touradas de praça.

– Ah!

Ricardo não alcançou o sentido da exclamação enigmática. Apresentou-se com o seu nome completo, estendeu a mão e recebeu uma resposta seca:

– Aqui, nas ilhas, as raparigas não cumprimentam os rapazes como lá fora. Aqui, há mais respeito.

Ricardo falhara na primeira tentativa de aproximação, mas não desistiu:

– Peço desculpa se o meu gesto pode indiciar qualquer falta de respeito. Estava, apenas, a seguir os costumes da minha terra. Não vai levar a mal?

Filomena abanou ligeiramente a cabeça em sinal de perdão. O seu espírito começou a girar como um carrocel. Não devia ter dado troco a um rapaz que não conhecia nem adivinhava os desígnios, mas o seu coração batia forte, numa ânsia de penetrar nesse mundo romântico, descrito nos quadradinhos das fotonovelas. Estava ali a seu lado, em carne e osso, o homem ideal: alto, loiro, de olhos azuis, bem vestido, bem-educado e de sapatos bem engraxados. Paralelamente, inundavam-lhe a memória imagens de toda a família a ralar com ela, se soubessem da sua fala com aquele estranho.

Com o intuito de facilitar a comunicação, Ricardo evitou entrar na intimidade. Não valia a pena espantar a caça logo na primeira emboscada. Procurou distraí-la e descontraí-la com perguntas sobre o meio local, dando azo a que assumisse o papel de professora. O diálogo intermitente decorreu num tom ameno sem que Filomena o tivesse olhado de frente. Se aparecia no caminho alguém das suas relações, calava-se imediatamente.

No intervalo da tourada, Ricardo foi matar o bicho com os amigos. Despediu-se com uma frase que a deixou extasiada:

– Quando voltar, quero ver esses lindos olhos ainda mais sorridentes.

O Morcela, que andara apreciando o voo do queimado sobre a capoeira, decidiu defendê-la com toda a garra: mal os *pipis* da Base saltaram do muro, ocupou o lugar vago. Lançou um olhar agressivo à irmã e pediu-lhe explicações.

– Credo, o rapaz não me faz nenhum mal. Ele não é de cá e eu só lhe esclareci umas dúvidas.

– Já pensaste o que essa gente vai dizer de ti? Se papai sabe...

Filomena estremeceu só de imaginar a cara ensarilhada do pai a fitá-la a um palmo do nariz. O olhar penetrante, profundamente magoado, doía mais que um sopapo. A sua maior preocupação era evitar que a má-língua descolrisse uma abertura para descoser o tecido.

Durante o intervalo da tourada não parou de sonhar. Já se imaginava toda bem vestida a entrar na Base Aérea, um mundo que lhe era completamente estranho, mesmo ali ao pé da porta. O seu cabo especialista valia tanto como um general, com direito a entrar em todos os clubes, portugueses ou americanos, a frequentar bailes, a tomar bebidas finas por palhinhas e a rebolar o corpo ao som de músicas modernas. Prometeu a si mesma que haveria de se instruir, para evitar vexames. Agora que o pássaro lhe tinha pousado no colo, estava disposta a lutar para que não batesse a asa à primeira rabanada de vento.

Envolta nos seus pensamentos, nem deu pelo tempo passar. Lucy aproveitou a oportunidade para lhe dar ânimo: “Saiu-te a sorte grande. Foi pena ele não ter olhado para mim.” Amélia e as primas, roidinhas de inveja, não abriram o bico. Tinham medo e desconfiança das aves de arribação que fazem ninho em qualquer galho. Controlavam os sentimentos e as escolhas com o coração apertado: *o seguro morreu de velho*.

– É bonita, não é? – perguntou Ricardo aos camaradas, todo envaidecido.

– É bonita, mas não vais colher cachos daquela parreira.

– Eu gosto de vindimas difíceis.

Ao mirá-la lá ao longe na varanda, imaginou que, por debaixo daquela casca de uva, se escondia um néctar delicioso. Acabado o intervalo, regressou com os amigos ao seu poiso.

– Ó pá, esse lugar é meu! – barafustou com um gesto altivo, dando um ligeiro encosto no Morcela.

– Quem vai ao ar, perde o lugar! – retorquiu, fincando as mãos na beira da varanda.

Filomena evitou conflitos, clarificando a situação:

– Meu irmão tem medo dos toiros e sente-se mais seguro ao pé de mim.

Ricardo percebeu a mensagem e partiu bruscamente. “O que mais há são raparigas nesse arraial. Já viram...? A saloia a fazer-se cara...!” O príncipe encantado evaporou-se num segundo, com o brio a rastejar pelas valetas, e Filomena nunca mais lhe pôs a vista em cima, naquela tarde.

Adeus cestos, acabaram-se as vindimas. Uma profunda tristeza inundou-lhe o peito e a festa perdeu todo o encanto. Abandonou a varanda e foi sentar-se na cozinha da tia, olhando as vacas a remoer luzerna no pasto. Uma vez mais, a cabeça entrou em rodopio. Ora se autocriticava por ter olhado para os figos de uma figueira tão alta, ora desferia acusações ao menino mimado: “Se calhar queria que o sentasse ao meu colo?!?”

Não levou muito tempo para que a mãe soubesse do sucedido:

– Pensas que os rapazes de cá vão querer vestir uma camisa em segunda mão?

Filomena pouco se importava com os rapazes da terra e com as ameaças da mãe. “Hei-de namorar com quem quiser e gostar.”

Ricardo andou vários dias enraivecido, por ter desertado do posto. O pior que pode acontecer a um militar é virar as costas ao inimigo, aprendera ele na recruta. Mais do que a auto-estima, um apelo lancinante empurrava-o para os braços de Filomena.

Antes uma desilusão que uma incerteza e ei-lo a caminho da tourada, na Ribeira de Fogo. Vestia à civil, uma camisa de xadrez, calças de ganga americanas e, pormenor importante, sapatos bem engraxados. Com uns traços fisionómicos perfeitos e um corpo de atleta, sobressaía no meio do arraial. De tal forma que os próprios homens sustinham a respiração e um muro de silêncio inesperado o cercava na sua passagem. Na companhia de um amigo, cruzou a varanda de Filomena, olhou-a de raspão e prosseguiu num passo gíngado.

“Olá... o pardal do Continente regressou à eira”, discorreu o Morcela quando o topou à distância. Reuniu um grupo de rapazes mais velhos e seguiu-lhe o rasto. Estava na disposição de lhe armar o sutil²², se ele se atrevesse a debicar o grão.

²² Armação feita de cana para apanhar pássaros

E armou, porque o bicho era teimoso.

Quando Ricardo voltou a aproximar-se da varanda, Filomena baixou os olhos. O ritmo do coração acelerou ao vê-lo saltar para o muro junto dela. Após uns minutos de silêncio, carregados de expectativa, pediu-lhe desculpa por ter desaparecido naquele dia.

– Não pretendo criar-lhe problemas, mas não vou desistir de lutar por esses olhos feiticeiros. Quero que saiba...

Nesse preciso instante, um valente empurrão pelas costas atirou-o a ele e ao amigo para o meio do caminho. Com o sangue a ferver de raiva, o grupo do Morcela descascou forte e feio. Perante a violência anárquica dos camponios, de nada lhes serviu os conhecimentos de boxe. Apartada a briga, os dois seguiram para a ponta do arraial, com o lombo aquecido. Habitado a vencer todas as refregas, sofreu um grande vexame. Até então ninguém lhe havia chegado com a mão ao nariz, quanto mais rebentarem-lhe um beijo. Uma revolta interior clamava vingança, não tanto pela ferida (porque essa se curaria com uma lambidela, assim Filomena o quisesse), mas pela desonra.

O Morcela e os amigos tinham defendido, uma vez mais, o terreno ameaçado pelos forasteiros. Morriam de ciúmes quando viam as raparigas presas pelo beicinho, dispostas a cair nos braços de um qualquer janota continental. Todas se rendiam à sua lábia, à finura dos gestos e aos supostos pergaminhos de família. Nenhum deles era descendente de um gaibéu, maltês ou “ratinho”. Se um garantia ser neto de um rico industrial (nem que fosse de uma fábrica de alfinetes), outro apregoava dezenas de cabeças de gado perdidas pelas lezírias e, outro, ainda, empolava os avultados negócios do pai, comerciante por grosso.

Filomena levou meses sem ter notícias do seu amado. A mãe bem tentou sulfatar-lhe o juízo com propostas que não lhe abriam o apetite. Andava esquelética, com uma tensão nervosa que lhe provocava vômitos e náuseas. Sem vontade de olhar para outro homem, contentou-se a beijar-lhe o rosto na fotografia que Lucy havia tirado na Agualva.

Seguindo os conselhos do poeta (“Imagine-o quem não pode experimentá-lo”), os corpos quebrados de lazeira roçavam-se todos os dias pelo terraço da Casa Velha. Bem protegidos dos olhares furtivos da vizinhança, cada um jogava bilhar de bolso numa partida sem carambolas.

O acesso àquele círculo restrito implicava cumprir o código de honra da “irmandade do silêncio” e exibir predicados de maturidade. A primeira tentativa do Morcela redundara num fracasso total, apesar da estratégia montada. Passou pela tenda do barbeiro, recolheu uma madeixa de cabelo caída no chão e acachapou-a na zona púbica. Dirigiu-se para a Casa Velha e subiu a rampa com ar todo prazenteiro.

– O que é que fazes aqui? Ainda tens tabaco no umbigo. Vai brincar com a bichinha para a areia...

Recuou dois passos e abriu a braguilha. A luz do sol, ao incidir na densa mata, fez ressaltar o brilho de uns cabelos brancos. Perplexo, perante o riso dos outros, raspou-se a alta velocidade. O Bichoca levantou-se num instante e caçou-o à saída:

– Anda cá, para a gente confirmar.

Agarraram-no e fizeram-lhe uma amostra. Bem podia espernear como um porco. O castigo estava traçado. Arrancaram-lhe o capachinho e cada um escarrou uma abundante larada, para servir de estrume.

Passados largos tempos, galgou novamente a rampa. Por dentro da camisa-de-meia, escondia uma folha da *Playboy* encontrada na camioneta do lixo recolhido na Base, por tio Joaquim Cartola. Através de um contrato com os americanos, Tio Joaquim apanhava restos de comida nas messes e engordava porcos, nos cerrados da Caldeira; para casa, trazia papelão, utilizado no aquecimento do forno, e caixotes cheios de massagada. Quando a camioneta (uma carripa velha com uns alçados laterais na carroçaria) chegava pelo cair da tarde, a rapaziada ensandecia a vasculhar a mala. Num momento de sorte, o Morcela descobriu a revista desprezada por algum americano insensível às coisas boas deste mundo. Ficou escondida num canto do palheiro, até resolver partilhar o tesouro.

Com movimentos bruscos de impaciência, todos quiseram ver, cheirar ou beijar a nudez da lasca caída do céu. “Calma... assim não pode ser!”, e entalou as pontas da folha na ranhura da parede, à altura dos olhos.

A morenaça trajava, apenas, sapatos vermelhos de salto alto, luvas pretas de pelica, enfiadas no braço até ao cotovelo, e uma sombrinha enramada a protegê-la do pôr-do-sol. Soprada pela aragem, oferecia-se dengosa aos cãesinhos que salivavam com tanta abundância.

Nem num dia de matança os gatos andariam tão desastados e não descansaram enquanto não descascaram o pessegueiro. A uma velocidade vertiginosa, de olhos postos na *mouche*, foi um tal esburgar segóvia atrás de segóvia.

Saciada a fome que roía a raiz dos ossos, a sessão do dia seguinte foi mais calma, perante novas estampas. Com as inibições atiradas para trás das costas, a varinha de cana trouxe a verdade à tona de água. Cada um puxou a brasa à sua sardinha (“a minha é maior do que a tua”, “mas a tua é mais fina do que a minha”) e dificilmente chegavam a um consenso. E cada um ficou com a sua crença, pois “não é o filho de meu pai que, para tirar teimas, vai pegar na belica dos outros”, comentou o Morcela.

Não era bem assim. O desabafo másculo encobria alguns deslizes mais ousados. Em busca de novas sensações, as mãos já se haviam cruzado algures pelas partes mais íntimas de outros parceiros.

Foi numa dessas tardes de estica e engrossa que o Morcela recebeu a prosaica alcunha. No meio de uma mudança agitada de fralda, a avó rasgara com o bico do alfinete um bocado de pele do prepúcio. O resultado estava à vista: uma pombinha curta, bem recheada, com uma excrescência de pele na ponta. À luz do dia, parecia uma morcela a precisar de fumeiro nas chaminés da vida.

Como ele, muitos outros, são e escorreitos aos olhos do mundo, foram baptizados de acordo com os respectivos pitafes e feitios: o Linguíça, o Torcidinho, o Engelhado... tudo nomes sugestivos de familiaridades pros-critas nos alfarrábios do senhor padre Tadeu.

Apesar da inexistência de registos documentais, é certo e sabido que os primeiros povoadores se dedicavam com afinco aos campeonatos do esguicho. No ciclo da puberdade vivido entre as paredes da Casa Velha, a geração do Morcela deu seguimento a esses ritos de iniciação. Com os calcanhares assentes sobre um traço, os concorrentes alinhavam-se em frente da sua musa preferida da *Playboy*. Em silêncio absoluto, esforçavam-se para conquistar a medalha olímpica da mais antiga modalidade desportiva que põe em movimento todos os músculos do corpo e do espírito.

E o senhor prior, que topava os adeptos mais fervorosos pelas borbulhas semeadas no queixo, não se cansava de recomendar:

– Evita andar sozinho por lugares escondidos. Foge das más companhias que levam ao caminho da perdição. Utiliza a retrete com brevidade só para as necessidades. Dorme sempre de cuecas e de camisa-de-meia, com os braços por fora da roupa. Não permaneças no calor da cama quando estiveres acordado. Se te sentires tentado pelo demónio, faz o sinal da cruz e reza três Ave-Marias.

Cinco anos haviam passado sobre o início da guerra. A maior preocupação de tio Jerónimo estava agora voltada para o Augusto, entretanto chamado para assentar praça. Afinada a pontaria nos alvos de cartão, na caldeira do Monte Brasil, ia partir em direcção a Angola, instruído para dar cabo dos *terroristas*, se quisesse salvar a pele.

A mãe quase ficou pegadinha do juízo. Ao definhamento lento e doloroso ou à morte súbita de familiares, a tudo isso havia assistido com a resignação possível. Era a lei inexorável da vida para a qual estava acautelada. Quanto à guerra, sempre ouvira falar dela, mas num palco distante do seu país. Agora, esta entrava-lhe pela porta tal e qual um ladrão. Como iria o seu Augusto esconder-se do silvo traiçoeiro das balas, escapar às armadilhas dos pretos habituados a caçar animais ferozes, resistir ao calor, às doenças daquela maldita terra? Dúvidas, montes de dúvidas que lhe tiravam as forças. Nada era pior do que viver a incerteza dos acontecimentos à distância, suspensa minuto a minuto, ano após ano. Em vez de partir para morrer todo esbagado no meio do mato, era preferível que ficasse já ali, numa campá rasa. Ao menos sabia onde e como estava: inteiro de corpo e alma e no chão sagrado da sua freguesia.

Dum momento para o outro toda a vida familiar se modificou. A alegria trivial transformou-se num ambiente sonolento, semelhante a um velório. Na cómoda da mãe acenderam-se círios e invocou-se protecção a todas as divindades; as irmãs, aterrorizadas com o espectro da guerra, perderam o brilho nos olhos; o pai, com um novelo na garganta, ficava parado a cismar, agarrado às tetas da vaca, e o Morcela tinha pesadelos, sonhando com catanas a esfacelarem pedaços de carne humana no cepo do açougue. O Augusto, por seu turno, fazendo das tripas coração, tentava animá-los com frases feitas ouvidas nas sessões de acção psicológica. A meio da noite, porém, acordava atordoado com o som das botas cardadas e o eco do *slogan* cadenciado: “Angola... é nossa! Angola... é nossa!”

Na grande paragem do Castelo, assistiram à missa campal de despedida ao Batalhão do Augusto. Tio Jerónimo, ao entrar a porta de armas, rilhou os dentes e cruzou as mãos atrás das costas. Enquanto aguardava pela cerimónia, deu uma voltinha a recordar os tempos ali passados. Com um aperto no coração, parou em frente da *poterna*, espreitou o edifício do Tribunal Militar

Especial e rondou as casernas dos antigos presos políticos. O Morcela acompanhou-o cheio de curiosidade, porque havia algo de misterioso nos relatos do pai sobre o tempo da tropa. Nas conversas com o André, já sabia que ali havia funcionado uma prisão e não se conteve:

- Era aqui que prendiam os comunistas?
- Eh, rapaz, quem é que te contou essas histórias?
- São coisas que fui aprendendo.

– Isso já foi há muito tempo – e prosseguiu o caminho em direcção à muralha. Virou as costas à cidade que tanto gostava de admirar e fixou o olhar na parada. Mansos como cordeiros, os crentes aceitavam a sua cruz sem o menor protesto. A sorte de cada um estava entregue à boa vontade do Criador. Apeteceu-lhe soltar um grito de revolta e sacudir a mornaça daquela gente vergada pelo conformismo. Para quê, se ninguém compreendia a razão do fogo que lhe abrasava o peito.

No final da missa, os soldados marcharam para o centro da cidade. As ruas estavam apinhadas de gente e, na Praça Velha, receberam o guião oferecido pelo presidente da Câmara.

Discursos inflamados, pronunciados pelas autoridades, ecoaram por toda a praça. No juízo do Augusto circulavam imagens tenebrosas, divulgadas pelos jornais da véspera: terroristas drogados com haxixe, mulheres brancas violadas, crianças queimadas vivas e corpos de homens cortados com serras.

Perto dele, na ala esquerda da praça, Angelina, madrinha de guerra e futura esposa se Deus o permitisse, não lhe tirou os olhos de cima. Vestida de azul-ferrete, debulhava-se em lágrimas ouvindo a alocação do chefe do distrito:

Ides partir para defender, em terras distantes, parcelas sagradas da Pátria Portuguesa, vilipendiadas e atacadas miseravelmente por bandoleiros internacionais, sem Pátria, sem Deus, sem razão e sem direito; ides partir para uma missão sagrada de continuar o prestígio desta Pátria secular; ides partir para defender a honra e a dignidade duma bandeira plantada há mais de cinco séculos em quatro partes do mundo. Essa Bandeira, hoje ultrajada pelo comunismo internacional e pelos seus adeptos, reclama a vossa presença e, até, o possível sacrifício da vossa vida.

As palavras do governador bateram fortes como um martelo no capacete do Augusto, a esaldar com o sol. O sacrifício da própria vida não constava dos seus planos. Começou a ver tudo a andar à roda, o corpo foi enfraque-

cendo e a espingarda escorregou-lhe da mão. Caiu de costas sobre o empedrado da praça, desfalecido como a Pátria que ia defender. Nem teve acordo para entoar a divisa do B.I.I.17, “Antes morrer livres do que em paz sujeitos”.

Foi prontamente socorrido e a mãe não ganhou para o susto. Não merecia o castigo de criar um filho com tanto carinho para o entregar nas mãos de facínoras. Pouco se importava com Angola e com as suas riquezas, se lhe roubavam o seu bem mais precioso.

– Adeus... adeus... Nosso Senhor te proteja.

– Adeus... adeus... até ao meu regresso.

Durante dois anos, os cheiros densos de uma eterna Semana Santa envolveram toda a casa. Nem flores nos canteiros nem nas jarras espalhadas pelos quartos. As roupas escuras saíram do baú e o rádio só tocava na hora dos noticiários. O Morcela abandonou a filarmónica e o grupo das Comédias. A mãe pegou-se a todos os santinhos e chorou amargamente a sua triste sina. Sempre que o carteiro batia à porta, estremecia com medo da notícia fatal. Angelina, em sinal de respeito, nunca cortou o cabelo e pagou algumas promessas para que a Virgem protegesse o seu amado.

Bafejado pela sorte, Augusto regressou à ilha são e escoreito. No domingo seguinte, foi louvado pelo senhor padre, como exemplo de lealdade e valentia. A mãe ficou toda vaidosa com o elogio na missa. O seu Augusto, um bravo soldado. A outra metade da missa só viria a conhecê-la mais tarde. Por várias vezes, fora encontrado pelos camaradas, todo borrado, a chorar no meio da mata. Sem complacência, puseram-lhe o cognome de “D. Augusto, o caga nas cuecas”.

Por onde andaria aquela voz máscula e segura do capitão-de-fragata que anos antes representara numa dança de Carnaval?

*Ao ataque, nobres leões
A coragem nunca é de mais
Vamos rachar os corações
Dessa corja de liberais.*

Mas a guerra, ali, era a sério. Entre a praça da Ribeira de Fogo e o inferno de Angola, a distância era enorme. O homem que passara a vida a desdenhar das fraquezas dos outros, trazia consigo uma nódoa colada na fralda. Decidira, por isso, uma fuga para a frente até que o tempo a expurgasse.

O Morcela, que o imaginara um valentão, teve dificuldade em lidar com essa imagem do irmão soçobrado pelo medo. E, ainda por cima, mal cheiroso! No seu íntimo, recusava-se a ser como ele, embora receasse voltar a ter outra crise. Agora, já não eram os fantasmas invisíveis que o apoquentavam, mas sim os homens, a maldade, a mesquinhez, o braço sórdido da ameaça. Era para esses e contra esses que a sua revolta se canalizava. Uma revolta surda como a do pai, a insuflar devagarinho. Mentalmente, preparava-se para o embate. A arrogância do presidente da Junta não poderia passar incólume.

Ultrapassados aqueles difíceis momentos, Augusto retomou o estilo altaneiro, com um novo predicado: a pronúncia continental. A tropa dera-lhe a volta à cabeça, queria ser alguém na vida e decidiu inscrever-se num curso de polícia.

– Não quero ir para a Base, pá, para ser criado dos americanos, pá. Na polícia ganha-se bem, pá, é emprego limpo e seguro, pá.

Andar a malhar nos outros não era lá muito limpo, pensou o pai, mas tia Mariana aprovou a decisão:

– O polícia é uma autoridade, impõe respeito e está sempre na mão de cima. Só tenho pena que te vás embora outra vez.

Acabava de sofrer um rude golpe no seu projecto: o de ver os filhos casados, com casa erguida nos terrenos que já havia destinado para cada um. Era mais uma família a desfazer-se como tantas outras, uma ilha a fugir sobre as ondas do mar.

– Gosto muito de vocês e desta terra, pá, mas ela não deixa crescer as minhas raízes, pá.

O presidente da Junta, ao tomar conhecimento das pretensões do Augusto, avisou o doutor Ávila:

– Se ele sair ao pai, só vai criar problemas...

Como nada constasse nas informações recolhidas junto da PIDE e dos superiores militares, o doutor deixou seguir o processo. Sabia perfeitamente que o Augusto era feito doutra massa e aproveitou para limpar a imagem de vingativo.

Depois de casar com Angelina, fez as malas e partiu para Lisboa. Poupadinho, alugou uns quartos em Alfama e chamou a mulher para junto de si. Um homem, sozinho, perde-se nas vielas da grande cidade, se não tiver quem o amarre.

À alegria de tio Jerónimo, reflectida nos foguetes lançados pelo regresso do filho, sobrepôs-se mais tarde a tristeza doutro vizinho, perante a frialdade de meia dúzia de linhas inscritas num telegrama:

SEXA Ministro Exército tem pesar a comunicar falecimento seu filho soldado José Borges da Rocha ocorrido dia 20 corrente Guiné motivo combate defesa Patria. SEXA apresenta sentidas condolencias.

*Comandante Interino
Depósito Geral de Adidos Lisboa.*

No dia seguinte, o carteiro entregou à família um aerograma atrasado, “Edição Exclusiva do Movimento Nacional Feminino”, com as últimas notícias do infeliz combatente:

Saudosos pais e irmãos faço votos para que estas mal notadas linhas tenha o poder de ir encontrar todos gusando uma e boa feliz saúde pois cá a minha vai boa graças a Deus. Pois escrevo não por ter carta vossa mas só para dar a saber da minha e saber da vossa que é o que interessa. Cá no ultramar a tropa foi toda aumentada. Daqui prá frente vou ganhar mais dinheiro pois eu ficava com 280 e agora vou-me ficar com 350\$00. Sempre é mais uns trocos para buber umas servejas.

Pobre José! Estrebuchou no meio do capim, com as mãos a segurarem as tripas que lhe saíam do ventre dilacerado. “Vem-me acudir, minha mãe! Não quero morrer como um porco!” Mas morreu. Deu o último suspiro nos braços de um camarada, com os olhos arregalados de espanto.

No bolso do camuflado, junto ao coração, guardava o último “aero” enviado pela mãe:

Meu querido filho ao escrever-te peço a Deus que esta te vaia encontrar de boa saúde é o que mais dezeijo, pois cá a nossa vai boa graças a Deus, pois escrevemos não por ter carta tua mas só para ir saber de ti porque já não temos carta à 11 dias, depois não sabemos se é atrazo do correio ou se és tu que te pizáste, pois Deus permita que não tenha acontecido tal coisa, pois agente temos fé de terem carta para o fim desta somana, agora também te dizemos que a Galanta já pariu, mas olha foi uma bezerra vermelha, batizada com o nome de Benfeita, pois este ano foi caise tudo bezerras, pois é bem bum Deus assim quer assim áde ser, pois Deus deia saúde que com saúde estemos sempre bem neste mundo. A mãe pensa que perde o juízo quando não tem

carta tua, José agente pede-te para tu escreveres duas cartas cada semana é mesmo só a dizer que estás bem. Olha também te digo que a rapariga que namoraste de S. Brás já se casou mas não te consumas que há muitas por aí. José já só falta um ano para acabares a comição e agora terminemos com saudades sem fim, e recebe beijos e abraços destes teus pais e irmãos que estão sempre anciando por carta e a deus a deus até à volta do correio se Deus quizer e felicidades para ti.

A felicidade do José ficou selada numa caixa de pinho, colocada no cemitério da freguesia, num jazigo, junto de outros camaradas.

Alfredo batia-lhes no postigo, frequentes vezes. Com a cabeça colada ao vidro, rezava pelas suas almas e contava-lhes o que se ia passando.

– Vocês morreram de repente sem saber porquê e a gente arrasta-se por este mundo a morrer devagarinho. Mas Nosso Senhor não anda a dormir. Isto um dia há-de mudar.

25

Habitado ao trabalho desde pequeno, tio Jerónimo nunca virara a cara às intempéries. Aí, sim, era uma força da natureza, como se ele e a terra se completassem. Conhecia-lhe os cheiros, as fraquezas e nela se entranhava a cantarolar baixinho. Numa lenga-lenga monótona e ritmada, alisava-a com a grade como se fosse um corpo de mulher.

Após a partida do Augusto para Angola, andou alguns meses a derreter-se, tal e qual um toco de vela. O mamilo duma vaca infectado, o casco ferido do cavalo, um pé de milho derrubado transformava-se numa alta montanha para umas pernas tão fracas. Não fora o apoio do Morcela e a vida teria descambado. O seu único alento era ouvir o filho falar de projectos e das lições básicas que havia recebido na estação agro-pecuária. Continuaría a ser lavrador, mas não um lavrador qualquer. Para isso, contava com a ajuda de Gabriela, uma rapariga atinada, com um lugar muito especial no seu peito.

O pai nutria por ele um carinho muito especial, pois saíra à sua banda: olhos e cabelos castanhos, uma curiosidade em aprender, um espírito brincalhão e, acima de tudo, muita sinceridade. O que o preocupava era a firmeza com que começara a enfrentar os outros. Esperto como um rato, topava-lhes as contradições e desarmava-os com facilidade. A atenção que prestava aos

noticiários, o franzir do lábio superior quando as dúvidas o assaltavam eram sinais suficientes para perceber que o bicho da política o havia mordido. Depois de ter entrado naquela dança dos liberais, deixara de ser o mesmo. E mais preocupado ficou com o aviso de tio José Carrapito: “O teu rapaz anda com aquela cabeça a ferver. Bota-lhe água fria...”.

No Inverno, o gado descia das zonas altas do interior da ilha para os cercados à beira-mar, onde ficava mais protegido do frio. As horas perdidas nas longas caminhadas para os pastos eram aproveitadas para outras tarefas, quando o tempo o permitia, ou para o descanso.

Concluídos os afazeres, o Morcela enfiava-se na tenda do sapateiro. Naquele templo sagrado não era qualquer bicho-careta que tinha direito a galgar as ombreiras da porta. Onde cantam galos não esgravatam pintos, mas ele furou como o gorgulho no feijão para granjear um lugar no banco rasteiro, à ilharga do mestre da oficina.

Como não gostava de estar parado, começou por oferecer os seus préstimos: encerar a linha de coser, colar palmilhas e tacões ou engraxar os sapatos dos fregueses menos exigentes e descuidados no pagamento. Como recompensa, tio Manuel consertava-lhe as botas de graça.

Os outros, da mesma idade, seguiam uma estratégia diferente. “Os chineses de minha mãe estão prontos?” Se a conversa era ligeira, poisavam por ali encostados ao tabique; se o picante andava à solta, o sapateiro repelia-os como quem espanta melros: “Toca a andar, que hoje não é dia de esmolas.” Para os mais duros do ouvido, o pau da lixa acertava-lhes no lombo, como um arpão do trancador da baleia.

Tio José Carrapito era outro frequentador assíduo da tenda. “Bom dia a todos” e sentava-se na ponta do banco que lhe estava reservado. Os primeiros minutos eram dedicados à preparação do cigarro de folha de milho. Duas fumaças, arrancadas do fundo dos pulmões, enchiam a tenda de nevoeiro para marcar a sua presença. Só então, soltava a língua. Sabia de tudo e de todos, não fosse ele marinheiro das nove ilhas deste mundo.

Os temas de carácter histórico eram os seus preferidos. Dava largas à imaginação, recriando personagens e acontecimentos com floreios a seu gosto. Detentor de uma memória prodigiosa, desbobinava histórias aprendidas com os mestres venerados: os antigos.

O Morcela bebia-lhe as palavras e os ensinamentos, peneirando toda a informação. E não se calava quando topava erros ou incoerências. Respostas

que se desprendiam de um ponto indefinido do seu cérebro, com uma força e uma convicção que o deixavam por vezes perplexo.

O velho Carrapito mantinha um contencioso com o André por causa do enredo da dança da Brianda Pereira. Na opinião dele, o livro do senhor professor deturpava a verdade. Como o André não aceitara alguns dos conselhos que lhe dera, fazia gala em contar a sua versão muito original:

– Quando os espanhóis cá quiseram entrar, a nossa gente defendeu-se valentemente, sozinha, mas o nosso rei, D. António, que andava fugido, teve que acudir enviando tropa arrebanhada no estrangeiro. Acamparam na vila de S. Sebastião, para baixo na Salga, numa zona cheia de matos de giesta e silvados, até ao calhau do mar. Durante vários dias, andaram a guerrear os espanhóis e numa dessas escaramuças morreu um filho da Brianda Pereira, uma grande mulher da nossa terra que lá morava entremeio do mato. Ficou levada da breca e doida para tirar os olhos aos espanhóis. Numa noite clarinha de lua cheia, passaram-lhe sete pela porta e disseram desta maneira: *Cheira aqui a pão caliente. Vamos ver se tem pão caliente.* Pegaram em si e embicaram para lá. O pão quente estava em cima da amassaria da cozinha, agasalhado com uma manta, e ela escondida da banda de dentro da porta com a pá de ferro, na mão. Todo aquele que ia entrando, ela afocinhava-o e tirava-lhe a vida. Matou os sete e amontoou-os no meio-da-casa.

– Eu cá nunca li isso em lado nenhum – interrompeu o Morcela

– Não leste, mas foi tal e qual como estou dizendo. O que se segue é que no outro dia, logo de manhãinha, o nosso rei veio cá ter e começou a organizar a milícia. Mas como não havia soldados que dessem para vencer tantos castelhanos, a Brianda Pereira disse-lhe: *Vossa Majestade se me dá licença, eu queria dar a minha opinião: os espanhóis não são postos desta terra para fora à ponta da espada, porque têm mais tropa que o senhor.* O rei perguntou-lhe: *Então, como é que há-de ser?* E a Brianda respondeu-lhe, com ar muito decidido: *Hão-de se ajuntar todos e vão cercar o gado bravo que está no meio do mato. Vêm abaixo à vila e metem-no a caminho da Salga, pois só assim dão cabo dos espanhóis.* Dito e feito. O gado bravo a correr na canada estreita, espicaçado com agulhões deste tamanho, virou os espanhóis num instante de pernas para o ar.

– O livro diz que foi um frade que teve essa ideia – voltou a intervir o Morcela.

– E lá estás tu com a mania do livro. O homem que o escreveu era um ignorante. Como eu a dizer, os que puderam botaram-se de adanos para as naus, mas não chegavam lá porque iam ao fundo com o peso das armaduras;

os outros ficaram em terra, estirados no chão como porcos devorados pela papeira. Foi uma mortandade brava, sem igual na nossa história. E lá na Salga, ficou um poço cheio de cadáveres em cima uns dos outros, entremeio de camadas de sal e de cal, cobertos de terra por cima. Não estejas a fitar-me com essa cara de espantado (e assentou os olhos no Morcela), porque isto que estou a dizer foi-me contado pelos antigos. E ainda te digo mais: os espanhóis, depois de cá entrarem, andaram poderes de tempo atrás da Brianda Pereira para a matarem, porque não queriam que ela ficasse na história mais discreta e corajosa que o seu general.

A assistência, apesar da fonte histórica invocada por tio José, não pareceu muito convencida com o enredo. “Mente como um cesto sem fundo”, sussurrou-se da banda de fora da porta, com volume suficiente para que o recado chegasse aos ouvidos do narrador. Tio José ripostou altivo de cima do seu pedestal:

– A ignorância é tal e qual como a gripe: não mata, mas deixa mazelas. Para arrematar a conversa – prosseguiu – durante a estadia deles aqui, a nossa terra sofreu muito. Andavam nesses caminhos encarapuçados duma banda para a outra, entravam nas casas, molestavam as filhas de cada um, roubavam dinheiro, cordões d’oiro e comida para encherem o bandulho.

Quando tio José se preparava, de pescoço esticado, para medir a temperatura aos cantos da tenda, a voz de trovão do Alfredo irrompeu junto à porta:

– Ai aguaceira! Arregacem as calças que a ribeira está a encher.

As gargalhadas destruíram por completo a solenidade da exposição. Tio José rangeu o dente e fulminou a assistência com olhos ameaçadores. Se fosse mais novo, teria provado a veracidade da história com umas bordoadas nos incrédulos. O melhor era mudar de rumo, antes que o barco encalhasse.

Alfredo desceu a canada, rindo-se da prosápia do relator: “Naquele tempo, eram todos uns valentaços. Deram cabo dos espanhóis, venceram os corcundas²³, andaram na *Justiça da Noite*... mas, hoje, são uns cordeirinhos mansos. E ainda dizem que nasceram na Terra do Bravo!”

No dia seguinte, tio José voltava ao seu lugar cativo, como se nada tivesse acontecido, e a conversa repetia-se peganhenta como a mornaça. Na ausência do contador de histórias, só frases curtas e espaçadas rasgavam o silêncio da tenda e por ali permaneciam horas seguidas, a flutuar de olhos fixos no infinito.

²³ Nome dado aos miguelistas

“O porto é a minha segunda casa”, dizia tio Sardinha Velho. Ali dormia, quando era preciso estar de vigia à bravura do mar que ameaçava levar-lhe a embarcação, ali se refugiava das desgraças em terra, bebendo até cair para o lado. O barco era a sua amante, sempre limpo e pintado a tinta de óleo roubada na Base, com uma legenda a vermelho: “A luz genuína dos meus olhos”. Com o tempo de feição e o apetite a devorá-lo, pegava na mulher e abalava.

– Ó Genuína ... foste à pesca sem caniço... – zombeteavam as vizinhas.

– Não foi preciso. Lancei o engodo e o bodião ferrou-se logo – respondia toda sorridente.

Para ele, o mar era o maior quintal do mundo, já lavrado e semeado. E conhecia-o como a palma das mãos, embora a colheita nem sempre fosse famosa. Mas a isso já estavam todos os pescadores habituados.

Os filhos, embalados desde pequeninos no marulhar das ondas, andavam pelo porto de manhã até à noite, seminus e pretos como um tição. O mais velho acompanhava-o com frequência. Com a pele enrijecida em salmoura, rugia na proa da lancha, segurando a linha de seda, cortante como uma lâmina de aço. O peixe mordida, respingava e fugia: “Ah, estupor do diabo!”; o peixe picava, rabeava e prendia: “Vira para dentro! Já cá canta mais um!” Os dois rapazes mais novos, de alma suspensa, aguardavam a chegada para ajudar a varar o barco. Um dia de sorte... e a pescaria talvez lhes desse direito a mais uma fatia de pão. Mergulho atrás de mergulho e o olho alerta, seguindo o percurso da brisa e das nuvens. “Este tempo vai ficar ruim” e corriam logo para casa, com o coração na boca.

Numa tarde azarenta, as atenções fixaram-se no horizonte. Lá longe, uma casca de noz baloiçava à deriva, subindo e descendo ravinas de água. Foram horas de suplício, de gritos a ecoar pelos calhaus, implorando à Virgem que lhes estendesse a mão protectora. Mas as preces esbarraram no capacete de nuvens e o golpe de misericórdia deu à costa dois corpos roxos e inchados.

Fugindo ao controlo da mãe, o Morcela começou por espreitar o mar em cima da rocha, ainda criança. O desejo de se juntar aos que brincavam lá em baixo fê-lo descer o passo. Contraído, sentou-se nos calhaus, aspirando o cheiro da maresia. Uma sensação de prazer inundou-lhe o corpo e os braços pareciam querer voar. À medida que foi ganhando confiança, despiu a roupa

e chapinhou os pés numa poça. Aos poucos, foi deixando o corpo imergir e ensaiou os primeiros batimentos, com as mãos bem agarradas às pedras. Sempre que molhava a cabeça, empinava-se logo, aflito com falta de ar. Um autêntico pato-marreco, de olhos arregalados e boca aberta, a estrebuchar com as ânsias da morte. Para quem estava habituado a pisar terra firme, os limos, as vagas traiçoeiras e a areia movediça eram uma armadilha constante. Quando menos esperava, já estava embrulhado na onda e projectado contra o calhau.

Com a ajuda do Alfredo, aprendeu a sincronizar os movimentos. Fez das tripas coração, entrou no mar aberto e esgatanhou como um cachorro. Bebeu pirolitos atrás de pirolitos, mas alcançou a Pedra das Conchas, a dez metros de distância. A partir de então, julgou-se apto a percorrer a enorme baía encravada no meio de rochedos escalavrados pela força do mar.

Nas horas livres, corria para o porto, conquistando novos espaços, apesar das ameaças da mãe: “Livra-te se eu souber que vais sozinho! O mar é muito perigoso.” E começava logo a contar desgraças ocorridas, num carpir em que era useira e vezeira: a infelicidade do rapaz da Maria Eugénia, mordido numa perna por uma moreia venenosa; a morte do Manuel Caturra, amarrado a uma pedra no fundo do mar pelos raios de um polvo gigante ou a imprudência do tio João Palheta, ao meter-se na água com a barriga cheia de melancia.

Desgraças, só desgraças. Apesar dos sopapos e dos beliscões, o Morcela não desistiu de ir ao porto. “Põe, ao menos, um chapéu de palha para não apanhares um golpe de sol”, dizia-lhe a avó no seu jeito conformado.

Num curto intervalo de tempo, tornou-se um exímio nadador. Especializou-se na caça ao polvo e mergulhava às lapas, de faca na mão e saco atado à cintura com uma tira de espadana. Só saía da água quando os lábios estavam roxos e o corpo enregelava. Estendia-se à chapeira do sol, em cima dos calhaus escaldantes, até pararem os tremores que abanavam o queixo. E o pensamento voava em torvelinho sobre um mar de prata ao encontro de Gabriela. Às tantas, já nem sabia se era o sol ou os braços dela que o aqueciam.

A quantidade de *espadas*²⁴ estacionados na Canada da Grota dava-lhe um ar de festa permanente. As águas profundas do porto atraíam muitos ameri-

²⁴ Carro grande e vistoso

canos da Base que ali passavam o dia de folga, na pesca submarina. Desciam o atalho carregados de latas de cerveja, *coca-cola*, *hotdogs*, *hamburgers*... comida suficiente para matar a fome a um batalhão. Na plataforma do cais, equipavam-se dos pés à cabeça – fato de borracha completo, barbatanas, punhal, espingarda, óculos e canudo – e lá andavam entretidos, horas seguidas, abaixo e acima, atrás de besugos, tainhas, polvos e salemas.

Em terra, ficavam as namoradas e as mulheres, com os *jónins* pequeninos a choramingar. Umas gordas, outras magras, outras nem por isso, mas todas elas com umas pernas lindas, alvas como leite, e um peito dilatado a transbordar da malha do fato de banho. Os marmanjos escondidos atrás das pedras desforravam-se dos jejuns e pudores impostos pelo senhor padre Tadeu.

Um belo dia (em que o peixe devia andar a dormir), os americanos trouxeram o arpão carregado. As mulheres bateram palmas, tiraram fotografias e, para festejar a proeza, ofereceram umas latas de cerveja e de *coca-cola*. Depois de tragar uma cervejinha bem gelada, o Morcela ficou meio toldado do juízo e considerou o seu brio de pescador ameaçado. “Era o que faltava, virem estes bananas para aqui fazer pouco da gente”. Passarem-lhe a perna no seu reduto, na sua casa...isso é que não.

– Ei, *Jó*, esse peixe que tens aí não presta para nada. É peixe muito miúdo. Eu, sozinho, sou capaz de apanhar um muito maior.

O *camóne* sorriu sem entender patavina da conversa, enquanto ele prosseguia, gesticulando:

– Não acreditas? Vou mergulhar e trazer um peixe deste tamanho.

Formou uma carreirinha, pulou na ponta do cais e mergulhou de braços e pernas abertas como uma rã espicaçada. Desapegou pela baía fora, com a cabeça cada vez mais pequenina a baloiçar entre as ondas e a rir-se a bom gosto com a partida que engendrara.

As últimas novidades musicais do *Top Ten* nova-iorquino ecoavam pela falésia, através de um vistoso aparelho portátil, sintonizado na emissora americana. Uma loirinha irrequieta rebolava-se na pequena língua de areia, com uma flor presa nos cabelos. O seu corpo de sereia atraía os olhares dos mais atrevidos. Boca de mel, lábios túmidos... a suscitar desejos e paixões. O calor do sol reflectido pelos calhaus aquecia ainda mais a enseada, o cheiro forte da maresia abria o apetite. O americano, ao ver-se livre do *poriguisse*, abançou com os outros a dar ao dente: despejou *ketchup* nas *hamburgers*, besuntou os *cachorros* com mostarda e arrotou os vapores da cerveja. À volta deles, a canalha voava como mosca vareja sobre as migalhas caídas no guardanapo do desperdício.

Meia hora depois, o Morcela subiu os degraus do cais. Com o peito a arfar, trazia um peixe-porco preso pelas guelras. Por entre a gargalhada geral, dirigiu-se ao americano com o troféu bem levantado:

– *You see?* Isto é que é peixe a valer. Nem se compara com essa petinga que aí tens.

O *gringo* ficou atarantado e inglesou qualquer coisa, à laia de quem pergunta como o tinha conseguido. Os gestos do Morcela foram suficientemente explícitos: havia apanhado o peixe com uma pancada junto à cabeça.

O acenar cúmplice de cabeças não deixou que os americanos duvidassem do feito. Daí para a frente, todos os *camónes* lhe ofereciam uma cerveja gelada e uns salgadinhos para aperitivo. Quando o convidavam para a pesca, respondia com ar gingão e descontraído:

– Ai tal jabardo. Vocês nunca mais hão-de descobrir como é que eu apanhei aquele peixe. Vocês têm muito dinheiro... mas juízo nessa cabeça...

E enquanto o americano se ria com o desembaraço, estalava a beizola saboreando a bebida. De vez em quando, lançava um olhar guloso no papo arrufado da americana, doidinho para trancar uma garoupa daquele calibre.

O filho do presidente da Junta era tão invejoso como o pai e não suportava o desembaraço do Morcela. Resolveu, por isso, pregar-lhe uma partida de combinação com os rapazes mais pequenos:

– Vocês embrulham as calças debaixo do braço, abrem o portão e deixam-nas caídas da banda de dentro. Logo à tarde, passem na venda para receberem uns rebuçados.

O Morcela despejou a raiva com os palavrões todos que conhecia e jurou vingança. Secou o corpo e abalou para casa, saltando de cerrado para cerrado. Ao entrar a cancela, enfiou as calças e respirou de alívio. Ao menos, livrava-se do sermão da mãe. Do que não se livrou foi da gaitadinha venenosa do presidente:

– Não sabes que é proibido andar em cuecas pelo caminho? Para a próxima dou parte à polícia.

O Morcela entesou-se e respondeu-lhe:

– O senhor já devia saber que em dias de vento não se cospe para o ar...

– O cuspo dos da laia de vocês nem chega a sair da boca.

Uma névoa espessa cobriu a vista do Morcela. Há momentos em que se perde o instável equilíbrio e tudo pode acontecer. A fúria impelia-o para cima do presidente, o instinto reclamava prudência. A escarreta pendurada nos

lábios por pouco não se plantou na testa do intruso. Optou por atirá-la para o chão e advertiu:

– A polícia não me assusta. Se voltar a atravessar-se no meu caminho, aperto-lhe o pescoço.

Encostou-o à parede e com a mão fez um gesto de o estrafegar. Por breves instantes, captou no rosto do adversário sinais de medo e de fraqueza. E isso foi suficiente para lhe dar ânimo. O boneco tinha pés de barro, a arrogância era balofa. A partir de então, decidiu enfrentá-lo, custasse o que custasse. O tempo em que se borrava perante o espectro do Velho da Lepra não poderia voltar. O seu lema passaria a ser o do Alfredo: a coragem de um homem mede-se quando enfrenta a borrasca.

27

Num conluio entre comadres se cozinhou o casamento do Alfredo. Depois de várias conversações, tia Mariana conseguiu convencer Maria Jarroca a juntar os trapinhos:

- Se te casares, sempre tens amparo na velhice.
- Mas eu não quero ir morar com a mãe dele.
- Vocês ficam aqui em tua casa e só lhe dás uma ajuda quando for preciso.

Uma dúzia de anos mais velha do que ele, carregava o estigma de ter sido enganada por um velhaco que lhe tirara o cabaço na Primavera. Órfã de pai e mãe, sobrevivia com dinheiro ou comida que recebia em troca de alguns serviços domésticos. Sem alternativa de vida, lançou-lhe um olhar e um sorriso convidativos.

Os olhos de Maria foram os primeiros a desafiar Alfredo, que passou a desejá-la na sua pureza de macho. Em vez de continuar a perseguir a silhueta da professora Leonor, correspondeu e entregou-se à aventura.

Maria podia, finalmente, realizar o sonho de subir ao altar vestida de branco como todas as outras. Hipotecou dias e dias de trabalho por pequenos adiantamentos até conseguir a quantia suficiente.

- Mas tu já não és donzela – replicou tia Mariana.

Não o era, mas bem se esforçara para se livrar das garras do violador, esperneando até à exaustão no meio dum cerrado de milho.

- No meu coração sou. Não o fiz por vontade e Nosso Senhor sabe disso.

Todos o sabiam, até mesmo as crianças, embora não atingissem a essência do facto. Maria era diferente das outras, amiga de rir e de brincar. O riso de quem

dava tudo para voltar a ser criança, voltar a ter pai e mãe. Mais ainda: o desejo de não ter que fugir dos homens e de si própria, como uma cabrita rebelde. Mas aí daquele que se aproximasse... De navalha no bolso, fincava a mão na anca e desafiava: “Se deres um passo em frente, ficas capado que nem um porco.”

Os mais despeitados não se cansavam de atazanar o juízo ao Alfredo:

– Ó toleirão, o outro comeu-lhe o miolo e tu agora ficas a roer o carço.

Contra o que era seu hábito, não respondia às provocações. Não recriminava Maria pelo que acontecera, nem isso constituía um obstáculo à sua união. O maior embaraço era arranjar uma pessoa que o apadrinhasse.

– Se fosses mais velho, convidava-te para padrinho. Já que não podes, achas que teu pai aceita? É das poucas pessoas que nunca me tratou mal.

– Queres que eu fale com ele? – perguntou o Morcela.

– Ficava-te agradecido.

Tio Jerónimo aceitou de boa vontade o convite, mas a mulher arrebitou logo a venta:

– Não vem nada a calhar, gastar massame de dinheiro para dar uma prenda a quem não é nada à gente.

– A culpa é tua. Preparaste o caldo para a sopa, agora tens que a servir.

– Pois é, mas nunca pensei que fosse servida à minha mesa.

– Não te preocupes. Não é desgraça nenhuma.

Tio Jerónimo tinha grande estima pelo Alfredo, pela seriedade no trabalho, pelo espírito inconformista e pela frontalidade que lhe causavam admiração. Há vários anos que o contratava como assalariado e nunca tivera razões de queixa. Por tudo isso, dispôs-se a testemunhar o enlace e a dar uma prenda que fosse do agrado dele.

– Eu gostava dum relógio de pulso... mas o melhor é comprar-me uns sapatos, que não tenho nenhuns.

– Fica descansado, não vais descalço para o altar.

Acabou por lhe fazer a vontade, embora o relógio só tivesse servido como objecto decorativo. Aquela cabecinha continuava a girar em sentido contrário ao dos ponteiros, porque os dias ou as noites tinham as horas que lhe dava na gana. Os sapatos, esses, tratou-os com muito cuidado. No dia do casamento, levou consigo dois lenços no bolso. Um serviu para se ajoelhar, o outro abriu-o e estendeu-o mais atrás para não esfolar as biqueiras. “Estes hão-de me acompanhar até à cova...”

Tia Luísa vaticinou-lhes logo um futuro negro: “É a mesma coisa que enxertar um galho de nespereira num pé de limoeiro.”

Desta vez, a razão esteve do seu lado. O idílio só durou os curtos momentos das euforias nupciais. Passados uns meses, Alfredo começou a ficar murcho após a morte da mãe. Todas as noites, tomava uma carraspana no botequim do Zé Capão e discutia com a mulher a altas vozes. Com a ponta dos dedos, limpava-lhe o ranho do nariz e adormecia estirado no chão frio, sem forças para alcançar a cama. Na manhã seguinte, rabeava como um cordeirinho, prometendo o que não podia cumprir. Vivia insatisfeito com uma coleira ao pescoço, atrelado a uma mulher por quem não sentia, afinal, qualquer emoção. Alfredo desejava mais: um quotidiano cheio de imprevistos. E nem sequer era muito exigente. Bastava que Maria o esperasse escondida atrás da porta e lhe pregasse um susto – “Pum!”, “Ah, sua marota, que me ia dando uma coisa!” – para que sentisse vontade de lhe cair nos braços.

Aos domingos, vestia roupa lavada e ia passear para a Praia, rondando as portas do gado-rachado. Acabou por se apaixonar por uma pequena enogada, com dentes ralos na boca, desejosa dum amparo que a livrasse dos açoites dos machos insofridos.

Numa tarde, chegou sóbrio a casa, num carro de praça. Enquanto emalava a trouxa, os gritos da mulher ecoaram pelas frestas da chaminé:

– Não te vás embora que eu fico desgraçada. Ai Jesus, quem me acode!

As vizinhas saíram à rua e deflagrou o maior tumulto jamais visto na freguesia. Enfurecidas com a atitude do Alfredo, defenderam a honra do sexo ameaçado, não fosse a moda pegar. Rogaram-lhe pragas, chamaram-lhe nomes feios como o pecado e cataram-lhe o piolho com as galochas. Até o chofer, que o levaria aos braços da “zagaia sem vergonha”, foi obrigado a trancar-se no carro.

Ao fundo da canada, os homens assistiram perplexos ao desenrolar da cena. Se cada um sabe de si, o Alfredo lá tinha as suas razões para cortar amarras. E essas razões haviam sido contadas em segredo ao padrinho, nessa madrugada:

– Eu sei que não devia fazer isto, mas já me chegou o amparo de mãe. Não gosto que me controlem. Meu padrinho que me perdoe, mas vou dar outro rumo à minha vida. A sua bênção.

Abraçou-o num impulso, como fizera no dia do casamento. Ele era o pai que nunca conhecera. Tio Jerónimo ficou incomodado com aquele abraço. Jamais havia recebido dos filhos um testemunho tão sentido. Assoberbado com os seus pensamentos, não teve tempo nem tino para lhe dizer: “Vai na paz de Deus.” Se fosse corajoso como ele, já teria feito o mesmo. Há muito que se esfu-

mara o desejo na relação com tia Mariana. Ficara apenas o hábito e por ali permanecia a patinar de costas como uma varejeira. Um mau actor a representar o papel de marido feliz.

Maria voltou a ficar só, lutando pela sobrevivência com todas as forças que lhe sobravam. Durante uns meses, arranjou trabalho em casa de uns americanos que moravam nos arredores da Base. Abalava de madrugada, caminhando nove quilómetros. Rente à valeta, fizesse chuva, fizesse sol, criou o seu próprio carreiro, contornando as irregularidades da estrada. Não fosse o cuidado extremo e várias vezes teria torcido um pé. À tardinha, reduzia o percurso até à igreja das Lajes para pagar, somente, metade do preço do bilhete. Descontando o martírio da viagem, os tratos eram bons e o ordenado acima da média que era usual em casa de portugueses. Recebia também algumas roupas mais usadas e restos de comida. Beneficiava, por outro lado, de um conjunto de utensílios domésticos que lhe aliviavam as costas: máquina de lavar roupa, aspirador, ferro eléctrico... um mundo carregado de botões a que não estava habituada e que exigia alguma perícia.

Sem perceber patavina de inglês, lá ia interpretando ao seu jeito as explicações da patroa. Às vezes, perdia mais tempo a olhar para os botões do que se tivesse esfregado a roupa à mão. A americana bem podia ralhar por se ter enganado no programa. “As camisolas encolheram? Paciência... Ninguém é perfeito!”

Sempre que mudava os lençóis impregnados de manchas, lembrava-se do Alfredo. E imaginava-se ali deitada com ele, a segredar-lhe *I love you*. Que palavras tão doces pronunciadas numa língua estrangeira. Em português, nunca fora capaz de o dizer, embora o sentisse profundamente. Despachadas as tarefas, sentava-se no sofá de veludo a fazer horas e a lamentar-se por ter nascido sem sorte e numa terra miserável.

Apesar de todas as vantagens, andava esgotada de palmilhar tantos quilómetros. Decidiu, por isso, mudar de patrão. Passou a trabalhar para um casal de luso-americanos, acabados de regressar à greguesia.

Em casa de gente de mãos largas nunca faltam clientes de mãos abertas. No meio da conversa natural e das oferendas, lá vinha a leitura de passagens da Bíblia. Mas o grito de alerta do senhor padre Tadeu estragou tudo: “Temos protestantes no meio de nós!” Entre um protestante e um comunista a diferença era nula. “Quem puser os pés naquela casa, fica excomungado!”

Após a morte repentina da velhota, Maria continuou a prestar apoio ao tio João da Luz. O velho foi-se acostumando ao conforto e começou a catrapiscar-lhe o olho. Como não gostava de passar o Inverno com os pés gelados, Maria acabou por lá ficar uma noite. Interrogada a consciência, achou que nada tinha a perder nesta vida tão madrasta.

Caíram-lhe as críticas em cima, “Tem ar de sonsa, mas sempre foi uma mangalha”, e o reverendo não deixou passar a oportunidade de intervir. Já no domingo anterior se tinha pronunciado sobre a compostura das mulheres na missa, de forma peremptória: “Não é digno de receber o Corpo de Cristo, quem se apresenta para comungar com blusas de manga curta ou com os lábios pintados.” Na sua óptica, a culpa era do cinema, uma escola do pecado que subvertia os costumes, a moral e a tradição católicas.

O caso de Maria calhou a desbancar para um pequeno sermão sobre o matrimónio. O auditório contentava-se com uns improvisos atabalhoados, mas, desta vez, rabiscou uns papelinhos para que os lapsos da memória não o atraíssem:

– Tendo o Senhor criado o homem à sua imagem e semelhança, viu que este carecia duma companheira que completasse a sua natureza sociável e o auxiliasse. Por isso, formou a mulher do próprio corpo de Adão. Eis aqui a primeira origem do matrimónio: o Senhor criou Eva e entregou-a a Adão como sua mulher, em complemento da sua natureza. O matrimónio tem, assim, origem divina desde o começo do mundo.

A assistência seguiu atentamente a jaculatória do senhor padre Tadeu. Uma vez por outra, os olhares incriminadores das beatas fixavam-se na ovelha ranhosa.

– Os que vivem amancebados não podem ser considerados membros da Igreja. Por isso, estão privados dos sacramentos e da sepultura sagrada, enquanto não se reconciliarem com Deus. Lembrem-se que pesam sobre os infractores três grandes pecados: o de rebelião contra o Criador, o da mancebia e o do escândalo permanente. Oremos irmãos para que tais pecados e escândalos não aconteçam em nossas casas.

Maria protegeu o rosto com o véu e conteve as lágrimas. No seu íntimo, sentiu uma enorme revolta. O senhor padre deveria ser a última pessoa a atirar-lhe uma pedra. O seu passado não era assim tão limpo para se armar em defensor dos bons costumes e da moral. Ainda novo, andara enriquecido escandalosamente num rabo de saias e, por esse motivo, o bispo o transferira para a Ribeira de Fogo. Com o sangue na guelra, continuou a fazer das suas: deu a

volta a vários corações, provocando algumas desavenças matrimoniais, embora não constasse que tivesse chegado a vias de facto. Depois de velho, dava-se ao desplante de ser um moralista, um defensor de princípios que não cumprira fielmente.

No fim da missa, dirigiu-se à sacristia com o intuito de lhe dizer algumas verdades. Inibiu-se perante a presença de outras pessoas e regressou a casa com a alma sofrida.

Nessa tarde, o reverendo não conseguiu sentar-se calmamente na velha cadeira de baloiço. A mágoa espelhada nos olhos de Maria feria-lhe a consciência. Quanto mais meditava nas suas palavras mais se enervava. Recordou todos os seus actos pecaminosos e os subterfúgios para não ter de confessar alguns deles. Por mais leituras e reflexões que tivesse feito sobre as vantagens do celibato, nunca encontrara a resposta pretendida. Fechado num mausoléu, levava os anos a morder-se de raiva e a descarregar a sua ira nos paroquianos tão fracos como ele. Cigarro atrás de cigarro, enxaquecas permanentes e um mau humor figadal eram os seus eternos companheiros. Ocupava o tempo no quintal, à volta das árvores de fruto, ou a visitar algumas paroquianas que o enredavam nos mexericos. E esse acabou por se tornar o seu único contentamento.

Não levou muito tempo para que João da Luz (*John Light*, por opção em terras americanas) tomasse uma decisão:

– Se queres viver comigo, vamos morar para a cidade. Não tenho paciência para aturar esta gente – e Maria partiu com ele, para alívio das comadres.

– Ainda bem que se foi embora. Só andava por aí a dar maus exemplos aos filhos de cada um – comentou tia Mariana.

Um ano depois, a luz de *John Light* apagou-se com um aperto no *minhocárdio* e Maria permaneceu na cidade, vivendo do bojudo mealheiro. Secada a fonte, voltou a trabalhar como mulher-a-dias. Nas horas de tristeza, a imagem do Alfredo pulsava-lhe no peito. Perdoara-lhe a violência abrupta de um potro impossível de domar, porque os seus respingos eram quentes e doces como o melaço do arrependimento. Bem piores eram os coices dos potros mansos.

Exilada na própria pele, morria com saudades da sua Ribeira. Sempre que topava alguma cara conhecida a vaguear pelas ruas da cidade, tentava aproximar-se. As mulheres arrebitavam o nariz e desviavam o olhar; os homens rastejavam com pezinhos de lã, ansiosos para apagar o braseiro a empinar-se nas calças. Acabou por lá ficar o resto da vida, remoendo a injustiça da proscricção.

Alfredo assentou arraiais na Praia, no ambiente dos pescadores, vivendo de biscates e dos trocos que a amante arrecadava. Por solicitação de tio Jerónimo, Lucy acabou por lhe arranjar serviço na Base, limpando as casas dos militares em trânsito. Tinha ordenado certo, roupas oferecidas e alguma comida que os empregados das messes lhe davam pela porta do cavalo. “Toma lá... roubar aos americanos não é pecado!” Completamente apaixonado, retirou a companheira da vida de prostituta e passou a beber com moderação. Uma vez por outra, vestia-se a rigor e aparecia na freguesia para visitar os amigos.

– Nem parece o mesmo – comentou tia Mariana, satisfeita com o comportamento do afilhado.

– Eu sempre te disse que ele era bom rapaz – contrapôs tio Jerónimo.
– Este mundo é que não foi feito para ele.

28

Mal terminou a missa, o povo dirigiu-se para a Sociedade. A tão esperada inauguração concretizava-se, finalmente. Uma cerimónia simples, com um discurso do doutor Ávila louvando o empenho de todos, a que se seguiu a bênção e a visita às instalações.

Ao chegarem à biblioteca, o Morcela ficou impressionado com dezenas de livros oferecidos pelo doutor Ávila e dois grossos volumes com artigos seus encadernados. Um dos volumes incluía contos relacionados com a Ribeira de Fogo; o outro reunia temas de carácter histórico em que realçava a heroicidade dos terceirenses nos grandes momentos da sua existência. Aquele espaço passou a ser um dos seus preferidos, quando o tempo lhe sobrava.

Independentemente da aversão que tinha ao doutor, a sua prosa alimentava-lhe as fantasias: a paixão pela história local e pelos heróis temperados com o sal da ilha. Brianda Pereira, Ciprião de Figueiredo, D. Violante do Canto, Francisco de Ornelas, Capitão João d’Ávila, Conde da Praia eram personagens com quem se havia familiarizado. Gente de alta estirpe, cujos exemplos bem gostaria de seguir. Com eles se identificava, por terem sido capazes de ultrapassar a linha que separa o homem do animal. Apesar das conversas com o André, tinha dificuldade em desmontar todas as subtilezas ideológicas, mas o que mais o comovia era o acto de coragem, o sentido de justiça ou o pitoresco das tradições populares.

Pela boquinha da noite, o foguete rebentou no ar. Acabara de chegar a carrinha do cinema para a primeira sessão. O Morcela vestiu a samarra e abalou. Tal como o fizera na velha esplanada do Clube da Bola, ajudou a descarregar a máquina e as bobinas e meteu-se na cabina a acompanhar toda a sequência da montagem. Familiarizado com o maquinista, continuou a ter luz verde para uma sessão à borla.

No pensamento de toda a direcção, uma luzinha de esperança se acendeu: podia ser que aquela gente se portasse de acordo com a nova realidade. Uma sala limpa, com um chão de cimento desencardido, cadeiras de braços, um palco majestoso, com um pano em tons de verde, e um ecrã gigante. Qual quê! Casa nova...velhos costumes. Bastou a esfera terrestre iniciar o movimento de rotação para se ouvir em unísono: “Assim vai o Mundo.” O leão da *Metro* bem podia rugir com ar ameaçador para que houvesse calma e silêncio. O regabofe instalara-se por toda a sala: era o ruído constante das favas e dos amendoins a serem esmagados por dentaduras possantes; era o sururu da leitura das legendas, em voz alta, para pequenos grupos de analfabetos; era a interacção agitada, tomando parte activa ao lado do justiceiro. Se o viam aproximar-se de uma cilada, choviam os gritos: “Não vás por aí, seu toleirão, que eles estão escondidos à tua espera.” Mas quando ele os derrubava com valentia, as palmas explodiam. A meio da sessão, já todos eram actores e figurantes, ora emocionados com a desgraça, ora hilariantes com as peripécias.

Uma Sociedade moderna requer actividades modernas. E o senhor Alberto Borges, presidente da direcção por vontade expressa dos sócios, resolveu promover um baile na esplanada. Espírito organizado, distribuiu tarefas a um grupo de rapazes, para ornamentarem a sala. O Morcela pediu ao pai o carro de bois e foram aos matos cortar verduras. Nas paredes, colocaram colchas do tear e encheram o palco com fetos e ramos de faia. Em torno da pista distribuíram cadeiras e mesas, com um recipiente para uma vela.

– Esta sala não fica atrás das dos clubes da Base – concluiu o senhor Alberto, louvando o esforço dos rapazes.

Um ar húmido e denso abriu as portas da noite. Por baixo dos fatos domingueiros, fervilhava uma ânsia controlada, à entrada do Salão.

Tia Mariana, de braço dado com as filhas, foi das primeiras a chegar. Atrás do marido, subiu a escadaria, entrou no *hall* e imobilizou à porta da esplanada. Por uns segundos, nem respirou de emoção. “Que coisa de linda!” Estudou o terreno e escolheu uma mesa mais recatada. Não era mulher afoita

para se sentar na primeira fila. Pouco depois, Lucy e Conceição eram conduzidas por Martins até à mesa dela.

A sala estava esplendorosa, as *toilettes* também. Só o nervoso destoava. Naquela noite ninguém sabia ao certo qual o papel a desempenhar. E tia Mariana, contra o que era seu hábito, deu-lhe para falar alto e meter-se com toda a gente:

– Àquela, também vieste à festa? – virou-se para a comadre Guadalupe.

– Eu não queria vir, mas as raparigas tiravam-me o juízo se ficasse em casa.

– Foi tal e qual como eu. Não tenho pachorra para estas modernices, mas não ia deixá-las vir sozinhas. Ah, Rosinha, já ensaiaste os passos da Sapateia?

– Isto hoje não é dança para os meus pés.

No bar, as conversas não eram as mesmas de sempre, se é que se podia chamar conversa às frases soltas e desconexas.

– A obra ficou que foi um luxo.

– Este tempo está a prometer chuva.

– A sala da música ficou um bocadinho estreita.

Pais acabrunhados bebiam e fumavam, receosos do inimigo que andava à solta com o desejo a fervilhar no bolso. Os mais ciumentos acabaram por se sentar nas mesas, bem como alguns rapazes casadinhos de fresco ou em vésperas de dar o laço.

Do lado dos solteiros reinava a euforia. Até então, só estavam habituados aos bailaricos nos terços do Espírito Santo, ao som de umas violas roufenhas. A curiosidade era enorme para assistir a um baile com música ao vivo, abrihantado por um conjunto da cidade.

De repente, um silêncio absoluto e a primeira decepção. Quatro rapazes cabeludos saíram de uma velha carrinha Volkswagen, com camisas às florinhas por fora das calças (um deles com sandálias) e atravessaram a sala. Todos os olhos os seguiram até ao palco.

– Esta gente donde é que veio?

– Isto é gente da cidade? Cá para mim vieram mas foi do bairro de lata, da banda detrás da Base.

Uma voz de clarinete rachado, *She loves you, yé, yé*, e o som das guitarras caíram como uma salva de artilharia sobre a esplanada. Instintivamente, as mãos colaram-se aos ouvidos, para evitar que os tímpanos se furassem.

– Credo, minha Nossa Senhora! Se isto for para ser assim toda a noite, saio daqui surda que nem uma porta! – explodiu tia Mariana.

Duas músicas foram suficientes para o senhor Alberto antever a catástrofe. Com um sinal sub-reptício aos músicos, pediu um pequeno intervalo.

– Vocês têm que perceber que não estamos habituados a estas modas e a este barulho. Experimentem a tocar umas marchinhas para ver se o pessoal começa a dançar.

– Eu bem lhe tinha dito que esta gente não estava preparada para a nossa música – respondeu o chefe da banda.

– Agora já não há nada a fazer. Vamos com calma...

Nalgumas mesas, eram já evidentes os sinais de impaciência e gestos bruscos de quem se preparava para abandonar a sala. Uma marcha de Lisboa serviu como sedativo, numa toada que não feria os ouvidos nem os sentimentos. O senhor Alberto convidou a sua dona para dançar.

– Eu?... Dançar?... Estás doido!

– Ó mulher, não me envergonhes, temos que dar o exemplo.

E deram, numa grande pista só para eles. Fred Astaire e Ginger Rogers, com dezenas de olhos colados no seu balanceado. Uma grande ovação descomprimiu o enervamento existente. Na segunda marcha, Lucy avançou com o Martins e colocou o Morcela nos braços de Filomena. Com ele dançou, sonhando com Ricardo que não teve coragem para aparecer. Os rapazes solteiros galgaram a onda, uma onda rasteira, sem perigo de grandes rebenetações. Primeiro, as irmãs e as primas...só depois as namoradas.

Embora sob controlo, o gelo da montanha começara a derreter-se e Lucy saltou novamente para a pista. “Ficas aqui, que eu vou dançar com ele”, disse para o namorado, fazendo sinal ao Morcela. Não fossem os dois a esgalhar um *twist*, o baile ter-se-ia transformado num serão insípido. Uns dias antes, haviam ensaiado a coreografia e ele não teve outro remédio senão fazer-lhe a vontade. Com uma saia rodada e um ar de *teenager* saída dos filmes de Elvis Presley, deu um *show* fantástico: os braços evoluíam em acrobacias harmoniosas, rebolou a anca num compasso binário estonteante e acorrou-se a rodar o corpo. Pela parte dele, limitou-se a sacudir as aivecas (como quem anda a cercar pintos), a abanar a cabeça (como quem reage a choques eléctricos) e a esfregar a ponta do sapato no chão (como quem apaga uma beata). Afinal, era tudo tão fácil, não custava nada entrar no ritmo louco dos anos Sessenta.

A americana foi, nessa noite, a alma e o coração de toda a festa. Levada pelo entusiasmo, desafiou outros pares a estream-se no *twist* e no *rock*.

Apesar de contraídos, a ousadia deu azo a comentários maliciosos: “Parecem pretos a dançar. Eh, pequena, toma juízo... ainda ficas esquadrihada.”

Foi ela também quem iniciou a sequência de *slows*, desta vez com o namorado. O Morcela seguiu-lhes o exemplo. Na companhia do Afonso, atacaram em conjunto a mesa de tia Albertina. “Há-de ser o que Nosso Senhor quiser!” Tesos como um carapau, olharam para as raparigas... e elas olharam para a mãe. Tia Albertina encolheu os ombros. “Seja o que Nosso Senhor quiser!”

– Não é esse braço que se levanta – disse o Morcela

– Mas eu não me amanho a dançar com este no ar – respondeu Gabriela – e um amor tão grande revelava-se incapaz de se entender nas coisas mais simples do primeiro contacto.

Um passo para a esquerda, um passo para a direita, e lá andaram a arrastar o pé, nos braços um do outro, indiferentes aos enganar. Um amor vigiado pelos olhos de uma mãe ciosa e atormentada, uns olhos que lhe diziam para não se encostar. O Morcela enervou-se com o controlo apertado, mas não teve desembaraço para se colocar no outro extremo da pista. Nunca chegou a sentir o corpo de Gabriela colado ao seu, a não ser nos pequenos contactos provocados pelos encontrões. Todo ele se arrepiou com o bafo quente da respiração a roçar-lhe o pescoço. Numa atitude quase religiosa, uniram desejos nas mãos suadas e cruzaram olhares enternecidos.

No final da dança não se tinha nas pernas e foi beber um pirolito. Nem queria acreditar no que lhe estava acontecendo. Aquela sensação de possuir um corpo quase enlaçado e um braço a acariciar-lhe as costas provocou-lhe uma euforia insólita. Lembrou-se dos prazeres que Alice lhe desvendara e olhou-a com cobiça a dançar nos braços de outro. Com ela, apetecia-lhe satisfazer os desejos carnaís; com Gabriela sublimava esse apetite para um momento muito especial.

Comparava a sua relação amorosa com a feita das brindeirinhas²⁵ de São João. Na primeira fase, misturam-se os ingredientes na devida proporção, amassa-se com firmeza para ficarem bem misturados, abafa-se para não apañar correntes de ar, faz-se uma cruz para evitar o mau-olhado e depois espera-se, com muita paciência, que a massa levede. Numa segunda etapa, tendem-se as brindeiras, dá-se-lhes forma ao gosto de cada um e aquece-se o forno com a temperatura exacta para não queimarem. Só então se mete a massa

²⁵ Pequeno pão de massa sovada (massa doce)

no forno, a cozer em lume brando até ficar rosada e fofa. Por fim, untam-se com manteiga caseira, para serem comidas enquanto estiverem brandinhas.

Estava disposto a seguir todo este percurso, até que chegasse o dia do casamento. Encontrava-se, ainda, no primeiro estádio da junção dos ingredientes, pondo mais uma colher de açúcar, uma gema de ovo, uma pitada de sal e um pouco de fermento para que a massa não abetumasse.

Embrulhado nos seus pensamentos, deixou passar algumas músicas para se recompor e não atrair a ira da futura sogra. No segundo *slow*, acertaram melhor o passo e já foi capaz de lhe dirigir umas frases soltas. Como resposta, recebeu apenas uns monossílabos nervosos.

Quem não gostou da brincadeira foi o pai de Gabriela, tio Ernesto Maneta, um homem à moda antiga. Para não desagradar ao senhor Alberto, tinha-a deixado entrar nas Comédias, mas bem se arrependera. Agora só lhe faltava mais esta: ver as suas meninas com o umbigo quase encostado aos namorados. Levantou o braço e deu sinal à mulher. Ela fez-se desentendida e virou a cara. Desejava obedecer-lhe, mas ficava feio sair da festa sem mais nem menos. Com um gesto de mão, pediu-lhe que esperasse um bocadinho e foi preparando o terreno.

– Já não aguento mais este barulho. Estou-me a sentir tanto mal que estou quase a desmaiar.

Tia Albertina, especialista no embuste, já não enganava as filhas.

– Minha mãe que vá andando. Nosso António leva a gente para casa.

– Nem penses. Teu pai já está a bufar há poderes de tempo.

Explicou à vizinha a causa da saída, por mera indisposição, mas a cara sisuda das raparigas não dissimulou o embaraço.

– Vamos embora, que isto é uma pouca-vergonha – ordenou tio Ernesto quando chegaram ao pé dele.

A mulher sentiu-se ofendida no brio de mãe:

– As pequenas não fizeram nada de mal.

– Não fizeram nada de mal? Não vês o restolho pegado que vai aí para dentro?

– Credo, meu pai. Até parece que nunca dançaste nos terços.

– Dancei nos terços, mas havia mais respeito. Isto é música do diabo que põe toda a gente fora de si.

Até chegarem a casa, ninguém mais abriu o bico. As raparigas deitaram-se com a lágrima no olho e tia Albertina ficou na cozinha a entender-se com o homem.

As modernices do senhor Alberto eram mais uma dor de cabeça para o reverendo. No domingo seguinte, não deixou de fazer referência ao baile. Começou por contestar os que defendiam a dança como um passatempo agradável e que devia ser utilizada como parte integrante da educação da mocidade. Esses eram uns pobres de espírito que não conseguiam captar o mal provocado pela dança. Acentuou que o baile era a antecâmara da prostituição, a janela aberta para o pecado, a desgraça de muitas raparigas que se deixavam levar nos braços da luxúria. Para que o sermão não se cingisse a questões moralistas, concluiu:

– É nos bailes que se apanham as maiores doenças. É nas salas de baile que se contrai a tuberculose. Isto já ficou provado, em Lisboa. Se querem que os vossos filhos sejam saudáveis do corpo e do espírito, não devem permitir que frequentem esses salões, onde o pecado e a doença espreitam a cada momento.

Não consta que alguém tivesse ido para o inferno ou para o sanatório, mas o senhor Alberto captou perfeitamente o desaire vivido naquela noite:

– Estes bailes não se comparam com os dos terços do Espírito Santo. As luzes, a música e o barulho criam uma ansiedade muito grande. O corpo puxa para um lado, a cabeça puxa para o outro e o resultado foi o que se viu.

E fez bem não repetir a proeza. A conjuntura política e social não era propícia a grandes diversões. Cada vez mais portas se fechavam ao mundo, sofrendo a dor da ausência e o medo da morte. Cada filho, irmão, sobrinho, primo ou amigo que partia para a guerra era um pedaço arrancado da própria carne. O grupo das Comédias já se havia dissolvido e vários instrumentos da banda de música estavam arrumados nas prateleiras. A Quaresma tomara conta do calendário de muitas famílias até que um dia tudo voltasse ao normal.

Ao fim de vários meses na Terceira, a saudade e a solidão baixaram a garupa de Ricardo Seabra. Queimado o fogo de artifício nos primeiros tempos, tornou-se um rapaz mais pacato e com os pés assentes na terra. Depois de ter sido escorraçado da Ribeira de Fogo, como se fosse um leproso, perdeu o gosto pelas touradas. Circunscreveu os seus passeios à Base e à Praia encadeado pelo brilho dos olhos pretos de Filomena. Raparigas não lhe faltavam – com mais estudos, mais liberdade e, até, mais ricas – mas aquele bago de faia cheirosa permanecia entranhado na dobra do seu lençol.

Uma vez por outra, passava pela freguesia no carro da tropa, em busca de um rosto que assomasse à janela e lhe desse sinais de vida. As favas contadas, a que estava habituado, só poderiam ser colhidas com muita paciência. Paciência e temeridade. O Morcela andava à coca e sujeitava-se a outro ensaio de porrada.

Um dia, cruzou-se com Lucy, na Base. Parou, respirou fundo e as pernas encaminharam-se em direção a ela. Lucy sorriu-lhe, sem acanhamento, com a familiaridade própria de quem ouvia falar dele, amiúde.

– Posso roubar-lhe uns minutos?

– *Sure*. À vontade.

Ricardo foi comedido e directo:

– Não consigo esquecer a Filomena e gostaria de falar com ela.

– Falar... como? Ela nunca sai de casa... O melhor é escrever-lhe.

– Você leva-me as cartas?

– Claro. Levo e trago.

Habituado a laurear-se em Lisboa, nunca imaginou cozinhar uma paixão em lume brando, temperada com bolhas e cruzeiros²⁶ no final de cada carta. Amor por correspondência. Só lhe faltava mais esta.

– O que é isto?

– Uma carta.

– De quem?

– Abre e vê.

O peito de Filomena vibrou como um diapasão. Um mau pressentimento correu-lhe por entre os dedos. Abriu o envelope e começou a chorar. Ricardo pedia-lhe desculpa pelo transtorno e declarava-se um eterno apaixonado, incapaz de suportar a ausência. Tudo numa linguagem desprovida de hipérbolos, como requer uma carta de amor escrita com o coração.

Filomena leu-a e releu-a tantas vezes que a decorou.

– Como é que eu lhe vou escrever? Não tenho papel nem envelopes de jeito.

Lucy providenciou tudo. O delírio e a felicidade da amiga eram vividos em estreita comunhão. Acompanhava o romance como atriz e espectadora, com a esperança de um final feliz. Comprou envelopes e papel na Base, à

²⁶ Sinalética de beijos e abraços

altura do acontecimento e ofereceu-lhe a privacidade do seu quarto, para que tia Mariana não descobrisse aqueles objectos estranhos lá por casa.

Durante dois dias, Filomena alinhavou mentalmente a resposta, até decidir registar para a eternidade a prova do seu amor. Recuperou o treino a que tinha sido submetida nas redacções da quarta classe e desembaraçou-se com um português tão vernáculo como a sua sinceridade. Muito cautelosa na primeira carta, limitou-se a dizer que pensava nele todos os dias, recordava os breves diálogos, mas estava atada de pés e mãos. Se tivesse paciência, talvez um dia as coisas mudassem.

“Paciência” – como se paixão e paciência pudessem fundir-se no mesmo cadinho. “Talvez um dia” – e foi essa miragem que o transformou no mais resignado Job ao cimo da terra.

Durante meses, Lucy cumpriu a missão de carteiro e de confidente. Numa caixa de sapatos, escondida em casa da amiga, Filomena guardou todas as cartas. Através delas, combinavam o dia e a hora a que passaria de carro para a ver na janela ou outros encontros virtuais.

No domingo, às 10 da noite, estarei de olhos postos na Lua, como se estivesse a mirar o teu belo rosto. Espero que ela me sorria para dar alento a este fogo que me devora.

A timidez de Filomena libertou-se com o desenrolar da correspondência. Influenciada pelas leituras novelescas, respondia-lhe com frases cheias de romantismo:

Quinta-feira, às 9 da noite, vou à varanda olhar as estrelas. Se vires alguma a correr no céu, é a minha alma que se desprende do corpo.

Ricardo aproveitou o programa de rádio dos Discos Pedidos e endereçava-lhe canções de amor.

E agora senhores ouvintes, vamos escutar uma bela melodia, pela voz cristalina de Tristão da Silva. “Ai se os meus olhos falassem”, um pedido de Ricardo para a sua namorada Filó.

Revoltada com tanto martírio, Lucy resolveu enfrentar tia Mariana. Sem grandes rodeios, traçou o perfil de Ricardo e acrescentou um pormenor importante: era filho dum comerciante de electrodomésticos. O pai, quando ele acabasse a tropa, já tinha destinado montar-lhe uma loja na Praia.

Tia Mariana ouviu tudo muito atenta, com os braços cruzados e o beicinho a tremer, sinal de que a massa estava a levedar.

– E tu acreditas nisso?

– Credo, que desconfiada! Ele é boa pessoa.

– Sei lá, nunca o vi.

Para tia Mariana era fundamental ler no rosto do pretendente os traços da sinceridade. Raramente a intuição a enganava, mas neste caso a sua sensibilidade estava embutida de preconceitos. Por mais que o pintassem de dourado, recusava terminantemente o implante de órgãos não certificados no corpo da família. Tinha destinado para Filomena um rapaz da terra e não havia nada que a demovesse desse propósito.

– Não viu, mas há-de vê-lo. Um dia destes ele passa por aí – asseverou Lucy.

E passou. Subiu e desceu a canada várias vezes, como um escravo a exhibir-se perante o negreiro. “Ao que um homem se sujeita, quando está apaixonado”, lamentou-se com frequência.

Tia Mariana, por dentro da cortina, apreciou-lhe o jeito e não ficou mal impressionada. Contudo, permaneceu presa à sua teimosia: não era da ilha, não lhe conhecia a família nem as posses. Por detrás daquela candura, podiam esconder-se interesses enviesados: “Se calhar, o pai não tem onde cair morto, anda cheio de dívidas e dava-lhe jeito as nossas terras e as nossas vacas!” Não deu permissão a Filomena para falar com ele e manteve o marido alheado de todo o assunto. Continuou a retesar o arco da flecha, não contando que pudesse rebentar.

Dia da *Entrada Geral* na Base, dia em que os americanos franqueiam as portas ao público. Como sempre, a ilha caiu em peso naquele cantinho vedado ao comum dos mortais. Era ali que podia sentir o pulsar da civilização, ver e apalpar objectos inimagináveis.

Filomena e Amélia receberam um convite de Lucy para a festa. Tia Mariana desconfiou que havia combinação entre elas. Num primeiro ímpeto apeteceu-lhe recusar, mas Conceição podia ficar ofendida. Acabou por ceder, com uma contrapartida:

– O pequeno também gostava de ir com vocês, porque ele não conhece a Base.

Antes de abalarem, chamou-o à parte e deu-lhe um aviso muito sério:

– Não saias do pé de tuas irmãs!

Uma enorme alegria explodiu no carro de Lucy. Pela primeira vez, passeavam sozinhos, sem o controlo de tia Mariana. Filomena, no banco da frente, parecia voar a caminho do céu; o Morcela abriu a janela e apoiou o braço, como fazem as pessoas habituadas ao prazer da viagem; Amélia encolheu-se na sua simplicidade, engasgada nos eternos receios. Se não fosse por causa dos irmãos teria ficado em casa.

Durante algum tempo, andaram juntos a visitar os aviões na pista e nos hangares. Aviões descomunais que albergavam jipes, pára-queadas, mochilas repletas de rações de combate, pás e picaretas para abrir trincheiras... enfim, uma panóplia de material bélico sofisticado a revelar o poderio americano. Mas a maior atracção eram os balões e os gelados oferecidos. Uns gelados saborosos a escorrerem pelo queixo, cujo sabor se entranhava para toda a vida. Sorrateiramente, Lucy encaminhou os dois emplastos para uma longa fila. Lá ao fundo, esperava-os um gelado.

– Filomena vai comigo num instante ao meu serviço. Esperem por aqui que a gente não se demora.

Levou-a, finalmente, aos braços de Ricardo. Sozinhos numa salinha do Terminal português, recebeu-a com os nervos espetados nas divisas. Nem parecia um cabo especialista. Após uns minutos de silêncio, prometeu ficar na ilha:

– Só quero a tua confirmação. Estás disposta a casar comigo? – disse com a voz embargada.

Nos momentos difíceis, Filomena possuía o condão de controlar a ansiedade. O rosto sereno, a voz pausada e uma clara dicção revelavam uma segurança extrema. Uma perfeita dama de ferro a resistir à temperatura elevada que lhe derretia o peito. Não duvidou da sinceridade e respondeu-lhe como se estivesse no altar:

– Sim, aceito.

O sorriso de Ricardo competia com o brilho dos sapatos. Segurou-lhe as mãos e para ali ficaram os dois emudecidos, olhos nos olhos, hipnotizados, a reprimir a tentação de colarem os lábios para toda a eternidade. Validaram o acordo com um abraço fugidio, suspensos num “até breve”. Quando e como, só eles o sabiam.

As duas regressaram à pista com a felicidade estampada nas bochechas e o Morcela confirmou as suspeitas: Filomena andava mesmo embeichada pelo *pipi* da Base. O amor, tal como a tosse, não se pode ocultar. Cheio de remorsos, segredou-lhe ao ouvido, pedindo desculpa pela atitude violenta na tourada.

– Eu sei que não foi por mal. Não te preocupes, meu irmão. Tudo se há-de resolver.

A perseverança de Filomena assustou tia Mariana. Conhecendo-lhe a veneta, não fossem as duas parecidas, achou por bem contar o caso ao marido. À sua maneira, pintou de negro o arrazoado e concluiu:

– Se eles se casarem, ainda a leva para o Continente e a gente nunca mais a vê. O filho do Abel da Fernanda, um rico pequeno e com quê, gosta tanto dela e a tola não lhe dá troco. Prefere um continental, sem eira nem beira.

As vacas e os alqueires de terra, pegados a uns cerrados deles, eram oiro que não atraía os olhos de Filomena.

Encostado à barra da cama, tio Jerónimo ouviu-a em silêncio, tamborilando as pontas dos dedos sobre os joelhos curvados. O cenário descrito não o deixou dormir descansado. O Augusto já tinha abalado para Lisboa e o Morcela estava quase a ir para a tropa. Se Filomena partisse, não iria aguentar a solidão.

– Deixa passar mais uns dias que eu quero apreciar os gestos dela.

Pela sua mente desfilaram os rostos de todos os continentais que conhecera na tropa, o seu espírito arejado, a sua determinação, e Ricardo parecia cortado da mesma cepa. Por outro lado, de que serviria contrariar Filomena? Para a ver penar o resto da vida, atrelada à conveniência de uns alqueires de terra? O sabor amargo dessa experiência bebia-o ele todas as noites, à ceia, nos caldos de couve e feijão. “Se ele quiser ficar na ilha, não vou intrometer-me”.

No dia em que Lucy se casou, a festa prometia uma maior descontração. A felicidade de João Caracol e de Conceição contagiou toda a gente com a presença de Luciano. Estavam feitas as pazes, a família voltava a estar unida. Mas os copos de *cup* e outras bebidas finas não descomprimiram a tensão de tia Mariana. Andou a tarde toda colada às saias de Filomena, seguiu as pisadas de Ricardo e o coração chegou a balançar. Distinguiu-se no meio dos outros convidados pelo seu porte elegante e pela facilidade com que sustentava uma conversa. “Se fosse cá da terra e eu conhecesse as famílias...” Passados uns minutos subiam-lhe as ânsias da descrença e só lhe via defeitos. Lucy bem tentou uma aproximação, pedindo para que os quatro tirassem uma fotografia. Por pouco não armou um pé-de-vento. Não se juntaram no retrato, mas os olhos de ambos voltaram a confirmar promessas secretas.

No mês seguinte, Ricardo passou à disponibilidade. Após uma visita aos pais, tudo decorreu conforme o combinado: alugou uma casa e montou a loja

de electrodomésticos. Através de Lucy, que se encontrava também a morar na Praia, Filomena recebeu um postal com uma paisagem de Lisboa:

*Minha querida Filó:
Nasci nesta linda cidade, mas prefiro estar a teu lado.
Cumprir a minha palavra. Estou pronto para te receber.
Um saudoso abraço, Ricardo.*

O momento decisivo havia chegado. Filomena andou dois dias sem falar nem comer. Meteu umas peças de roupa num saco e fugiu de casa, na camioneta da carreira, enquanto a mãe e a irmã andavam entretidas no quintal. Em cima da mesa da cozinha, deixou um bilhete:

Não vou perder o homem da minha vida, só por causa da teimosia de minha mãe. Gosto muito de vocês e espero que um dia me perdoem para a gente se poder abraçar.

Sobressaltos atrás de sobressaltos acompanharam-na durante toda a viagem. Convicções não lhe faltaram: não era a primeira nem seria a última a fazê-lo; haveria de passar vergonhas, mas o tempo tudo regenera. Incertezas também não: a família poderia desprezá-la para sempre e nada garantia que o casamento desse certo. Cartas, apenas cartas, haviam cimentado aquele amor construído sobre castelos de areia.

A camioneta rolava ... rolava... a casa dos pais cada vez mais longe e o coração a saltar pela boca.

Amélia, ao voltar à cozinha para depositar um cesto com roupa enxuta, leu o bilhete e desatou aos gritos:

- Ah, minha mãe, que desgraça!
- O que foi rapariga?
- Chega aqui depressa! Filomena fugiu de casa!
- O que é que estás a dizer, pequena?!?
- A nossa Filomena fugiu!

O grito de Amélia abanou-lhe o corpo, como se lhe tivesse rebentado um trovão sobre a cabeça. Fechou a porta e chorou, cheia de remorsos, com uma angústia no peito, ao imaginar a reacção do marido.

Tio Jerónimo, mal entrou, deu de caras com um ambiente fúnebre:

- Morreu alguém na família?

Mãe e filha entreolharam-se, com o silêncio da culpa entalado.

- Onde é que está Filomena?

Se não fosse o Morcela a descoser-se, tio Jerónimo desmaiava com falta de ar:

– Cá para mim, está em casa da Lucy.

Palavras não eram ditas, enfiou a jaqueta, meteu-se num carro de praça e abalou nas asas do vento. Tia Mariana nem ousou intrometer-se, avisando-o para que vestisse uma roupa mais decente. Naquele momento, a presunção era uma erva calcada a seus pés.

Uma lágrima de vergonha, ou de arrependimento, poisou na face de Filomena. “Pai, sua bênção”, um sinal de perdão que tardou. Só quando ouviu a verdadeira versão dos factos a daria.

– Porque é que não falaste comigo?

– Eu contei tudo a mamãe e ela sempre disse que vocês não me deixavam casar.

Uma enorme barreira se ergueu entre os dois. Toda a vida conversara com ele, sem subterfúgios, mas nunca sobre assuntos do foro íntimo. Nem ela nem ninguém da família. Conviviam na santa paz possível, falando de tudo e de todos, menos de si, dos seus sentimentos mais profundos. Daqueles em que o ser humano se irmana e se funde até à medula; daqueles em que a alma se liberta de preconceitos e se revela em toda a sua pureza. O amor que os unia era um amor de pequenos bivalves preocupados, acima de tudo, com a aparência e a opinião alheia.

Perante a aflição de Filomena, coube a Lucy a tarefa de esclarecer toda a história do romance clandestino.

– Onde é que está esse rapaz? Gostava de falar com ele.

Acompanhado por Martins, bateram à porta de Ricardo. Encontraram-no em casa, a lavar a loiça da ceia.

– Podemos entrar? Este senhor é o pai de Filomena.

Ricardo ficou atrapalhado com o avental, o pano da loiça e as mãos molhadas, cheias de espuma. Nem adivinhou a primeira imagem que passou pela cabeça de tio Jerónimo: “Olha o maricas que me saiu na rifa!”

– Entrem! Faz favor.

Tio Jerónimo foi muito objectivo na sua conversa. Deu dois passos no corredor e tirou o boné da cabeça:

– O senhor acha bem roubar uma filha da casa de um pai?

– Eu não a roubei. Ela saiu porque os senhores não me aceitaram na vossa casa.

– Alguma vez pediu para lá entrar?

– Não pedi, porque sempre ouvi dizer que não era bem recebido.
– Quais são as suas intenções?
– Eu gosto da sua filha, ela gosta de mim e queremos casar.
– Quando?
– Por mim, quando os papéis estiverem prontos, caso-me logo.
– Então, havemos de combinar um dia para a gente se falar e acertar o casamento. Boa noite!

Tio Jerónimo nunca tomara uma atitude tão firme, sem consultar a mulher. Um peso enorme saiu-lhe das costas. Aquele não era o Jerónimo que há décadas, há séculos, se escondia no seu corpo. Voltou a casa de Lucy e não resistiu a dar-lhe um pequeno recado:

– Nunca esperei que me fizesses uma desfeita destas.

Pegou em Filomena pelo braço e meteu-a no carro.

– Filha minha não se casa às escondidas. O Senhor te abençoe.

Abraçou-a, como o fizera à sua Filomena, em criança, sentada no colo a saltitar: “Passa cavalinho! Passa cavalinho!” Só então se sentiu um verdadeiro pai e as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

Tia Luísa, com a sua perspicácia, captara todas as movimentações. Vira-a passar na camioneta com ar triste e não se cansou de apregoar aos quatro ventos:

– A filha da Mariana fugiu para se casar com um continental.

A mãe bem tentou abafar o caso, como quem resguarda com todo o cuidado um corpo engripado. Mas já era tarde para matar o vírus da vergonha. Impotente para alterar o rumo dos acontecimentos, concentrou as energias em defesa da honra:

– A pequena já nem pode ir visitar a Lucy, que se põem logo para aí a inventar. Qual é o problema de casar com um continental? É um rico rapaz, filho de gente séria e cheia de bagoiço.

Conversa fiada, bolhas de sabão para as crianças se distraírem. Sopradas pelo vento, depressa rebentaram contra a vidraça.

Aquele era um Domingo de Bodo muito especial: tio Jerónimo convidara o amigo Cardoso para jantar e passar o dia com ele; Filomena conseguira convencer os pais para que Ricardo os acompanhasse no repasto. Uns meses

antes, tinha feito o pedido de casamento e a data da cerimónia estava já marcada para o São João.

Depois da missa e do lauto banquete, toda a família se encaminhou para a praça. No carro do Bodo, coberto com uma linda toalha de renda, se sentou tia Mariana, onde passou a tarde de conversa com Conceição. Amélia preferiu ficar debruçada na varanda do Império, na companhia das raparigas solteiras, aguardando que Valdemar se decidisse. Filomena ficou de pé junto ao carro, para não amarrotar a saia, ao lado de Ricardo. Ostentava a sua felicidade com um sorriso nos lábios, sempre que as outras raparigas passavam junto dela para apreciar o namorado e o anel de noivado. Juntamente com Lucy e o Martins, passearam-se pelo arraial, exibindo ao mundo a coragem e a tenacidade.

O Morcela cumpriu a tradição e ofereceu um saquinho de confeitos a Gabriela. Vestida de organdi azul clarinho, agradeceu a prenda com a gratidão de uma libelinha. O de Ricardo, que fora comprado em Angra, trazia um bonito laço com dois corações. Para a futura sogra, arrematou alfenim, apregoado pelo folião. Pequenas amabilidades que desanuviavam, aos poucos, a segura e os preconceitos de tia Mariana.

– Parece um rico pequeno. Lucy já me disse que o negócio da loja vai de vento em popa – comentou Conceição.

– Deus queira que sim. Ele tem olho para o negócio.

– Dinheiro é coisa que não lhe falta.

– Ah, pois não. Trouxe uma garrafa de bebida fina, americana, que deve ter custado uns dólares valentes.

– Deve ser *whisky*.

– É isso mesmo. Foi esse o nome que ele disse.

– O pai também deve ter muito dinheiro, para trazer a família toda ao casamento...

– Pelo menos é o que parece. Só de pensar nisso fico toda nervosa.

E para ali ficaram as duas a imaginar a cerimónia, com tia Mariana a deitar contas à vida. A festa havia de ser de arromba, nem que o marido tivesse que vender meia dúzia de bezerras.

Tio Jerónimo e o senhor Cardoso deram uma volta pela Praça e beberam um copo de vinho. O amigo dobrou a costela atesta ao receber um pão, beijando-o com todo o sentimento. O futuro com que sonhava consubstanciava-se num gesto tão simples como aquele: viver em concórdia e repartir a riqueza. Logo de seguida, foram cumprimentados pelo presidente da Junta.

Um cumprimento transversal, suficientemente expressivo para marcar a sua presença.

– Vamos embora. Este piolhoso nunca mais nos vai deixar as canelas.

Debaixo da latada do quintal, conversaram o resto da tarde, enquanto petiscavam umas perninhas de coelho frito em vinha d'alhos.

O calor abafado incomodava os movimentos do Morcela que resolveu ir a casa deixar o casaco e a gravata. Naquele dia, arrastava consigo quase metade do valor de um vitelo. Fato novo cinzento, camisa branca, gravata azul e sapato preto. Não se sabe por que motivo, mas brilhavam mais do que os do Ricardo. Na algibeira do casaco, um lenço bordado e uma caneta de tinta permanente, presa pelo gancho. Uma moda da época, sem qualquer justificação aparente, que dava aos rapazes um ar de bacharéis regressados de Coimbra.

Ao entrar no quarto ouviu a conversa animada e deixou-se ficar deitado na cama. O senhor Cardoso, relaxado com pinga, fazia o balanço da sua vida política, com alguns episódios que tio Jerónimo desconhecia. Uma boa parte estivera guardada no segredo dos deuses; outra, nos registos da PIDE. Confirmou a simpatia pelos comunistas e descreveu as suas aventuras a distribuir jornais clandestinos pela cidade, antes de ser preso. Recebia-os através de um camarada funcionário da Alfândega que, por sua vez, os recolhia de um tripulante do *Carvalho Araújo*. A prisão do tripulante implicou o corte das ligações com o Continente e o senhor Cardoso decidira, por isso, fazer panfletos à mão. Moldou, em chumbo, uma foice e um martelo para carimbar os comunicados que introduzia nas caixas do correio. De seguida, relatou toda a história da sua prisão e os suplícios vividos durante dois anos de clausura.

A conversa do senhor Cardoso causou-lhe grande impressão. Pela primeira vez, ouviu críticas profundas ao regime de Salazar, à falta de liberdade e à miséria espalhada por todo o lado. “Um fascista e um beato safado que deixou o país a morrer de fome. Mas este Marcelo Caetano também não vai por melhor caminho”. O que mais entusiasmou o Morcela foram os projectos de um mundo diferente, onde não houvesse lugar à exploração do homem pelo homem. Uma frase bonita que o deixou empolgado, embora não alcançasse o seu significado pleno.

Finalmente, conseguiu juntar todas as peças que lhe permitiam esclarecer as dúvidas sobre o comportamento do pai. Eram óbvias, também, as fortes razões daquela amizade: unia-os a solidariedade dos tempos antigos passados no Castelo e o sentimento de revolta, vivido na clandestinidade. Ali, juntos,

pareciam duas crianças rebeldes a magicar tropelias inconsequentes. E reagiu de imediato com uma ponta de orgulho.

De repente, ouviu um grande estrondo atrás do palheiro, junto à latada. O *Leão* acordou da sua madorna, deu um salto e desatou a ladrar. Tio Jerónimo e o senhor Cardoso seguiram-lhe o rasto.

– Olha o passarinho preso na gaiola!

Era o presidente da Junta embrulhado em maus lençóis. Desde que os vira recolher a casa, não descansou enquanto não foi espiá-los. Deu uma volta grande pelos cerrados e escondeu-se nas traseiras do quintal. Ao trepar o pequeno muro do poço, para ficar numa posição mais cómoda, o pé escorregou e a tampa de folha de zinco cedeu. Livrou-se de ir parar ao fundo, porque ficou escanchado na trave de madeira disposta em diâmetro. Com os olhos esbugalhados, parecia um naufrago agarrado à tábua de salvação. O *Leão*, de patas fincadas no muro, rosnava desesperado para lhe cravar os dentes.

– Ajudem-me a sair daqui, senão ainda caio lá em baixo.

– Ajudar-te?... Quem é que te convidou para a festa? – interrogou tio Jerónimo.

– Por amor de Deus, deixem-me sair daqui.

– Por amor de Deus? Não deves ter lido o mesmo catecismo. O meu não aprova aquilo que andas a fazer.

– Pela vossa saúde! Eu tenho filhos para criar!

– E os outros não têm?

Borrado de medo, implorava que amarrassem o cão e o ajudassem a saltar do poço. Habitudo a impor a sua vontade, imaginou um fácil entendimento quando tivesse os pés firmes.

– Deixa-te estar, que estás bem aí. É para sentires o que custa viver amordaçado. Aguenta, *Leão*!

Os dois viraram-lhe costas e começaram a circular pelo quintal sem saber o que fazer. O senhor Cardoso não se condeou com o seu ar de arrependimento. Sabia perfeitamente que os falcões não se transformavam em pombas.

– Estás a ver a desgraça... – lamentou-se tio Jerónimo, aguardando que o amigo lhe desse uma pista. Mandá-lo embora, sem o devido correctivo, era uma solução que não lhe agradava; deixá-lo ali pendurado, poderia ter consequências graves e não queria arranjar lenha para se queimar.

– Alguém o chamou para nos fazer companhia?

– Não! – respondeu tio Jerónimo.

– Então, deixa-o estar. Salazar caiu há meses da cadeira porque já estava velho e tonto. Este não quis aprender a lição...

– E se ele cai no poço?

– Não cai. Enquanto tiver força nos gadanhos, vai aguentar-se.

Pararam debaixo da latada e beberam mais um copo de vinho, para que os nervos acalmassem. O senhor Cardoso explicou que não queria mal ao desgraçado, mas não deixava de ser um lacaio como os demais que toda a vida o haviam perseguido, sem nunca se importarem com os filhos dos outros.

– Sofri muito, levei porrada e comi o pão que o diabo amassou. Passei a vida inteira com vontade de os afogar num poço como aquele, para que a peçonha rebentasse com a própria sede. Cada um faz a cama onde se deita.

Tio Jerónimo continuava hesitante e agoniado. Apetecia-lhe voltar atrás, dialogar com o presidente, atirar-lhe à cara toda a raiva recalcada e esperar que ele se arrependesse. Já o imaginava de joelhos a pedir-lhe perdão e a prometer que nunca mais o incomodaria.

– Não te fies nesta gente. Se o libertares, volta a morder-nos as canelas. Mas acalma-te que tudo se vai resolver.

O Morcela ficou perturbado com tanta indecisão. Afinal, onde é que estava a coragem do pai, que toda a vida se identificara com a valentia dos seus antepassados? Nesse instante, vieram-lhe à memória todas as histórias das lutas liberais, as peripécias da Justiça da Noite e um episódio relatado por tio José Carrapito, sobre a presença espanhola na ilha: “Era no dia do Bodo que a nossa gente os enfrentava. Os bordões ferviam pelo ar sempre que os apanhavam”. Virou-se para o lado e abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira. Lá dentro, guardava o recorte de um jornal, com poucos meses.

Jan Palach, um jovem estudante de Praga, que se imolou no fogo para repudiar a invasão da Checoslováquia pelas tropas russas.

Jan Palach era o seu herói mais recente. Acompanhara toda a história pelo jornal e pela rádio. Durante várias noites imaginara grandes tanques de guerra a entrarem por uma praça (uma praça tão simbólica como a sua) e a subjugarem a vontade de um povo que teimava em ser livre. Num gesto sublime de revolta, um jovem embrulhado em chamas corria pelo meio da multidão, gritando para o mundo inteiro: “Viva a liberdade! Morte ao exército russo!”

O texto do jornal não pintava com as mesmas tonalidades o paraíso comunista acabado de descrever pelo senhor Cardoso. Qualquer coisa de mais pro-

fundo escapava ao seu entendimento. Mas, naquela ocasião, essas questões eram secundárias. O facto é que cada um deles havia estado na sua barricada e era essa coragem que lhe faltava. Não podia perder a oportunidade de ter o coelho amarrado no laço e deixá-lo escapar. O pai sempre lhe dissera: “Quando eles estiverem presos e a espernear, bota-lhes a mão. Se fugirem, ninguém mais os apanha.” E aquele estava ali a cair de maduro, vítima da sua arrogância, a precisar de uma lição que o marcasse para toda a vida.

Estirado na cama, deixou-se afundar lentamente nos seus raciocínios. As pálpebras não resistiram ao cansaço e ao peso da humidade do ar: a mornaça tomou conta dele e acabou por adormecer.

Sobrevoando a praça, um bando de pombas brancas transportava no bico uma pequena língua de fogo que era depositada sobre a cabeça dos presentes. Num instante, toda a praça se iluminou, como que esconjurando o reino das trevas.

Uma voz parecida com a do Velho das Cinco segredou-lhe ao ouvido: “Chegou a tua hora...chegou a tua hora”, e os anseios de liberdade, que o amigo lhe despertara, percorreram todo o corpo. Não mais feiticeiras nem lobisomens, não mais Velhos da Lepra. Olhou para a arca onde estava guardada a fatiota usada na dança que lhe dera a volta ao miolo e reviveu o momento mágico da sua vida, vestido de Teotónio Bruges, o herói liberal. De imediato, lembrou-se de um verso que o censor havia excomungado e declamou:

*Ide em frente mocidade
Lutar pela Liberdade
Em honra de nossos avós.
Alcançaremos a vitória
E mais um dia de glória
Será cantado por todos nós.*

Uma salva de palmas e vivas proclamados por vultos transparentes ribombaram no ar e levaram-no em ombros, com uma coroa de louros na cabeça, perante uma multidão que se multiplicava infinitamente. Apesar da euforia, foi acometido por uma dúvida: – Será que vão fazer o mesmo que fiz ao santo na procissão?

*Num acto de magia, toda a gente se evaporou, excepto o Alfredo.
– Ainda bem que ficaste. Vou precisar da tua companhia.*

A presença do Alfredo empurrou-o para a beira do presidente.

– Vens comigo até ao poço, mas não fazes nada sem eu mandar.

– O que foi que aconteceu?

– Eu explico-te, depois.

Ao passarem junto de tio Jerónimo e do senhor Cardoso, o Morcela advertiu:

– Fiquem aqui. Eu trato do assunto.

Dirigiu-se para o poço e deparou com uma cena rocambolesca: a suprema autoridade, à beira de um precipício, de mão estendida a pedir auxílio. Como era possível dar ajuda a quem sempre se recusara a prestá-la? À mãe do Alfredo, às mães de tantos outros esganados de fome, a perseguição ao pai e, provavelmente, a mais alguns que ele desconhecia. Pediu ao companheiro para segurar o cão pela coleira e interrogou o presidente:

– O senhor lembra-se de dizer que os comunistas haviam de morrer no fundo dum poço?

– Isso era uma maneira de falar. Eu nunca quis mal a teu pai.

– O senhor lembra-se de ter feito pouco de mim, quando eu vim em cuecas para casa, porque o seu filho me roubou as calças no porto?

– Aquilo foi uma brincadeira. Não perdes o casamento por causa disso.

– Foi uma brincadeira? Então vamos continuar com a brincadeira: ou fica no poço, até perder as forças, ou vai para casa em ceroilas.

– Eh, pequeno... eu tenho idade para ser teu pai. Não brinques comigo.

– Nunca falei tanto sério na minha vida. O peixe morre pela boca. É pegar ou largar.

O presidente, ensopado em urina e exausto, ansiava por se libertar daquele pesadelo. Sempre que olhava o fundo do poço, sentia um calafrio pela espinha e lamentava a sua sorte. Nunca imaginara o seu fim tão próximo e o seu reinado a desmoronar-se de forma tão picaresca. Ao ver o Morcela com uma gana mais velha do que a própria idade, aceitou a rendição.

– Afasta-me esse cão, que eu saio daqui e dispo as calças.

Alfredo recuou dois passos para lhe dar espaço. Sentado na borda do poço, desenfou vagarosamente cada uma das perneiras, dobrou as calças e meteu-as debaixo do braço. Os olhos atónitos procuraram o perdão de tio Jerónimo, que permanecia quieto debaixo da latada.

– As calças ficam aqui. Não se preocupe que elas hão-de ir parar ao seu quintal. Não foi assim que me fizeram?

O presidente colocou-as no muro e começou a andar em direcção aos cerrados.

– A saída não é por aí. Vai pelo portão e desce a canada, direitinho à praça.

– Nem penses!

Com as veias do pescoço duras como cordas, ergueu o braço num gesto ameaçador. O cão, com a raiva a escorrer pelos queixos, deu uma guinada e mostrou-lhe os dentes afiados. Alfredo por um triz não lhe fez a vontade.

– Se não aceita, eu não me responsabilizo pelo cão.

Tremendo que nem canas verdes, saiu porta fora, deixando uma ameaça:

– A cadeia vai ser pequena para meter todos os da vossa laia lá dentro.

– Anda, Leão! Toma conta dele até à praça. Se ele se desviar do caminho, salta-lhe em cima.

Encostados ao portão, os quatro escangalharam-se a rir com a figura do presidente.

– Tem o castigo que merece – desabafou Alfredo.

– Fascista!... – pronunciou o Morcela, a medo, por entre dentes. Que palavra bem adequada: sonoridade arrepiante, repugnância quanto baste.

Em passo acelerado, parecia um condenado a caminho da forca, despojado da sobrançeria que toda a vida exibira. Quando a canalha o viu aproximar-se, desatou aos gritos:

– Olha o presidente em ceroilas! Olha o presidente em ceroilas!

Num gesto defensivo, lançou as mãos à parede e trepou como um macaco. O ladrar desesperado do rafeiro chamou a atenção do povo. Centenas de olhos acompanharam-no no seu desespero, correndo pelos quintais. Uns riram às bandeiras despregadas e bateram palmas, outros ficaram amargurados com a desfeita: “Isto não se faz a ninguém. É uma vergonha para a freguesia.”

No cimo de uma parede, o presidente não se deu por vencido e respondeu: “Querem folia...vão tê-la. Ainda hei-de ser mordomo do próximo bodo!”

Dum momento para o outro, o Morcela incorporou a forma e os poderes do seu velho amigo, o Anjo da Guarda. Voou por todo o lado, perscrutando cada gesto, cada pensamento.

Num extremo da praça, o doutor Ávila prendia as atenções de um pequeno grupo com as suas sentenças. Lançou um olhar na direcção do burburinho e sumiu-se do meio da multidão, mal o avistou naquele estado. “Vamo-nos embora, porque chegou a hora de lavar os balseiros”, disse para a

mulher. Fez as malas e partiu para Angra, desalentado. Durante o percurso, o eco das gargalhadas furava-lhe os tímpanos e imaginou-se a correr pelas canadas, perseguido por um bando de rostos indefinidos a gritarem a altas vozes: “Agarrem esse malandro! Tirem-lhe as calças! Tirem-lhe as calças!”

Francisquinho Felicoques correu direitinho a casa do senhor padre. Como a brincadeira ultrapassara os limites, o sacerdote decidiu sair à rua em defesa da autoridade. Ao chegar ao portão, refreou o ímpeto e regressou à sala. Até então, a Igreja não havia sido atacada. Acendeu um cigarro e estendeu o espírito no sofá de palhinha, à espera que a poeira assentasse. O presidente e o doutorzinho estavam a precisar duma arrochada para perderem a bazófia.

Como de costume, tia Luísa passara a tarde debruçada à janela, posto de observação do universo, das coisas visíveis e invisíveis. Os homens que andavam a distribuir o vinho conheciam-lhe o fraquinho pela pinga: “Só mais um e a gente vai-se embora”. E ali estava ela a falar sozinha, com a língua entaramelada. Pela primeira vez na vida, os acontecimentos fervilhavam no seu bigode, sem dar conta de nada. Quando viu o presidente lá ao longe, a dobrar a esquina, exclamou: “Este mundo está virado do avesso... ou sou eu que já bebi de mais!?”

Sentado nos degraus da Misericórdia, tio José Carrapito pediu mais um copo. Ergueu-se com a ajuda do bordão e soltou um grito há tanto acaçapado: “O fogo pegou na ribeira. Viva o Manuel de Arriaga, o melhor presidente que Portugal já teve.” A República, a menina dos seus olhos, dirigida por um conterrâneo. Aquilo é que eram discursos. Os benefícios podiam ser poucos, mas o protesto era legítimo, como afirmara há muitos anos o professor Noronha, entretanto falecido.

Depois de guindar paredes e de atravessar o caminho, o presidente fechou-se em casa. O enxovalho que passara na rua não se comparava com a dor que sentia perante o olhar incrédulo dos filhos.

– Porque é que não vais falar com o senhor doutor? Isto não pode ficar assim! – comentou a mulher.

– A partir de agora, quanto menos conversas com ele, melhor. Não se preocupem. A vida dá-nos muitas lições e só não aprende quem é burro.

Em breves instantes, recordou todo o seu percurso e lembrou-se da frase do senhor padre Tadeu, quando pronunciara o discurso improvisado na inauguração da luz eléctrica: “Borraste o pé todo na bosta da promoção”. Após esse primeiro desaire, o doutor Ávila aconselhara-o: “Enquanto houver tem-

pestade, abrigas-te em casa; quando ela passar, mudas de camisa, arregaças as mangas e vais à luta. Não deixes que ocupem o teu espaço". Toda a vida seguira esse princípio e nunca se dera mal. O adesivo que o doutor utilizara para se colar às diversas situações políticas estava gasto e malvisto; o dele, apesar de tudo, permanecia fresco e bem engomado.

Alfredo ofereceu-se para devolver o par de calças ao presidente. Mas, antes, pegou nelas e atirou-as ao focinho do cão. "Esta farpela nunca mais há-de vesti-la!" Pediu ao Morcela para lhe escrever uns bilhetinhos – "Os piratas voltam a atacar"; "O coveiro já te abriu a cova"; "Cá se fazem... cá se despem" – e meteu-os nas algibeiras das calças. Ao lançá-las no quintal, soltou um grito de alegria: "Viva a trupe do Henrique Galvão!"

No meio da praça, a festa continuou animada com os copos de vinho a escorrerem pelas goelas. Uma inesperada anarquia subvertera toda a composição. Os namorados beijavam-se e abraçavam-se perante uns pais tolhidos de indiferença. Até Amélia perdera a timidez e chorava de felicidade no ombro de Valdemar.

O momento mais difícil, mas também o mais pretendido, havia chegado. Terminado o Bodo, o Morcela ajudou o pai a desfazer o toldo e a arrumar o carro de bois. Contou-lhe que tinha ouvido todo o diálogo com o senhor Cardoso e prometeu guardar segredo. Relatou-lhe o confronto que tivera com o presidente, bem como a conversa do doutor Ávila em casa de tia Luísa. Em relação à moeda que recebera, tomou uma decisão:

– Assim que o vir, vou devolver-lhe o dinheiro e dizer que não preciso dele para nada.

Tio Jerónimo ficou estupefacto com a determinação do filho. Como sempre, armou-se de cautelas e pediu para que o esquecesse:

– Depois do que aconteceu, não mete medo a ninguém. Já está murcho como o presidente.

Com uns copinhos a mais, as lágrimas pingaram-lhe do rosto. O seu rebento fora capaz de tomar a atitude com que sempre sonhara e apertou-o contra o peito. Com o coração acelerado, o Morcela recebeu a mensagem daquele abraço, como uma energia que brotava das profundezas da terra e lhe enrijecia o corpo. Partilhar segredos, e aos poucos também convicções, era uma forma de se sentir homem e ganhar coragem para enfrentar a vida. A partir daquele momento, podia contar com a sua camaradagem e desabafar com ele todas as angústias. Os braços do pai eram um porto de abrigo contra todas as tempestades. Nada neste mundo haveria de quebrar aquele pacto

secreto. Apesar das fraquezas humanas, estariam unidos para o que desse e viesse.

Tio Jerónimo ofereceu-lhe, pela primeira vez na vida, um copo de vinho e beberam juntos o fruto da sua lavra.

– Este vinho é mesmo bom!

Fecharam a loja e subiram para casa, abraçados e a cantar:

*Eu fui à Terra do Bravo
Bravo meu bem
Andei a colher papoilas.
O mais bravo que eu lá vi
Bravo meu bem
Foi um presidente em ceroilas.*

O rodar da maçaneta da porta e o salto do *Leão* para cima da cama acordou bruscamente o Morcela. Deu um pulo, beliscou o corpo para confirmar a sua existência e soltou um grito de espanto. Nem queria acreditar no que os seus olhos viam. Alfredo, a outra metade do seu fôlego, estava ali à sua frente pronto para o que fosse necessário.

